

Autor bestseller do *Sunday Times*

M. J. ARLIDGE

O MESTRE DO THRILLER

A FLORESTA DO MAL

ALGO MALIGNO ANDA À SOLTA

TOP
SEL
LER

«Uma leitura absolutamente arrepiante.»

MY WEEKLY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

Autor bestseller do *Sunday Times*

M. J. ARLIDGE

O MESTRE DO THRILLER

A FLORESTA DO MAL

ALGO MALIGNO ANDA À SOLTA

TOP
SEL
LER

«Uma leitura absolutamente arrepiante.»

MY WEEKLY

M. J. ARLIDGE

**A
FLORESTA
DO MAL**



os livros em primeiro lugar



Edição em formato digital: julho de 2024

A FLORESTA DO MAL

Título original: *Down to the Woods*

© 2018 M. J. Arlidge

Publicado por Michael Joseph,
uma chancela da Penguin Books Londres.
Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2019, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*.
Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico,
fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados,
difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como
breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Tradução: Rui Azeredo
Revisão: Teresa Antunes
Capa: Penguin Books
Fotografias da capa: © Trigger Image/Alamy Stock Photo

ISBN: 978-989-787-901-2

Composição digital: www.acatia.es
Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt
Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [topseller.suma](https://www.facebook.com/topseller.suma)

Instagram: [topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

A Floresta do Mal é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.

Índice

[A Floresta do Mal](#)

[Créditos](#)

[A Floresta do Mal](#)

[Epílogo](#)

[Sobre este livro](#)

[Sobre o autor](#)

Ela estendeu o braço, mas encontrou apenas o vazio. O tecido

sedoso era frio ao toque, o que a confundiu. Onde deveria estar um ser quente e senciente estava... nada.

Desalentada, Melanie Walton levantou-se. Arrependeu-se de imediato, com a sua dor de cabeça crescente a açoitar-lhe a testa. Sempre que ela e Tom iam acampar, era a mesma coisa. Planos para uma noite relaxada e comedida rapidamente cediam lugar a um hedonismo desenfreado — uma fogueira crepitante, música alta e o inevitável sexo alimentado a *bourbon*. Na verdade, Melanie não desejaria que fosse de outra forma — ainda sentia a presença de Tom na sua pele, o que fez com que o vazio junto dela se revelasse ainda mais confuso.

A tenda deles era velha e exígua — um cubículo apertado de dois lugares que Tom arranjara numa liquidação de uma loja —, e Melanie estava habituada a ter a presença reconfortante do seu noivo ao lado. Sim, ele ressonava, mas o *bourbon* ajudava a bloquear isso, e ela adorava a sensação de eles os dois ali enroscados sob as estrelas. Por norma, esse pensamento fazia-a sorrir, mas não nessa noite — ao esticar o pescoço para espreitar para a escuridão, a visão do saco-cama vazio de Tom confirmou o que ela já sabia. Estava sozinha.

Olhando para a direita, viu que as abas da tenda se encontravam abertas, balançando suavemente para a frente e para trás ao sabor da brisa. Sentiu de imediato uma ponta de irritação — era típico de Tom sair aos tropeções até à zona das casas de banho e esquecer-se de as fechar. Ela já o repreendera por causa disso antes. Por natureza, não era medrosa, mas eles não eram os únicos no parque de campismo e podia lá entrar alguém. Não vinha ao caso o facto de um fecho-éclair

proporcionar pouca proteção contra um intruso determinado — ela simplesmente não apreciava a ideia de alguém poder espreitar para dentro do pequeno refúgio deles.

Melanie permaneceu sentada mais alguns minutos — à escuta de sinais do regresso atabalhado de Tom, a ensaiar uma desculpa engraçada para a sua ausência —, mas tudo permaneceu teimosamente sossegado no exterior. Praguejando, desistiu de esperar, deitando a mão às calças de ganga e aos chinelos de dedo antes de sair a rastejar da tenda.

Fora um dia quente de verão, mas o ar fresco noturno fê-la tremer ao emergir do seu casulo. Acariciou-lhe os ombros e o pescoço, e ela enroscou-se nos seus próprios braços arrepiados enquanto passava os olhos pelo parque. Mais cedo, o lugar estivera animado — era o primeiro período consistente de bom tempo e dezenas de campistas tinham abandonado Southampton para armar tenda ali na New Forest — mas, agora, estava um silêncio de morte. Apenas se ouvia a brisa a sussurrar e um ocasional ressonar de satisfação.

— Tom?

O seu débil apelo foi levado pelo vento. Onde é que ele estava? Frequentemente, durante as escapadelas noturnas dele para se lavar, Tom cantarolava por entre dentes, com o refrão de canções antigas a vaguear na mente dele, mas nessa noite ela não ouvia nada. Nem sequer havia luz na zona das casas de banho.

— Tom? Estás aí?

Dessa vez mais alto — a ansiedade sobrepunha-se ao receio de perturbar os outros —, mas ainda sem resposta. Estaria ele a pregar-lhe uma partida? Prestes a saltar e surpreendê-la? Não era o estilo dele — por norma, ele morria para o mundo àquela hora da noite —, mas que outra explicação poderia haver?

— Se isto é suposto ter graça...

Agora, Melanie já nem se importava se estava a falar alto. Só queria encontrá-lo, dar-lhe uma descompostura, e depois regressar à tenda. A noite deles, que fora tão agradável, estava rapidamente a azedar.

— Estou a falar a sério, Tom. Se estás aí, se isto é alguma espécie de partida...

A voz dela vacilou, dominada pela angústia e pelo medo. Se fosse uma brincadeira, certamente Tom já lhe teria posto fim. Ele não era cruel nem maldoso. Era querido, amoroso, gentil...

— Por favor, Tom. Estás a assustar-me — prosseguiu ela, com as lágrimas a picarem-lhe os olhos. — Onde é que *estás*?

Mas as palavras dela perderam-se, esmorecendo silenciosamente na escuridão.

Ela arrastou-se na escuridão, com cuidado para não fazer qualquer

ruído. O terreno era-lhe desconhecido e tinha de avançar com cautela para evitar um pé da cama, uma cadeira, alguma roupa caída. De repente, percebeu que sustinha a respiração. Na verdade, era estúpido, mas se isso diminuísse as possibilidades de ser detetada, que assim fosse. Estava determinada a escapar incólume.

Baixando-se, Helen pegou na sua roupa interior, nas suas roupas e, por fim, no seu fato de couro de motociclista. Esse era o mais difícil de vestir discretamente — estava velho e gasto, e rangia ruidosamente quando se tentava enfiar nele. Mas o homem bem constituído a dormitar pacatamente na cama a poucos metros pareceu não reparar. Soltando um suspiro de alívio, Helen deu alguns passos apressados na direção da porta do quarto, agarrando gentilmente a maçaneta.

— Jane?

Helen estacou e depois virou-se lentamente.

— Acordo cedo. Desculpa...

Se se apercebeu da sua pobre mentira, Daniel não o demonstrou. Passando uma mão pelo cabelo desgrehado, mirou-a com ar feliz, com as memórias de um encontro agradável ainda frescas.

— E então... podemos voltar a fazer isto?

— É claro que sim.

Foi uma resposta demasiado lesta, soou pouco convincente, o que foi estúpido porque, em parte, Helen teria adorado passar outra noite com aquele atraente estranho. As coisas ultimamente andavam tão turbulentas — o inquérito à morte em serviço da sargento-inspetora Sanderson e a subsequente exoneração (na sua perspetiva, injustificada) — que fora consolador deixar tudo para trás por uma

noite.

Conhecera Daniel numa discoteca recente na Lime Street, destacando-o como a única pessoa lá presente com força e coragem suficiente para lhe infligir a dor por que ansiava. A sessão deles revelara-se incansável e gratificante, e Helen não se surpreendera por terem ido para o apartamento dele pouco depois. Nem, deprimentemente, a surpreendera o seu desejo de fugir assim que o encontro terminou.

— Posso, então, ficar com o teu número...?

Foi dito com descontracção, mas terá Helen detetado firmeza por detrás do pedido? Um desejo de não ser tratado como um escape de uma única noite?

Helen hesitou antes de responder. Não estava certa de estar preparada para seguir por esse caminho e, além disso, fornecer os seus dados pessoais revelaria que passara a noite a mentir — sobre o seu passado, o seu trabalho, o seu nome...

— Jane?

A voz suave dele interrompeu-lhe o alheamento, realçando a sua mentira. E, talvez, se tivessem tido aquela conversa na cama, juntos, nus e íntimos, ela pudesse ter confessado, pudesse ter sido persuadida. Mas ali estava ela, com a sua armadura de combate e pronta para partir.

— Vemo-nos na discoteca.

Daniel percebeu que estava a ser despachado e, em seu favor, não a desafiou quando ela se esgueirou do quarto. Zangada consigo mesma, Helen saiu em passada larga, acelerando a cada passo. Depois de feito, só queria encontrar a sua moto e ir para casa. Mas, ao percorrer apressadamente o corredor, foi confrontada com as dúvidas, as interrogações habituais. Ocupada como era, empenhada como estava na liderança da Equipa de Incidentes Graves da polícia de Southampton, não havia como negar que se sentia sozinha. Precisava de uma escapatória, precisava de companhia, precisava de *vida* para contrabalançar as trevas que a consumiam, por dentro e por fora. Assim sendo, porque é o rechaçava quando lhe era oferecido? O que é que se passava de errado com ela?

Porque é que fugia sempre?

Correu aos tropeções pelo meio do matagal, arranhando-se imenso na vegetação. A dor percorria-lhe o corpo à medida que os picos lhe rasgavam a pele, mas seguiu em frente, avançando às cegas sem parar. Não tinha a percepção de onde viera, nem para onde se dirigia, apenas a convicção de que tinha de prosseguir.

Vestia uns boxers e uma t-shirt, mas até essas vestes frágeis conspiravam para o frustrar, com os arbustos rugosos a prenderem-se ao tecido, puxando-o de novo para o perigo. Era como se a própria floresta tivesse decidido ser sua inimiga por uma noite, mas o medo impeliu-o a seguir em frente e, reunindo todas as suas forças, arrancou uma vez mais, emergindo da vegetação densa para terreno sólido. Por momentos, pareceu-lhe ter o caminho livre — aquilo mais à frente, no meio da escuridão, seria um carreiro? — e aproveitou ao máximo, correndo. Mas, assim que o fez, uma dor dilacerante assolou-o, levando-o a deter-se de repente com um estremeção.

Até ali progredira bem, mas de súbito percebeu que não conseguia apoiar-se no pé esquerdo. Olhando angustiado para trás, Tom curvou-se para examinar a planta do pé. Para seu horror, viu um espinho enorme e denteado — com quase três centímetros — cravado na carne macia. A pele já estava a enrugar, rosa e irritada, enquanto o sangue vertia do ferimento profundo. Um queixume de dor ameaçava escapar-lhe pelos lábios, mas travou-o. Não se atreveu a emitir um som.

Cerrando os dentes, fixou as pontas dos dedos em volta da extremidade do espinho. Contou em silêncio até três e depois puxou com força, arrancando o espinho inteiro. Mais um arquejo de dor, e depois uma breve sensação de alívio, antes de uma dor entorpecedora e enervante se voltar a impor. Conseguiria caminhar? Conseguiria

correr apoiado no pé? Pareceu-lhe impraticável, tendo em conta a dor latejante, mas tinha de tentar.

Escondendo-se atabalhoadamente atrás de um arbusto, Tom observou o bosque ao seu redor. Ele andava por ali algures... A questão era: onde? Tom andava há dez minutos em fuga, talvez mais, e o seu perseguidor fora sempre uma presença constante, seguindo-lhe os passos. Uma vez ou outra ouvira-o — o estalido de um galho, o restolhar de um arbusto. Por vezes, avistara-o — um vulto alto e indistinto —, mas era a sua presença que ele mais sentia: malévola, ameaçadora, implacável.

De repente, sentiu movimento à sua esquerda. Tom virou-se bruscamente... mas não passava de um pequeno roedor a correr pelo chão da floresta. Dirigindo o olhar de novo para o negrume diante dele, esfregou os olhos, tentando distinguir sinais do seu perseguidor. Mas não se encontrava à vista. Reinava o silêncio.

Em parte, Tom ainda queria acreditar que não passava tudo de um pesadelo, que daí a nada despertaria, agitado e ressacado, junto a Melanie. Sabia, no entanto, que era demasiado vívido para se tratar de um sonho. Mas como é que era possível? Como é que podia ter acabado ali? Deitara-se embriagado e feliz, junto à mulher que amava... e despertara, baralhado e semidespido, numa zona estranha da floresta, com um vulto indistinto encapuzado a ordenar-lhe que fugisse.

Respirando sofregamente, tentou acalmar-se. Se queria sobreviver, teria de ser inteligente, tomar as decisões certas. Olhou rapidamente em volta, à espera de entrever o seu perseguidor, mas também uma rota de fuga. Um sinal por mais ténue que fosse que lhe indicasse por onde ir. Havia um trilho esbatido atrás dele, e algo que se assemelhava a um caminho a curta distância à direita.

Qual deles escolher? Como é que poderia ter a certeza de que algum lhe proporcionaria segurança, tendo em conta que não fazia ideia de onde se encontrava? Não havias sinais de nenhum parque de campismo, de nenhuma habitação, nem sequer de presença humana por perto. Poderia ele sequer ter a certeza de que se encontrava na New Forest?

Em pânico, alternou o olhar entre os dois caminhos. De repente, sentiu-se preso pela indecisão, consciente de que a escolha errada teria um custo pesado. Não sabia o que o levava a ser caçado, por onde seguir, nem o tipo de sofrimento que lhe estaria reservado.

Sabia apenas que naquela noite estava a ser perseguido pela morte.

Um grito penetrante rasgou o ar. Era estridente, atroz, assustador, despertando Charlie com um sobressalto. De imediato, levantou-se, mas o seu corpo teve de se esforçar para acompanhar o cérebro, e ela ia caindo ao avançar para a porta. Abriu-a e apressou-se pelo patamar às escuras, empurrando a porta do quarto de Jessica.

Deu com a filha sentada muito direita na cama, de olhos arregalados com o terror. Aflita, foi ter com ela, envolvendo a aterrorizada criança de 4 anos com os braços.

— Está tudo bem, fofinha. A mamã está aqui.

Um cotovelo voou, atingindo Charlie no pescoço. Espantada, arquejou, sem ar, enquanto a filha se contorcia nos seus braços.

— Não, não, não... — gemeu Jessica, parecendo determinada a livrar-se dos braços da mãe.

— Jessie, sou eu. Está tudo bem...

Mas já se acumulavam lágrimas nos olhos de Charlie. O choque de ter sido atingida a misturar-se com uma profunda sensação de impotência. As coisas não andavam nada bem. Era a quinta noite consecutiva em que Jessica sofria de pesadelos noturnos.

— Ela está bem?

Steve acabara de entrar, parecendo entorpecido enquanto avançava a custo na direção dela com o seu pijama largueirão. Charlie não se achou capaz de falar, pelo que se limitou a abanar a cabeça. Steve juntou-se a ela, abraçando a criança agitada. Aos poucos, deixando de se debater, Jessica começou a fechar os olhos e lá permitiu que a voltassem a deitar na cama.

— Agora, quero dormir — anunciou, ensonada, virando-lhes costas.

Ainda a tremer, Charlie tapou-lhe os ombros com o lençol,

aninhando a filha. Incrivelmente, Jessica já estava a dormir, num sono pacato, como se nada se tivesse passado.

No entanto, Charlie ainda estava com os nervos à flor da pele e manteve-se imóvel, em pé, junto à filha, como que à espera de que tudo recomeçasse.

— Anda, vamos lá para a cama. — Uma leve palmada no ombro, incentivando-a a avançar para a porta. — Ela está bem — insistiu, com gentileza, Steve. — Vamos dormir.

— Dois minutos.

Ele afastou-se com passos leves. Charlie desconfiou que ele conteve um suspiro, algo que a deixou grata. Nesse momento, não estava com disposição para reprimendas — já se sentia suficientemente mal. Todas as noites era o mesmo — um episódio de puro terror, e depois horas de sono tranquilo. De manhã, Jessica não se recordava do que se passara durante a noite, nem tinha qualquer explicação quanto ao que a assustara.

Em momentos furtados ao trabalho, Charlie pesquisara sites do Serviço Nacional de Saúde e guias de saúde familiar, para tentar obter informações sobre as causas do sofrimento noturno de Jessica. Mas as orientações eram escassas e nada reconfortantes — os terrores pareciam não ter uma causa evidente, nem um método comprovado para os afastar. A uma altura indeterminada haveriam simplesmente de parar.

Contudo, Charlie tinha as suas suspeitas em relação à causa. Jessica estava a chegar ao final do seu primeiro ano completo na escola e, apesar de inicialmente as coisas terem corrido bem, recentemente começara a queixar-se, tentando escapar-se a ir para a escola, queixando-se de cansaço, até de doença. Talvez estivesse a dizer a verdade — era cansativo para uma criança de creche passar para uma educação a tempo inteiro —, mas Charlie não conseguia deixar de se interrogar se não haveria algo mais do que isso. Haveria algum problema com a professora Barnard, que toda a gente considerava rígida? Um problema de amizade com alguma das outras crianças? Poderia Jessica ser vítima de *bullying*?

O relógio na parede fazia um tiquetaque sonoro. Olhando para os

ponteiros, Charlie surpreendeu-se ao constatar que ficara ali parada uma dezena de minutos. Sem dúvida que Steve se iria irritar — apesar de ele amar e apoiar Charlie, acusava-a sempre de pensar demasiado nas coisas. Provavelmente, teria razão, o que era irritante, mas ela não conseguia evitar. Podiam ter aguentado mais um ano até Jessica ir para a escola, mas optaram por não o fazer. Isso em parte devera-se ao facto de ser uma criança muito madura, que parecera pronta, mas também fora para facilitar a vida profissional de ambos. Teriam cometido um erro? Ao tentar melhorar as coisas, teriam acabado por piorar tudo?

Jessica nunca referira quaisquer problemas na escola, pelo que restava a Charlie adivinhar a causa da sua inquietação. Pela primeira vez desde que Jessica nascera, Charlie sentiu-se impotente para a ajudar. O que significaria, provavelmente, que teriam muitas mais noites de gritaria agonizante pela frente. Olhando para a sua filha, a dormir na cama, Charlie sentiu-se subitamente triste, ansiosa e assustada.

Ele permaneceu imóvel, tolhido pelo medo. O seu perseguidor estava agora a poucos metros.

Indeciso quanto ao que fazer, permaneceu escondido no seu refúgio de giesta, ignorando as picadelas constantes dos inúmeros espinhos. Continuou a observar a floresta sombria, pensando no rumo a seguir, quando de repente o vulto umbroso emergiu da escuridão, avançando na sua direção. Por instinto, Tom tentou fazer-se mais pequeno, encolhendo-se numa bola. Mas o seu perseguidor continuou a avançar firmemente para si.

Por um lado, Tom desejou fechar os olhos; por outro, sabia que tinha de os manter abertos. Tinha de saber se fora detetado. Portanto, manteve o olhar preso nele, encontrando-o, para depois o perder de vista entre as árvores. E lá apareceu ele, cada vez maior, como uma figura de um pesadelo grotesco.

Ao chegar ao arbusto, o vulto deteve-se. Tom queria gritar e berrar, para expulsar o seu medo e inquietação, mas reprimiu o seu pavor. Já há mais de um minuto que sustinha a respiração — os seus pulmões faziam pressão e estava desesperado por libertar o ar. Mas manteve os lábios bem fechados, as narinas cerradas, temendo emitir o mais ínfimo som. Se fosse descoberto agora, não haveria qualquer esperança, encurralado como se encontrava nos arbustos.

Decorreram dez segundos. E mais dez. Depois, o vulto virou-se, olhando diretamente para ele. Tom preparou-se para um rugido triunfal, para um súbito mergulho na sua direção, mas, para sua surpresa, o perseguidor seguiu em frente, afastando-se dos arbustos, explorando a floresta à cata da sua presa. Tom susteve a respiração por mais uns segundos e depois expirou, libertando lenta e

silenciosamente o ar sustido.

Contou mais um minuto, vendo a figura desaparecer na floresta, para depois se levantar. Lançando olhares prudentes em seu redor, apoiou-se no pé esquerdo. Sentiu a dor a percorrer-lhe o corpo, mas ignorou-a. Se queria escapar ao sofrimento, teria de avançar depressa.

Dirigiu-se para o carreiro indistinto que avistara antes. Talvez a Lua estivesse a sair de detrás das nuvens, talvez ele se estivesse a habituar à escuridão — fosse qual fosse a razão, conseguia discernir melhor o caminho. Para seu grande alívio, o carreiro tornou-se mais definido e ele avançou a custo ao longo dele, meio a correr, meio a coxear. Inexplicavelmente, queria rir, com uma explosão súbita de otimismo e alívio a ameaçar emergir dele. Afastando da mente esse pensamento louco, abriu caminho, avançando depressa mas cautelosamente para evitar espinheiros tombados e as tocas de coelho espalhadas pelo trajeto.

Estava a fazer bons progressos, aumentando significativamente a distância em relação ao seu perseguidor, mas teve de abrandar. O carreiro, que até então parecera bem definido, de repente desvaneceu-se. Encharcado em suor, olhou para a esquerda e para a direita. Nada, nada, nada...

Fechando e abrindo os olhos, esforçando-se por reprimir o pânico, tentou de novo. E, desta feita, vislumbrou algo à sua esquerda. Não era um carreiro nítido, mas parecia proporcionar uma espécie de continuação. Os arbustos tinham sido alisados, umas quantas flores, pisadas...

Avançou, seguindo o contorno do carreiro o melhor que pôde. Perdeu-o, hesitou, e voltou a dar com ele. Isso aconteceu repetidas vezes — a sua fuga, que até esse ponto fora lesta, começava a falhar. E, uma vez mais, perdia completamente a noção do caminho.

— Merda, merda, merda...

Falou por entre dentes, na esperança de aplacar o seu coração acelerado. Mas o medo dominava-o, fazendo-lhe tremer os membros e doer a cabeça. Não havia como sair dali... Tinha de haver uma saída...

Em desespero, observou as imediações. Aquilo à esquerda seria

outro carreiro? Não queria mesmo rumar naquela direção, mas que alternativa lhe restava? Tropeçar por entre os arbustos e silvados, assustando a vida animal e chamando as atenções? No preciso momento em que pensava nisso, um faisão lançou-se a voar ali perto, troando um alarme rouco.

Isso forçou-o a tomar uma decisão, pelo que se lançou na direção do carreiro. Desta vez, já sem atender tanto à dor no pé, correu o mais depressa possível pelo caminho plano. Sim, assim era bem melhor. Era um carreiro em condições que levaria a um lugar seguro, de volta à sua vida normal, de volta à sua amada Melanie...

A cada passo, a sua velocidade aumentou, com a adrenalina a alimentá-lo. Iria ficar bem, iria escapar dali. Depois, finalmente poderia entender aquele pesadelo. Tudo o que tinha a fazer era seguir em frente.

Contornou uma curva, na esperança de dar com o carreiro mais largo, uma luz a brilhar no meio das árvores, qualquer coisa. Mas, em vez disso, derrapou ao travar junto a um grande arbusto de giesta. Desequilibrando-se um pouco, ficou a olhar para lá. Pareceu-lhe familiar e, sim, ali estava uma reveladora mancha de sangue. Era o mesmo arbusto onde se refugiara antes. Limitara-se a traçar um grande círculo em corrida.

Um ramo estalou ruidosamente atrás dele. Sentindo o coração na boca, Tom voltou-se. Sabia o que ia encontrar, mas, ainda assim, o que viu deixou-o sem ar. A figura encapuzada estava agora apenas a pouco mais de cinco metros dele, bloqueando-lhe a passagem.

— Por favor... eu não fiz nada...

O seu perseguidor deu um passo em frente. E depois outro. Quando o fez, a Lua irrompeu de detrás das nuvens, iluminando o caçador, que estava agora parado muito perto da sua presa.

— Quem és tu? O que queres de mim?

Gritou a sua pergunta, mas o vulto não reagiu.

Estreitando os olhos, Tom esforçou-se por distinguir o rosto do seu perseguidor, para compreender que demónio enfrentava, mas não conseguiu vislumbrar quaisquer feições humanas por baixo do capuz.

Apenas escuridão.

O vento fustigou-lhe o corpo enquanto ela «rugia» estrada fora.

Era uma sensação agradável, que lhe acelerava a pulsação, dando-lhe energia para o dia que tinha pela frente. Inclinação sobre a sua *Kawasaki*, Helen sentia-se cada vez mais animada. Fora uma noite agitada, mas um novo dia parecia sempre renovar a esperança.

Curvando para a Southern Road, inclinou-se ligeiramente para a esquerda, ligando o pisca e deslizando para o parque de motos.

Ainda era cedo, e a Esquadra Central de Southampton não despertara para a vida, permitindo-lhe escolher entre a dúzia de lugares reservados para viajantes solitários. Travando a moto com elegância, desligou o motor e pôs o descanso. Esta era desde sempre a sua rotina diária, e sabia-lhe bem.

Retirou o capacete e desapertou o fato de couro. Depois, pegando no telemóvel e na mala, voltou-se para o imponente edifício de calcário e granito que tinha à sua frente. Contudo, quando o fez, passou outra moto por ela, detendo-se a poucos lugares do dela. Curiosa, Helen hesitou. Não era uma moto nem um condutor que reconhecesse, o que a deixou desconfiada. Em alturas de segurança reforçada, qualquer coisa que saísse da normalidade merecia ser investigada.

Para sua surpresa, o motociclista, que acabara de desmontar, acenou-lhe jovialmente. Pouco depois, retirou o capacete e abeirou-se dela, com um sorriso afável, mas respeitoso.

— Bom dia, minha senhora.

— Sargento-inspetor Hudson — reagiu Helen, disfarçando a sua surpresa. — Estás todo animado.

— Quem não estaria?

Fosse um elogio ou uma pergunta sincera, foi algo que passou ao lado de Helen. Mas era verdade que aparecia sempre para trabalhar na esquadra de Southampton cheia de entusiasmo. E fora uma das coisas que a impressionara na entrevista de emprego de Joseph Hudson. Ele já trabalhara em alguns locais complicados ao longo da sua carreira — sul de Londres, centro de Liverpool —, mas mantinha uma energia e um otimismo revigorantes. Muitos dos que iam subindo na hierarquia eram vergados pela experiência. Mas ele não.

— Bem, já que estás tão entusiasmado e ainda é cedo, porque é que não te faço a visita guiada? Não ia gostar nada de ter um novato perdido logo no seu primeiro dia.

— Acho que sou capaz de tomar conta de mim sozinho — replicou ele, disfarçando um sorriso. — Mas se tiver tempo...

Subindo as escadas a passo rápido e vivo, passaram pelo átrio central. A primeira paragem, inevitavelmente, era junto a Jerry Taylor, que trabalhava na receção desde que Helen se lembrava. Jerry pôs Hudson a par de todos os protocolos de segurança, esclarecendo tudo meticulosamente. Enquanto o fazia, Helen aproveitou a oportunidade para avaliar o seu novo sargento-inspetor.

Durante muito tempo, Helen resistira a substituir Sanderson. O seu brutal homicídio ainda a atormentava — culpava-se por ter pressionado exageradamente Sanderson, incentivando a jovem a pôr-se na linha de fogo — e a ideia de a «substituir» parecia-lhe indecente. Mas ficara um lugar vazio na equipa — algo que a superintendente Simmons, a nova chefe da esquadra, fazia questão de lhe recordar. Por essa razão, tiveram de publicar um anúncio. Como seria de esperar, foram inundados com candidaturas — apesar dos perigos inerentes à função, a unidade de Helen era prestigiada e popular —, mas na verdade Hudson destacara-se desde a primeira entrevista. Um forte passado académico, com treino especializado em cibercrime, aliado a muitos anos de experiência operacional na perseguição ao crime organizado, tráfico sexual, drogas e pior, davam-lhe desde logo vantagem. Mas foi a sua atitude, personalidade e postura que fizeram pesar a balança para o seu lado. Em boa forma, saudável, com uma expressão atraente e franca, era uma companhia perspicaz, incisiva e

agradavelmente interessante. Nem todos os agentes da polícia tinham sentido de humor, mas Hudson claramente tinha, pontuado com uma pitada de rebeldia e insolência. Era um daqueles tipos cujo rosto sério era desvirtuado pelo sorriso no olhar, algo que Helen apreciava. Teria de trabalhar de perto tanto com Helen como com Charlie na liderança da equipa, e ela sentiu instintivamente que seria um colega generoso e cativante.

— OK, acho que já verificámos que ele não trabalha para os russos — entooou Jerry, tentando fazer um piscar de olho atrevido.

Era um fóssil, mas dos simpáticos, pelo que Helen lhe agradeceu e seguiu em frente, conduzindo Hudson para o corpo principal da Esquadra de Southampton. Uns minutos depois percorriam a passo largo o sétimo piso — onde Helen se sentia em casa.

— Mais tarde, terás tempo para a visita completa. Por agora, vou transmitir-te o mais importante. Os Recursos Humanos ficam no piso dois, o refeitório, no três, o depósito de armas, caso algum dia precisas, é no primeiro piso e o vestiário dos homens fica no andar abaixo deste onde estamos. Estás a seguir?

— Dois, três, um, seis — respondeu Hudson.

— O sétimo andar pertence quase todo à Equipa de Incidentes Graves, mas nunca te esqueças desta porta. Se tiveres de entrar aqui, ou fizeste asneira da grossa ou és digno de mérito.

Estavam parados à porta do gabinete da superintendente Simmons, com o seu nome gravado a dourado no vidro mosqueado. Simmons era uma velha amiga de Helen — a sua mentora, na realidade — e esta não tinha dúvidas de que seria calorosa na receção ao novo recruta.

Mas isso teria de esperar — Simmons estava em reunião e Helen queria apresentar a Hudson o modo de funcionamento da Sala de Operações. Quanto mais depressa ele estivesse operacional, melhor.

Silenciosamente, entraram no lugar sagrado. Helen passara mais horas naquela sala do que se atrevia a referir — algumas agradáveis, outras decididamente não —, mas sabia-lhe sempre bem regressar. O crime nunca morria e evoluía constantemente, significando que havia sempre trabalho para Helen.

— É aqui que vais passar a maior parte do teu tempo. A análise de dados é daquele lado, o corpo principal da equipa fica aqui — prosseguiu, apontando para os diversos grupos de secretárias desgastadas pelo uso.

A inspetora Ellie McAndrew estava numa delas a terminar um telefonema.

— Eu fico ali, sou a única com direito a uma porta, e tu ficas aqui, a partilhar uma mesa com a sargento-inspetora Charlene Brooks. Toda a gente lhe chama Charlie, e é uma colega de primeira categoria... mas não fales com ela logo pela manhã. Tem uma filha pequena e precisa de uns cafés para aquecer.

— Anotado.

— Muito bem. Agora, deixa-me traçar-te um plano geral do que temos em curso.

Estava prestes a levar Hudson para junto do quadro com os casos quando reparou na inspetora McAndrew a encaminhar-se rapidamente na sua direção. Ela e Helen já tinham tido os seus altos e baixos ao longo dos anos, mas McAndrew era uma agente talentosa e profissional que não se deixava espantar com facilidade. Daí que a sua expressão pálida e agitada a tenha alarmado.

— Desculpe interromper, chefe, mas surgiu uma situação.

Era evidente pelo seu tom que a «situação» era decididamente fora do comum. Percebeu imediatamente que o seu dia, que começara tão animado, estava prestes a tornar-se bem mais sombrio.

Ela apertou a mão da filha com força enquanto se apressavam. Em parte, porque tinham de atravessar a estrada, mas principalmente por estarem atrasadas. Charlie acabara por adormecer por volta das 2 horas, o que, inevitavelmente, a fizera dormir mais um pouco depois de o alarme tocar, despertando perto das 8 horas. Isso implicou um pequeno-almoço apressado, durante o qual Charlie se lembrou de que hoje era o final da Semana do Espaço na escola — o que significava que Jessica tinha de ir para a escola vestida com uma indumentária «intergaláctica».

Felizmente, Jessica deixara-se convencer pelo argumento de Charlie de que um par de tubos de cartão presos nos flancos, encimados por um chapéu bicudo, era o suficiente para a fazer parecida com um foguetão. E assim partiram, com boas hipóteses de chegar à escola antes do toque. Esgotada como se sentia, Charlie adotou um ritmo decente, e rapidamente lhes surgiu à vista a Primária Skyswood. Arriscando uma espreitadela ao relógio, Charlie percebeu que, milagrosamente, ainda lhes sobravam três minutos.

Abrandando o passo, Charlie espreitou para Jessica, que caminhava sem pressas ao seu lado. Antes parecera-lhe suficientemente contente, mas agora começava a arrastar os pés à medida que se aproximavam dos portões.

— Hoje vai ser um dia divertido — disse Charlie, num tom alegre.
— Aposto que não vais aprender matemática nem vais ler nem escrever. Vai ser só fantasias, jogos e brincadeira.

Jessica encolheu os ombros, como se isso não lhe interessasse. Parecia preferir os seus atacadores arco-íris.

— O que é que achas que vais fazer? Concursos? Viagens espaciais?

Vais mesmo chegar à Lua?

Jessica acenou muito séria com a cabeça, como se isso fosse mesmo uma possibilidade. Chegaram então aos portões e Charlie largou a mão da filha. Ao fazê-lo, viu Jessica a deter-se, parecendo nervosa por ter de cruzar a soleira. Virando-se para lhe seguir o olhar, Charlie observou o recreio, repleto de crianças, vestidas de todos os tipos de extraterrestres e astronautas. Devia tê-la reconfortado; ao invés, deixou Charlie visivelmente incomodada. Jessica era pequena para a idade que tinha, e as outras crianças pareciam demasiado grandes. Dali, era como se estivesse prestes a ser engolida pelos outros.

Agachando-se para se pôr ao nível da filha, Charlie afagou-lhe as costas para a reconfortar.

— Sabes, querida, se há alguma coisa que te preocupa, podes dizer-me...

Jessica nada disse, parecendo ainda embrenhada nos seus atacadores.

— Se alguém te disse alguma coisa, ou te assustou, ou te magoou... — A ideia deixou Charlie um pouco indisposta, mas prosseguiu: — Não tem mal dizeres-me, para podermos resolver. As mamãs conseguem melhorar as coisas; sabes isso, não sabes?

Jessica assentiu com a cabeça, sorrindo ao de leve, e, por momentos, Charlie achou que ela ia dizer qualquer coisa. Mas, naquele instante, tocou a campainha e, pegando na sua pasta, Jessica foi em passo rápido para o meio dos colegas.

— Amo-te muito — disse Charlie bem alto quando ela se afastou, percebendo demasiado tarde que se esquecera de lhe dar o habitual beijo de despedida.

Observou a filha a afastar-se, sentindo um nó na garganta. Se de facto se passava algo de errado, se havia qualquer coisa a incomodar Jessica, iria permanecer em segredo.

Jessica estava agora já no meio da multidão e Charlie esforçou-se por não a perder de vista, demorando-se mais do que o necessário. Mas, nesse momento, soou um toque de telefone penetrante, desviando-lhe a atenção do recreio. Perturbada, pegou no telemóvel e percebeu que era Helen. Charlie sentiu-se de imediato tensa. Para

Helen ligar tão cedo, isso só poderia significar uma coisa.
Problemas.

Emilia Garanita olhou para o ecrã... e viu-se a olhar para si própria.

Encontrava-se na sua secretária, a observar atentamente uma fotografia publicitária que deveria aparecer num dos diários nacionais, a par de uma peça elogiosa sobre ela. Como sempre, não gostou do seu aspeto, com a inevitável cicatriz que lhe marcava a face direita, apesar de, na realidade, aquela ser uma das suas melhores fotografias.

Ultimamente, tinha havido imensas. O rapto de Emilia por parte de Daisy Anderson, a assassina em série que aterrorizara Southampton ao longo de 24 horas, acabara por se revelar bastante útil à jornalista. Dera imensas entrevistas à televisão, escrevera inúmeros artigos com o seu perfil e agora, nove meses decorridos, o seu livro sobre o «seu tempo passado com Daisy» estava pronto a ser publicado. Daí a fotografia no ecrã.

Rodopiando na sua cadeira, Emilia desviou o olhar do computador para observar a redação à sua volta. Era uma vista que continuava a apreciar. Além da notoriedade e do dinheiro gerados pelo seu contacto com Anderson, também utilizara o seu perfil valorizado para melhorar a sua posição no *Southampton Evening News*. Ameaças de demissão e de saída para publicações mais importantes tinham-se revelado suficientemente poderosas para obrigar o seu editor a devolver-lhe o posto de repórter criminal principal, às custas do incompetente tarefeiro que ocupara brevemente o seu lugar. Na ideia de Emilia, a reposição da sua posição era há muito devida e, para ser justa, Martin Gardiner promovera-a de boa vontade, apesar de estar a ser forçado a tal. Enquanto observava o pessoal que trabalhava com ela, e para ela, Emilia sentiu que finalmente, ao fim de uma longa espera, tudo corria

bem no mundo.

A única pequena areia na engrenagem era a sua incapacidade para presentemente criar histórias. Regressara, recentemente, a habitual vaga de crimes desagradáveis e previsíveis em Southampton. A ocasional agressão sexual, um ataque com motivações raciais numa discoteca e uma série de assaltos graves a casas que desesperava proprietários por toda a cidade. Mas não havia nada que fosse verdadeiramente motivante — depois do drama e do derramamento de sangue em torno de Daisy Anderson, tudo parecia inosso.

Voltando-se de novo para a sua secretária, Emilia pegou na sua caneta e trincou a ponta, tentando ganhar ânimo para terminar a sua peça sobre prevenção contra assaltos. Já a devia ter concluído há meia hora — era o tipo de peça alarmista que podia escrever de olhos fechados —, mas, em vez disso, permitira-se distrair-se com as conversas na rádio da polícia que ouvia enquanto trabalhava, absorvendo tranquilamente os incidentes domésticos e os acidentes de trânsito para os quais eram chamados os melhores de Southampton. Raramente prestava atenção aos pormenores — as vozes habituais a dar informações às unidades destacadas, proporcionando um fundo relaxante às suas decisões. Mas, de repente, endireitou-se na cadeira, atenta. Cinco unidades tinham sido enviadas para a New Forest para delimitar um local de crime. Mais interessante ainda, fora destacada a Equipa de Incidentes Graves, com a inspetora-chefe Helen Grace como agente responsável pela investigação.

Um sorriso tomou o rosto de Emilia. As coisas raramente eram desprovidas de interesse quando Grace estava envolvida. Anotando rapidamente a localização, levantou-se depressa e arrancou os auscultadores. Pegando no casaco e no telefone, saiu rapidamente da redação sem olhar sequer para os colegas, que continuavam a labutar, não se apercebendo daquele desenvolvimento surpreendente. Emilia sempre considerara que o trabalho de equipa era sobrevalorizado.

Aquele, ela ia manter só para si.

As árvores balançavam por cima dela, projetando sombras longas e sinistras sob o sol do início da manhã. Helen avançara cautelosamente pela floresta, com o olhar a procurar vegetação derrubada, pegadas ou pedaços de roupa. Era diligente, observadora, embora avançasse depressa. Os primeiros relatos do local do crime foram tão alarmantes que quis lá chegar o mais depressa possível.

Uma funcionária florestal descobrira um corpo nas profundezas do parque nacional de New Forest. A chamada chegara logo a seguir às 8h30, e o operador da polícia lá conseguira extrair sentido ao relato da mulher aterrorizada — e Helen enviara de imediato uma equipa. O cadáver fora encontrado numa parte remota do parque, numa área de mata virgem entre os lugarejos de Blissford e Fritham. Assim que Helen soube da notícia, a sua mente disparou de volta a outro corpo encontrado bem nas profundezas da floresta — uma das vítimas da sua primeira grande investigação —, mas rapidamente afastou essas recordações macabras para se concentrar no caso que tinha em mãos. Se os primeiros relatos fossem precisos, lidavam com algo bastante desagradável.

Não havia estradas, casas ou parques de campismo nas imediações do local do crime — Helen teve de estacionar a uns 800 metros de distância, na Abbots Well Road —, por isso, como é que a vítima fora parar a uma parte tão remota da floresta? E, igualmente importante, porquê? Ia sondando tudo ao seu redor enquanto seguia o caminho esbatido, mas pouco havia nas cercanias bucólicas que alarmasse ou explicasse os estranhos desenvolvimentos da manhã. O solo revelava-se seco e firme, pelo que as pegadas não ajudariam, e a vegetação naquela parte da floresta parecia imaculada. Na realidade, naquela

manhã a floresta parecia bela como sempre, o que tornava ainda mais irreal a brutal chacina.

O carreiro alargava um pouco e Helen detetou atividade mais à frente — os familiares casacos fluorescentes dos agentes fardados. Estugando o passo, chegou ao fim do caminho que dava para uma ampla clareira, já a fervilhar de agentes policiais e investigadores forenses. Anuindo com a cabeça na direção de Meredith Walker, chefe dos serviços forenses da Esquadra de Southampton, Helen estacou, preparando-se para o pior ao virar-se para o corpo.

Ela não era de se deixar chocar com facilidade, mas nunca vira algo como aquilo. Um jovem — talvez entre os 20 e muitos e os 30 anos, no máximo — estava pendurado nos ramos de um carvalho no meio da clareira, com um esgar de terror. Os pés do homem tinham sido atados juntos e depois a corda fora enlaçada num ramo grosso, içada e presa ao tronco, para que o corpo despido e brutalizado ficasse suspenso de pernas para o ar, com os braços abertos a tentarem desesperadamente chegar ao solo em baixo. O homem parecia uma estranha peça de fruta, manchada de sangue e sem vida, pendurada nos velhos ramos.

Pior ainda fora o modo como morrera. Helen reparou em três setas a saírem de ferimentos profundos no peito, pescoço e costas. Aproximando-se e posicionando-se diretamente debaixo do corpo, percebeu que, na verdade, se tratava de setas de besta. Tinha ar de se tratar de uma execução à queima-roupa, tendo em conta a profundidade da penetração... mas isso não explicava minimamente a estranha encenação do crime brutal.

As dúvidas inundaram a mente de Helen. Porquê ali, numa clareira remota que pouca gente conhecia? E porquê uma besta? Ataques daquele tipo eram extremamente raros. Além do mais, porque é que a vítima fora deixada assim, bem à vista de um infeliz caminhante ou funcionário florestal que por ali passasse?

Recuando, Helen olhou para lá da clareira para a mulher corpulenta de meia-idade que estava agora a ser ouvida pela inspetora McAndrew. Janice Smith vestia o tradicional verde da Associação do Parque de New Forest; era a única cor que nela se via — estava

terrivelmente pálida e nitidamente em choque. Iriam recolher dela todos os dados possíveis — teria de explicar a sua presença ali e a descoberta do corpo —, mas Helen temeu que pouco se extrairia em termos de informações sólidas. Ela não teria força suficiente (e parecia uma candidata improvável) para suspender um homem adulto numa árvore e, tendo em conta a hora da chamada, era improvável que tivesse sido testemunha direta do ataque. Smith ligara para a Esquadra Central de Southampton há menos de uma hora, mas o sangue nos ferimentos da vítima já coagulava e formava crosta. Meredith Walker e Jim Grieves, o truculento patologista-chefe, a seu tempo iriam fornecer mais pormenores, mas Helen já suspeitava de que se tratava de uma chacina noturna. A ideia provocou-lhe um arrepio na coluna.

Devolvendo a atenção ao corpo, deu por si a olhar para Graham Ross, o mais experiente fotógrafo de locais de crime, que estava imerso no seu trabalho. Erguendo amistosamente uma sobancelha a Helen, desviou-se do caminho dela, contornando o corpo para tirar fotografias em grande plano às pernas e aos pés da vítima. Helen ficou satisfeita — precisava de uma vista clara do corpo para tentar interpretar o significado daquele horrível homicídio.

Não houvera qualquer tentativa de se desfazer do corpo — bem pelo contrário, fora necessário um grande esforço para o expor —, o que significaria, presumivelmente, que estava a deixar uma mensagem. Seria um aviso? Um ajuste de contas? Poderia ser um homicídio místico, tendo em conta a encenação cuidada e a hora do ataque? Ou estaria o assassino apenas a ostentar os músculos, a exhibir a sua proeza e obra a todo o mundo?

A mente de Helen continuou a dar voltas àquelas alarmantes possibilidades enquanto fitava o homem chacinado, com os seus olhos atraídos inexoravelmente pela larga poça de sangue que agora manchava a floresta por baixo do cadáver que girava lentamente.

— O que é que lhe aconteceu? Onde é que ele está?

Melanie Walton olhou fixamente para Charlie, os olhos cheios de água. Ela reportara o desaparecimento do noivo à primeira luz do dia, mas não ganhara dimensão até à descoberta, pouco depois, de um cadáver na floresta. As fotografias de Tom Campbell no seu telemóvel e a descrição do distintivo anel com sinete da vítima sugeriam fortemente que o seu noivo seria a pobre vítima.

Helen destacara Charlie e o sargento-inspetor Hudson para o parque de campismo Woodland View, um recinto novo com excelentes instalações nas franjas da floresta, enquanto ela explorava o local do crime. Charlie mal tivera tempo de trocar umas palavras com o seu novo colega, mas ele pareceu suficientemente agradável e recetivo, contente por ter de procurar testemunhas, enquanto Charlie interrogava a angustiada noiva de Campbell.

— Foi encontrado um corpo na floresta — respondeu sobriamente Charlie.

— Oh, meu Deus...

— Não podemos afirmar com certeza de quem se trata, até se proceder a uma identificação formal. A dada altura, poderá ser algo que lhe pediremos para fazer. Estaria disposta e seria capaz de o fazer?

Melanie assentiu com a cabeça, sem abrir a boca, antes de baixar o olhar para as mãos. Examinou-as atentamente, como se elas lhe pudessem descortinar algum significado, alguma explicação.

— Posso perguntar-lhe há quanto tempo estão juntos?

— Há uns cinco anos...

— E que idade tem o Tom?

— Tem 29.

Helen estimara que a vítima rondaria os 30 — outro pormenor que

sugeria que seguiam a pista correta.

— Costumam acampar?

— Sim.

— Neste local?

— Não, é bastante recente.

— Então, porquê aqui?

— Não sei. Enfiaram-nos um folheto debaixo da porta e gostámos do aspeto. O Tom adora acampar, por isso...

Melanie silenciou-se, abalada pelo verbo no presente, revelando os receios sombrios que lhe rodopiavam na mente.

— A que horas chegaram ontem à noite?

— Por volta das 19 horas. Estivemos a trabalhar, por isso...

— E quando é que viu o Tom pela última vez?

Melanie fez uma pausa, esfregando a cara com as mãos.

— Por volta da meia-noite se não me engano. Bebemos uns copos e fumámos, e depois fomos para a cama.

Estremeceu ligeiramente, como que assombrada pela recordação.

— E a seguir?

— Bem... nós... — Melanie soçobrou, enrubescendo, antes de prosseguir: — Nós... fizemos amor e depois fomos dormir. Costuma ser sempre assim.

— Foi consensual?

— Claro — retorquiu, irritada.

— Não houve problemas? Discussões?

— Não, nada que se pareça. Estávamos noivos, éramos felizes...

Uma lágrima correu-lhe pela face. Charlie conseguia ver a dor de Melanie — a perceção de que o seu mundo estava prestes a ser virado do avesso a formar-se — e sentiu pena dela. Mais do que isso, acreditou nela. Os familiares e os amantes eram sempre os principais suspeitos, mas não havia marcas naquela bela jovem, e o gerente do parque de campismo confirmara a inexistência de distúrbios durante a noite. Além do mais, a emoção e o choque dela pareceram genuínos.

— Então, conte-me outra vez o que aconteceu. Devagar, se puder.

Os relatos iniciais de Melanie foram confusos, mas agora ela tentou recompor-se, consciente da importância do seu testemunho.

— Acordei a meio da noite.

— Lembra-se da hora?

— Nem por isso. Talvez 2 horas... ou 3... Desculpe...

— Não tem mal. Prossiga.

— O Tom tinha estado a dormir ao meu lado, mas já lá não estava. Fui procurá-lo... à zona das casas de banho, ao nosso carro, mas...

— Tentou telefonar-lhe?

— Claro, mas o telemóvel dele continuava na tenda. Por isso, esperei até de manhã e, ao ver que ainda não havia sinais dele, fui ter com o gerente do parque de campismo.

— E não o ouviu sair?

— Estava a dormir.

— E não tem qualquer lembrança... uma sensação vaga de movimento, uma perturbação, da tenda a ser aberta?

— Não, não, nada. Num minuto estava ali ao meu lado... — Melanie olhou para cima, com o medo vincadamente estampado no rosto. — E no seguinte já não estava.

— Ninguém viu nem ouviu nada. — O sargento-inspetor acalentara, nitidamente, a esperança de dar melhores notícias a Helen. — Falei com os outros campistas, mas, para ser sincero, ficaram perplexos com as perguntas. Um par deles conheceu o Campbell ontem à noite, mas disseram que todos passaram uma noite tranquila, não se aperceberam de quaisquer problemas.

— Seja como for, é melhor verificarmos cada um deles. Vê se algum tinha ligações ao Tom Campbell ou à Melanie Walton.

— Com certeza. Também lhes pedi para nos cederem os telemóveis durante aproximadamente uma hora. Antes de os deixarmos ir, quero verificar se alguém terá gravações de ontem à noite, algo que nos possa dar uma ideia do que se passou.

— Boa ideia. E o carro do Campbell?

— Está onde o deixou na noite passada. — Hudson apontou para um *Audi* de três volumes na ponta mais distante do campismo. — As chaves ainda estão na tenda — prosseguiu.

— Há vestígios de alguma outra viatura? Junto à tenda ou ao pé do carro?

— Há imensos rastos de pneus, para ser sincero... É preciso passar pela ponta do espaço para aceder ao parque de estacionamento... Mas ninguém ouviu nenhum carro, por isso...

Helen digeriu aquilo. Teria, então, Tom Campbell abandonado de livre vontade o parque de campismo para se embrenhar na floresta? Parecia improvável, mas, face àquilo, parecia ser a explicação mais plausível.

— Continua a apostar nisso. Avisa-me se encontrares alguma coisa.

— Sim, senhora.

Hudson afastou-se para se abeirar de uma multidão de campistas ansiosos, que se amontoaram junto às mesas de piquenique. Helen

rumou na direção oposta, avançando para um homem de ar agressivo, vestido com calças de bombazina desbotada e um casaco de lã castanho.

— Sr. Robinson. Chamo-me Helen Grace — anunciou Helen, mostrando-lhe o distintivo. — Sei que já falou com o meu sargento, mas gostaria de lhe fazer mais umas perguntas.

— Com certeza... — balbuciou Robinson.

— Gere o campismo?

— Sou gerente e dono.

— Desde?

— Tenho este local há mais de um ano, mas abrimos apenas há quatro semanas... Levou mais tempo do que o esperado, para ligar os esgotos e construir o bloco dos chuveiros.

— Porquê?

— Construtores. O que haveria de ser? — respondeu com rudeza.

— Percebo.

Helen observou-o atentamente enquanto formulava a pergunta seguinte. Nigel Robinson tentava manter-se calmo; contudo, parecia agitado e desconfortável, com o suor a acumular-se-lhe na testa. Se seria por temer as manchetes negativas que o homicídio geraria ou simplesmente por não estar habituado a ser interrogado pela polícia, foi algo que Helen não percebeu.

— Dorme aqui?

— De momento. Quando estivermos a funcionar em pleno, contrato alguém para ficar cá, mas, por agora, quero estar em cima de tudo.

— E não se apercebeu de nenhum problema ontem à noite?

— Nada de nada.

— E antes? Já teve problemas? Durante a construção? Quando abriu portas?

Robinson negou com a cabeça.

— Quem aqui vem é boa gente. Tal como os tipos que trabalham para mim, apesar da falta de pontualidade. É um lugar sossegado, familiar, um belo sítio para...

— Por agora é tudo — interrompeu Helen, ansiosa por evitar qualquer anúncio publicitário. — Por favor, mantenha-se por perto.

Podemos ter mais perguntas.

Robinson assentiu vigorosamente com a cabeça — nitidamente não ia a lado nenhum com agentes policiais a vasculhar todos os cantos. Helen afastou-se para dar uma volta pelo recinto. Era um espaço grande com várias cabanas de troncos rudimentares, além do bloco novo de casas de banho, loja e bar. Robinson claramente investira ali algum dinheiro. Restaria saber se fora um investimento acertado.

Helen baixou-se na direção da tenda de Campbell, examinando o exterior, antes de enfiar a cabeça lá dentro. Não era nada de especial — velha e gasta — e pouco havia no seu interior: umas quantas peças de roupa, dois sacos-cama, uma câmara de aspeto caro e uma garrafa de *bourbon* quase vazia. Até que ponto Tom estaria embriagado na noite passada? Teria bebido demais? Ter-se-ia perdido e deambulado pela floresta? Isso parecia mais provável do que um rapto à força, mas ele teria de ter caminhado até bem longe. Teria sido atraído para a floresta? Haveria algo naquela parte da floresta que ele desejasse?

Endireitando-se, prosseguiu a sua ronda. A loja estava bem abastecida e cheirava a tinta fresca, as garrafas de bebidas alcoólicas do bar encontravam-se praticamente cheias, mas a grade estava agora em baixo. Seguindo em frente, chegou aos limites da floresta. Era esse o ponto onde o habitat feito pelo homem se encontrava com a natureza em estado selvagem, mas até ali havia sinais da iniciativa de Robinson. Uma fiada de árvores tinha sido abatida para abrir espaço para um parque infantil — as diversões eram quase todas em madeira de modo a ir ao encontro dos gostos modernos — e várias outras tinham sido sacrificadas para permitir aos clientes do bar uma vista desimpedida sobre o lago. Na realidade, toda a área em redor parecia ter sido alterada para o prazer dos hóspedes pagantes.

Toda, à exceção de um punhado de árvores que se impunham sobre o bloco das casas de banho. Mal olhou para elas, Helen achou-as estranhas. A nada mais fora permitido que se atravessasse no caminho do progresso, mas aquelas árvores pareciam aglomerar-se no parque de campismo. Os ramos tinham-lhes sido cortados para não danificar o teto das casas de banho, mas fora permitido às próprias árvores permanecerem no local onde se encontravam, apesar da boa

probabilidade de as suas raízes, mais cedo ou mais tarde, virem a ameaçar a estabilidade da nova construção. Helen deu por si a caminhar na direção delas, impulsionada pela curiosidade. Contornando as instalações prístinas, chegou à base da primeira árvore. Começou a deslizar a mão por cima dela e, rapidamente, descobriu algo pouco natural embutido na casca.

Um espigão de metal fora cravado no tronco — com tanta pressão que apenas se via a face, tornando impossível a sua remoção. Prosseguindo a investigação, descobriu mais cinco espigões, cravados a alturas diferentes. Helen avançou para a segunda árvore. Encontrou o mesmo, tal como na terceira.

A mente de Helen já estava a trabalhar, formando uma série de eventuais cenários, enquanto se voltava para observar o parque de campismo. Não sabia quais deles se provariam corretos, mas, ao olhar para o gerente do parque, que seguira atentamente à distância os passos que ela dera, teve a certeza de uma coisa.

Nigel Robinson mentira-lhe.

— Que raio acha que está a fazer?

Emilia deteve-se, praguejando em silêncio por entre dentes. Voltou-se na direção do agente que se aproximava, mostrando um ar inocente e confuso, largando o cordão da polícia que ia a levantar.

— Desculpe, desculpe — respondeu ela, esforçando-se ao máximo por soar pateta e embaraçada. — Ia só dar um passeio quando me deparei com esta... fita.

— E eu sou o Brad Pitt.

— Desculpe?

— Sei quem você é e o que faz aqui. Por isso, toca a andar. Vai ter de seguir pelos meios habituais, caso pretenda obter informações.

Ele estava a fitá-la, de braços cruzados sobre o peito, a emanar arrogância. Emilia sentiu-se tremendamente tentada a mandá-lo dar uma volta, mas em vez disso replicou:

— Parece-me justo. Apanhou-me em flagrante.

Virando costas, contemplou a paisagem arborizada em redor, pensando até onde teria de ir para ficar fora do alcance da vista e passar pelo cordão por outro ângulo.

— E, caso se sinta tentada a passar noutro local, devo avisá-la de que temos agentes espalhados ao longo de todo o perímetro. Vou agora mesmo informá-los via rádio da sua presença.

Agora, Emilia queria mesmo dar-lhe um soco. Mas, contendo a fúria, rodopiou e voltou a abeirar-se dele.

— Olhe, eu disse ponha-se a...

— E eu ouvi, mas não posso voltar de mãos vazias à redação, por isso, deixe-me fazer-lhe algumas perguntas.

— Nem pensar.

— Calculo que seja um cadáver que aí tenham... — insistiu Emilia, rapidamente.

— Não posso comentar isso.
— E calculo que seja um homicídio...
— Calcule tudo o que quiser.
— Não se destaca uma equipa da Divisão de Investigação Criminal para um suicídio, pois não?

Nesse instante o agente vacilou, apanhado em falso pelo conhecimento de Emilia face ao destacamento de equipas.

— É muito mau? O que é que temos aí? — O agente não abriu a boca, mas pareceu desconfortável. — O corpo já aí está há algum tempo? É numa parte muito remota da floresta. Ou foi uma morte recente?

— De mim não vai obter nada — contrapôs o agente, olhando para os lados, como se procurasse reforços.

— Compreendo que respeite as suas ordens, agente...?

— Não precisa de saber o meu nome.

— Mas eu disse que não podia regressar de mãos vazias, e falava a sério. Para ser franca, posso passar o resto da manhã nisto, a não ser que queira prender-me por fazer desperdiçar o tempo da polícia...

Mas era óbvio que tal não estava nos planos dele. Havia pouco a ganhar ao confrontar uma jornalista tão conhecida e venenosa da imprensa local.

— Foi encontrado um corpo esta manhã, OK? É tudo o que posso dizer.

— E foi encontrado por um campista, ou por um caminhante...

— Bem...

— E logo no início da estação. Por favor, não me diga que foi uma família, que havia crianças envolvidas...

— Não, não havia — respondeu, contrariado, o agente. — Portanto, não se ponha a escrever isso. Foi alguém do pessoal florestal, se quer saber. Nada mais dramático do que...

— Homem? Mulher?

— Basta! — exclamou, avançando um passo na direção dela. — Já tem o que queria. Ponha-se a andar!

A última ordem foi dada praticamente aos gritos. Teria a sua voz chegado aos ouvidos do agente mais próximo, originando mais

escrutínio? De uma maneira ou de outra, Emilia sabia que chegara a hora de se retirar. Não formara o quadro completo, mas obtivera o que desejara — a confirmação de que ocorrera um homicídio e um meio de obter mais informações sobre o mesmo, sem ter de seguir as vias habituais. Era uma história que estava determinada a seguir na dianteira do pelotão.

Agradecendo ao agente, virou-se e afastou-se rapidamente, desaparecendo por entre o denso arvoredor.

— O nome da vítima é Tom Campbell. Tinha 29 anos e vivia em Winchester com a noiva, Melanie Walton.

Helen e a equipa estavam agora de regresso à Esquadra de Southampton, reunidos em volta do quadro de casos. A inspetora McAndrew ainda se encontrava no local do crime, a supervisionar a busca por impressões digitais, mas Helen decidira chamar todos os outros agentes de volta à base para passar em revista os últimos desenvolvimentos.

— Ele era bioquímico do quadro do grupo Nexus, o que pode ter relevância no seu homicídio.

— O que é o Nexus? — perguntou de pronto o inspetor Bentham.

— Fabricam petroquímicos e produtos petrolíferos. A quarta maior empresa do ramo no mundo. A nova sede em Lyndhurst gerou muita controvérsia quando foi construída há mais ou menos um ano...

— Eu lembro-me — interrompeu o inspetor Osbourne. — Tivemos de lá mandar o pessoal fardado para pôr fim às escaramuças.

— Houve protestos de ambientalistas e grupos de pressão locais — reagiu Helen, assentindo com a cabeça —, por causa da área de floresta que era necessário abater para construir a nova sede. Alguns dos protestos foram pacíficos, outros, nem por isso, mas no final a Nexus levou a sua avante, devido ao emprego que iriam gerar na região.

— É a força do dinheiro — disse o inspetor Reid, num tom arrastado, obtendo a concordância geral.

— A Assembleia de Hampshire aprovou recentemente uma série de requerimentos de planeamento controversos — prosseguiu Helen, sobrepondo-se aos sussurros que ainda se ouviam —, permitindo aos promotores imobiliários e empresas construir nas redondezas ou até no parque de New Forest. Estão a tentar dar a volta à crise e, em

geral, têm obtido muito sucesso, mas a invasão de floresta previamente protegida tem gerado reações discordantes.

— E o parque de campismo do Robinson foi um desses novos negócios? — questionou Charlie, aproveitando a deixa de Helen. — Ele pareceu muito à vontade no uso da motosserra.

Helen anuiu, virando-se para afixar algumas fotografias no quadro.

— Conte pelo menos duas dúzias de árvores que foram abatidas, mas as três nestas imagens foram «pregadas».

Apontou para os grandes planos dos espigões metálicos, bem cravados na árvore.

— É uma técnica básica de ecoproteção, ou ecoterrorismo, dependendo do ponto de vista. Torna impossível abater as árvores, pois corre-se o risco de partir as serras elétricas e ferir os trabalhadores, pois os espigões estilhaçam com o contacto.

— Sabemos quem é o responsável? — perguntou o sargento-inspetor Hudson, indo diretamente ao assunto.

Helen voltou-se uma vez mais para o quadro, dessa vez afixando uma imagem gerada por computador do rosto de um homem. Instintivamente, todos no grupo esticaram o pescoço para observar as suas feições — a barba por fazer, a testa larga e enrugada, o olhar penetrante.

— Ao contrário do seu depoimento inicial, afinal o Nigel Robinson teve problemas no seu terreno desde o primeiro dia. Começou com cartas com ameaças e depois escalou para uma raposa morta deixada pendurada no escritório dele no local.

— Credo! — exclamou o inspetor Edwards, encolhendo-se.

— Mais tarde, as coisas tornaram-se sérias. Alguns operários foram ameaçados, e uma cabana de troncos, incendiada. O Robinson deveria ter-nos contactado nessa altura, mas optou antes por contratar uns seguranças da pesada para proteger o local. As coisas acalmaram depois disso, mas, antes de os hóspedes chegarem, o Robinson teve de dispensar os brutamontes.

— Tornando o local de novo vulnerável — concluiu Charlie.

— O Robinson recentemente viu este homem, algumas vezes, a vaguear pelo arvoredo junto ao campismo — prosseguiu Helen,

apontando para o retrato eletrónico. — Tem praticamente a certeza de que se trata do sujeito que lhe ameaçou os trabalhadores e o presenteou com a raposa.

— E nós achamos que o Tom Campbell também foi alvo desse tipo? — perguntou o inspetor Bentham. — Terá sido escolhido especificamente por ter trabalhado numa empresa que gerou uma carnificina ambiental noutro ponto da New Forest?

Era uma boa pergunta. Uma para a qual Helen não tinha resposta.

— É isso que temos de descobrir. O sargento-inspetor Hudson vai proceder a uma análise mais profunda da vida pessoal e profissional da vítima. O Campbell não parece ter inimigos óbvios e, com a exceção de uma acusação menor por posse de droga, tem o cadastro limpo. Ele não é da zona, por isso tinha de fazer sempre o percurso entre Winchester e o parque na New Forest. Resta-nos descobrir quem sabia que ele vinha, quem poderia ter tido conhecimento dos seus planos. Vamos verificar também se estava envolvido em alguns dos confrontos na Nexus.

Hudson assentiu com a cabeça, enquanto Helen se virava para o inspetor Reid.

— O inspetor Reid vai coordenar uma busca mais alargada por entusiastas locais de armas, clubes de tiro e similares. Precisamos de saber se alguém andou recentemente a fazer ameaças, se foi expulso de clubes, se foi detido por comportamento ameaçador. Os restantes vão apoiar-me a mim e à sargento-inspetora Brooks, enquanto nós damos uma vista de olhos a este tipo...

Helen voltou-se uma última vez para o quadro e afixou uma fotografia da polícia junto à imagem gerada por computador. A sala foi percorrida por outro murmúrio — havia uma grande semelhança entre a fotografia e o desenho.

— Nathaniel Martin. Tem 52 anos. Condenações por posse de droga, crimes de ódio e agressão agravada... Atacou um agente da polícia com uma barra de ferro durante um protesto em finais dos anos 90. Cumpriu pena de prisão, mas saiu de lá ainda mais extremista. Passou da Greenpeace para grupos ainda mais agressivos que defendem ação direta, antes de cortar os laços com os mesmos uns anos mais tarde.

Desde então, tem agido a solo, enviando cartas a promotores imobiliários e autarcas com frases de eleição como... — Helen consultou o seu ficheiro — «Vocês constroem, nós queimamos» e «Se fazem mal à Mãe, os filhos vingam-se». É atualmente procurado para interrogatório por causa da agressão a um funcionário camarário, com um mandado de há dois anos.

— Onde raio tem andado enfiado? — questionou Reid, parecendo genuinamente espantado. — Não pode ter desaparecido sem mais nem menos.

— Temos o último endereço conhecido dele, uma antiga namorada, mas mais nada além disso. Nada de levantamentos no multibanco nos últimos 18 meses, nenhuns subsídios reclamados, nem telefonemas, nem declarações de impostos, nem novas agressões. Talvez as pessoas achem que ele tenha acalmado, ou morrido, ou perdido a cabeça, mas eu penso que desapareceu intencionalmente do mapa, que virou costas à sua antiga vida...

— Tem havido rumores de um eremita, um selvagem, a viver na floresta — interrompeu Charlie.

— Se for o Martin, temos de o ir buscar. Este tipo é perigoso, possivelmente paranoico, e tem algo contra o Robinson, o Tom Campbell e outros que tais. Quero-o detido antes que a situação piore. Por isso, vamos ao trabalho.

Toda a equipa se levantou de um pulo, apressando-se na direção das suas secretárias. Enquanto o faziam, Helen virou-se uma vez mais para o esboço de Martin. Desenhada num preto-e-branco bem nítido, a imagem era particularmente assustadora. As feições macilentas, os olhos sem vida e a expressão enigmática formavam uma combinação arrepiante.

Um rosto reservado aos piores pesadelos.

McAndrew conteve um arrepio ao observar os paramédicos a levarem o corpo numa maca de rodas. Não lhe agradara permanecer no terreno — teria preferido regressar à base, em vez de ficar na clareira umbrosa e sinistra —, mas executara com profissionalismo os seus deveres, organizando equipas de busca e efetuando a ligação com Graham Ross em relação à proteção do local do crime. E, rodeada por rostos conhecidos, conseguira ignorar a crescente inquietação que sentia desde que pousara pela primeira vez os olhos no corpo devastado. Agora, contudo, encontrava-se completamente sozinha e evidentemente desconfortável.

Seria a recordação do rosto horrivelmente contorcido que a deixara ansiosa? Ou seria o estalar de ramos antigos, o murmúrio das folhas? Esse assemelhava-se a um coro de sussurros, como se um grupo de seres invisíveis andasse por ali, a observá-la. Não era dada a devaneios fantasistas, mas hoje a floresta parecia-lhe viva, plena de mistério e ameaça. McAndrew era muito urbana e, verdade fosse dita, nunca apreciara muito os bosques. Sempre os achara mais perturbadores do que belos, sem conseguir libertar-se da sensação de que, se alguém ali sofresse um acidente, ninguém daria por nada. No preciso momento em que lhe passava isso pela cabeça, o seu olhar foi atraído pela mancha carmesim no solo da floresta.

— Vá lá, miúda, recompõe-te.

Tentando libertar-se da ansiedade que sentia, viu as horas. As equipas de busca já há mais de duas horas que andavam a investigar no local, tendo começado a uns 1500 metros para depois recuarem na direção do local do crime. Em breve regressariam para reportar provas, se existissem, que houvessem detetado, mas antes disso

McAndrew queria dar uma última volta pelo local do crime. A inspetora-chefe Grace e Meredith Walker tinham realizado inspeções preliminares à chegada, mas cabia-lhe a si assegurar que nada escapava. Grace valorizava o acréscimo proporcionado pelos operacionais forenses — em muitas ocasiões as provas deles revelavam-se essenciais —, mas também apostava imenso no olhar aperfeiçoado de um inspetor experiente. Daí ter deixado McAndrew, uma das agentes que há mais tempo servia na equipa dela, a comandar no terreno.

Mantendo-se bem perto dos carreiros que levavam ao local, McAndrew contornou rapidamente o perímetro da clareira. Anteriormente, o seu olhar fora cativado pelo cadáver e depois pelo solo da floresta, em busca de pegadas, armas descartadas ou roupa rasgada e presa na vegetação. Nada tendo detetado de interesse, permitiu que o seu olhar vagueasse, abrangendo os ramos, os troncos, as aves e até as copas das árvores, que continuavam a oscilar ao sabor da brisa.

Avançou energicamente, mas com cuidado, os olhos constantemente a inspecionar, na esperança de encontrar algo, por muito pequeno que fosse, que lançasse luz sobre aquele crime brutal. Mas não parecia haver nada de invulgar naquele espaço tranquilo e bucólico e, quanto mais olhava, mais o pano de fundo da floresta parecia dissipar-se na indistinção. Agora entendia o que significava não confundir a árvore com a floresta, ou seja, não tomar o todo pela parte.

Ia a meio do perímetro, já a pensar em concluir o circuito e estabelecer contacto com os colegas, quando detetou algo à sua esquerda. Muitos dos troncos tinham trepadeiras a subir por eles — as árvores locais eram seculares — e todos apresentavam um mesmo tom acastanhado. Mas uma árvore em particular aparentava ter um estranho acrescento — parecia uma trepadeira, mas a cor não batia certo. Era demasiado verde, parecia de fabrico humano, e McAndrew apressou-se, com a curiosidade espicaçada.

Tratava-se de um cabo. Baixou-se e afastou a vegetação na base da árvore, revelando uma pequena caixa de plástico de onde saía o cabo. Dali, subia uns seis metros pelo tronco, antes de desaparecer numa

cavidade. Endireitando-se, McAndrew seguiu-o com os dedos, sentindo as tachas que o prendiam. Era evidente que se tratava de uma intervenção recente, tendo em conta o estado imaculado do cabo, mas não era obra do assassino que procuravam. Era uma câmara para observação de aves.

De repente, McAndrew sentiu uma ponta de excitação. Havia diversas dessas câmaras espalhadas pela floresta — seria possível uma delas estar a gravar na noite passada? Teria captado algo? Recuou e observou atentamente a árvore, tentando descortinar a sua linha de ataque.

Havia vários ramos baixos, pelo que não tardou a avançar, apoiando o pé no mais grosso e içando-se. O ramo mais óbvio a seguir era mais fino, por isso deteve-se para verificar se suportaria o seu peso. Encorajada, fez força e trepou ainda mais. A cavidade ficava a cerca de metro e meio, mas os ramos estavam mais espalhados, implicando um pequeno salto para o seguinte. McAndrew sabia que a hesitação poderia ser fatal — não era dada a alturas —, pelo que saltou, aterrando em segurança no ramo e agarrando-se ao tronco. Aliviada, soltou o ar e esticou o pescoço para espreitar para o buraco.

Ali, tal como esperado, encontrava-se um pequeno ninho de aves, com dois ovos lá resguardados, e logo por cima uma pequena câmara. Por norma, as câmaras ficavam por detrás dos ninhos, apontadas a eles para registar a chegada da mãe, assim como os próprios ovos. E esse seria ali o caso, oferecendo a McAndrew a tentadora possibilidade de uma gravação tipo câmara de videovigilância da floresta mais abaixo, não fosse o caso de a armação da câmara ter sido danificada.

Em vez disso, a câmara apontava inutilmente para as profundezas do buraco, registando apenas escuridão.

— Chamo-me Annie Brewster. Estou a ligar do *Southampton Evening News*... — As mentiras jorravam sem esforço da boca de Emilia. — Trabalho na secção de Assuntos Sociais. Estamos presentemente a fazer um levantamento sobre os níveis de produtividade no local de trabalho em Southampton. Pode ceder-me dois minutos do seu tempo para responder a algumas questões?

A gestora de Recursos Humanos da Autoridade do Parque de New Forest pareceu hesitante — Emilia pressentiu que haveria grande agitação na sua sede —, mas acabou por não se demorar a aceder, face ao peso do entusiasmo de Emilia sobre o assunto.

— Posso perguntar quantos trabalhadores têm presentemente de baixa?

Deu-se uma breve pausa enquanto eram verificados os registos. Emilia ouviu o teclado do computador a ser premido com satisfação — um embuste bem-sucedido era sempre divertido.

— De momento, temos sete funcionários de baixa — acabou por responder a gestora, no seu tom monótono de escritório.

— E quantas dessas baixas são de longa duração?

— Cinco — foi a resposta pronta, como se todos eles fossem uns fingidos que davam prejuízo à instituição.

— Estou a ver. Então, os outros dois...

— Curta duração. O costume — respondeu, num tom seco, encerrando aquela via de informação.

— Homem, mulher...?

— Não entendo a relevância disso — replicou a gestora, com a desconfiança a apoderar-se, pela primeira vez, do seu tom de voz.

— Só quero traçar o retrato mais preciso possível da tendência para as baixas de longa duração na produtividade.

— Em ambos os casos, mulheres, mas penso que isso não

representará uma tendência.

— E é pessoal que anda no terreno ou do escritório?

— No terreno.

— Calculo que trabalhem a horas pouco comuns, que andem lá fora na natureza, que sejam mais propensos a períodos de doença?

Emilia continuou a fazer perguntas, mas mal ouvia as respostas. Estava demasiado ocupada a cruzar nomes na sua lista do pessoal da Autoridade dos Parques. A organização ainda era dominada por homens, em especial no que tocava ao trabalho no terreno, facilitando-lhe imenso a tarefa. Havia apenas cinco mulheres que saíam com regularidade para o terreno, e Emilia acreditava que não levaria muito tempo a descobrir qual delas fora dispensada do trabalho após a desagradável descoberta dessa manhã. Na era das redes sociais, partilha de bases de dados e uso de dados privados (por vezes de forma desapropriada), nunca fora tão fácil vasculhar as vidas das pessoas.

E essa era uma das muitas razões para Emilia adorar ser jornalista. No seu mundo, não havia ninguém a salvo.

Eleanor Brown observava nervosamente, enquanto Helen dava a volta ao lugar atulhado.

O sótão sombrio estava cheio de livros, monografias, panfletos e manifestos, muitos deles com os cantos das páginas dobrados e desfigurados por uma letra errática e tremida. Era como entrar na mente de alguém — a pequena divisão era um tesouro do radicalismo ambiental, com dezenas de tomos sobre Gaia, Terra Mãe e a Nova Utopia, misturados com manuais sobre anarcoprimitivismo, «regresso à Natureza» e anarquia em ação.

Destacando-se no topo da pilha de livros mais próxima, via-se uma biografia do Unabomber — o pai de todos os ecoguerreiros. Folheando-a, Helen não se surpreendeu ao constatar que muitas páginas tinham sido intensamente anotadas, com passagens sublinhadas a esferográfica azul grossa.

— Quando é que viu o Nathaniel pela última vez?

Ela não ergueu o olhar, mas sabia que Eleanor Brown estava ali perto. A ex-namorada de Nathaniel Martin mostrara-se relutante em permitir que uma agente policial entrasse na sua casa degradada, e por certo não ia deixá-la andar por ali à vontade.

— Há uns 18 meses. Quando o expulsei.

— E porque é que ainda guarda este material?

— Ele disse que o vinha buscar, mas... mas ele foi internado mais ou menos um mês depois de nos termos separado, por isso...

Eleanor encolheu os ombros, como se isso não lhe importasse. No entanto, parecia perturbada. Seria o medo a minar-lhe a tentativa de indiferença? Ou a culpa?

— Porque é que foi internado?

— Sempre sofreu de problemas mentais. O pai era violento, tinha o hábito de bater na mãe dele. Acho que era uma das razões para o Nathaniel ser uma pessoa tão zangada.

Pousando o livro, Helen espreitou para uma fotografia deixada numa secretária instável. Era de Martin e Brown numa época mais feliz. Pegando nela, Helen percebeu pela primeira vez quão grande Martin era — pelo menos um metro e noventa e bem largo. A namorada, ao lado dele, parecia ainda mais pequena, uma ave muito frágil.

— E as drogas não ajudaram... Ele às vezes era muito paranoico, muito hostil...

— Alguma vez foi violento consigo?

— O que é que acha? — O tom foi de desafio, mas a voz estava trémula. — Quando lhe disse para se ir embora, tornou-se muito agressivo. Depois, ficou transtornado, até inconsolável. Não fiquei admirada quando foi internado.

— Quanto tempo estiveram juntos?

— Mais ou menos um ano, mas ele só viveu aqui umas semanas.

— A vida doméstica não era para ele?

Brown riu-se, de forma prolongada e amarga, surpreendendo Helen. Virou-se para olhar para a mulher de 48 anos, reparando no elegante lenço na cabeça pintado à mão, no rosto sem maquilhagem, no corpo comprido e angular.

— A domesticação foi o problema. A raiz de todo o mal...

— Como assim?

— Não era natural. Na cabeça dele. Tudo isto... — prosseguiu Brown, apontando para as paredes em volta. — ... casas, edifícios, linhas férreas, construção, mecanização, industrialização... eram tudo formas de perverter a natureza, privando-a do seu estado natural.

— Ele queria viver no paraíso?

— Ele queria que o relógio andasse para trás, que regressasse aos tempos antigos. A ideia de viver numa casa a sério era ridícula. Não passava de um sítio para deixar as tralhas dele — disse, olhando para o sótão a abarrotar.

— Não partilha dos pontos de vista dele?

— Acredito na causa ambiental, como o devia fazer qualquer adulto inteligente — replicou Brown num tom ríspido —, mas nunca fui extremista.

— E ele era?

— O que é que lhe parece? Abandonou a Greenpeace por os achar muito moles, não aguentava aqueles pedantes vestidos de pinguins. Depois, juntou-se ao grupo Earth First, por estar a postos para entrar em ação direta. Mas até esses eram demasiado brandos para ele, pelo que se juntou ao Frente de Libertação da Terra, e foi aí que se meteu em apuros.

— O ataque ao polícia?

Brown encolheu os ombros, mas não conseguiu continuar. Helen percebeu que o ataque a um jovem agente da polícia a perturbara.

— Depois disso, expulsaram-no. Mas ele não quis saber. Tinha abdicado da resistência organizada e do trabalho de equipa, e estava satisfeito por enfrentar o mundo sozinho.

— E acolheu-o?

— Sou mesmo uma cabra idiota. Mas nunca ia durar muito. O Nathaniel era genuíno. Um verdadeiro anarcoprimitivista, sempre a querer o regresso à natureza...

— Desculpe, vai ter de me explicar.

— Isso significa regressar ao nosso estado natural. Sem agricultura organizada, sem indústria, sem máquinas, um regresso à vida dos caçadores-recoletores. A viver do que nos dá a Mãe Natureza, do que se consegue matar, pilhar ou plantar.

— Ele ainda acredita nisso, na sua opinião?

— Provavelmente, mas quem sabe? Consta que para o fim perdeu mesmo a cabeça. Uns amigos viram-no a morar na rua... bêbedo, ofensivo, antes de finalmente desaparecer. Por isso, quem há de saber?

— A sua voz vacilou um pouco. Apesar da raiva, haveria ainda ali algum afeto? — Seja como for, não está aqui. Então, se já tem o que queria...

— Vou ter de levar comigo algumas coisas. Se quiser que lhe deixe algum docu...

— Leve o que quiser. Isso não tem qualquer significado para mim.

Agradecendo-lhe, Helen lançou-se ao trabalho, ensacando uma seleção de bens pessoais de Martin, prestando particular atenção aos manifestos manuscritos sobre o regresso à natureza. Na sequência da sua crise mental recente, ter-se-ia Martin refugiado nas profundezas da floresta, na esperança de viver em isolamento total, longe da disseminação predatória da urbanização moderna? Se assim foi, o que teria achado do ataque sustentado à floresta pelos investidores imobiliários, donos de parques de campismo e empresas de lazer? E como teria reagido?

Havia ainda muitas perguntas à espera de resposta, muitas pistas para seguir, mas uma imagem perturbadora formava-se na mente de Helen, uma que sentiu dificuldade em afastar.

Nathaniel a palmilhar a floresta, a caçar persistentemente a sua presa.

— Não tem número de série, identificação do fabricante, logótipo... nada. — Charlie olhou para Meredith Walker, que segurou a seta da besta de modo que ela a visse. — As setas não se compram em lojas ou online — prosseguiu Meredith. — Diria que é artesanal, canibalizada a partir de outros fragmentos de metal. Havia três no total e todas com diferenças subtis na forma, peso e densidade.

— Então, são feitas em casa? — replicou Charlie.

— Assim parece.

Meredith entregou um dos sacos de provas à inspetora Brooks. Encontravam-se nos laboratórios forenses de Woolston, cercadas por dezenas de agentes forenses, mas Charlie só tinha olhos para a seta nodosa de besta na palma da sua mão. O peso do objeto perturbava-a — de repente teve uma visão do que seria ser-se atingido por um daqueles mísseis mortíferos.

— Não há impressões digitais? — perguntou Charlie, recompondo-se.

Meredith negou com a cabeça.

— E o ADN pertence ao Campbell. Se conseguir descobrir onde foram fabricadas as setas, podemos conseguir estabelecer uma ligação, mas isso é o melhor que posso fazer.

Charlie assentiu com a cabeça, tentando não evidenciar o seu desapontamento. Contava com mais, mas não se surpreendeu. Nada naquele caso parecia fácil de compreender.

— E a corda?

— Nada de especial. É velha, por isso provavelmente não foi adquirida recentemente, mas é muito forte.

Outra imagem irrompeu na mente de Charlie — o corpo sem vida de Campbell a ser içado no ar.

— Mas ainda não a verificámos toda, por isso pode ser que

tenhamos sorte em termos de impressões digitais ou ADN.

Podia ser uma migalha, mas era a única fonte de otimismo que Charlie tinha por enquanto. Lidavam com um assassino calculista e engenhoso — alguém capaz de fabricar os seus próprios instrumentos de tortura, alguém que não queria ser detetado. Todavia, as descobertas de Meredith eram importantes, sublinhando a possibilidade de o assassino ser alguém não convencional, alguém que conhecia bem a floresta e que usava isso em seu proveito.

Charlie saiu pouco depois, deixando a Helen uma breve mensagem a transmitir o que descobrira, antes de correr para o carro. A prioridade deles passara a ser encontrar Nathaniel Martin, mas por onde deviam começar? Nenhum dos habituais métodos resultaria — rasto financeiro, parceiros conhecidos, apelo por testemunhas. Tudo o que tinham como ponto de partida era o desenho de Robinson e o conhecimento de que algures nas profundezas da New Forest se escondia um espírito maligno, um fantasma capaz de aliciar um homem inocente para a morte. Charlie sentia-se frequentemente à deriva na sua vida privada, mas começava a sentir a mesma ansiedade incómoda no trabalho. Era suposto ela liderar, ajudar Helen a impulsionar a equipa, orientar o sargento-inspetor Hudson enquanto se ambientava na Esquadra Central de Southampton. Mas o que deveriam eles fazer agora?

Como iriam encontrar alguém que se dissipara no ar?

— O que levaria alguém a fazer isto? Não entendo...

Melanie Walton olhava diretamente para Joseph Hudson, suplicando-lhe que a ajudasse. Ele compreendia a dor dela, o espanto, a necessidade de respostas — já assistira a isso muitas vezes — e sentiu pena dela. Mas não tinha nada de concreto para lhe oferecer e não valia a pena disfarçar.

— Sinceramente, ainda não sabemos. Daí necessitarmos da sua ajuda.

Melanie não reagiu. Em vez disso, começou a rodar o seu anel de noivado no dedo. Olhar para o objeto perturbou-a — o lindo anel de diamantes fora o último presente do seu noivo assassinado —, mas o tique nervoso de alguma forma continha-lhe as lágrimas. Hudson suspeitou que ela iria completamente abaixo se parasse.

— Melanie?

— Eu disse que o ajudava, mas não sei como posso...

O choque da manhã começava a dar lugar ao desamparo e ao desespero. A seguir a ter sido interrogada no parque de campismo, Melanie fora levada à morgue da polícia. Lá, apoiada por uma agente de ligação à família, identificou formalmente a vítima como sendo Tom Campbell. Mais tarde, foi levada de novo ao seu apartamento, com Joseph a entender que seria melhor ela ser interrogada num ambiente familiar e confortável, em vez de nas austeras salas de interrogatório da esquadra.

Agora, questionava-se se teria tomado a decisão certa. Tom Campbell era visivelmente um apaixonado pela fotografia — havia imensas fotografias de Melanie, a sorrir de felicidade para o seu amor, a cobrir todos os milímetros de espaço na parede. Fotografias sorridentes e felizes, imagens que, agora, pareciam troçar da mulher enlutada.

— Precisamos apenas de algumas informações sobre o Tom. O ambiente familiar dele, onde se conheceram...

De início, perguntas brandas, gerais. Ele tinha de manter Melanie a falar.

— Ele é um rapaz da costa sul, sempre foi — acabou por responder Melanie, fungando ruidosamente. — Nascido e criado em Southampton. Conheci-o num clube de vela. Gostávamos ambos daquilo e demo-nos logo bem.

Mais umas voltas no anel de noivado.

— O que é que gostavam de fazer juntos?

— Caminhadas, campismo, andar de bicicleta. O Tom adorava grandes espaços ao ar livre, e também adorava a máquina fotográfica dele; levava-a sempre connosco nos nossos passeios. — Joseph voltou a deitar uma espreitadela às fotografias nas paredes. — Não havia nada que o fizesse mais feliz do que disparar com a máquina. E eu adorava vê-lo. Parecia tão entusiasmado, tão feliz...

Baixou o olhar, com alguns soluços discretos a sacudirem-lhe o corpo. Esforçava-se ao máximo por se aguentar, mas a corda estava prestes a ceder.

— Quando é que ficaram noivos? — insistiu Hudson, com gentileza.

— Há seis meses. Já o devíamos ter feito antes, mas quisemos esperar até o Tom estar bem estável no trabalho dele.

— Ele gostava de trabalhar para a Nexus?

— Ser bioquímico foi tudo o que sempre desejou. Eu não percebo nada, mas para ele é como poesia...

— Ele teve problemas quando houve os protestos?

— Se teve, não me disse. Foram passageiros, e a empresa contratou seguranças...

Hudson suspeitou que, na realidade, as coisas tivessem sido muito mais pesadas do que Melanie dava a entender, mas deixou passar. Talvez Campbell a tivesse protegido da verdade, para lhe poupar preocupações.

— Portanto, ele nunca foi pessoalmente visado, em casa ou no trabalho? Nada de cartas com ameaças, danos na casa ou no carro?

— Não, ele era cientista, não era da administração.

— E quanto à vida privada? Havia problemas? Alguma ex-namorada? Algum ex seu?

— Não, já estávamos juntos há quase seis anos. Não houve nada sério antes disso.

— Problemas de dinheiro?

— Não, ele era bem pago. Sempre foi.

— E drogas?

— O que é que têm?

— Tomava-as por recreação?

— No passado, talvez... — respondeu Melanie, hesitante.

— Reparei que ele tinha uma condenação por posse.

— Ele tinha 18 anos. Lugar errado, na altura errada. Hoje em dia estava envolvido em demasiadas coisas para ter tempo de alinhar nisso.

— Bebia muito?

— Não mais do que o agente.

As palavras foram proferidas num tom de desafio, furioso, como se Joseph estivesse a difamar o seu noivo.

— E essa viagem que decidiram fazer... ao parque de campismo Woodland View... foi planeada com muita antecedência? — continuou Joseph.

— Há cerca de uma semana.

— Quem é que sabia que foram para lá?

— Bem, os meus pais, claro. Mas mais ninguém.

— Publicaram alguma coisa, algum *tweet*, sobre a viagem?

— Claro, mas apenas quando lá chegámos. O lugar era mesmo agradável e o pôr do Sol era lindo, portanto...

Joseph sabia que tanto Tom como Melanie eram utilizadores entusiásticos do *Facebook*. Ainda na esquadra, passara os olhos nas suas publicações mais recentes e fora difícil não sentir uma certa tristeza. Quase todas as *selfies* e fotografias mostravam um casal jovem, feliz, despreocupado, apaixonado.

— Era perfeito, tudo aquilo era perfeito — prosseguiu Melanie, mergulhando nas recordações. — Até falámos sobre a possibilidade de casarmos na floresta, num dos fantásticos hotéis de Lyndhurst, com a

recepção a ter lugar na zona. Naquela noite estávamos a fazer planos... e agora isto.

Projetou um braço num gesto desesperado e desamparado, enquanto uma vez mais erguia o olhar para Joseph, com a incompreensão e a aflição estampadas no rosto. A sua vida parecera tão radiosa, tão otimista — tinha planos, esperanças, sonhos, mas tudo se esfumara. Perdera o noivo. Não! O seu noivo fora-lhe arrancado, e era isso que a dilacerava.

Lidar com a realidade da morte de Tom era uma coisa. Enfrentar o facto de ele ter sido brutalmente assassinado, e depois pendurado e abandonado aos pássaros, era algo completamente diferente.

Helen olhou para o cadáver de Tom Campbell, enojada com o que

via. A pele cinzenta e sem vida, os ferimentos de seta enrugados e com crosta, as manchas lívidas em carne viva nos tornozelos por onde fora pendurado — tudo isso já era suficientemente mau, mas foi sobretudo a visão do rosto do jovem que a perturbou. A boca dele estava aberta, com os lábios a enrolar para cima. Uma expressão de puro terror, que arrepiou Helen. O que suportara ele para provocar tal tipo de reação?

— É impressionante, não é?

Helen ergueu o olhar e deparou com Jim Grieves a aproximar-se. Ela já trabalhava há uns anos com o chefe dos patologistas da polícia de Hampshire e ele raramente deixava transparecer qualquer emoção. Mas aquele caso parecia afetá-lo.

— São visíveis o sofrimento e a dor na expressão dele — reagiu Helen, pensativa. — Mas algo mais, também. Medo? Horror?

— Uma coisa é certa, não é bonito de ver, mas deixe-me dizer-lhe o que tenho — disse Grieves, mantendo um tom profissional.

Se ele estaria muito ocupado ou a pretender apenas despachar o assunto, foi algo que Helen não percebeu. De uma forma ou de outra, sentiu-se grata pelo seu profissionalismo.

— Como dá para ver, há imensas escoriações no corpo. A roupa que lhe retirei estava bastante rasgada, por isso pode assumir-se que caiu num arbusto ou andou a correr pela floresta. O mais certo é ser a última opção, pelo estado dos pés dele. — Indicou a Helen a ponta da mesa de autópsias. — Conseguimos ver que as plantas dos pés foram laceradas repetidas vezes, com um único ferimento profundo aqui...

Helen aproximou-se para ver o feio buraco a meio do pé esquerdo.

— Tendo em conta o tipo de golpe, a profundidade e a curvatura do

ferimento, diria que se tratou de um pico grande, mas é difícil dizer com certeza.

Helen arrepiou-se, vendo de repente Campbell a correr pela sua vida, com o pico cravado bem fundo.

— Uma ferida destas terá dificultado a progressão dele, tornando-o, talvez, um alvo fácil. Os ferimentos de setas eram golpes limpos e certos... A ver pelo aspeto, ocorreram todos na mesma altura. Por isso, quando ele por fim foi parado, foi parado de repente.

— Tê-lo-iam matado?

— Seria de esperar, certo? Mas, neste caso, diria que não.

Helen ergueu o olhar, surpreendida.

— Três ferimentos grandes no tronco. Hemorragia significativa e perda de sangue, mas as setas falharam os órgãos principais. Se tivessem atingido o coração, os pulmões, até os rins, poderia ter sido liquidado, mas assim...

Helen digeriu a informação. Nutrira a esperança de uma morte rápida, mas, na verdade, a agonia de Campbell devia ter sido extrema e contínua.

— Veja o sangue seco no tronco — prosseguiu Grieves, apontando para os traços grossos a começar em cada um dos ferimentos e a subir pelo corpo até ao pescoço e rosto. — E nos braços. Pelo aspeto, atrever-me-ia a dizer que a vítima foi pendurada ainda com vida.

— Como é que pode ter a certeza? O sangue teria escorrido dos ferimentos, não?

— Não nesta quantidade, se o coração não estivesse a bater. Além disso, veja os tornozelos. Não haveria maneira de estarem tão inchados se a vítima estivesse morta quando foi içada no ar.

Surgiu de imediato na mente de Helen uma imagem de Campbell a contorcer-se desesperadamente na corda, mas afastou-a.

— E então, a causa da morte? Hora da morte?

— É difícil ser preciso quanto à hora. Depois da meia-noite, mas antes do amanhecer é o máximo que me arrisco a dizer. Causa da morte? Bem, isso é bastante simples. Esvaiu-se em sangue.

Helen assentiu com a cabeça, mas sentiu dificuldade em interiorizar a ideia.

— Terá sido um processo longo, lento e angustiante. Como uma asfixia gradual.

Helen interrogou-se se teria sido accidental ou deliberado. O assassino de Campbell estaria a observar, enquanto a vida se esvaía da sua vítima?

— Seja como for, estas são as minhas descobertas preliminares. Tenho os relatórios toxicológicos... imenso álcool no sangue, mas nada de drogas ou quaisquer tipos de medicamentos.

Grieves prosseguiu rapidamente, relatando as suas descobertas, mas o olhar de Helen permanecia pregado ao corpo, seguindo as linhas de sangue que corriam desde os ferimentos até às pontas dos dedos. Como teria sido sentir a vida a esmorecer? E por que razão teria sido obrigado a sofrer tanto? Teria sido simplesmente para pura satisfação do seu agressor? Um castigo intencional pelos crimes involuntários de Tom, fossem eles quais fossem? Ou haveria um significado mais profundo?

Seria possível que a copiosa quantidade de sangue que jorrara da vítima ferida fosse uma dádiva à própria floresta?

Emilia insistiu com a campainha da porta, mantendo-a premida durante vários segundos. A modesta casa suburbana estava sossegada, mas ela via luzes no interior. Havia alguém lá dentro e Emilia estava determinada a falar com quem lá estivesse, apesar das concertadas tentativas para a ignorar.

Era o último endereço da sua lista. Até ao momento, a busca revelara-se infrutífera. As três primeiras mulheres que abordara pareceram surpreendidas por serem contactadas por uma jornalista. Tinham nitidamente andado no terreno todo o dia, em diversos locais da New Forest, e ainda não tinham ouvido falar da perturbadora descoberta da colega. A polícia ainda nada revelara, nem surgira nada nos *media* generalistas; nem sequer lhes chegara aos ouvidos os rumores que circulavam internamente. Emilia pensou no fervor com que os chefões da Autoridade dos Parques guardavam o seu segredinho terrível. Não era algo que desejassem gritar aos sete ventos, com o pico da época turística a aproximar-se.

Emilia apercebeu-se de movimento no interior e largou a campainha, afastando-se da porta para parecer o menos ameaçadora possível. A quarta mulher na sua lista também não se revelara muito acolhedora — sofria de uma constipação terrível. Emilia descobrira rapidamente que já não ia trabalhar há três dias, pelo que não a empantara, passando rapidamente para a última morada da lista.

A porta abriu-se para trás e ela deparou com um homem de meia-idade. Olhou Emilia de alto a baixo, nitidamente irritado, mas, ainda assim, a sua postura visivelmente hostil pareceu vacilar, surpreendido e, porventura, atrapalhado com a vincada cicatriz na face direita de Emilia.

— O que é que quer? — rugiu ele, esforçando-se ao máximo por soar desagradável.

— Desculpe incomodar a uma hora tão tardia. Chamo-me Annie Brewster, trabalho no *Southampton Evening News*.

Ela mostrou rapidamente a sua identificação para não revelar o verdadeiro nome. Mas o carrancudo guardião da porta mal olhou para lá — parecia perturbado por enfrentar uma jornalista.

— Deve ser o Sr. Smith...

— E depois?

— Será possível dar uma palavrinha à sua mulher?

— Sobre o quê? — quis ele saber.

— Estamos a fazer uma investigação sobre produtividade e doença no local de trabalho. Soube que a sua esposa hoje foi dispensada...

O homem estreitou os olhos, mas nada disse. Parecia estar a tentar descortinar o que estava realmente por detrás daquela pergunta.

— E?

— Bem, só queria saber se é uma doença de curta duração, talvez uma constipação, ou algo mais gra...

— Não é nada consigo — foi a resposta seca, dada já com Smith a recuar para casa. Pressentindo que a porta estava prestes a ser-lhe fechada na cara, Emilia deu um passo em frente, pondo o pé na soleira. — Ei, o que pensa que está a fazer?

— É só um segundo, depois prometo que me vou embora — insistiu Emilia, olhando por cima do ombro dele para a casa sombria.

— Nem pensar — replicou Smith, enfrentando-a.

— Se estiver de cama, podemos tratar pelo telefone.

— Não é nada disso.

— Então, o que é?

O tom de Emilia foi incisivo, penetrante, o que pareceu apanhar de surpresa o seu opositor. Ele estava nitidamente dividido quanto ao que fazer.

— Olhe, ela sofreu um choque terrível, só isso. E já não quer falar mais sobre o assunto, muito menos a uma jornalista. Por isso, talvez seja melhor ter a amabilidade de voltar para onde veio... — Furioso, pontapeou o pé de Emilia para lá da soleira. — ... e deixar-nos em

paz.

Emilia recuou um passo enquanto ele lhe fechava a porta na cara. Ouviu-o afastar-se suavemente, e depois uma voz feminina ansiosa. Lentamente, formou-se um sorriso no seu rosto. Podia ter sido repelida, mas obtivera o que fora buscar. Conhecia a identidade da testemunha principal e pretendia fazer uso disso.

Tinha uma extensa lista de perguntas para a pobre Sra. Smith.

— Ela contou-te alguma coisa? Algo a incomodava?

Charlie e Steve, entrelaçados no sofá, tinham uma garrafa de vinho diante deles. Depois de ter consultado a equipa, Charlie decidira regressar a casa. Amanhã teriam um dia em cheio e ela sentia-se tremendamente esgotada — pagava pela falta de sono acumulada na última semana.

Steve estava à espera dela, com uma lasanha caseira e uma garrafa de *Barolo*. Já pusera Jessica a dormir — mais uma hora de deitar perdida por Charlie — e pareciam determinados a aproveitar a noite da melhor maneira. Comeram juntos, puseram a conversa em dia e agora estavam deitados juntos, com Steve a massajar com gentileza os pés de Charlie. Era relaxante, era reconfortante e, no entanto, por muito que se esforçasse, Charlie não conseguia libertar-se da sua ansiedade relativamente à filha.

— Não — respondeu Steve, cautelosamente, não desejando ser arrastado para uma prolongada discussão. — Teve um dia divertido na escola, gostou da Semana do Espaço. Estava animada.

— Não disse nada sobre o que poderia estar a preocupá-la?

— Já sabes como ela é — contrapôs Steve, bem-humorado. — Conta o que comeu ao almoço e pouco mais. Mas pareceu-me bem, por isso tenta não te preocupares.

Ele, claro, tinha razão — Jessica, por norma, chegava a casa exausta da escola, mas feliz —; ainda assim, Charlie não conseguiu afastar a ideia de que não conheciam o quadro geral, de que se passava algo de errado.

— Só não percebo de onde vem isto. As coisas pareciam estar a correr bem na escola.

— E talvez ainda estejam. Talvez não haja qualquer ligação entre o que acontece durante o dia e os terrores noturnos dela.

— Talvez...

— Tu sabes o que todos os sites dizem... Não há motivos lógicos para essas coisas.

Já não era a primeira vez que Charlie desejava ser dona do otimismo inabalável de Steve, já para não falar da sua capacidade de resistência. Parecia lidar bem melhor do que ela com a privação de sono.

— Mas se houver alguma razão, algo que não sabemos...

— Então, a seu tempo há de revelar-se. Se há um problema, descobriremos do que se trata e lidaremos com isso, OK? — Foi dito num tom amável, mas era um convite evidente para mudar de assunto.

— Acho que sim...

— Perfeito. E agora que tal acabar esta garrafa de vinho?

Charlie fez-lhe a vontade com gosto, já a suspeitar aonde aquilo ia levar. E, sem espanto, esgotada a garrafa, Steve pegou nela ao colo e levou-a para cima, com constantes beijos ousados a cada passo. Passando em bicos de pés pelo quarto de Jessica, chegaram ao quarto, e pouco depois encontravam-se debaixo dos lençóis, nus, enroscados.

Afastando-lhe o cabelo do rosto, Steve beijou-a no pescoço, no lóbulo da orelha, na ponta do nariz.

— Estive a pensar...

Charlie abriu os olhos, intrigada com o tom de voz dele.

— Porque é que amanhã não te esqueces de tomar a pílula?

— Estás a falar a sério?

— Vamos fazer bebés, Charlie. Sabes que somos bons nisto...

— Deves estar a brincar.

— A Jessie precisa de uma irmã. Ou irmão.

— Para já, ainda não precisa.

— E prometo-te que, pelo caminho, nos vamos divertir. Mas preciso da tua ajuda...

— Nem pensar! Neste momento, quero apenas deliciar-me com isto...

Por momentos, Charlie achou que ele ia contestar, mas, em vez disso, sussurrou:

— Adoro quando me dizes coisas obscenas.

Ele entrou a matar, puxando-a para ele, e depois rebolando de modo que ela ficasse por cima. Charlie fechou os olhos e deixou-se levar, deleitando-se com o seu toque, com tremores de excitação a pulsar dentro dela. Mais tarde, deitada ao lado de Steve, a ouvir a respiração suave e satisfeita dele, tentou que o sono a levasse, mas permaneceu bem desperta. Apesar da agradável distração da noite, Charlie não conseguia desligar-se, não conseguia debelar a ansiedade em relação a Jessica.

Assim, deixou-se ficar ali deitada na escuridão, frustrada e perturbada, à espera dos gritos que sabia que viriam.

Uma batida forte na porta levou Helen a erguer os olhos. Achou que seria Joseph Hudson — era o único agente na sala de operações empenhado em provar o seu entusiasmo no seu primeiro dia em pleno. Mas, para sua surpresa, entrou a superintendente Grace Simmons, fechando suavemente a porta atrás de si.

— Tens um minuto para uma velhota?

— É claro que sim. De qualquer maneira, já te ia ligar antes de sair.

Sentando-se, Simmons observou o interior do gabinete de Helen, com o olhar a prender-se nos louvores pendurados na parede, nas pastas de casos espalhadas pela secretária, nos copos de café vazios no caixote do lixo a abarrotar.

— Lembrei-me de vir ver como era a vida no ponto nevrálgico da esquadra. Quando uma pessoa fica enfiada em salas de reuniões tanto tempo como eu, é bom ver onde é realizado o verdadeiro trabalho policial.

A superintendente Simmons já estava à frente da Esquadra Central de Southampton há seis meses. Já na casa dos 60 anos, tinha o direito de se reformar das forças policiais, mas no último momento os chefões convenceram-na a aceitar o cargo de chefe de esquadra interina, na sequência do fracasso deles em encontrarem um substituto permanente para Jonathan Gardam. Helen andara até então a cumprir duas funções e sentiu-se grata por ter quem a substituísse, em especial por Simmons ser alguém que sempre lhe fora muito querido.

A seguir ao homicídio dos seus pais, Helen passara por vários lares de acolhimento, acabando num estabelecimento em Basingstoke. As coisas que Helen lá viu — as coisas que *suportou* — nunca mais a largariam, mas a intervenção de Simmons, na altura uma simples

inspetora da polícia, revelara-se essencial para a ajudar a ultrapassar a situação. Daí em diante, Simmons manteve-se atenta a ela, orientando-a, apoiando-a e, mais tarde, sendo a sua mentora quando Helen decidira fazer carreira nas forças policiais. Na verdade, a sua influência sobre Helen revelou-se tão profunda que ela adotou o nome dela — Grace — ao escolher uma nova identidade.

Assim sendo, Helen ficou bastante satisfeita quando Simmons passou a chefiar a Esquadra de Southampton. Enquanto Gardam se revelara obsessivo, vingativo e manipulador, Simmons era honesta, solidária e amável. Era a primeira vez que Helen tinha um chefe com quem se entendia. Daí que, para ela, a sua porta estivesse sempre aberta.

— És muito modesta. Já esqueceste mais sobre polícia do que eu alguma vez hei de saber — rebateu Helen, agradada por terminar um dia complicado com uma conversa agradável.

Simmons não deu importância ao elogio — era uma mulher direta que não precisava de lisonja.

— E então, em que ponto estamos?

— Bem, temos um potencial suspeito, Nathaniel Martin, mas não está a ser fácil de encontrar. Andá há uns 18 meses completamente desaparecido do mapa.

— Nunca foi visto? — reagiu Simmons, surpreendida.

— Nada confirmado. Achamos que pode estar escondido na New Forest, pelo que toda a equipa amanhã vai para lá. Mas não diria que não a uns reforços, já que a área que vamos cobrir é bastante vasta.

— Claro, leva todos que pudermos dispensar.

— Obrigada. Além disso, uma operação deste calibre vai inevitavelmente atrair atenções... Como é que queres fazer em relação à imprensa?

— O que é que eles sabem?

— O nosso agente de ligação aos *media* emitiu um comunicado a anunciar que hoje de manhã foi encontrado um corpo na New Forest. Mas sem pormenores sobre o modo como morreu.

— Para já, vamos manter as coisas assim — confirmou Simmons, de forma vincada. — Antes de aterrorizarmos as hordas de visitantes,

gostaria de saber com o que lidamos.

— Claro.

— Então é isso — disse Simmons, levantando-se. — Calculo que por hoje estejas a acabar?

Helen espreitou para o relógio — 23h00 — e depois de novo para Simmons. Suspeitou que aquela fosse a verdadeira razão da visita inesperada de Simmons.

— Mais dez minutos.

— Mais do que isso, não, por favor. As coisas ainda cá vão estar amanhã de manhã.

As pessoas espantavam-se com o ritmo de trabalho e o empenho de Helen, mas Simmons não se deixava enganar. Sabia que a Esquadra de Southampton, o seu papel na esquadra, era o refúgio de Helen — onde se escondia de um mundo que sempre fora duro consigo.

— Sei que adoras este trabalho, Helen — prosseguiu Simmons. — Que queres fazer o que realmente importa, mas de vez em quando até tu tens de fazer uma pausa.

— E faço. Mas há tanta coisa a acontecer...

— Não te cabe a ti tratar de todas as dores do mundo. Sei que te sentes mal por causa do que aconteceu à Joanne, que achas que trabalhar sem parar irá de certa forma compensar isso.

A referência à sargento-inspetora Sanderson deixou Helen à beira de um ataque de nervos.

— Não tem que ver com isso.

— Não? Fizeste tudo o que te foi possível nesse inquérito para seres punida, ou até despedida. Assumindo toda a responsabilidade, fustigando-te em público, pondo em causa as tuas decisões operacionais...

— E tive razão em fazê-lo.

— Não tiveste nada. Não fizeste nada de errado, Helen. Daí eu te ter ilibado de qualquer culpa. É um trabalho perigoso, sabes isso melhor do que ninguém. Portanto, está na hora de te perdoares a ti mesma e seguir em frente.

Ela provavelmente teria razão, mas falar era fácil. Joanne Sanderson morrera nos braços de Helen, e essa era uma recordação difícil de

afastar.

— Estou a falar a sério, Helen. Não te prendas ao passado, ou ele devora-te. — Levantou-se e avançou para a porta, mas, ao abri-la, concluiu: — Também mereces uma vida, sabes?

Dito aquilo, Simmons partiu, deixando a porta aberta para que Helen também saísse. Helen observou-a a ir, enquanto refletia nas suas palavras. Ela precisava de voltar a sair dali, de se envolver com o mundo, mas para quê? O que havia lá fora para ela?

Reunindo as suas pastas, Helen levantou-se, espreitando rapidamente para a sala de operações — para dar com Joseph Hudson a olhar diretamente para ela. Há quanto tempo estaria ele a fitá-la, ela não soube dizer, mas, envergonhado por ter sido apanhado em flagrante, rapidamente baixou o olhar, dedicando-se ao que estava a fazer.

Por momentos, ela fitou-o, intrigada com a sua curiosidade, mas as palavras de Simmons ainda lhe ecoavam na mente, pelo que, virando-se para a porta, apagou as luzes, mergulhando o gabinete na escuridão.

Nuvens sombrias pairavam sobre a floresta, ocultando o Sol.

Acabara de amanhecer, mas o dia ainda tinha de despertar e o parque de campismo de Woodland View ainda era banhado por uma luz insípida e leitosa. Charlie saltava de pé para pé, agarrada ao seu *latte*, na esperança de que o café quente desse vida ao seu corpo e à sua mente. Depois de mais uma noite mal dormida, o seu estado de espírito estava tão cinzento quanto o tempo.

A equipa estava reunida no parque de campismo, à espera da chegada de Helen antes de investirem em grande pela floresta. Bentham, McAndrew e Reid estavam no local, tal como Joseph Hudson, agora ao lado de Charlie, a fumar um último cigarro antes do início da batalha. O recém-chegado parecia entender-se bem com a equipa, aproveitando para falar com os agentes mais novos, assim como com alguns dos fardados, mas naquela manhã manteve-se perto de Charlie, desejoso de tirar o melhor proveito da situação junto de uma das colegas mais experientes.

— E então, como é trabalhar com ela?

— Com a Helen?

Hudson assentiu com a cabeça, como se a resposta fosse óbvia.

— Bom. Na verdade, melhor do que bom.

— Porquê?

— Porque ela se interessa. Porque se esforça mais do que qualquer um. Porque faz o que lhe é pedido. E... porque é leal.

— Vocês já trabalham juntas há muito tempo?

— Há uns anos.

— Só nos pode beneficiar, trabalhar com alguém como a inspetora-chefe Grace.

— Sem dúvida, mas não é só por isso que o faço. Faço-o por ela fazer de mim uma melhor agente. Se queres aprender, vieste para o lugar certo.

— Assim seja!

Deu uma última passa no cigarro, antes de o apagar e deitar num caixote do lixo ali perto.

— Ela nunca se sentiu tentada a ir-se embora? Ser promovida para outra zona?

— Ela gosta de Southampton.

— Tem família por cá?

— Não.

— Marido?

— Acho que sabes a resposta a isso. Mas não, não tem. A Helen não se envolve em relacionamentos. E tu?

Hudson olhou para Charlie, sorrindo, parecendo divertido com a forma como ela incidira o foco da conversa nele.

— Eu fui casado. Quando trabalhava em Londres. Mas não deu certo e nunca me liguei a ninguém em Liverpool. Não falava o dialeto, se é que me entendes.

Charlie assentiu com a cabeça. Partiu do princípio de que o atraente sargento-inspetor seria um bom partido em qualquer lugar, mas era verdade que aquele sotaque sulista bem articulado o faria sobressair.

— Bem, talvez tenhas melhor sorte por aqui. Não nos incomodamos com rapazes snobes.

Charlie terminou o seu café, mas não largou o copo, desejosa de usufruir do máximo de calor possível. Por muito que se esforçasse, não conseguia libertar-se do frio matinal.

— E é verdade? — Charlie olhou para Hudson e surpreendeu-se ao vê-lo hesitar pela primeira vez. — É verdade o que escreveram sobre ela? Sobre o que passou na prisão? Tudo aquilo com o Robert Stonehill?

Charlie estreitou os olhos. Era, por natureza, protetora em relação a Helen e não gostava que ninguém se intrometesse em assuntos que lhe causavam dor. Os jornais retiraram grande prazer ao regurgitar todos os pormenores do relacionamento de Helen com o dominador

assassinado Jake Elder, do seu confronto perigoso com o vingativo sobrinho Stonehill, o que a levava à prisão real de Holloway. Durante os inúmeros dias em que fizeram a cobertura do assunto, adicionaram todos os tipos de pormenores devassos, enganadores e falsos, levando a que qualquer um achasse que conhecia a amiga de Charlie. A verdadeira Helen era muito diferente das caricaturas que os jornais traçaram, mas Charlie não se sentia preparada para partilhar isso com alguém que mal conhecia.

— É melhor não acreditares em tudo o que lês — ripostou ela. — Mas, se tens mesmo curiosidade em saber, porque é que não lhe perguntas?

Charlie apontou com a cabeça por cima do ombro na direção de Helen, que estacionara a sua moto e caminhava agora em passos firmes na direção deles. Acabou por achar piada ao ver Hudson endireitar-se, perdendo o seu sorriso atrevido, como um recruta à espera de ser inspecionado.

— Está toda a gente a postos?

— Com certeza — respondeu Charlie, virando-se para Helen enquanto ela se aproximava. — Eu lidero a Equipa A em direção a norte. O sargento-inspetor Hudson leva a Equipa B para sul e tu ficas bem servida com a Equipa C.

— Toda a gente recebeu os mapas, com a rota traçada?

— Sim, e foram verificados e distribuídos os rádios. Estamos na banda 3.

Charlie passou um rádio a Helen. Ela pegou rapidamente nele, rodando a frequência para a referida banda.

— Então, vamos a isso.

Dando a volta, Helen avançou na direção dos limites da floresta, onde já se haviam reunido os restantes agentes.

Hudson seguiu-a de perto e por fim foi Charlie a fazê-lo. Por norma, operações grandes daquele tipo entusiasmavam-na, mas hoje sentia um leve desconforto. Talvez se devesse à dimensão da tarefa, talvez fossem as nuvens ameaçadoras, mas algo a incomodava. Esforçou-se ao máximo por afastar a ansiedade, mas, no preciso momento em que avançou determinada, começou a chover. Chuva intensa e rancorosa.

Parecia que o próprio tempo conspirava contra eles, escarnecendo dos seus esforços.

Seria a vista sombria da floresta que a deprimia? Ou a recordação da expressão assustada de Martin? Fosse o que fosse, não poderia de maneira nenhuma deixar que percebessem o que sentia, pelo que, marchando com a equipa, conduziu-os em frente, na esperança de que os esforços pudessem subjugar os seus medos crescentes.

Puxou ansiosamente as cortinas, espreitando para o exterior. A jornalista que lhe aparecera à porta na noite passada não voltara a dar sinais de vida, mas Janice não conseguia libertar-se da sensação de que ela se encontrava algures lá fora. A sua história inventada de uma investigação sobre o local de trabalho era um perfeito disparate — não era coincidência o facto de ter aparecido em casa deles no mesmo dia em que Janice fizera a sua chocante descoberta. Ela andava, pura e simplesmente, atrás da história.

Só de pensar nisso, Janice sentiu-se maldisposta. Implicava que era tudo real. Ainda não conseguira interiorizar aquilo a sério, não conseguira processar o que se abatera sobre ela. Na véspera, fora trabalhar como era habitual — levantara-se bem cedo para inspecionar os ninhos. Era a parte do seu trabalho que mais apreciava, caminhar pela floresta ao nascer do dia, com o orvalho nos pés. Adorava a quietude do início do dia, a sensação de que o mundo despertava. Poucos se aventuravam como ela nos recessos ocultos da floresta, e com frequência deambulava pelos carreiros desvanecidos num mundo só seu. Ontem de manhã fora igual — até ser brutalmente despertada para a realidade.

De início, não conseguiu assimilar, achando que se tratava de uma partida. Estudantes na brincadeira. Talvez um artista local, com um sentido de humor bizarro. Até um programa de televisão com câmaras ocultas. Mas, no seu íntimo, percebeu que o que estava à sua frente era demasiado macabro para ser alguma dessas coisas. Avançando muito devagar na direção daquilo, com o coração a martelar-lhe o peito, viu as flechas, o sangue espesso e coagulado em volta dos ferimentos. E, então, percebeu.

Foi o primeiro cadáver que viu na vida, salvo os dos pais, claro. Mas eles foram apresentados no velório de uma forma serena e pacífica. Aquele corpo era brutal e feio, e Janice sentira-se nauseada à medida que o ia percorrendo com o olhar. Dando a volta, saiu apressadamente da clareira, enquanto tentava pegar no telemóvel. Em pânico e agitada, deixou cair o telefone ao chão e mesmo depois de voltar a pegar nele, atrapalhou-se com os dedos. Necessitou de várias tentativas para ligar para o número de emergência.

Tudo o que ocorrera desde então revelara-se progressivamente mais irreal. Prestar depoimento à polícia. Os telefonemas para a direção. A jornalista a tocar à campainha... Felizmente, David estivera presente para a confortar e apoiar, saindo do trabalho para a ir buscar. Mantivera-se ao seu lado ao longo do que se tornara um dia cada vez mais perturbador e, na noite passada, agarrara-se bem a ele, enquanto tentavam, em vão, dormir. Hoje, insistira em ficar em casa com ela, mas não podiam dar-se ao luxo de ele não ir trabalhar. Até porque não havia nada a fazer. Ela prestara depoimento e esperara que isso fosse o fim. Levaria uns dias a pôr a cabeça no sítio — os Recursos Humanos insistiram nisso — e depois regressaria ao trabalho.

Tão simples quanto isso.

Agora, no entanto, arrependia-se de o ter obrigado a ir trabalhar. Tratara da lida doméstica, vira um pouco de televisão, tentara manter-se ocupada. Mas aquela imagem horrorosa forçava a sua entrada nos seus pensamentos — o corpo semidespido, a rodar para a frente e para trás... Tentou afastá-la, mas ela persistia teimosamente, apavorando-a. De repente, ansiou por companhia, por uma distração. As paredes pareciam asfixiá-la, mas recusou-se a voltar a incomodar David — ele parecia passar quase todo o seu tempo a animá-la. Recusou-se a ser fraca. Não, teria de ser ela a lidar com a situação, levando a vida normal do dia a dia, seguindo em frente. O que implicava sair — ir ao supermercado, ao horto, a qualquer lugar.

Espreitando para o exterior, Janice observou o pátio, à procura de algum sinal invulgar. Como de costume, tudo estava tranquilo. Havia um *Corsa* vermelho que não reconheceu estacionado umas portas acima, mas a mulher lá dentro parecia envolvida num telefonema sem

prestar atenção à casa. Portanto, reunindo toda a sua coragem, Janice deitou a mão ao casaco e ao saco de compras e apressou-se a sair, na esperança de se perder no mundo real.

Era diferente de tudo o que já vira.

Helen já se aventurara a percorrer a New Forest antes, mas ainda a surpreendia e assoberbava. Não se tratava apenas da sua dimensão, nem das suas características únicas, com os milhares de cavalos e burros selvagens que vagueavam por muitos quilómetros de arvoredo, conferindo ao local um ambiente indómito e místico. O que mais a impressionava, enquanto caminhava por baixo dos imponentes ramos, era a consciência de que aquelas árvores faziam parte da história.

Ela avançava para leste do parque de campismo, a sua equipa espalhada à sua volta, de olhos atentos a qualquer vestígio de presença humana. Tinham começado cedo, enquanto os turistas, caminhantes e campistas se tornariam ativos mais tarde, pelo que a floresta ainda se apresentava assustadoramente sossegada. Ao caminhar pelo arvoredo silencioso, a mente de Helen virou-se para os que já ali haviam passado. O carreiro que seguia fora percorrido por celtas, romanos, vikings, normandos e outros. Milhares de almas, ou possivelmente centenas de milhares, procuraram refúgio na floresta ao longo de anos, viveram, morreram e talvez ali tenham sido sepultadas. Camadas de história, vidas reais, encontravam-se literalmente debaixo dos pés deles, ocultas sob o antigo solo da floresta. Quantos segredos tinham sido escondidos da vista, tentadoramente ali tão perto, no entanto, intocáveis para sempre? Como tudo na vida, a verdade jazia mesmo à superfície.

A mente de Helen viajou para trás, para um crime cometido há séculos. William Rufus, filho do famoso Conquistador, fora morto por uma flecha naquela mesma floresta. Era uma coincidência inquietante — lendas locais sugeriam que o fantasma de Rufus ainda percorria a

floresta, em busca do seu assassino —, mas que Helen não partilharia com a equipa. Não achou que fosse relevante para a presente investigação — era demasiado rebuscado, não era? —, mas não havia como negar o permanente legado dessa morte infame na paisagem.

Homicídio ou acidente de caça? O debate prosseguia em círculos académicos, mas hoje em dia os turistas podiam visitar a pedra de Rufus, o local onde alegadamente a seta o atingiu. Ou passar a vau o Tyrrel's Ford, o ribeiro que o assassino do rei, o infeliz Walter Tyrrell, atravessou ao fugir dos seus perseguidores. Tratou-se de um crime que ficou gravado na memória da floresta, um eco inquietante da barbárie do presente. Será que o assassino estava ao corrente daquele paralelismo? Ou haveria outra razão para ele, ou ela, ter optado por uma arma tão invulgar?

Na verdade, só o saberiam quando encontrassem Nathaniel Martin; quando detetassem uma falha naquele perturbador caso. Motivo, oportunidade, a própria natureza do ataque... tantos aspetos do crime permaneciam envoltos em mistério, daí a importância da operação. Se estivessem errados, se Martin não se estivesse a esconder nos confins da floresta, o que fariam? Em breve, o crime ia ser do conhecimento público e Helen estava determinada a, antes de isso acontecer, obter um avanço sólido para apresentar.

No entanto, qualquer revelação decisiva parecia estar longe de ser alcançada. À sua frente, Helen tinha uma paisagem serena, com o canto das aves a revelar-se a única perturbação à calma de morte. As três equipas já andavam no terreno há uma hora, com os agentes pacientemente a percorrer a paisagem pacata, procurando, em vão, um avistamento, uma pista, algo. Talvez fosse sempre assim numa floresta que escondia bem os seus segredos.

Charlie trepou a árvore tombada, aterrando suavemente do outro lado. Entretanto, observava o caminho à sua frente, com o olhar a incidir ali e acolá. Ela e a equipa caminhavam há mais de uma hora em silêncio absoluto, inspecionando e avaliando tudo o que viam. Vasculharam a espessa vegetação, espreitaram em buracos profundos e até deitaram os olhos aos imponentes troncos que se elevavam acima deles. Mas não detetaram nada de interesse. Charlie ergueu então a mão, indicando à equipa que parasse. Lentamente, os agentes reuniram-se em volta dela, procurando um abrigo temporário face à chuva cada vez mais intensa.

— Pausa de cinco minutos. Todos vocês têm água e barras de cereais. Para quem precisar de se aliviar, há muitos arbustos por aí.

Alguns agentes aproveitaram para ir, enquanto os restantes comiam e bebiam alguma coisa. Bebendo um gole de água, Charlie sacou do rádio que tinha no cinto.

— Equipa C, daqui Equipa A — disse ela, num tom claro, mas discreto. — Atingimos o primeiro ponto de repouso. Nada a reportar. Escuto.

Houve uma pausa breve e depois a voz de Helen estrepitou no seu auscultador.

— Aqui também. Mantém-te em contacto. Escuto.

Charlie baixou o volume e contactou a equipa de Hudson, que também pouco tinha a reportar. Virando costas aos colegas, a inspetora adentrou na floresta, com o olhar a percorrer o seu verde viçoso. Os outros sentiram-se gratos pelo descanso, uma oportunidade para desanuviar a tensão, partilhando algumas piadas, mas Charlie não se sentia com disposição para conversa fiada. Na verdade, sentia-

se tremendamente ansiosa.

O que não deixava de ser natural, disse a si mesma, já que varriam a floresta à procura de um suspeito de homicídio. Mas era mais do que isso. Charlie tinha a sensação de que, ali, eram eles o lado mais fraco, que a presa deles tinha uma vantagem. Por mais silenciosos que se esforçassem por ser, o esmagar dos ramos e o arrastar do solo denunciava-os a quem conhecesse bem a floresta. Na verdade, já tinham perturbado inúmeros pássaros, anunciando a sua presença a quem se ocultasse ali perto.

Charlie disse a si mesma que estava a ser paranoica, mas desde o início que se sentia observada. Em diversas ocasiões pareceu-lhe sentir uma presença por perto — ao lado, logo atrás, no arbusto à esquerda. Virara-se, na esperança de apanhar o observador, mas deparara-se apenas com a floresta. Estaria a enlouquecer? Ou alguém — ou algo — andaria por ali a observá-los?

— Sargento-inspetora Brooks.

Charlie deu um salto, assustada com a súbita intrusão. Voltando-se, deu com um dos agentes fardados a olhar para ela.

— Os rapazes estão prontos a partir quando quiser.

— Claro.

Charlie tentou manter a sua postura profissional, mas o agente percebeu que a assustara. Com o coração a bater descompassadamente, ela indicou aos seus colegas da Divisão de Investigação Criminal que seguissem os agentes fardados. Estava na altura de retomar a caçada.

Seguiram caminho, com Charlie na dianteira, enquanto se espalhavam para cobrir a mais vasta área no mais curto espaço de tempo. Aos poucos, a batida do coração dela começou a abrandar, o suor na testa a diminuir, mas a sensação de que estavam a ser observados não se afastou. Pelo contrário, torturava-a, com a sua mente a dar luta a um pressentimento de que ela e a equipa corriam perigo.

Mas nada mais havia a fazer que não fosse seguir em frente, pelo que caminhou ousadamente, olhando para um lado e para o outro, enquanto a chuva marcava o ritmo da sua ansiedade.

Ela estava à espera da altura ideal, do momento certo para atacar.

Emilia fingira-se envolvida numa acalorada conversa telefónica, deixando-se ficar no seu carro enquanto a receosa Janice Smith saía de casa e percorria apressadamente a rua. Deu-lhe algum avanço e depois saltou do carro na sua peugada. Emilia adorava seguir pessoas — agora, era boa nisso — e a tarefa dessa manhã apresentava alguns desafios. A nervosa mulher de meia-idade avançava com rapidez, mas não fazia ideia de que era seguida. E mais, estava sozinha.

Daí a nada, estavam na rua principal, com Janice a dar os bons-dias a uma conhecida, antes de rumar ao Sainsbury's. Emilia seguia logo atrás, fingindo-se interessada nas revistas, enquanto Janice hesitava na secção de frutas e legumes. Mas a funcionária florestal acabou por avançar, embrenhando-se mais no supermercado. E então Emilia revelou-se, servindo de sombra à sua presa, até Janice Smith se encontrar sozinha num corredor.

Estava na secção de congelados, um lugar onde os clientes evitavam demorar-se devido ao frio. Isso servia na perfeição a Emilia — não queria público — e ela avançou com determinação para intercetar a mulher, que não desconfiava de nada.

— Janice?

Baralhada, a mulher ergueu o olhar das ervilhas congeladas.

— Desculpe?

— Janice, chamo-me Emilia Garanita. Repórter principal da secção de Crime no *Southampton Evening News*. — Entregou-lhe um cartão profissional. — Importava-se de trocar umas palavrinhas comigo? Sei que sofreu um choque profundo. — A mulher ficou especada a olhar para ela, estupidificada. — Há ali um café. Posso oferecer-lhe um chá,

algo para comer, talvez?

Emilia retirou gentilmente as ervilhas da mão de Janice e voltou a depositá-las na arca.

— Como é que sabe...? — balbuciou, por fim, Janice.

— A polícia emitiu um comunicado oficial — mentiu Emilia, baixando a voz ao prosseguir —, indicando o nome da vítima, as circunstâncias do homicídio...

Nada daquilo fora previamente planeado, surgira com naturalidade, o que agradou imenso a Emilia. Era sempre capaz de mentir espontaneamente e com absoluta convicção.

— Eu não, eu...

— Janice, calculo que seja difícil falar no assunto. Ontem, sofreu um choque terrível, algo para o qual não estava minimamente preparada. Não é de estranhar que ainda esteja a tentar lidar da melhor maneira com isso. Eu teria a mesma reação, acredite. — Pousou uma mão reconfortante no seu braço. — Mas é melhor falar nestas coisas. E, para ser sincera consigo, é melhor que o faça já. A história já corre, o que significa que a imprensa vai querer saber quem encontrou o corpo, o que fazia lá. Receio que vá ser alvo de um considerável interesse... — Janice Smith pareceu horrorizada face a tal perspetiva. — E a melhor forma de se proteger, a si e ao seu marido, é partilhar a história o mais depressa possível. Assim que estiver feito, está feito. Não haverá mais nada para os jornalistas e eles seguirão em frente. Não são estúpidos...

Janice estava claramente hesitante, chocada com a abordagem súbita de Emilia, mas também parcialmente convencida com o argumento dela.

— Não sei ao certo se posso... — Respirava de modo cada vez mais acelerado, parecia desorientada, perturbada. — Não sei bem se quero falar disso. Foi tão horrível...

— Eu sei, mas confie em mim, Janice. Vai sentir-se melhor. Ora, eu ajudo-a com isso... — Pegou no pesado cesto de compras de Janice. — E vamos tomar um chá. A mim, já me caía bem.

Terminara. A batalha estava ganha. Uma abalada Janice deixou-se ser conduzida pelo corredor na direção do café. Pareceu

simultaneamente nervosa e grata pelo apoio. Emilia deu-o de bom grado, confiante de que Janice Smith lhe ia dar exatamente o que pretendia.

Charlie espreitou para o relógio e ficou desanimada ao descobrir que já haviam passado várias horas. Era perto do meio-dia e o esforço deles ainda não dera frutos. As três equipas já seguiam bem embrenhadas na floresta, espalhadas por uma área ampla de bosque virgem; porém, embora persistente, a busca não estava a ter resultados — não conseguiam localizar o percurso de Campbell para a clareira nem quaisquer indícios do paradeiro do seu agressor. A cada passo determinado parecia evaporar-se mais uma réstia de otimismo — Charlie percebia que a equipa se encontrava fria, desalentada e, acima de tudo, encharcada, com a chuva persistentemente a desabar sobre o infortunado grupo.

Alguns dos batedores que seguiam atrás começavam a arrastar os pés, e Charlie sabia que estava na altura de parar para almoçar, para dar à sua equipa enlameada algum tempo para se secar. Mas algo a impedia. Seria simplesmente frustração? O seu desejo de ter algo positivo a comunicar? Ou seria aquela vozinha dentro dela, a recordá-la de que uma descoberta importante poderia estar ao virar da esquina? Já antes escutara essa voz e provara estar certa, apesar de nunca em circunstâncias tão desamparadas e desesperançadas como aquela.

Estugou levemente o passo, com a raiva a misturar-se com a determinação. Mais dez minutos. Daria mais dez minutos e depois...

De súbito, ela viu. Movimento à frente. Estava ocultado pela vegetação densa, mas teve a certeza de que vira uma forma a mover-se. Algo grande, algo escuro, a vigiar o avanço deles. Agindo por instinto, mudou subitamente de direção para o arbusto. A forma reagiu de imediato, correndo para longe. Contornando rapidamente o

arbusto, Charlie foi a tempo de vislumbrar uma figura alta a desaparecer no meio das árvores.

— Por aqui! — gritou Charlie por cima do ombro, com os olhos fixos na forma em retirada. — Suspeito às 14 horas.

E desatou a correr por entre as árvores, desviando-se dos obstáculos, desesperada por não o perder de vista. Por um momento terrível, achou que desaparecera, mas depois detetou um fugaz movimento à direita, seguido pelo grasnido sonoro de um faisão. Agora, Charlie tinha algo na mira e lançou-se para a frente. Toda a sensação de cansaço se evaporara — estava concentrada, plena de energia.

A forma em fuga conhecia bem a floresta, mudando repentinamente de direção, sempre a desaparecer de vista, antes de reaparecer de súbito bem mais à frente. Mas Charlie manteve o ritmo, agarrando o rádio numa mão e o bastão extensível na outra, enquanto saltava por cima de ramos caídos espalhados pelo solo do bosque cerrado. De repente, pressentiu que Martin — só podia ser ele, certo? — em breve seria detido, que não haveria escapatória apesar da vantagem natural que levava.

Desviando-se de um ramo baixo, deparou com um pequeno regato. Saltou por cima sem dificuldade, aterrando graciosamente do outro lado. Ao fazê-lo, olhou em redor à procura de sinais do vulto em fuga, mas não viu nada. Onde raio se enfiara?

Tap, tap, tap. Charlie paralisou, certa de que ouvira algo. Sim, ali estava de novo. Algures no arvoredo tranquilo, ouviu passos a afastarem-se. Concentrando-se, tentou localizar o som. Virou-se lentamente, seguiu a direção do rio — e, então, viu-o. Ou, pelo menos, a sua sombra, na margem do regato. Com cautela, avançou um passo na sua direção, e depois mais outro. E, de repente, ele voltou a partir. Apesar de ter sido tão cuidadosa, fora detetada.

Charlie recomeçou a correr, lançando-se pela margem do ribeiro, encurtando os metros que a separavam da sua presa. Estaria ele a ficar cansado, ou ter-se-ia magoado? De uma forma ou de outra, estava certa de que o ia alcançar. Agarrou bem o bastão extensível, a postos, preparando-se para o confronto.

E prosseguiram, caçadora e presa, com todo o vigor. O fugitivo

tropeçou num tronco, permitindo a Charlie encurtar a distância... A seguir, ela própria se desequilibrou, ao prender o pé numa toca de coelho. Caiu no carreiro, arranhando palmas das mãos e joelhos no solo áspero. Mas nem deu a si mesma hipótese de parar, levantando-se imediatamente. Correu em frente, contornando um carvalho enorme, antes de deparar com uma parede densa de giesta.

O fugitivo desaparecera de vista, mas Charlie achava que ele tinha seguido por aquele lado. E, ao avançar, avistou uma abertura na barreira aparentemente intransponível. Era suficientemente larga para um adulto se espremer por lá e revelava-se uma rota de fuga apelativa. Agachando-se para evitar os piores espinhos, Charlie forçou a passagem.

O arbusto era grande e cerrado e arranhava-a, mas ela acabou por conseguir desenvencilhar-se — indo dar a uma pequena clareira. Estava sozinha; no entanto, para sua surpresa, viu uma habitação na ponta mais distante: perfeitamente camuflada, mas visível do ponto onde se encontrava.

Charlie olhou prudentemente em volta da clareira. Era o local perfeito, cercado por vegetação densa por todos os lados, para alguém se esconder. Mesmo que houvesse caminhos naquela parte da floresta, seria fácil percorrê-los sem nunca dar por aquele discreto local. Mas onde se encontrava o seu ocupante? Ter-se-ia recolhido para o interior? Ou estaria escondido nos arbustos, à espera da altura certa para atacar?

Ouviu-se um ligeiro crepitar no rádio dela. Charlie hesitou e depois baixou o volume. Não ia arriscar-se a denunciar a sua presença e, além disso, não fazia ideia de onde se encontrava, mesmo que quisesse pedir ajuda. Erguendo o bastão, avançou com passos cautelosos para a cabana, que, percebia agora, fora construída apenas recorrendo a matéria-prima apanhada na floresta. A estrutura e o telhado eram de madeira, havendo peles de animais penduradas nas portas e janelas, escondendo o interior da vista. No exterior, suspenso sobre um fogo lento, havia um pequeno tacho, contendo uma espécie de papas de aveia. Em redor, num círculo perfeito que parecia proteger o tacho, havia uma série de estacas, que exibiam orgulhosamente futuras

refeições. Um coelho esfolado encontrava-se pendurado na mais próxima, a sua carne lívida e rosada, o seu olho vidrado a fitar Charlie. Na estaca seguinte, um par de pássaros, com as patas atadas, os bicos tocando-se como que num abraço. E, para lá disso, havia algo que se parecia com uma doninha, com a boca escancarada como que prestes a rir.

A visão provocou-lhe um arrepio na coluna, perturbada com a presença da morte. Explorando cautelosamente a clareira com o olhar, avançou, na esperança de vislumbrar o seu fugitivo, mas ele permaneceu oculto. Avançou um passo na direção da cabana. E depois mais outro. De repente, algo se ergueu cravando-se-lhe na barriga das pernas. Charlie soltou um uivo de dor, com o bastão a cair-lhe da mão, enquanto cambaleava desnorteada, antes de conseguir endireitar-se. Olhando para baixo, ficou horrorizada ao ver que pisara uma armadilha. A mola fora ativada e as suas terríveis garras de metal estavam cravadas em torno da sua perna.

Baixando-se, tentou enfiar os dedos entre a carne e o metal. A dor era insuportável, com a pressão a parecer intensificar-se a cada segundo, mas a armadilha resistiu, troçando das suas tentativas de a abrir. Tentou de novo, pressionando a carne... mas era impossível.

Foi quando tomou consciência de outra coisa. Passos aproximavam-se dela. Instintivamente, deitou a mão ao bastão, mas foi demasiado lenta. Uma bota afastou-o, atirando-o para o matagal. Num movimento reflexo, Charlie levantou-se para se defender.

E deu por si cara a cara com Nathaniel Martin.

Joseph Hudson virou-se rapidamente. Tinha a certeza de que tinha ouvido qualquer coisa — algo que lhe soara a um grito humano. Mas teria sido mesmo isso? A floresta transbordava de aves, raposas e veados, cujos gritos e cantos frequentemente pareciam de dor, até de desespero. Era fácil ser-se enganado naquele ambiente misterioso... e, no entanto, o seu instinto dizia-lhe que se tratara de um grito de alarme genuíno.

— Equipa A, daqui Equipa B — chamou num tom áspero, apertando o botão de transmissão no seu auscultador. — Conseguem ver a sargento-inspetora Brooks? Escuto.

— Negativo — foi a resposta pronta do inspetor Bentham. — Achámos que ela avançava para nordeste, mas perdemo-la junto a um ribeiro. Escuto.

Hudson desligou, espreitando com atenção à sua volta. A floresta parecia trocar dele, turvando-lhe a mente com sons e paisagens desconhecidos, mas sabia que tinha de se manter concentrado. Se Charlie virara a norte na perseguição a um suspeito, então isso tê-la-ia trazido até ali. O grito seria dela? Estaria a ser atacada? Fazendo sinal à equipa para que o seguisse, Hudson tomou uma decisão, cortando para sul na direção de Bentham e dos seus colegas, numa busca desenfreada pela sua líder.

Porque é que ela saíra a correr daquela maneira? Ele sabia que a Equipa de Incidentes Graves tinha fama de agir primeiro e fazer perguntas depois — influência de Grace, sem dúvida —, mas, ainda assim, era uma loucura, tendo em conta que se tratava de terreno desconhecido. Para ele, só poderia haver uma explicação para tal imprudência — Charlie Brooks avistara Nathaniel Martin e estava

determinada a não o deixar escapar. Mas até onde a levaria a sua perseguição desesperada?

Avançou com passos firmes, à escuta de mais gritos... mas imperava o silêncio. Agora teria de agir por instinto, adivinhando de onde lhe parecera que o som proviera, e avançou com a equipa.

— Olhos e ouvidos bem abertos — rugiu-lhes. — E mantenham-se juntos.

Não precisavam que lhes dissesse duas vezes. Hudson percebeu que os seus colegas estavam também desesperados por encontrar Brooks, mas nenhum se mostrava desejoso de imitar a impetuosidade e o risco dela, acabando sozinho num local desconhecido da floresta.

Afastando os seus próprios medos, Hudson seguiu em frente, observando o bosque à sua volta. Estava assustado, mas também excitado. A adrenalina percorria-lhe o corpo, tinha os sentidos a todo o gás. Apesar de aflito — por Brooks, pela sua equipa —, havia uma parte dele entusiasmada por estar envolvido numa perseguição. Entediara-se com a rotina de vida familiar em Liverpool — sempre as mesmas caras, sempre os mesmos crimes — e candidatara-se à Esquadra Central de Southampton na esperança de se envolver em situações como aquela. Era a vida no limite. Era ali que ser polícia fazia a diferença.

Já passara muito tempo desde que se sentira revigorado pela sua profissão, mas era assim que se sentia hoje. E, agora que se tratava de uma questão de vida ou de morte, Joseph Hudson estava determinado a fazer com que a sua presença marcasse a diferença.

— Charlie, daqui Helen... Consegues ouvir-me? Escuto.

Helen dispensara as formalidades, chamando repetidamente Charlie pelo nome. Mas, tal como antes, recebeu apenas silêncio como resposta. Onde poderia ela estar? E porque é que não respondia? Talvez tivesse deixado cair o rádio, ou desligado o mesmo para não revelar a sua posição? A alternativa era estar a ser impedida de os contactar por algo, ou alguém. Charlie era uma agente experiente, sabia lutar, era perfeitamente capaz de tomar conta de si própria, mas de repente Helen sentiu-se muito preocupada.

la praticamente a correr, determinada a encontrar Charlie, mas consciente da necessidade de manter a equipa consigo. Por muito que se sentisse preocupada com a sua velha amiga, não podia de maneira nenhuma perder um dos seus, deixando-o isolado e vulnerável. No trabalho policial, era preciso lidar com o que se tinha pela frente, o que se podia influenciar, e Helen sabia que tinha de manter o grupo unido durante aquela obstinada caçada.

Embrenharam-se ainda mais na floresta. Helen já perdera a orientação — o mapa revelara-se desadequado para o propósito e o seu GPS debatia-se por acompanhar o ritmo, mas a aplicação *Compass* do *iPhone* ajudou-a a aferir mais ou menos a direção e apontou para norte. Com Hudson a rumar a sul, tinha a esperança de que acabariam por convergir para Charlie, mas era difícil manter a confiança num ambiente tão desconhecido. Podiam perder-se por completo, perder Charlie — com consequências potencialmente desastrosas.

Onde é que ela estava? Helen tinha a perturbadora sensação de que ocorrera algo terrível à sua velha amiga. Inesperadamente, surgiu-lhe na mente uma imagem de Jessica, a única filha de Charlie e sua afilhada, mas afastou-a. Se a sua amiga estava em perigo, tinha de se manter alerta, tinha de controlar os seus medos. Não valia a pena

imaginar o pior até se ser confrontado com ele.

O carreiro tornava-se menos nítido e, por instinto, Helen rumou à esquerda. A floresta parecia menos densa naquela direção, o que significava que podiam manter um progresso estável. Ouvia alguns elementos da sua equipa a tropeçarem, a correrem com esfoço atrás de si, já cansados, mas Helen incitou-os a prosseguirem. Foi então que avistou, por entre os arbustos à sua frente, terreno limpo — uma espécie de clareira que nunca vira antes. Baixando-se, abriu caminho por entre os arbustos espinhosos e emergiu num espaço aberto — para estacar de pronto, espantada com o que via à sua frente.

A morte visitara aquela parte remota da floresta — um corpo caído de bruços no meio da clareira. Mas não era da sua colega e amiga. Na verdade, nem sequer era humano. Quando o resto da equipa se juntou a ela, Helen observou o pónei tombado rígido e sem vida no solo da floresta. Era difícil pensar que algo — ou alguém — pudesse chacinar por iniciativa própria um animal tão gracioso, mas haviam-no feito. O cavalo estava estendido de lado, a olhar placidamente para as copas das árvores, com três setas de besta violentamente cravadas no seu flanco.

Curvando-se, Helen foi acometida por um acesso súbito de raiva, de tristeza. Havia algo no cavalo caído de bruços que lhe parecia profundamente errado, como se alguém tivesse matado um unicórnio. Os cavalos selvagens que pastavam na floresta eram parte integrante do seu habitat, ajudando a manter os bosques em bom estado. Não faziam mal a ninguém e encantavam os visitantes da New Forest. Mas alguém abatera aquele, deixando-o a apodrecer no coração da floresta. O cavalo ainda não se começara a decompor, pelo que em princípio fora morto recentemente, mas já se viam os primeiros sinais de decadência. Faltava uma boa porção de carne a uma das patas do cavalo, provavelmente levada por uma raposa. Também havia larvas a desenvolverem-se nas feridas, enquanto as moscas zumbiam por cima dos olhos, narinas e boca, à cata de alimento.

Endireitando-se, Helen virou-se para o inspetor Reid.

— Fica aqui e comunica. Precisamos da Meredith Walker aqui o mais depressa possível.

Reid assentiu, pegando no seu telemóvel e segurando-o bem alto no ar, tentando desesperadamente captar rede. Helen, entretanto, indicou aos outros que seguissem para norte. Charlie estava em perigo e a cada segundo multiplicavam-se as possibilidades de lhe fazerem mal.

O relógio não parava.

Uma pinga de suor escorreu pela face de Charlie. O seu captor mal abrira a boca desde o seu aparecimento súbito, limitando-se a mirá-la enquanto avaliava a situação de apuros em que ela se encontrava. Se estaria a apreciar o sofrimento dela ou a tentar descortinar os motivos da sua intrusão, foi algo que ela não percebeu. A expressão dele era desprovida de emoções.

— Sou a sargento-inspetora Charlie Brooks — disse bruscamente, ignorando a dor latejante na perna. — Estou aqui com dezenas de outros agentes da polícia de Hampshire...

— Então, onde é que eles estão? — replicou ele, calmamente.

— Aqui, na floresta — insistiu Charlie, apontando à sua volta.

— É um lugar muito grande...

O tom de voz dele era conhecedor, até triunfante. Passando por Charlie na direção da cabana, deteve-se junto a um bloco de madeira. Charlie já reparara no machado, tendo-se assustado com a sua grande lâmina. E ainda mais agora que Martin o segurava, brincando um pouco com ele, antes de o cravar no cepo. Charlie retraiu-se com o impacto, vendo, assustada, o machado a abrir a madeira ao meio.

— Por agora, acho que somos só nós os dois.

— É isso mesmo, Nathaniel, e gostaria de conversar consigo.

Martin reagiu, parecendo confuso, até um pouco zangado.

— Aqui não há ninguém com esse nome. Esse tipo morreu há muito...

— Oh, se prefere que lhe chame outra coisa...

— Chiu...

Ele levou o dedo aos lábios ao sibilar a sua ordem.

Depois, agarrou no machado, arrancando-o da madeira. Estava de

costas para ela e Charlie aproveitou para enfiar dois dedos no bolso do casaco. O rádio dela estava lá guardado e se conseguisse carregar no botão de transmissão...

— Eu fico com isso.

Charlie paralisou. Nem sequer estava a olhar para ela, mas, de algum modo, percebeu. Voltando-se, avançou na direção dela. Numa mão transportava o machado, a outra estendeu-lha, gesticulando para que obedecesse. Sem desviar o olhar da lâmina, arrancou o rádio do bolso e entregou-lho. Deixando-o cair no chão, ele pisou-o, uma, duas vezes, fazendo-o desintegrar-se com o peso do seu ataque.

— E o resto?

Voltou a apontar para ela.

Ela levou a mão ao interior do casaco.

— Com cuidado...

Deliberadamente devagar, retirou do bolso o spray de gás-pimenta e depois o crachá da polícia.

— Isso mesmo.

Cheirou rapidamente o spray, mas atirou-o rapidamente para o lado, concentrando-se antes no crachá dela. Olhou para a fotografia e depois retirou o cartão de apresentação dela da carteira.

— Sargento-inspetora Charlene Brooks. Equipa de Incidentes Graves...

Enrolou-se com as três últimas palavras, enquanto enfiava o cartão no bolso. De pronto, surgiram na mente de Charlie memórias do brutal ataque dele a um agente da polícia — instantâneos do crânio fraturado do jovem.

— O que anda aqui a fazer tão longe, Charlene?

O modo como pronunciou o nome dela foi perturbador. Por um lado, quis gritar e berrar, mas a armadilha não a deixava mexer-se e não havia forma de chegar ajuda antes de o machado a atingir. Precisava de o manter a falar.

— Andava à sua procura.

— À minha procura...? Porque é que haveria de fazer isso?

Virou-se para ela. Charlie sentiu o olhar fervente dele, o desejo de a intimidar, mas enfrentou-o, recusando-se a mostrar medo.

— Por ter sido morta uma pessoa na floresta.

Não valia a pena disfarçar. Ele perceberia as mentiras.

— Isso surpreende-a?

A pergunta dele, sem dúvida, deixou-a perplexa. Contava com uma negação fervorosa ou uma admissão tácita de culpa.

— Sim.

— Pois a mim não.

— Não entendo...

— Olhe à sua volta, inspetora Brooks, a prova está debaixo do seu nariz.

O olhar de Charlie saltou de Martin para o machado, para os animais sem vida cravados em estacas de madeira.

— Estamos cercados. A mãe sofre...

— Refere-se à floresta?

— A mãe sofre, tal como os seus filhos. Eles cortam-nos, cortam, cortam, cortam...

O machado balançou para trás e para a frente, compassado com a sua raiva.

— Cortar, queimar, cortar, queimar. A mãe era bela, mas agora é feia, foi desfigurada. A podridão começou há muito tempo...

Aproximou-se um passo. Charlie tentou arrastar-se para trás, mas as garras de metal prenderam-na ao chão.

— Isto tudo é por causa disso? Quer proteger-se? Proteger a floresta?

Tudo o que ela dizia servia para reprimir o medo que sentia, mas também para o manter em contacto com ela.

— Toda a gente tem o direito de se defender. Contra intrusos.

Tinha os olhos fixos nela, mas Charlie não desviava o olhar do machado. Sentia-se um alvo e não tinha como se defender.

— Foi por isso que o fez? Que tomou por alvo o Woodland View? Por terem invadido o seu território?

A expressão dele mudou, uma reação ao nome do parque de campismo, e depois agachou-se, para se pôr ao nível dos olhos dela. Estendeu a mão na sua direção e Charlie recuou por instinto, a contar que ele lhe agarrasse a cabeça e a despedaçasse. Só que, em vez disso,

ele passou um dedo enegrecido pela face dela.

— É o que se faz na natureza, Charlene. Quando se detetam parasitas... — O dedo deteve-se na boca dela, forçando os seus lábios a abrir com uma unha imunda. — ... Exterminam-se.

O s espinhos arranhavam-lhe a face, cortando-lhe a pele. Helen parou, hesitante, arrependendo-se da sua decisão de mergulhar nas roseiras-bravas que lhe bloqueavam o caminho. Contendo a dor, desemaranhou-se com cuidado e depois passou os dedos pelo pescoço e pelas faces. Estavam manchados de sangue fresco, vivo e carmesim. Limpando-os ferozmente às calças, agarrou o arbusto, arrancando os ramos agressivos para abrir passagem.

Seguiam num ritmo desesperado, mas a cada curva a floresta deixava-os frustrados. Primeiro, depararam com uma lagoa demasiado profunda para atravessar a vau. Depois, um dos agentes fardados torceu o tornozelo, levando a que fosse necessário ficar para trás com um dos seus colegas. O grupo cada vez mais pequeno não se deixou abater, mas os arbustos e os galhos vergastavam-nos, atrasando o seu progresso, desafiando-os a desistir da perseguição. Era uma opção que não estava em cima da mesa, mas o moral afundava-se rapidamente.

Não havia sinais de Charlie nem da sua equipa. O grupo de Hudson também permanecia longe da vista, pelo que Helen voltou a pegar no rádio que levava no cinto.

— Equipa B, aqui Equipa C. Qual é a vossa localização? Escuto.

Seguiu-se uma longa pausa e depois a voz de Hudson estrepitou para a vida.

— Incerta. Seguimos para sudeste durante uns 20 ou 25 minutos. Não há sinais da agente Brooks nem da sua equipa. Escuto.

— Conseguem identificar algum ponto de referência. Algo que sirva para vos situar? Escuto — replicou Helen, em desespero.

— Tivemos agora mesmo de contornar uma lagoa grande. Perdemos aqui algum tempo... mas era demasiado profunda para atravessar.

Segundo o mapa, acho que se chama Florian's Cup, mas não dá para ter a certeza. Escuto.

Helen praguejou por entre dentes. Estava convencida de que se tratava da mesma lagoa que a sua equipa recentemente circundara — rumando na direção oposta.

— Parem onde estão. Sigam para leste. É a única área que não tentámos. Escuto.

— Entendido. Escuto Gesticulando para o resto da equipa, Helen deu a volta, seguindo de novo na direção de onde tinham vindo. Ouviram-se uns resmungos abafados, mas Helen não quis saber. Graças à sua incompetência, tinham deixado Charlie ficar mal, perdendo-a no arvoredor, para enfrentar sozinha o seu destino. Dispunham de uma derradeira oportunidade para marcar a diferença, uma última área do bosque para explorar, e ela não descansaria enquanto não o fizessem.

Era agora ou nunca.

Charlie contorceu-se no chão, tentando desesperadamente manter o seu captor à vista. Ele circundava-a vagarosamente, deleitando-se com o medo dela. Tinha o machado descontraidamente assente no ombro com a lâmina virada para cima.

— Por favor, não me faça mal... — Martin não disse nada, prosseguindo indolentemente o seu círculo. — Tenho uma filha, uma menina... — O captor acenou com desdém com a mão, como se tal não fosse minimamente importante. Charlie sabia que Martin não tinha filhos e estava de relações cortadas com os pais. — Não fiz nada de mal... — gemeu ela, já em desespero.

— Mas invadiu uma propriedade, agente Brooks. Esta é a minha casa — replicou ele, apontando para a cabana camuflada. — É uma intrusa. E a lei diz que me posso defender contra intrusos, não é?

Quando Martin se deteve diante dela, Charlie sentiu o espigão do medo a perfurá-la.

— Por favor, Nathaniel, olhe para mim...

Martin abanou rapidamente a cabeça, querendo mostrar que aquele não era o seu nome.

— Sou um ser humano, uma mãe... — Vincou a última palavra, na esperança de que gerasse algum efeito nele. — E estou desarmada. Não há qualquer lei, natural ou outra, que possa justificar fazer mal a alguém à sua mercê.

O seu discurso era precipitado, mas tinha, desse por onde desse, de perfurar as defesas dele. No entanto, Martin pareceu inamovível, encolhendo ao de leve os ombros enquanto avançava um passo na direção dela.

— Mas os papéis agora estão invertidos... — Enquanto falava,

ergueu a perna direita, pressionando com força a canela esquerda de Charlie. — Vocês andam há anos a desgastar-me aos poucos.

O tornozelo de Charlie estava preso, imóvel, com a dor a intensificar-se gradualmente conforme Martin aumentava a pressão. Mais uma pressão forte e o tornozelo dela partiria. A dor era intensa, deixando Charlie zozza e prestes a perder os sentidos.

— Por favor... — murmurou ela.

— Maltrataram-me, atacaram-me...

— Por favor, Nathaniel, não faça isto...

— ... torturaram-me. Faz ideia daquilo por que passei?

Charlie seria capaz de adivinhar — quem quer que batesse com uma barra de ferro num agente da polícia poderia contar com uma temporada difícil na prisão.

— Lamento se o magoámos — disse Charlie, ofegante. — Mas não fui eu, eu nunca...

— Nunca o quê? Veio aqui para me prender, não foi?

— Sim, mas...

— Assim sendo, não é melhor do que os outros. — Aplicou todo o seu peso sobre a perna dela. Charlie tentou resistir, mas a dor e a pressão eram insuportáveis. — E vai pagar por isso — prosseguiu ele, furiosamente.

Charlie arquejou de dor e terror. A qualquer instante o seu tornozelo partiria e o machado abater-se-ia sobre a sua cabeça. Então, era assim — chegara o dia que tanto temera. E, de repente, gritos. As vozes estavam próximas, mas ela não conseguia identificar onde.

— Sargento-inspetora Brooks? — Martin deteve-se, aligeirando por instinto a pressão na perna dela. — Sargento-inspetora Brooks, consegues ouvir-me?

Charlie reconheceu a voz de Hudson.

— Estou aqui — gritou Charlie. — Estou aqui! — Martin virou-se para ela, furioso. Aquele inferno só deles fora violado e ela já não estava à sua mercê. — Estou aqui, ajudem-me, por favor!

Responderam-lhe diversas vozes, sempre com o volume a aumentar. Ouviam-se agora corpos a esmagar os arbustos. Martin lançou-lhe um olhar furioso, com uma raiva pura a contorcer-lhe a expressão. Sem

aviso, cuspiu-lhe na cara. A seguir, ergueu o machado sobre a cabeça, mas, assim que o fez, Hudson irrompeu na clareira, com um ar determinado e pleno de vigor.

De pronto, Martin largou o machado e fugiu. Correndo velozmente pela clareira, o fugitivo atravessou as peles de animais e entrou na cabana, desaparecendo de vista. Charlie viu-o partir, com o alívio a tomar conta dela.

Sobrevivera.

Um momento de hesitação e de seguida Joseph Hudson correu na direção da sua colega. Outros membros da sua equipa ainda emergiam de entre a vegetação, sem fôlego e confusos, perturbados com o que viam à sua frente. Era como se tivessem tropeçado no coração sombrio da floresta.

— Estás bem?

Charlie assentiu em silêncio. Baixando o olhar para avaliar os ferimentos, retraiu-se ao pegar nas terríveis mandíbulas metálicas cravadas em redor do tornozelo esquerdo dela.

— Tirem isto imediatamente — rugiu ele para um par de agentes à paisana, que se apressaram a ajudar. Endireitando-se, Hudson abarcou os restantes com um gesto. — Os outros vêm comigo.

Atravessaram velozmente a clareira. Hudson vira Martin a largar o machado e a correr para dentro da cabana. Sabia que era seu dever apanhá-lo, mas abrandou ao aproximar-se do seu refúgio. Não fazia ideia do que poderia encontrar lá dentro e não podia arriscar-se a pôr-se a si e aos colegas numa situação de perigo. Imaginava Martin à espera dele, com a besta engatilhada e a postos, e não desejava de maneira nenhuma estar na mira da mesma.

— Espalhem-se. Formem um círculo.

Reid, Osbourne e os restantes agentes obedeceram, cercando a residência erigida com o que havia à mão. Martin não tinha por onde escapar — a única questão era saber se seria derramado sangue antes de ele ser detido. Arrancando o rádio do cinto, premiu o botão de transmissão.

— Equipa C, daqui Equipa B. Temos o suspeito encurralado, mas não o vemos. Devemos avançar ou aguardar? Escuto.

Uma breve pausa e depois ouviu-se a voz de Helen.

— Se for seguro, apanhem-no. Escuto.

— Entendido. Estamos numa clareira cinco minutos a leste da lagoa.

A agente Brooks está ferida, mas a salvo. Escuto.

Desligando, Hudson devolveu a atenção à cabana.

— Nathaniel, sou o sargento-inspetor Hudson. Está cercado. Tem um minuto para sair, com as mãos atrás da cabeça. — Foi brindado com silêncio. — Se até então não tiver obedecido, não teremos outra hipótese senão detê-lo pela força? Compreendeu?

Ainda nada. Estaria Martin a transpirar lá dentro, acobardado e a equacionar a rendição? Ou estaria a erguer a besta? Hudson esperava com todas as suas forças que fosse a primeira hipótese.

— Tem 30 segundos, Nathaniel.

Hudson lançou uma espreitadela à inspetora Lucas, que parecia tão tensa quanto ele. Mentalmente, Hudson encetou uma contagem decrescente. Dez, nove, oito, sete...

Mas ele sabia que Martin não ia sair, com o tempo a esgotar-se sem sinais de movimento no interior. Preparando-se, avançou lentamente. Os outros agentes seguiram-no imediatamente, acercando-se da cabana. Fazendo-lhes sinal, em silêncio, para que se posicionassem ao lado, fora da linha de fogo, Hudson avançou mais um passo na direção da entrada, onde uma pele de um animal grande se encontrava suspensa diante de uma abertura na estrutura de madeira. Agarrando com cuidado a parte inferior da pele, Hudson abriu-a de repente, lançando-se de pronto para a esquerda, escudando-se da vista no outro lado do caixilho de madeira.

Mas o esperado contra-ataque não se concretizou. O que faria ali dentro Martin? Estaria acorocado? Encolhido a um canto? Seria possível ter-se suicidado para evitar a captura? Esticando o pescoço para lá da ombreira da porta, Hudson tentou espreitar para o interior da habitação. Mas a escuridão era quase impenetrável e distinguiu apenas sombras. O que deveria fazer, manter-se quieto ou mudar de posição? Seria mais seguro aguardar, mas levaria uma eternidade até chegar uma unidade armada, mesmo que encontrassem a clareira. Além disso, algo lhe dizia que aquele era o seu primeiro grande teste.

Precipitou-se para o outro lado da entrada, aguentando incólume. Pouco via também desse lado, pelo que se virou para a inspetora Lucas, sussurrando:

— Segue-me, e mantém-te abaixada...

Articulou em silêncio uma contagem decrescente e depois rodou para dentro da cabana, mantendo a cabeça baixa. Estava agachado, pronto para saltar, com o bastão extensível bem agarrado... mas a cabana estava vazia.

Nathaniel Martin evaporara-se.

«Louco à solta na floresta.»

Não era o seu título mais inspirado, mas serviria para o gasto. Quer fosse alguém da terra a preparar um fim de semana na floresta ou um turista a chegar para uma semana de campismo, era impossível não se assustar com a manchete do *Evening News*.

Emilia contara com algo sumarento, mas o testemunho de Janice conseguira surpreendê-la. Voltara rapidamente para a redação e enviara uma mensagem de texto a David Spivack, a sua toupeira na morgue da Esquadra de Southampton, para confirmar a identidade da vítima, antes de telefonar a Gardiner para lhe dizer para aguentar as dez primeiras páginas. Com agrado, ele aceitara, suspendendo o resto para assegurar que a história obtinha o impacto máximo. Graças a Janice Smith, Emilia tinha um conhecimento pormenorizado dos factos — a localização, a arma utilizada —, já para não referir uma horrível descrição do corpo na primeira pessoa. Emilia aprimorara-se nesse aspeto, prolongando-se em detalhes do cadáver, cravejado de flechas, pendurado ao abandono naquela clareira sinistra. Tivera de recorrer, naturalmente, à sua veia criativa, já que ela própria não visitara o local do crime, mas isso não se revelara um problema. Embelezamento e exagero eram duas das suas armas preferidas. O seu editor ficara deleitado, e demonstrara-o com uma viril palmada nas costas, o que, assumiu ela, seria a sua versão de um elogio.

Emilia estava agora desejosa de capitalizar o seu sucesso, certa de que haveria mais a extrair daquela história extraordinária. O assassino ainda permanecia à solta, na posse de uma arma com tanto de invulgar como de letal — quem poderia garantir que não voltaria a atacar? Iriam esmiuçar as preocupações dos campistas, controlo legal sobre bestas, especulação quanto ao motivo, etc., mas o principal seria a caça ao assassino. Gardiner já aprovara o destacamento de uma

linha telefónica especial para dicas ou informações relativas ao perpetrador, enquanto Emilia atualizara a sua página de *Facebook* e iniciara uma tendência no *Twitter* na sua própria conta: #assassinonewforest. Soava bem. Com alguma sorte, tornar-se-ia um repositório de boatos, especulações e até pistas, assim como um espaço para se promover a si própria ao largar umas migalhas apetitosas relativas à investigação policial em curso.

Ela conseguia imaginar o que a inspetora-chefe e os seus colegas fariam com aquilo. Ultimamente, andava de bem com a polícia local, uma breve trégua depois da sua provação às mãos de Daisy Anderson. Mas sabia que a sua decisão de escrever um livro sobre a assassina adolescente não caíra bem na Esquadra de Southampton, pois despertara fantasmas que lá prefeririam ver banidos. Como é que reagiriam agora, com Emilia a revelar aquela história antes mesmo de a polícia emitir sequer um comunicado à imprensa? *Tss, tss*, pensou Emilia. *O primeiro milho é dos pardais...*

O editor sem dúvida receberia o habitual telefonema a recordar-lhe as suas responsabilidades. E a própria Emilia também passaria a ser ignorada. Seria acusada de sensacionalismo, de propagar o medo, mas não se preocupava com isso. Se a polícia não estava preparada para proteger a população, para a avisar de que havia um assassino entre eles, então cabia aos jornalistas honestos fazer isso por eles. Observando uma vez mais a manchete, Emilia sentiu-se extremamente satisfeita.

Era jornalismo de serviço público no seu melhor.

— A polícia está a apelar a pessoas que tenham testemunhado o fogo posto na igreja de Cromwell Road. No mês passado já ocorrera um incidente similar na sinagoga de Duke Street. Por todo o lado, moradores de Bitterne Park e Harefield vão reunir-se com a polícia para que lhes sejam asseguradas condições de segurança na sequência de uma onda de assaltos em...»

Foi mudando de estação, interrompendo o pivot que lia as notícias. Por hoje, já lhe bastava de más notícias, pelo que optou pelas ofertas musicais, detendo-se na Heart Extra. Inofensiva, pirosa e animadora — era tudo aquilo de que ela precisava.

Afastando-se, Lauren Scott abandonou a proteção do coreto e regressou para junto do namorado, que se esforçava por montar a tenda sob a chuva copiosa. Há imenso tempo que Matteo insistia com ela para que acampassem, e ela de início resistira, contrapondo antes com um fim de semana em Roma. Estava farta de tendas e, além disso, sonhava com algo mais surpreendente, mais exótico. Mas Matteo era teimoso e lá acabara por a vergar. Agora, contudo, ela estava com dúvidas — assim que chegaram, começou a chover a cântaros, e uma viagem que, na teoria, parecera romântica arriscava-se a tornar-se um fiasco ensopado.

Enfrentando os elementos, avançou furtivamente na direção dele, puxando-lhe a manga. Matteo cantarolava alegremente para si mesmo, apesar do dilúvio, mas parou ao ver a expressão dela.

— Está tudo bem, querida?

— Sim... — respondeu Lauren, com cautela, para não rebentar a bolha de felicidade dele. — Estava só aqui a pensar se isto será boa ideia, tendo em conta o tempo...

— Estou quase a acabar — disse ele, com um sorriso animado.

— É que, de acordo com a previsão, é provável que chova durante

toda a noite.

— A tenda é novinha em folha. Não deve haver problema.

— E a temperatura já está a baixar.

— Então, temos de nos enroscar ainda mais, não é?

Pôs-lhe a mão na cintura dela, puxando-a para si.

— Larga-me, estás todo molhado.

Mas Matteo ignorou-a, dando-lhe vários beijos encharcados nos lábios. Lauren tentou libertar-se, mas sem grande empenho, e rapidamente cedeu, abraçando-o. Beijando-a uma vez mais, Matteo afastou um cabelo do rosto dela.

— Sabes bem que passei a semana ansioso por isto; que queria passar uma noite contigo sob as estrelas — murmurou ele. — Mas, se quiseses ir para casa, vamos já. Diretos. Porque eu amo-te... — Voltou a beijá-la. — E quero que sejas feliz. — Roubou-lhe mais um beijo. — Por isso, diz-me o que queres fazer...

Lauren olhou para ele e depois para a tenda cuidadosamente montada. Matteo comprara-a no fim de semana — uma tenda estupidamente cara para quatro pessoas — e estava em pulgas por experimentá-la. O seu entusiasmo fora mais do que notório — parecia um rapazinho a caminho de um acampamento de escuteiros — o que a deixou agradada e sensibilizada. Matteo fizera tanto por ela, sacrificara tanto para ela conseguir reerguer-se, que era muito bom vê-lo a fazer algo por si próprio, para variar. Nem sequer aquele tempo horrível lhe abalara o estado de espírito. Chovia a potes, mas Matteo estava alegremente encharcado, tendo previamente prometido libertar-se da roupa — e da dela — assim que entrassem na tenda.

— OK, só desta vez — cedeu ela, relutante. — Mas, para a próxima, fazemos uma pausa numa cidade...

— Palavra de escuteiro — disse Matteo, com uma piscadela de olho, largando-a para completar a tarefa.

Ela, na realidade, não teve escolha, apesar do frio e da chuva. Matteo teria respeitado a sua palavra, teria empacotado de pronto as suas coisas se ela insistisse em regressar a casa. Mas como é que poderia fazer-lhe isso, depois de tudo o que ele fizera por ela? Salvá-la, não havia outra forma de pôr as coisas. Quantas vezes ao longo da

sua vida ela se odiara verdadeiramente e, no entanto, ali estava com um homem que a amava, a apoiava, que acreditava nela. Era vertiginoso e enternecedor, quase a levando a acreditar em finais felizes. Daí estar preparada para disfarçar os seus receios e passar uma noite com ele na floresta. Talvez não devesse ter tanto medo, nem ser tão negativa.

Talvez, afinal, tudo fosse correr bem.

— Tens a certeza de que estás bem?

Helen encontrava-se agachada junto a Charlie, que se abrigara debaixo de uma árvore, enroscada no casaco de Hudson. Finalmente, vira-se livre da armadilha, mas as terríveis mandíbulas tinham deixado marcas. A perna de Charlie estava bastante ferida e ela estava notoriamente abalada.

— Estou bem, a sério.

— Os paramédicos vêm a caminho. Vão levar-te para o South Hants para um check-up e depois segues diretamente para casa.

— Eu disse que estava bem...

— Mal consegues andar, Charlie. E apanhaste um susto valente! Por isso, não te estou a pedir. Precisas de tempo para recuperar. — Helen mostrava-se firme, mas a sua culpa não lhe permitia o contrário. Do que relatara inicialmente do seu encontro com Martin, Charlie escapara por pouco. — Basta de discussões, por favor.

Charlie assentiu com a cabeça, grata com a preocupação de Helen. Afagando-lhe o ombro com afeto, Helen levantou-se e cruzou a clareira na direção da cabana. Indicou ao resto da equipa que não deveria tocar em nada — Meredith chegaria em breve ao local —, ordenando-lhes antes que inspecionassem as redondezas do bosque, em busca do fugitivo. Provavelmente, já teria partido há muito, mas se descobrissem a direção que ele tomara talvez conseguissem retomar a perseguição. Com toda a franqueza, ninguém tinha forças ou vontade de o fazer, mas tinham de tentar.

Detendo-se na soleira da cabana, Helen observou a impressionante construção de Martin. Não havia cimento, nem aço, nem tijolos — nada de materiais fabricados pelo homem. O telhado e uma estrutura de madeira eram suportados por colunas inteiramente em barro, providenciando um casulo perfeito à prova de água onde viver. Havia

pequenas aberturas para janelas, tapadas por peles de animais, que podiam ser deslizadas para deixar entrar luz e ar. Era uma obra interessante, mas o seu interior ainda era mais impressionante. Aventurando-se a entrar, o olhar de Helen incidiu nos móveis e equipamentos dentro da cabana. Havia uma banheira num canto, aparentemente em madeira, e uma cama robusta noutro canto. Avançando até lá, Helen testou o colchão, que, com surpresa, constatou ser feito com folhas compactadas. Abanando a cabeça face ao engenho dele, Helen observou o resto dos pertences de Martin — bagas conservadas em frascos, mantas de lã grossa e diversas obras sobre ecologia, amarelecidas e gastas — antes de se virar para apreciar a alteração mais impressionante. Ao fundo da cabana, junto à parede traseira, encontrava-se um buraco fundo. Uma pele de animal, que presumivelmente o ocultara, fora afastada, permitindo a Helen enfiar lá a cabeça e espreitar para o abismo. O buraco era, na verdade, a boca de um túnel, que fora muito bem escavado. Alto, largo e suportado por vigas de madeira, era sem dificuldade suficientemente grande para um homem com mais de um metro e oitenta correr por ali fora.

Martin previra a chegada daquele momento e planeara tudo em função disso. Eleanor Brown achara que o seu antigo amor perdera a cabeça, mas aquele pensamento estratégico sugeria o contrário. Violento, errático, talvez pouco sensato, Martin era nitidamente um adversário tortuoso e perigoso, que não devia ser encarado com ligeireza. Apesar de uma forte presença policial na floresta, conseguira fugir-lhes.

Enquanto Helen passava os olhos pela residência espartana, sentiu uma vez mais o peso do seu fracasso. Foram diretamente ao alvo na floresta, mas era tudo o que se podia dizer em relação à operação matinal. Tinham sido violados protocolos, uma agente fora deixada em perigo e o que é que tinham alcançado? Não havia ali troféus do crime de Martin, nem qualquer prova evidente que o ligasse ao homicídio de Campbell. Nem sequer havia sinais da sua besta. Pior do que tudo, não havia sinais do próprio Martin.

Naquele preciso momento, andava à solta, escondido na floresta, a

postos para voltar a atacar.

Ele permaneceu completamente imóvel, o seu corpo rígido com a

tensão. Os seus perseguidores estavam próximos, tão próximos que quase poderiam estender o braço e tocar-lhe.

Amaldiçoou-se pela sua estupidez. Divertira-se tanto com Brooks que ficara cego face ao perigo que o rodeava. Ela não estivera a fazer *bluff* sobre os seus colegas e, pouco depois, meia dúzia deles irrompera na sua clareira. Felizmente, ainda era rápido a reagir e as cautelas deles deram-lhe tempo para escapar.

Aproveitando o seu avanço, correrá pelos carreiros que só ele conhecia, mudando frequentemente de direção para despistar os perseguidores. Mas não fazia ideia de quantos seriam, nem se se arriscaria a deparar com uma segunda vaga de agentes. Assim, na primeira oportunidade adequada, pusera fim à sua impetuosa investida por entre os arbustos. Vivera tempo suficiente naqueles bosques para identificar inúmeros esconderijos, registando-os para o dia em que deles necessitasse. Sentiu-se grato, agora, por essa providência, enfiando-se no interior da casca de uma árvore apodrecida há muito caída e colonizada por outras plantas da floresta. Aconchegando-se no buraco, puxou a folhagem em volta para se tapar. E, depois, esperou.

De início, não apareceu ninguém. Durante algum tempo, atreveu-se a acreditar que tinham desistido da perseguição. Mas, depois, ouviu ruídos. Vozes sussurradas, passadas pesadas, o estrepitar de rádios. Até que, lentamente, apareceram à vista — um grupo de agentes, quatro, talvez cinco, a avançar com firmeza.

Vasculharam o arvoredo com o olhar, esquadrinhando o terreno, observando os arbustos, subindo até às copas das árvores. Pareciam

tenso, como se temessem um ataque. Por um lado, teria todo o gosto em dar-lhes esse prazer, mas as possibilidades não estavam a seu favor e ele já experienciara a brutalidade da polícia. Assim, permaneceu onde estava, a observar e à espera.

O grupo estava apenas a uns 30 centímetros do seu esconderijo. Se se tivessem virado e inspecionado a vegetação, sem dúvida tê-lo-iam encontrado. Mas permaneceram envolvidos numa conversa animada, debatendo o rumo a tomar a seguir. Um deles afastou-se, virando na sua direção. Discretamente, Martin fechou os olhos. Estava vestido de verde e castanho, cores da floresta, e encontrava-se perfeitamente camuflado para aquele local. Mas o branco dos seus olhos ainda poderia denunciá-lo, pelo que os manteve muito bem fechados. Ouvia a sua própria respiração, a sua batida do coração — ambas lhe pareciam monstruosamente amplificadas. Mas manteve-se calmo, susteve a respiração e foi presenteado com o som de passos a afastarem-se.

Ainda assim, optou por manter os olhos fechados, imaginando-se a dissolver-se no tecido da floresta. Ao fazê-lo, sentiu uma onda de poder, de confiança. Os seus perseguidores não tinham laços com a floresta, não faziam ideia de como tirar proveito da mesma. Ele tinha — e usaria isso a seu favor, misturando-se homoganeamente com o que o rodeava.

Já há muito que a floresta era o seu lar. Agora, seria a sua salvadora.

Meredith Walker arrepiou-se ao olhar em volta. Ao longo da sua carreira, já marcara presença em muitos locais de crime invulgares, mas nenhum como aquele. O céu zangado ainda lhes cuspia, com a água a abater-se pesadamente sobre as folhas empapadas, e a temperatura baixara a pique com a chegada da noite. Compreendeu então que se vestira de modo muito leve para a missão, com o seu fato forense a manter afastada a chuva, mas não o frio arrepiante.

O Sol mergulhara para lá do horizonte, pelo que tiveram de montar focos de luz para iluminar a clareira. Os raios intensos projetavam sombras bizarras por todo o lado — a floresta, por norma tão bela, revelava-se sinistra e ameaçadora. O pingue, pingue, pingue constante da chuva, as correrias precipitadas nos silvados, o pio ocasional de uma coruja, tudo servia para sublinhar a sensação de isolamento de Meredith. Havia outros agentes presentes, mas hoje Meredith sentia-se insignificante, como que cercada por todos os lados por algo poderoso e maligno.

— Como é que se está a sair?

Apesar de, regra geral, ela não apressar um colega de profissão, Graham Ross estava a revelar-se invulgarmente lento. Ele gostava de desenvolver um trabalho meticulado, recordando a toda a gente que o Diabo estava sempre nos detalhes, mas, na opinião dela, ele vagueava desnecessariamente, fotografando repetidamente o pobre animal.

— Só mais algumas — disse ele, sem erguer o olhar, contornando o cavalo para obter um ângulo melhor. Contendo um suspiro, Meredith observou-o até ele terminar. Acabou por se virar para ela, com um largo sorriso estampado no rosto, enquanto guardava a sua máquina fotográfica. — É todo seu.

Meredith sentiu-se grata por alguém conseguir manter-se animado. Já ela, pelo contrário, dedicou-se à sua tarefa com um aperto no coração. Aquela não era, por norma, a sua área, mas não tinham um veterinário na lista de funcionários, pelo que recaíra em si a tarefa de recuperar as provas. Enfiando as luvas de látex, ajoelhou-se junto ao cavalo. O solo amaciara consideravelmente nas últimas horas e os seus joelhos afundaram-se, sugados pela lama voraz. Ela não tinha a preocupação de eventualmente contaminar o local — a sua observação inicial não revelara quaisquer marcas evidentes de pegadas, o que não a surpreendia tendo em conta que o pônei já teria sido morto há vários dias, quando o tempo estava quente e o terreno duro. Nem sequer encontrara quaisquer vestígios de tecidos, objetos descartados ou excreções evidentes, pelo que as pistas mais interessantes encontrar-se-iam, sem dúvida, no interior — com as três setas de besta salientes no flanco direito do cavalo.

Parecia impossível que alguém pudesse fazer algo daquele calibre, algo tão nefasto. Meredith sempre tivera um fraco por animais, possuíra imensos quando era criança. Que tipo de pessoa poderia pôr-se sobre um cavalo tombado de bruços e disparar mais um par de flechas? O animal estaria extremamente perturbado — desorientado e com dores —, mas não fora demonstrada qualquer piedade. Que tipo de excitação alguém retiraria disso? De chacinar deliberadamente uma criatura tão dócil e bela?

Contendo a sua repugnância, Meredith enfiou os dedos no ferimento. A fissura ensanguentada suspirou discretamente e ela abriu-a, mergulhando no interior. As pontas dos dedos seguiram a extensão da haste, até dar com a ponta. Era farpada, tal como esperava, e teve de recorrer a toda a sua força para a libertar. O pônei estava já em absoluto *rigor mortis*, com a carne rígida a apertar as terríveis flechas. Com paciência e método, Meredith posicionou os dedos com cuidado para não se cortar nas arestas afiadas. Acabou por conseguir exercer pressão, libertando a seta do ferimento e guardando-a num saco de provas. Detendo-se, endireitou-se e afastou-se uns passos do corpo, para segurar a seta contra a luz.

Era de ferro, com uma superfície áspera e irregular. Apesar de ser

difícil ter a certeza devido ao sangue, a seta parecia ser de fabrico caseiro, porventura fundida a partir de várias fontes, tendo em conta as arestas e os altos na haste e na ponta. Além disso, a forma da flecha era familiar a Meredith. Uma ponta afiada e fina e depois uma rebarba curva de ambos os lados, desiguais em comprimento e forma. Reforçou a ideia que já tinha de que não se tratava de algo fabricado numa fábrica. Teriam de fazer mais exames no laboratório, mas, na sua opinião, não restavam dúvidas de que aquela flecha fazia parte do lote das que tinham sido usadas em Tom Campbell dois dias antes.

Arrepiada, Meredith olhou à sua volta. Parecia improvável, mas era verdade. Algo demoníaco percorria a floresta. Alguém cruel e impiedoso. Alguém que permanecia à solta. Lançando um olhar circunspeto à floresta cheia de sombras, retomou o trabalho, ansiosa por concluir as suas investigações.

De repente, desejou poder estar em qualquer outro lugar que não aquele.

— Que raio aconteceu?

— A culpa, estupidamente, foi toda minha — mentiu de pronto Charlie. — Perseguíamos um suspeito e fiquei com um pé preso numa toca de coelho.

— Fizeste isso numa toca de coelho?

Steve apontou para o curativo que cobria a parte inferior da perna de Charlie. Ela acabara de regressar do hospital South Hants e, apesar de ter tido alta, a sua perna ligada era um triste espetáculo. Estava a descansar na cama, com Steve debruçado sobre ela.

— Mal consegues pousar o pé no chão.

— Foi só um mau jeito. E uma grande fonte de vergonha — respondeu Charlie, na brincadeira, juntando a sua melhor tentativa de sorriso enquanto mudava de posição.

— Quem era esse tipo que perseguias?

— Não posso dizer.

— Era perigoso?

— Potencialmente, mas não estava sozinha, por isso não era um problema.

Charlie detestava mentir a Steve, mas sabia que ele se passaria se soubesse da gravidade da situação em que se envolvera. Martin contaria efetivamente fazer-lhe mal, até matá-la? Ou estaria, apenas, a brincar com ela? Charlie não sabia e, com toda a sinceridade, nem queria pensar no assunto. Apesar do par de horas a descomprimir nas Urgências, sentia-se profundamente abalada com a experiência, constantemente a recordar as ameaças de Martin na sua mente. A imagem do seu esgar era difícil de afastar.

— E então, como é agora? Vais tirar uns dias?

— Vou ver como me sinto pela manhã.

Pela sua reação, Steve percebeu que estava a ser ludibriado, que

Charlie encontraria uma forma de ir trabalhar. Ele ia a reagir quando a conversa foi interrompida pela chegada de Jessica, que trazia um par de bonecos de peluche.

— Ei, o que andas a fazer a pé? — repreendeu-a, gentilmente, Charlie.

— Trouxe-te os ursinhos — respondeu Jessica, com simplicidade. — Para te ajudar a dormir.

Charlie ficou emocionada. Desvalorizara a gravidade do seu ferimento a Steve e Jessica, retratando-se como uma vítima da sua patetice, mas, à sua maneira, ambos tinham ficado assustados com o seu aspeto quando apareceu a vacilar à porta, contendo as dores. Na verdade, apesar dos fortes analgésicos, ainda lhe doía muito a perna, latejando violentamente por baixo do curativo.

— É muito querido da tua parte, amor.

Sorrindo, Jessica entregou-lhe os ursos e depois puxou o edredão para trás.

— Ei, o que é isso?

— Hoje quero dormir contigo.

— Tens a tua cama.

— Mas eu quero...

Charlie hesitou, olhando de esguelha para Steve, que encolheu os ombros, deixando a decisão nas mãos dela. Jessica tinha de dormir na sua própria cama — era essa a regra. Ceder agora, vergando-se à tirania dos terrores noturnos, seria um grande erro. Um erro que poderia levar dias, ou até meses, a corrigir. Mas Charlie não se sentia capaz de enfrentar mais uma noite de gritos, não depois de tudo por que passara na floresta.

— Mas só hoje — cedeu Charlie, permitindo à filha de 4 anos que se aninhasse junto dela.

Sabia que estava a ser fraca e que iria arrepender-se — três numa cama nunca permitia um descanso repousado. Mas hoje estava disposta a abrir uma exceção.

Hoje, queria dormir agarradinha à filha.

O olhar dele nunca se desviou dela enquanto Helen percorria a divisão. Ela deteve-se por uns breves momentos para conversar com Ellie McAndrew e depois regressou para junto da equipa. — Obrigada a todos pelo vosso esforço hoje. Tanto eu como a sargento-inspetora Brooks estamos naturalmente reconhecidas. Ela deve regressar amanhã para junto de nós, em forma, e lá vamos nós de novo. Obrigada.

Hudson baixara o olhar, não querendo ser apanhado a olhar para ela. Mas, quando ela se apressava para o seu gabinete, voltou a erguer os olhos, vendo a sua silhueta esbelta a afastar-se, até desaparecer de vista.

— Vocês já se podem ir embora — anunciou Helen enquanto fechava a sua porta. — Eu trato do que possa aparecer.

Os agentes ali presentes murmuraram os seus agradecimentos e começaram a reunir os seus pertences. Joseph Hudson queria parecer generoso — estava ciente de quão cansados, ensopados e enregelados estavam—, mas estava também ansioso por sublinhar que era ele quem mandava na ausência de Helen e Charlie. A experiência ensinara-lhe que era importante para ele enquanto novo sargento-inspetor impor-se, com calma, mas em pouco tempo, para que as pessoas percebessem que não seria manipulado ou ignorado só por ser novo. Era uma das razões que o levava a permanecer até tão tarde nas últimas noites — não iria ser ele a revelar-se um elo fraco.

Porém, havia outro motivo para tal. Quando a equipa saiu, Hudson devolveu a atenção ao seu computador. Durante o dia de trabalho não havia tempo para pesquisas pessoais; por um lado, devido à carga de trabalho, por outro, devido ao risco de ser apanhado. Já depois das

horas de expediente, o assunto era outro. Abrindo a janela no computador, olhou para os resultados da busca. Uma lista longa de operações, todas elas com a mesma agente responsável. Espantou-o que Helen Grace tivesse resolvido tantos casos complexos, mas os relatórios assim o confirmavam, sublinhando o heroísmo, o altruísmo e a dedicação demonstrados até chegar a uma conclusão bem-sucedida.

Os extensos relatórios sobre as investigações às mortes de Jake Elder, Max Paine e Amy Fawcett eram particularmente interessantes não só pelo que revelavam sobre a vida privada de Helen, como também por lançarem alguma luz sobre a complexidade do seu relacionamento com o seu único parente ainda vivo — Robert Stonehill, que agora cumpria pena na prisão de Winchester. Arderia o ódio dele tão intensamente como sempre? Teria Helen sido capaz de o perdoar? Manteriam o contacto? Perguntas, perguntas, perguntas...

Os relatórios policiais eram escritos numa prosa seca e oficial e, nas suas longas noites de trabalho, Hudson muitas vezes trocara a base de dados da polícia pelo *Google*. As histórias que encontrou eram muito mais sensacionais e cativantes — «A Inspetora e o Dominador», «O Inferno da Prisão da Inspetora», «24 Horas de Carnificina em Southampton» —, mas, na verdade, ele já sabia os pormenores de cor. Fizera questão de se preparar diligentemente para a entrevista com Helen, caso ela o abordasse em relação aos seus casos antigos, para ver se o intimidava ou embaraçava, ou caso se tornasse claro durante a entrevista que havia áreas que ela pretendia expressamente evitar. A preparação acabara por se revelar meritória — a entrevista decorreria tranquilamente e ele obteve o emprego que desejava —, mas levou a que as suas buscas agora se revelassem repetitivas.

Continuou a peneirar, tentando todas as variações do nome dela, tanto o real como o adotado, assim como palavras-chave relacionadas com o historial pessoal e profissional dela. Mas deparou sempre com uma parede de tijolo, dando por si redirecionado para artigos que já lera uma série de vezes. Havia outras fontes de informação que poderiam ter-se revelado frutuosas, mas eram aliadas próximas de Helen — a sargento-inspetora Brooks e, segundo uns rumores, a

superintendente Simmons — e muito dificilmente iriam abrir-se com ele. Assim sendo, tudo o que lhe restava fazer era peneirar e ter esperança, dando voltas e voltas em círculos cada vez mais pequenos.

Estava na hora de sair, sabia isso, mas ainda assim Joseph Hudson permaneceu sentado. A sensação de fracasso era algo novo para ele, despertando emoções complexas. A sua caçada era persistente, tenaz, mas a sua presa permanecia elusiva. Se a infame inspetora-chefe queria mesmo permanecer um enigma, estava a sair-se bem, disso não havia dúvidas. Naturalmente, não controlava o que os outros escreviam sobre si, mas resguardava ciosamente a sua privacidade. Não tinha dependentes, nem interesses, nem causas que defendesse, nem eventos onde marcasse presença com regularidade. Não tinha *Facebook* nem *Twitter*, e, aparentemente, nem o seu telemóvel estava registado — uma violação das regras da polícia a que os superiores pareciam fazer vista grossa. Não tinha qualquer pegada profissional, fosse online ou na vida real, com o seu gabinete a contar apenas com pastas de trabalho e louvores oficiais. Isso frustrava-o e intrigava-o e, se queria ser honesto, também o excitava um pouco.

Helen deixou-se ficar no seu gabinete, com a porta fechada e os estores corridos.

Por norma, deixava a porta aberta, para promover o fluxo livre de informação, mas hoje necessitava de refletir. Aquele gabinete acanhado era o seu santuário, um lugar onde se refugiava quando precisava de alguma calma no meio de uma tempestade. Com frequência, Charlie juntava-se a ela para analisarem minuciosamente as pistas e reverem os seus progressos, mas ela estava em casa, depois de receber alta da parte dos médicos do hospital. Uma pisadura feia, talvez uma ligeira entorse, mas nada que a impedisse de regressar ao trabalho. Helen sentiu-se grata por isso — tinha a inquietante sensação de que a investigação se desviava imenso do seu eixo. Precisaria da perspectiva e do apoio da amiga nos dias que aí vinham.

Um maço de *Marlboro Gold* jazia semioculto por uma pasta de um caso na sua secretária. Helen sentiu-se tentada a pegar nele e ir até ao pátio. Mas andava a tentar cortar e estava determinada a não coroar um dia desastroso cedendo a uma tentação. Charlie ficaria bem, o que era uma bênção, mas o resto correria da pior maneira. É verdade que tinham descoberto o refúgio de Martin — os cães da polícia tinham agora o seu cheiro e havia duas unidades a percorrer a floresta à procura dele —, mas o homem continuava à solta e Helen tinha a impressão de que seria difícil de localizar. Era possível que vivesse na floresta há 18 meses, sendo avistado fugazmente e apenas quando o desejava. Ele, mais do que ninguém, saberia como desaparecer nas profundezas da floresta, como disfarçar o seu odor, como se camuflar no ambiente que o rodeava. Se desejasse desaparecer por uns dias, até semanas, que hipóteses teriam eles de o encontrar?

Levantou-se e caminhou pela divisão, furiosa e frustrada. Hoje, tinham estado tão perto de apanhar Martin, mas escapara-se-lhes por entre os dedos. Sem dúvida, ele afigurava-se um entrevistado imprevisível e agressivo, mas Helen, ainda assim, teria adorado tê-lo diante de si. Havia muitas perguntas para ele responder — sobre os seus comportamentos no passado, as razões do seu desaparecimento na floresta, e claro, a sua captura de Charlie. Helen queria muito saber as justificações dele.

Não havia dúvidas de que Nathaniel Martin encaixava bem no homicídio de Tom Campbell. Já antes visara Woodland View — Charlie testemunhara a sua forte reação à menção do nome — e mostrava um comportamento instável, violento e até perturbado, travando uma luta solitária contra aqueles que profanavam a Mãe Natureza. Era um homem adepto de viver do seu engenho, fabricando tudo o que precisava a partir de coisas que encontrava. Era verdade que preferia matérias naturais, mas havia objetos de ferro no seu terreno — tachos, utensílios — e não era de descartar completamente que pudesse ter fundido alguns para fabricar uma arma mortífera.

E, no entanto, havia pontos que perturbavam Helen, coisas que argumentavam contra a culpa dele. Segundo Charlie, Martin dispusera da oportunidade de confessar os seus crimes, mas não o fizera, apesar de a ter completamente à sua mercê. Mais do que isso, não havia provas concretas de ter na sua posse a arma do crime. Naturalmente, poderia tê-la levado com ele, a par de algumas setas, mas, se andasse ele próprio a fabricar esse armamento, seria de esperar que se encontrassem no local algumas ferramentas, alguns vestígios do fabrico, certo? Poderiam, obviamente, ter sido feitos noutro local, mas Martin não era itinerante — o seu acampamento teria levado muito tempo a erigir, e os frascos de conserva de fruta, a bem concebida «casa de banho» e a cama confortável indiciavam que já ali viveria há algum tempo. Assim, onde estavam as provas do seu aparelho mortífero?

Mais do que isso, era o pónei assassinado que preocupava Helen. Martin tinha um longo historial de violência e não tinha problemas em matar para comer — as lebres mortas e as doninhas empaladas no

seu acampamento sugeriam um caçador eficiente. No entanto, uma vez mais, havia contradições. Aqueles animais pareciam ter sido apanhados em armadilhas em vez de abatidos com um disparo e, além disso, não havia nada de perverso ou invulgar em Martin tê-los por alvo. Há séculos que os residentes nas florestas caçavam lebres.

Mas o pônei era diferente. Martin estava empenhado em pôr o relógio a andar para trás — a sua filosofia declarada de regresso ao estado selvagem implicava que vivesse como os antepassados pré-industriais. Na prática, isso significava adaptar-se às características da floresta, seguindo o seu exemplo, comendo o que era providenciado — bagas, cogumelos, vegetais, tubérculos e ervas — e caçando o que havia disponível, uma ou outra lebre, ave ou esquilo. Os pôneis faziam parte do tecido da floresta, parte do seu ritmo natural e regenerativo, com o seu pastoreio itinerante a proporcionar um serviço natural de poda que mantinha a floresta saudável. Atacar um pônei poderia efetivamente ferir a Mãe Natureza e ir de encontro aos principais dogmas da filosofia de Martin.

Na perspetiva que ele tinha do mundo, colhia-se o que era necessário para a sobrevivência. A profanação ou destruição indiscriminada não fazia parte do seu léxico. Matar o cavalo não lhe serviu qualquer propósito — não foi retirada carne ou pele; os seus cascos, dentes ou cauda permaneceram intocados. Era um elemento inofensivo e útil da comunidade da floresta — por isso, qual teria sido o interesse em matá-lo?

Era possível que Martin tivesse usado os cavalos para aprimorar a sua perícia na caça. Afinal de contas, matar um ser humano era um desafio diferente de caçar lebres com armadilhas. Isso fazia mais sentido a Helen. O cavalo teria sido o alvo para treino, poderia ter sido até um passo necessário na via do homicídio — Martin a testar o seu fervor matando um cavalo, antes de escalar para abater uma vida humana. Mas, ainda assim, o conhecimento de Helen do credo e das crenças de Martin fê-la hesitar. Martin era louco, sem dúvida, mas a sua presença contínua na floresta e a sua troca de palavras com Charlie sugeriam que a sua crença na importância de proteger a Mãe Natureza permanecia forte como sempre.

Assim sendo, estariam eles certos ao achar que Nathaniel Martin era o autor do crime? Ou seria possível que algo ainda mais sinistro, ainda mais maligno, fosse responsável por aquele crime hediondo?

— Por favor, Deus, deixa-me acordar. Por favor, Deus, deixa-me acordar...

Ela repetia o mantra com sufoco, rezando para que fosse transportada daquele terrível pesadelo, de volta à sua tenda, de volta a Matteo... Mas, quando abriu os olhos, ainda se encontrava no inferno.

Lauren tremia, agarrando-se com força a si própria. Sentia os ossos gelados, a sua t-shirt e cuecas ensopadas da chuva, e estava atormentada pelo terror. Fechando uma vez mais os olhos com força, gemeu baixinho, em desespero.

Porque é que aquilo lhe estava a acontecer? O que é que se passava? Depois de uma noite maravilhosa com Matteo, deixara-se adormecer. Quando acordara, gelada e confusa, estava em plena escuridão. Inicialmente, pensara que a tenda pudesse ter sido levada pelo vento. Depois, contudo, percebera que estava no coração da floresta, cercada por árvores imponentes e vegetação viçosa. Chamara por Matteo — uma, duas, três vezes —, mas em vão. De início, o silêncio fora a resposta, o leve assobio do vento a servir de única companhia à sua aflição. Agora, porém, ouvia passos.

Voltou-se, arquejando de alívio, na esperança de ver Matteo. Mas a visão que a saudou fez-lhe gelar o sangue. Um vulto alto de capuz encaminhava-se diretamente para ela. De tão escuro que estava, mal se via o contorno — estava perfeitamente camuflado —, e muito menos se lhe via o rosto. Ela percebeu, com toda a certeza, porém, que pretendia fazer-lhe mal.

— Foge! — gritou-lhe ele.

A ordem foi rugida. De pronto, ela virou-se e fugiu, embatendo de imediato no arbusto mais próximo. Espinhos picaram-na nos braços e coxas, mas ignorou a dor intensa e correu em frente, sem parar. Não

imaginava para onde se dirigia, nem de quem fugia, mas o instinto revelou-lhe que qualquer hesitação seria fatal. Tinha de escapar. Mas como, se não fazia ideia de onde se encontrava? A floresta oprimia-a — sempre que partia disparada numa direção, deparava com uma parede sólida de vegetação. Correndo para outra, tropeçava num obstáculo escondido ou avistava-o, a caminhar tranquilamente na sua direção.

Refreando o terror que a dominava, deu luta, agarrando-se à folhagem, abrindo um caminho para prosseguir. Mas o seu corpo parecia revoltar-se contra ela — a cabeça latejava, a garganta estava seca, os pulmões ansiavam por oxigénio. Estava em boa forma e saudável, por isso, o que a levava a sentir-se tão mal? Era isso o que o terror provocava nas pessoas?

Avançando aos tropeções por entre o silvado, distinguiu um carreiro à sua frente e lançou-se para lá. De imediato, o seu pé direito atingiu algo sólido e deu por si a cair. Bateu com a cabeça em algo pontiagudo, ao mesmo tempo que uma dor lancinante lhe atingiu o joelho. Chocada e confusa, olhou em redor — para descobrir que tropeçara numa raiz exposta, magoando, na queda, o joelho esquerdo num dos tentáculos da árvore.

Os olhos encheram-se de lágrimas quando a dor se apoderou do seu corpo, levando-a a sentir-se nauseada e fraca. Ainda assim, conseguiu levantar-se a custo e coxear em frente, determinada a seguir caminho. A cada passo, tentava ir mais depressa, ignorando o joelho queixoso, esforçando-se por avançar na escuridão.

Mas ele agora estava perto, ela sentia-o. Aproximara-se, estaria provavelmente naquele preciso momento a preparar-se para atacar. Tolhida pelo medo, Lauren de repente tinha de saber. Queria ser capaz de se defender. Ou, se Deus estivesse do seu lado, de enganar a morte. Esticou o pescoço para espreitar por cima do ombro e voltou a tropeçar.

Separavam-nos apenas uns 15 metros. O vulto, que estivera envolvido pela escuridão, encontrava-se agora iluminado pela Lua que se libertara das nuvens. Lauren abrandou um pouco, desesperada por saber quem era o seu perseguidor. As roupas dele eram verde-escuras,

possivelmente pretas, e uniformes, reluzindo ao luar. O capuz era de um material similar, mas era o seu conteúdo que interessava a Lauren. Quem era aquele tipo?

Espreitando para o vazio, Lauren arquejou de espanto e horror. O seu caçador não tinha um rosto humano. Ela não distinguia quaisquer feições, com a exceção de dois olhos enormes que pareciam lâmpadas.

— Por favor, não...

Foi tomada pelo pavor. O que era aquela coisa? Algum espírito maligno? Uma sombra erguida do Inferno para a atormentar? Convencida agora de que se encontrava presa num pesadelo real, seguiu atabalhoadamente em frente, desesperada por se distanciar do perseguidor. Mas o desespero furtava-lhe a esperança, com o medo a sobrepor-se à sua vontade de sobreviver. Era caçada por algo monstruoso, algo irreal.

E contava que a qualquer momento a morte se abatesse sobre si.

Ela puxou pela moto e avançou ao longo da estrada desimpedida.

Depois de um dia difícil, Helen queria impor alguma distância entre si e a Esquadra de Southampton. Não era o desejo de chegar a casa que a incentivava — lá, seria incomodada pelas mesmas perguntas sem resposta —, mas uma sede de velocidade. Quando acossada por todos os lados, Helen por vezes recorria à dor para expiar a sua ansiedade, mas noutras ocasiões optava pela adrenalina que apenas a velocidade proporcionava. Já era tarde e as estradas estavam vazias, permitindo a Helen uma corrida até casa.

Ao deixar a sala de operações, ligara à superintendente Simmons. Revelara-se útil pô-la a par de tudo, mas a conversa não permitira a Helen mitigar os seus receios ou levar a outras conclusões, pelo que acabara por se dirigir ao estacionamento. Pouco tempo depois já estava na circunvalação, inclinada para fazer frente ao rugido do vento, obedecendo ao movimento das curvas. Tinha 15 anos quando conduziu pela primeira vez uma moto — 30 anos decorridos e ainda lhe dava pica.

Mas não era imprudente nem obcecada por velocidade. Puxava imenso pela moto, e pelo corpo, mas mantendo sempre o controlo, arriscando apenas a sua vida enquanto rasgava a estrada. Mantinha os sentidos alerta, sempre a verificar o caminho à frente, assim como o que ficava para trás. E agora, ao olhar pelo retrovisor pela enésima vez, reparou em algo.

Uma moto acelerava estrada fora uns cem metros atrás de si. Não a vira quando verificara uns segundos antes e ela não abrandava há algum tempo nos semáforos, pelo que o motociclista deveria seguir a um ritmo intenso. Porque iria tão depressa? E para onde ia com tanta

pressa? Intrigada, Helen reduziu a velocidade, encostando ligeiramente à esquerda para lhe dar passagem.

Para sua surpresa, a moto abrandou, mantendo uma distância segura em relação a ela. De imediato, Helen ficou tensa. Estaria a segui-la? Reduziu ainda mais a velocidade, com os olhos colados ao espelho. O condutor reagiu, imitando-a, revelando a Helen tudo o que ela pretendia saber — exceto quem a seguia, e porquê.

Estava com os nervos em franja. Já fora perseguida vezes suficientes para não se pôr de guarda. Mas pouco poderia fazer sem saber com o que lidava, e não gostava da ideia de ser a presa de alguém, por isso, decidindo por instinto, carregou a fundo nos travões.

Isso apanhou de surpresa quem a seguia, que avançou disparado na direção dela, antes de reduzir de repente a velocidade. Mas foi demasiado tarde. A moto era de um modelo popular indeterminado, mas Helen reconheceu o capacete e o inconfundível anjo alado na lateral. Era Joseph Hudson.

A mente de Helen deu voltas. Do que se lembrava, ele morava de facto naquelas bandas, pelo que poderia haver uma explicação inocente para a sua presença. Talvez tivesse desacelerado por não pretender ultrapassar o limite de velocidade diante da sua nova chefe ou talvez por não querer ser reconhecido, temendo passar a impressão de que a seguia.

Mas Helen não ficou convencida com qualquer uma dessas possíveis razões. A perseguição dele não foi intimidatória; ele não a pressionara, tentando afastá-la da frente. Não, havia algo de discreto naquela perseguição, até um pouco recatado. Estaria a observá-la de longe? Talvez, mas se assim fosse, estava a ser uma perseguição meio desastrada. Seria suposto ela perceber que ele a seguia? Seria possível que o atraente sargento-inspetor a estivesse a tentar seduzir? Por muito inapropriado que fosse, Helen esperou que fosse isso e nada mais sinistro — as recordações de Robert Stonehill ainda se mantinham frescas. De uma maneira ou de outra, ela nunca seria um objeto das atenções dele — ela nunca alinhara no jogo seguindo as regras dos outros.

Abrandou ainda mais, quase até parar, e depois, quando Hudson a

imitou, acelerou outra vez. A sua moto saltou para a frente, com o ponteiro a mover-se selvaticamente no conta-quilómetros passando os 70 quilómetros por hora, 100, e depois 130. Rugindo em frente, espreitou por cima do ombro. Hudson reagira à súbita aceleração dela, mas demasiado tarde.

A corrida chegara ao fim.

Lauren lançou-se floresta adentro, nunca se atrevendo a olhar para trás, na esperança de que o seu ímpeto inflexível a fizesse escapar ao perigo. Sabia que ele ainda a perseguia, ouvia o progresso dele à medida que avançava por entre o silvado, mas, milagre dos milagres, ainda estava viva. O seu joelho doía-lhe terrivelmente; porém, nos derradeiros minutos, encontrara uma forma de lidar com isso — recomeçara a correr.

Sentia os pulmões a arder, a sua respiração era ofegante, mas continuou. Os seus olhos habituaram-se à escuridão e conseguia evitar melhor as ciladas que cobriam o caminho. Já não pensava em quem poderia estar a fazer aquilo e porquê, só queria sobreviver, voltar para junto de Matteo. Reunindo todas as suas forças, correu em frente, atrevendo-se a sentir esperança. Teria surpreendido o seu perseguidor com a sua perseverança e determinação? Seria sequer possível que tivesse aumentado a distância entre eles? A ideia espicaçou-a, e saltou facilmente sobre um tronco caído, aterrando graciosamente do outro lado.

Sentiu-se histérica, até ligeiramente eufórica. Sabia que estava ferida — as plantas dos pés estavam pegajosas e douradas, sem dúvida retalhadas por espinhos caídos no solo da floresta, mas não quis saber. Progredia, avançando pela floresta, sempre em frente, em frente, em frente. Do nada, achou de repente que poderia continuar assim para sempre, superando qualquer um, sobrevivendo.

Foi quando avistou algo. Luzes à frente. Semicerrou os olhos, temendo estar a ser enganada pelos seus sentidos. Mas não podia estar a ver mal, a floresta era cada vez menos densa. Sentiu uma vaga de esperança. Se conseguisse escapar àquela escuridão desoladora, talvez

desse com uma estrada, fizesse sinal a um automobilista, encontrasse uma casa onde se refugiar.

Não queria saber do que a seguia, só queria correr na direção da salvação. Faltavam-lhe dez metros, oito, cinco. Com um rugido triunfal, libertou-se do bosque sombrio, correndo para o prado aberto. Um pouco à sua frente havia um comprido muro de pedra, e correu na direção do mesmo, os seus pés a livrarem-se da relva húmida. Chegando lá sem dificuldade, correu em frente, vasculhando o horizonte em busca de sinais de vida.

No entanto, e sem parar de correr, o medo apoderou-se dela. Não via nada à sua frente. Nem luzes, nem formas, nada. Como é que era possível? O instinto levou-a a abrandar o ritmo e, segundos depois, estacou abruptamente.

Por momentos, sentiu que poderia cair, oscilando no rebordo de uma escarpa vertiginosa. Mas, lançando o peso para trás, endireitou-se, cambaleando ao afastar-se. Salvava-se, só que agora sentia a cabeça à roda. Não fazia ideia de que se encontrava tanto para sul na floresta — deveria estar a quilómetros do campismo. Arriscou uma nova espreitadela ao rebordo. A queda era enorme — uns 30 metros, ou mais, até ao mar agitado, que embatia violentamente nas rochas. Mas qual era a alternativa?

Virou-se, perfeitamente consciente do que ia ver. O vulto encapuzado avançava na sua direção, mas agora sem pressa. O seu perseguidor não parecia afogado nem perturbado, deslizando assustadoramente ao seu encontro, plenamente confiante na sua vitória. A tremer, ela olhou em redor, em busca de algum meio de salvação, mas não havia nada. Estava encurralada entre o demónio e o mar azul profundo.

— Por favor... — choramingou.

Mas sabia que não haveria piedade. Rodopiando, deu um passo na direção da escarpa... mas, uma vez mais, a ondulação ribombante deteve-a.

— Por favor...

Falava para si mesma, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces, mas sabia que já não valia a pena.

Chegara a hora da sua morte.

Alice olhou fixamente para o fundo da sua chávena de café, tomada por um terrível pressentimento. Apesar do sol matinal, que jorrava pelas janelas a toda a altura da parede, o líquido escuro refletia o seu estado de espírito. Sentia-se pesada, abatida, perdida na névoa.

O que haveria de fazer? O que era o mais correto? Sempre que achava ter escolhido um rumo, deixava-se levar pela hesitação, pelas potenciais armadilhas que se lhe apresentavam enquanto questionava o seu plano. Por um lado, era uma circunspeção justificável, até uma certa sensibilidade face aos sentimentos e bem-estar da filha; por outro, era pura cobardia. Sentia-se culpada, profundamente culpada, sem saber ao certo o que fazer.

Virara as costas à filha. Não valia a pena tentar disfarçar, fora isso que fizera. E, apesar das circunstâncias atenuantes, sabia que as pessoas a julgavam. Nunca lho disseram na cara, mas todos acreditavam que os pais nunca deveriam cortar os laços com os filhos, independentemente das circunstâncias. Em parte, sentia o mesmo, mas se pudessem espreitar para a sua alma, se tivessem visto o tumulto, talvez se tivessem revelado um pouco mais compreensivos.

Na verdade, é impossível cortar definitivamente os laços com quem é do nosso sangue. Assim que se dá à luz um filho e se o alimenta, há um vínculo que nunca desaparece, independentemente do que possa vir a acontecer. Apesar de tudo, isso ainda exercia uma forte influência sobre Alice, sempre a pensar na filha com quem cortara relações, obcecada com tudo o que sofrera, com o que ainda podia estar a sofrer.

Daí essa propensão para pensamentos tão sombrios, para se sentir

tão deprimida. E daí ter de fazer qualquer coisa. Apesar de se perspetivar difícil para ambas as partes, tinha de agir. A alternativa — enlouquecer aos poucos diariamente — era inimaginável. Estava na altura de enfrentar a realidade, de remediar a situação.

Rezou, apenas, para que não fosse demasiado tarde.

— Porque é que não vou trabalhar contigo?

Charlie não conseguiu reprimir um sorriso, apesar do desconforto.

— Eu adoraria, amor, mas tens de ser um bocadinho mais velha para te darem umas algemas e um crachá... — Jessica mostrou uma cara triste e voltou a rodopiar os seus cereais *Weetabix* pela tigela. — Mas digo-te uma coisa. Mais ou menos de meio em meio ano as crianças vão à esquadra visitar o espaço. Podes conhecer os cães-polícia, falar com agentes de verdade. Porque é que não fazemos antes isso?

— Eu quero ir hoje — insistiu Jessica, amuada.

— Eu sei e és muito amável, mas acho que me desenrasco, mesmo que tenha de saltar.

Charlie saltou da mesa para a bancada, na esperança de conquistar um sorriso. Mas não o conseguiu arrancar, tendo sido antes brindada com uma dor pungente na barriga da perna esquerda. Apesar de conseguir caminhar a custo sobre a perna ferida, ainda estava muito frágil. Em parte, sabia que deveria ficar em casa e descansar, mas também tinha a noção de que, se o fizesse, os seus receios tornar-se-iam ainda maiores.

— Não quero ir para a escola.

Charlie sentiu um aperto ainda maior no coração.

— Porque não, querida? Passa-se algo de errado? — reagiu ela, coxeando na sua direção.

— Quero tomar conta de ti.

— Mas já disse que estou bem...

— Não quero ir — insistiu Jessica.

— Olha, querida, eu sei que é difícil. A escola às vezes pode ser assustadora... com todas aquelas crianças grandes, as caras novas. Mas os professores são simpáticos e...

- Não gosto dela.
- De quem?
- Da professora Barnard.
- Porquê?

Jessica não respondeu e afastou a tigela. Charlie reparou que mal tocara nos cereais e no sumo de maçã.

- Aconteceu alguma coisa? Ela disse alguma coisa que te chateou?
- Não gosto dela. Por favor, posso ir trabalhar contigo...?

Charlie agora sentia-se irritada. Sentia-se exausta, stressada, a tentar lidar da melhor maneira com uma situação difícil. Mas nada do que dissera parecia ter sido útil.

— Já te expliquei porque é que não podes fazer isso, Jessie, e estamos a ficar atrasadas... — Charlie lançou um olhar nervoso ao relógio. Teriam de ir de carro para chegarem a tempo à escola. — ... por isso, se já acabaste o pequeno-almoço, pega na tua pasta e vamos.

Jessica permaneceu onde estava, com um ar descontente e um pouco perdido. De repente, toda a irritação de Charlie se esfumou dando lugar novamente à ansiedade.

— Se houvesse um problema, contavas-me, não era? — Não consegui evitar um leve tremor na voz. — Querida...?

Jessica ponderou por uns segundos. Depois, olhou para Charlie e declarou:

- Não quero ir.

Saíram de casa em fila — mãe, filha e depois pai. Transportavam a parafernália habitual da manhã — sacos de livros, equipamento desportivo, flauta — e pareciam apressados. Portas foram abertas, sacos atirados para o interior, o motor do carro ligado. Revelaram-se zelosos e hábeis, sem se aperceberem de que eram observados.

Helen recuou um passo, temendo ser avistada. Na realidade, poucas hipóteses haveria de isso acontecer — escolhera bem o seu ponto de observação —, mas não queria assustá-los. Nem queria que a sua presença fosse detetada. Christina recordar-se-ia dela, sem dúvida, e não ficaria nada agradada se lhe aparecesse de repente em casa. Helen sempre fora a mensageira de más notícias àquela família.

Já lá iam uns anos desde que Helen vira Christina pela última vez, mas parecia-lhe estar bem. Com as suas roupas caras, cabelo brilhante e maquilhagem bem aplicada, estava a atravessar bem a meia-idade. Elsie também parecia em boa forma. Como seria de prever, crescera muito — não só em estatura, como também em maturidade. A bebé que recordava — a dar os primeiros passos — era agora uma jovem a entrar na adolescência. Parecia espevitada, inteligente, conversadora. Helen sentiu uma breve ponta de vergonha por ter estado tanto tempo afastada.

Helen mantivera um breve relacionamento com o pai dela, depois de Christina o ter posto fora de casa. Mark debatia-se com o fim do seu casamento, com ser pai a tempo parcial, e voltara-se para a bebida. Ele era o principal sargento-inspetor de Helen na altura e ela dera-lhe a mão, ajudara-o a ultrapassar o problema da bebida. Entretanto, as linhas que os apartavam esmoreceram e começaram a sair juntos. Tratou-se de um erro com consequências catastróficas,

com Mark a morrer em serviço, em parte devido à sua ligação com ela. Helen sentira-se profundamente culpada, destroçada por Christina e Elsie, ambas desfeitas com a morte dele, e resolveu mantê-las sempre debaixo de olho, consciente do longo e duro caminho que tinham de percorrer.

Durante uns anos, honrou a sua promessa, mas, inevitavelmente, quando a vida se complicou, as suas visitas não anunciadas foram-se espaçando. Ouvira dizer que Christina voltara a casar, mas estava a comprová-lo agora. Ele não fugia ao previsto — Christina gostava que as pessoas da sua vida fossem bonitas e elegantes — e também parecia ser bondoso. Era afetivo e bem-humorado com Elsie, provocando-a enquanto ordenava à vagarosa criança que entrasse no carro. O relacionamento deles parecia caloroso e descontraído. Pareciam felizes.

Uma cena tão diferente da que se via naqueles primeiros dias, depois de Helen ter anunciado o homicídio de Mark. Christina ficara destroçada, com o amor que ainda sentia por ele a espicaçá-la, apesar de estarem separados, e Elsie ficara sem perceber por que razão nunca mais iria ver o pai. Fora terrível de ver, e Helen sentiu-se grata por perceber que tinham reconstruído as suas vidas. Provava que, afinal, ainda havia esperança.

Helen passara mais uma noite inquieta, a pensar na perseguição de Joseph Hudson, mas também nas palavras que Grace Simmons lhe dissera. «Não te prendas ao passado, ou ele devora-te.» À medida que olhava para o carro a afastar-se com a família feliz lá dentro, voltavam-lhe à memória. Algo levava Helen ali naquela manhã. Fora ali para honrar o espírito de Mark, a última pessoa com quem tivera um relacionamento sério? Ou fora para se convencer a si mesma de que era possível recuperar de uma tragédia? Que era possível seguir em frente?

Ainda refletia nisso quando o seu telefone começou a zumbir. Era Hudson. Um momento de hesitação antes de atender.

— Inspetora-chefe Grace.

— Desculpe incomodá-la assim tão cedo — disse ele, ansioso. — Mas achei que queria saber... — Fez uma pausa antes da estocada.

— Alguém acabou de reportar o desaparecimento da namorada num parque de campismo na New Forest.

— **E**stás a ficar vaidosa...

Emilia suspirou as palavras ao mirar o seu reflexo no espelho, mal contendo um sorriso. Estava na casa de banho das senhoras no trabalho e completamente sozinha. Não era usual falar sozinha enquanto retocava a maquilhagem, nem sentir mais do que consternação ao ver a cicatriz no seu rosto, mas naquela manhã sentia-se leve, até um pouco caprichosa.

A edição da noite passada fora uma das que mais depressa vendera na história do jornal. Voara das bancas, com quiosques e supermercados a sentirem dificuldade em aceder a todos os pedidos. A maioria dos habitantes da cidade estava em pleno período de planeamento de férias, com uma boa parte deles a contar dirigir-se para a New Forest. Mas agora já não — pelo menos enquanto um homicida maníaco andasse por lá a perambular. Os locais absorveram todos os pormenores — a clareira sombria, o corpo pendurado, as setas de besta —, e depois chegou às redes sociais, com o pânico a espalhar-se como um vírus. Nada mau, para um dia de trabalho.

O persistente silêncio da rádio da polícia ainda ajudou mais à causa dela. Na ausência de quaisquer outras informações concretas, os grupos de comunicação social recorreram a ela para saber mais detalhes. Tornou-se bastante conhecida depois do seu relacionamento com Daisy Anderson e, uma vez mais, parecia estar bem por dentro de uma história bombástica. Sempre ávida por reforçar o seu perfil, Emilia teve todo o gosto em aceder. Já dera duas entrevistas e estava previsto aparecer em breve na BBC South. Sorriu só de pensar nisso. Ser convidada para falar na rádio era muito bom, mas qualquer jornalista de imprensa sonha em ter o seu momento no pequeno ecrã.

Pondo esses pensamentos de parte, Emilia verificou uma vez mais o batom, antes de arrumar as suas coisas. Saiu da casa de banho e

apressou-se corredor fora consciente de que o táxi chegaria daí a nada. Pelo caminho, pegou no telemóvel e verificou o *WhatsApp*, antes de abrir o *Twitter*. Ficou logo intrigada ao dar com um grande número de *tweets* identificados com *#assassinonewforest*. A maioria não passava de especulações vãs ou de notícias alarmantes publicadas propositadamente, mas todos reagiam a um *tweet* publicado logo pela manhã.

«Alvorço esta manhã no nosso parque de campismo. Desapareceu mulher cuja identidade ainda se desconhece. Devemos ficar preocupados? *#assassinonewforest*»

Foi publicado por *Squeakybum74* e apresentava um par de rostos sorridentes, pelo que a autora não estaria muito preocupada. Para ela, não passava de uma brincadeira, mas Emilia levava aquilo muito a sério, observando a fotografia que acompanhava o *tweet*. Era de um homem por barbear com cabelo negro encaracolado revoltado, a falar com agentes fardados. As fotografias tinham sido captadas de longe, mas ainda assim era evidente que o homem se encontrava muito perturbado.

Agarrando bem no telemóvel, Emilia correu para a saída, *twittando* pelo caminho. Iria contactar a pessoa que publicou a mensagem, descobrir onde era o parque de campismo e avisá-la para não publicar mais mensagens até ela lá chegar. Era um plano simples, mas que poderia dar frutos se o assassino tivesse reivindicado a sua segunda vítima. Emilia sentiu aquele entusiasmo tão familiar, aquela excitação de quando surgia uma nova pista. De repente, os seus planos para a manhã tinham ido ao ar, mas não se importou.

A sua presença na BBC South teria de esperar.

— Conte-me o que aconteceu.

O tom de voz de Helen era gentil, mas firme. Estava trancada com Matteo Dominici no gabinete do gerente no parque de campismo Sunnyside. Ele comunicara o desaparecimento da sua namorada de longa data, Lauren Scott, que sumira logo pela manhã, encontrando-se ainda muito emocionado. Perturbado, ansioso e pálido, passou os dedos pelo seu cabelo grosso, enquanto olhava em redor. Era como se contasse que Lauren aparecesse de repente algures no gabinete, mas já lá iam umas horas desde que a jovem fora vista pela última vez, apesar de ter deixado na tenda todos os seus bens e roupa.

— Por favor, Matteo, preciso que se concentre.

— Desculpe, não me sinto bem...

— Quer alguma coisa? Água? Um comprimido para as dores de cabeça?

— Os dois, por favor. Sinto-me uma merda — lamentou-se ele, esfregando a testa com a mão.

— Noite intensa, foi? — reagiu Helen, tentando manter a conversa num registo ligeiro, enquanto fazia sinal ao agente de uniforme para ir buscar os analgésicos.

— Nem pensar. Nada disso. — Quase pareceu ofendido, o que a surpreendeu. Matteo, nitidamente, apercebeu-se da reação dela, porque acrescentou: — Nós não bebemos. Nem tomamos drogas, se é nisso que está a pensar. Somos ambos alcoólicos em reabilitação.

— Entendo.

— Foi onde nos conhecemos, nos AA. Já há mais de dois anos que estamos limpos.

— Folgo em saber — reagiu ela genuinamente, bem ciente da devastação que o álcool podia gerar. — E há quanto tempo estão juntos?

— Há ano e meio. Levei o meu tempo a reunir coragem para a pedir em namoro, mas desde então temos sido inseparáveis. Ela é única.

Helen sorriu, tentando afastar as imagens que se impunham na sua mente — imagens de onde Lauren poderia estar, do que lhe poderia ter acontecido.

— E o que é que se passou na noite passada?

— Nada. Pelo menos, nada de invulgar... — respondeu ele vagarosamente, como se tentasse ordenar os acontecimentos. — Chegámos e chovia a potes, montámos a tenda e depois passámos a noite lá dentro. A chuva era demasiado forte para se fazer outra coisa.

— Cruzaram-se com alguém? Viram alguém perto da tenda?

— Não, estivemos toda a noite sozinhos.

— Foram dormir por volta...?

— Por volta das 23h00, 23h30.

— E quando é que percebeu que ela tinha desaparecido?

— Logo depois de o Sol nascer. A luz despertou-me, ou talvez os pássaros...

— E?

— E ela não estava lá. As coisas dela estavam todas na tenda, mas as abas estavam abertas e não havia sinais dela. Dei três voltas ao parque e depois sentei-me e esperei uma hora, para o caso de ter ido à aldeia, por algum motivo.

— E o carro?

— Não temos. Viemos de autocarro.

Helen anotou mentalmente para confirmar aquela informação. Havia um circuito de autocarros *hop-on, hop-off* na temporada turística que os teria deixado no parque, mas todos os pormenores teriam de ser investigados.

— E ligou para a polícia logo depois das 8h30...

— Sim. Nessa altura, ela já tinha desaparecido há três horas. Achei que poderia estar a exagerar, mas... — Helen, compreensiva, anuiu com a cabeça. — O que é que lhe aconteceu? — Ele agora olhava-a nos olhos. — Até eu sei que não enviam tantos polícias por causa de uma pessoa desaparecida.

— Ainda não sabemos — respondeu Helen, com sinceridade, grata,

intimamente, por Matteo não ter visto na véspera o *Evening News*. — Mas pretendo descobrir. Diga-me, Matteo, é comum sentir-se indisposto ao acordar? Sofre de alguma doença ou...

— Não. Ter uma mente limpa é um dos benefícios de não beber.

— Então, como é que o explica? — Helen deu por ele a semicerrar os olhos, como que notando a desconfiança dela.

— Não faço ideia. Fomos dormir como habitualmente, sóbrios, de mente limpa, mas, quando despertei, senti-me muito mal. Zonzo, enjoado, com uma grande dor de cabeça.

— E, durante a noite, lembra-se de alguma coisa que lhe possa ter perturbado o sono? Ruídos? Algum tipo de movimento junto à tenda?

— Não, nem por isso — respondeu ele, hesitante.

— Nada de nada?

— Não. Não a ouvi sair, nem nada.

— Mas...

— Mas... acho que a dada altura ouvi um carro. Não tenho a certeza, era um som distante, mas pareceu-me um carro. Um ronronar surdo, contínuo...

— Não viu a viatura?

— Não, nem me lembro bem, para ser sincero. Ontem à noite estava tão estourado que acho que nem abri os olhos...

Pareceu abatido, como se a sua falta de cuidado fosse a responsável pelo desaparecimento de Lauren. Aproveitando o regresso do agente fardado, Helen deixou que Matteo tomasse o analgésico, prometendo voltar daí a nada.

Saindo do gabinete, dirigiu-se diretamente à tenda de Matteo, que se encontrava agora selada. Noutros pontos do local, Helen avistou Charlie e Hudson a recolher depoimentos, com a primeira a coxear de tenda em tenda. Mas não se demorou muito por ali, erguendo o cordão e abeirando-se da tenda. Desta vez, não se incomodou com o interior, passando antes uma vistoria ao exterior. A tenda de Tom Campbell era instável, velha e rota, mas a de Matteo Dominici era novinha em folha, quase a estrear. Passando uma mão enluvada sobre o tecido, testou a superfície, para verificar se era fraca. Mas parecia em perfeitas condições, capaz de repelir a chuva e quem pretendesse

aceder ao interior. Contornando a tenda, prosseguiu a sua busca, convencida de que haveria algures uma brecha. Mas também o outro lado pareceu em boas condições, pelo que continuou até à retaguarda. Aí, abrandou, observando meticulosamente cada costura e junção, temendo agora que a sua busca pudesse não dar em nada.

Foi quando viu — um pequeno rasgão no tecido da tenda. Não, não se tratava de um rasgão, era demasiado perfeito para isso. Era mais uma incisão. Alguém enfiara uma faca ou um bisturi pela costura, abrindo-a, dando acesso à tenda. Era pequeno, não mais de dez centímetros, mas com largura suficiente para uma mangueira ou um tubo.

Desde o início que o desaparecimento de Tom Campbell — limpo, sem qualquer vestígio deixado ao acaso — a preocupara, uma ansiedade que aumentou ainda mais com o sumiço inexplicável de Lauren Scott. Mas, mesmo no seu modo atrapalhado, Matteo Dominici providenciara uma possível explicação. Tinham sido gaseados. Melanie Walton não se apercebera disso porque achava que estava de ressaca, mas Matteo reparou que algo não encaixava. E o corte na tenda provou isso mesmo a Helen.

Afastando-se da tenda, vasculhou o solo em busca de marcas de pneus. Em anos recentes, surgira uma vaga de crimes em que campistas e caravanistas tinham sido alvo de bandos organizados, por norma enquanto viajavam por França. A tenda ou a caravana era rasgada, sendo depois bombeado para lá monóxido de carbono de um carro em funcionamento, deixando os ocupantes sem sentidos antes de serem assaltados. O assassino estaria a fazer algo semelhante naquele caso?

Era arriscado — se fosse em excesso, seria fatal —, mas tinha a vantagem de deixar inconsciente qualquer pessoa dentro da tenda. Mais do que isso, alguns ladrões empreendedores tinham começado recentemente a modificar os seus veículos, acrescentando escudos de alumínio almofadados para abafar o ruído do motor, aumentando as suas possibilidades de levarem a cabo os ataques sem serem detetados. Estaria isso a acontecer ali? Matteo Dominici descrevera o ruído como um «ronronar surdo, contínuo», o que a Helen soou muito a uma

viatura com o motor ligado.

O solo encontrava-se saturado, os seus pés deslizavam na relva. A três metros da tenda, Helen deu com marcas de pneus. Eram profundas e largas — um jipe, talvez — e pareciam deslocadas. Matteo referira que tinha ido até ali de autocarro, e o parque de estacionamento ficava do outro lado do campismo, junto à entrada. Por isso, não havia motivos para uma viatura estacionar ali em cima.

A não ser que alguém nutrisse um interesse pelos ocupantes daquela tenda.

O carro saltou sobre a relva, enquanto conduziam de forma lenta mas constante ao longo da beira do caminho. Joseph Hudson ia a meio de um interrogatório a um campista perplexo quando Helen o chamou. Explicando o que descobrira, Helen deixou Charlie com a tarefa de interrogar possíveis testemunhas, pedindo a Hudson que requisitasse uma viatura. A seguir, partiram os dois, com ele a conduzir, enquanto ela se mantinha atenta a marcas de pneus.

Afastaram-se do parque de campismo, seguindo um trilho que os levava na direção da floresta, afastando-os da estrada. Hudson conduziu com determinação, mas cuidado, assegurando-se de que evitava o próprio rasto, que poderia ser uma prova vital. Seguiram caminho em silêncio, embrenhados na tarefa em mãos, mas ambos conscientes de que se começava a formar uma imagem mais nítida daqueles crimes. E o que anteviam deixava-os desanimados.

— Para o carro.

Hudson reagiu, travando abruptamente. O carro derrapou até parar e Helen saiu de imediato. Desligando o motor, Hudson também saiu, juntando-se a ela rapidamente.

Helen estava agachada, a examinar o rasto.

— São os mesmos rastos, mas aqui estão mais profundos. Bem mais profundos...

Olhando mais de perto, Hudson verificou que ela tinha razão.

— Acha que o assassino parou aqui.

— Pode ter acontecido — respondeu ela, erguendo-se. — Vamos tentar perceber.

Afastando-se dos rastos, ela encaminhou-se cautelosamente até às árvores mais próximas. Hudson seguiu-a, examinando o solo à procura

de relva pisada. A relva na beira do caminho era comprida e revolta, e revelava-se difícil ter a certeza, mas ali parecia haver umas partes alisadas junto à vegetação espessa.

— Aqui.

Helen encontrava-se agora no limite do arvoredado, com o dedo a apontar para um pequeno pedaço de material branco preso a um ramo de uma árvore.

— A t-shirt dela? Uma camisola?

Ela encolheu os ombros, passando por baixo do ramo e seguindo cuidadosamente na direção da floresta. Hudson seguiu-a, varrendo o arvoredado sombrio com o olhar à procura de pistas.

— Ali.

Ele viu de imediato — um ramo partido meio dependurado, uns três metros à frente. Examinando-o, Helen assentiu com a cabeça e seguiram em frente. O progresso foi rápido — deram com mais dois ramos partidos, um pedaço maior de tecido e depois uma pequena mancha de sangue. Quase passaram sem a ver, mas Helen agarrou Hudson, apontando para a mancha carmesim, que de repente foi atingida por um raio de Sol, na ponta de um ramo de ar perigoso.

E avançaram, seguindo o rasto discreto de devastação, até o carreiro abrir para uma clareira. Helen permanecia concentrada e Hudson ouviu-a arquejar de horror, antes de se deter repentinamente. Reunindo toda a sua coragem, ele avançou para a clareira e viu.

Viu o corpo de Lauren Scott pendurado numa árvore ali perto.

Matteo Dominici. Lauren Scott.

O dedo de Emilia pairou sobre os nomes deles. Não havia dúvidas — era o par sobre o qual se abatera a desgraça.

Ao chegar ao parque de campismo Sunnyside, Emilia manteve-se discreta, deixando o carro a alguma distância e aproximando-se através do bosque. Ainda havia uma grande presença policial e imensa atividade. Um grupo de campistas estava a ser interrogado na área de piqueniques e, quando ela se abeirou cautelosamente do escritório, viu um tipo de ar perturbado com cabelo revoltado a ser levado por uma solícita agente de ligação à família. Instintivamente, Emilia quis segui-los e talvez tentar tirar uma fotografia com o telemóvel, mas seria difícil fazê-lo sem ser detetada e, além disso, necessitava de factos concretos. Assim, em vez disso, o seu instinto levou-a a correr para o gabinete deserto.

Dirigindo-se ao balcão, esticou o braço e pegou no registo dos hóspedes. Fotografou rapidamente os nomes e depois lançou-se ao trabalho. Sempre atenta aos agentes da polícia ou aos funcionários do local, começou a procurar os nomes da lista no *Google*, olhando atentamente para as imagens correspondentes a cada nome. À sétima tentativa, teve sorte. Matteo Dominici — com o seu cabelo preto e grosso — era fácil de identificar. Uma série de fotografias mostravam-no com o braço em redor de uma jovem. Passando as propostas do *Facebook* para «Lauren Scott», depressa confirmou a identidade da namorada dele.

Então, era aquela a mulher desaparecida? Nenhuma das campistas que prestavam depoimento era parecida com ela e, tendo em conta a perturbação de Dominici, só podia ser ela. Teria a polícia encontrado

o corpo? Emilia sabia que podia estar a pôr a carroça à frente dos bois, mas as semelhanças entre o homicídio de Tom Campbell e o desaparecimento de Lauren Scott eram demasiado fortes para serem apenas coincidência. Por isso, teve quase a certeza de que o assassino da New Forest voltara a atacar.

Emilia olhou com atenção para a fotografia de perfil da mulher. O seu semblante confiante e aberto, um rosto magro e bonito, até as roupas que vestia — uma t-shirt rosa *Corre pela Vida* —, compunham a imagem perfeita da primeira página do dia seguinte. A fotografia nitidamente fora tirada no fim da corrida, com Lauren exausta, mas feliz, com um largo sorriso no rosto. Iria apelar ao coração dos leitores — ali estava uma mulher bondosa e animada que contribuía para a sociedade — e fornecer um contrapeso arrepiante ao seu rapto.

A história já começava a formar-se na mente de Emilia, mas necessitava de mais pormenores. Talvez alguns dos campistas falassem com ela. Ou talvez devesse abordar um agente fardado — verificar se um dos mais jovens poderia ser intimidado ou encorajado a falar com ela. Mas, quando Emilia lançou um olhar prudente pela janela, ficou surpreendida ao ver a equipa policial em movimento. Um par de agentes fardados permaneceu com os perturbados campistas, mas todos os outros — em especial da Divisão de Investigação Criminal — corriam para as suas viaturas. Mas «corriam» talvez não fosse o termo indicado para descrever a sargento-inspetora Brooks, que coxeava com bastante esforço. Emilia interrogou-se se sofrera o ferimento em ação. Talvez algum tipo de luta?

Os motores já rugiam, as portas batiam. Despertando para a realidade, Emilia sabia que precisava de tomar uma decisão. Ficar ou partir? Ficar ali poderia servir para reunir alguns dados interessantes, mas sem dúvida que uma partida em massa só poderia significar uma coisa.

Largando o registo de hóspedes, saiu apressadamente do escritório, despachando-se por entre o bosque na direção do seu carro. Se conseguisse chegar lá enquanto isolavam o local, podia haver oportunidades para tirar boas fotografias, já para não falar da possibilidade de apanhar a equipa desprevenida. A ideia provocou-lhe

um arrepio de expectativa. Quando se proporcionava, não havia nada de que mais gostasse do que a excitação da perseguição.

Helen regressou em passos pesados ao carro, com o telefone colado ao ouvido.

— É o mesmo tipo? O mesmo *modus operandi*? Simmons parecia concentrada, mas preocupada. Outra morte tão próxima da anterior sugeria um autor destemido, irrefletido, ou ambos.

— Sim — respondeu de pronto Helen. — A equipa forense chega em breve ao local... mas não tenho dúvidas de que se trata da nossa segunda vítima. Não há grandes dúvidas de que a Scott foi raptada, perseguida e depois deixada a esvair-se em sangue.

Seguiu-se uma breve pausa, para depois se ouvir de novo a voz de Simmons.

— O que queres fazer?

— A bem dizer, a decisão é tua — respondeu Helen. — Mas acho que não vai dar para manter em segredo. Não depois das manchetes de ontem à noite.

Seguiu-se um breve silêncio do outro lado da chamada. Ambas tinham sido apanhadas de surpresa pelo artigo incendiário de Emilia Garanita, e, além de furiosas, tinham ficado consternadas com o pânico que o mesmo gerou. A incorrigível jornalista estava nitidamente a apreciar o seu momento de glória, tendo ligado duas vezes para o telemóvel de Helen nessa manhã, a tentar obter uma declaração oficial — chamadas que a inspetora-chefe fez questão de ignorar.

— Achas que devíamos emitir um alerta geral, falar com a imprensa nacional? — reagiu Simmons.

— Vai haver centenas de pessoas de férias a rumar esta semana para a New Forest. Se correm algum risco, temos de as avisar.

— Queres que dê Nathaniel Martin como suspeito?

— Ainda não. O facto de o nome dele vir a público não vai ajudar a fazê-lo sair da toca. Isso cabe às equipas de busca; e divulgar essa informação poderá impedir as pessoas de nos darem outros dados.

— OK, vou já pôr o nosso agente de ligação aos *media* a tratar disso. Vamos aconselhar as pessoas a reverem os seus planos, por uma questão de cautela. Queres que trate eu da conferência de imprensa?

Simmons conhecia-a muito bem. Helen odiava ter de aturar os jornalistas quando podia estar a fazer algo mais proveitoso.

— Isso seria ótimo. Eu mantenho-te constantemente a par.

— Sim, por favor.

Simmons desligou, mas, antes de o fazer, Helen ainda a conseguiu ouvir pedir à secretária que chamasse o agente de ligação aos *media*. Era uma das razões que a levava a adorar tanto a sua nova chefe — era pragmática, prática, determinada, e isso estimulava-os a seguir a sua liderança. Indicando a Hudson que a seguisse, Helen subiu para o carro.

— Para onde? — perguntou ele, sentando-se no assento do condutor e ligando o motor.

— Para a Esquadra Central de Southampton. — O tom de voz de Helen era sombrio, mas determinado. — Temos trabalho a fazer.

— Então, estamos a dizer que as vítimas foram gaseadas?

A equipa regressara à base e encontrava-se reunida na sala de operações. Helen chamara-os para os pôr a par do que descobrira e, como seria previsível, não lhes restavam dúvidas. Nesse momento, o inspetor Reid foi o primeiro a intervir.

— Tudo indica que sim. Não sabemos ao certo o que foi utilizado, mas aposto em monóxido de carbono.

— É mais acessível a quem tem carro — sugeriu Osbourne.

— E não deixa vestígios no sangue ou nos órgãos — acrescentou Helen. — Por isso, é difícil de detetar.

Os agentes ali reunidos digeriam a informação. Se não se exagerasse na dose, sem dúvida que o fumo do escape era uma forma simples e discreta de adormecer as vítimas.

— E depois? São deixados à solta na floresta?

— Presumivelmente — respondeu o sargento-inspetor Hudson. — O rasto que seguimos parecia o de uma perseguição. Mas a vítima não foi morta onde foi descoberta. O rasto seguia até a uma escarpa uns 800 metros mais adiante.

— E depois foi arrastada de volta para a clareira? — quis saber o inspetor Edwards.

— Não vimos qualquer padrão de alguém a ser arrastado, pelo que terá sido transportada — respondeu Helen. — Só demos com um conjunto de pegadas... botas da tropa, tamanho 46.

Helen premiu uns botões no seu telefone e apareceu no ecrã o instantâneo da pegada da bota.

— Não é grande coisa, mas vai ter de servir até termos as fotografias do Ross. Curiosamente, também vimos o que parece ser uma marca única da bota na t-shirt da vítima. Talvez o autor tenha pisado a vítima. Ou prendeu-a enquanto largava uma das setas...

Um dos agentes mais jovens encolheu-se, mas Helen não se deteve.

— Tendo em conta o tamanho da bota, a força exigida para transportar e içar o corpo e o facto de aparentemente haver apenas marcas de um conjunto de calçado, sugeriria que procuramos um homem solitário, alguém com altura e força consideráveis. A não ser que encontremos provas concretas do contrário, pretendo que prossigamos com base nisso.

A equipa anuiu. Pouco estreitava o campo de ação, mas tinham de começar por algum lado. Helen passou uma vez mais as suas fotografias, exibindo outra.

— Isto é um grande plano do piso do pneu que cremos terá sido deixado pela viatura do autor. A inspetora McAndrew já esteve a trabalhar nisto.

Acenou com a cabeça para McAndrew. Num movimento uniforme, toda a equipa se virou para olhar para ela.

— É um pneu largo e pesado, que sugere um todo-o-terreno. Olhando para o padrão do piso, penso que poderemos dizer que se trata de um *Avon Rangemaster*. São pneus caros e relativamente raros, mas faziam parte do modelo de origem do *Land Rover Defender*.

— Deixaram de fabricar *Defenders*, não foi? — aventou o inspetor Edwards, o maluquinho por carros.

— A Land Rover parou a produção há uns anos — confirmou McAndrew. — Mas acho que este veículo é mais antigo do que isso. O padrão do piso é de uma das primeiras versões do pneu *Rangemaster* e, além disso, é muito ténue e incerto, sugerindo que está gasto. Portanto, podemos andar à procura de um *Defender* com sete, oito, nove ou mais anos. — A inspetora McAndrew tinha as listas atualizadas da Direção-Geral de Viação. — Há 53 *Defenders* registados na zona de Hampshire. Ora, talvez a viatura não esteja registada ou tenha sido roubada, mas a nossa primeira tarefa passa por localizar esses veículos e analisar os donos, com foco em possíveis motivos e, essencialmente, nos seus movimentos nos últimos dias.

— Isso significa que descartamos o Martin como suspeito? — quis saber o inspetor Edwards, apontando para a fotografia do rosto dele. — Tanto quanto sabemos, parece que ele não tem carro e nem sequer

gosta de usar máquinas.

— Nesta fase, não descartamos ninguém — ripostou, determinada, Helen. — O Martin ainda tem muito a esclarecer em relação à sua animosidade face a Woodland View e ao seu ataque à sargento-inspetora Brooks, mas temos de ponderar outras possibilidades...

— Procuramos alguém com ligações concretas a Tom Campbell e Lauren Scott — acrescentou o sargento-inspetor Hudson. — E pistas quanto à escolha do *modus operandi*. Procuramos entusiastas da caça, malucos por armas, qualquer pessoa capaz de reunir material, montar e manipular uma besta. Temos de alargar a nossa rede nessa área para ver se alguém ligado a este tipo de veículo tem historial de ataque com arma mortífera, agressão agravada ou comportamento ameaçador. Além disso, alguém tem andado a comprar ou a trocar bestas online, seja pela via normal ou na *dark web*.

Os agentes reunidos assentiram com seriedade — com a dimensão das tarefas que tinham pela frente a assentar.

— Vou dividir-vos em unidades mais pequenas e distribuir tarefas específicas — retomou Helen a palavra. — Alguns de vocês vão investigar as áreas que o sargento-inspetor acabou de realçar, outros vão apoiar a sargento-inspetora Brooks a explorar o passado e o histórico pessoal das vítimas.

Charlie levantou-se, vacilando um pouco.

— Portanto, a questão principal — disse ela, depois de se endireitar — é saber por que razão foram escolhidos estes dois alvos. Será que o nosso homicida ataca campistas simplesmente por estarem vulneráveis, ou por nutrir uma animosidade específica contra eles?

— Caramba, como odeio campismo — disse o inspetor Edwards, vagarosamente, perante um misto de risos abafados e resmungos.

— Terão sido escolhas aleatórias? — prosseguiu Charlie, impassível. — Ou serão alvos escolhidos a dedo? Estarão de alguma forma ligados?

— Eles conheciam-se? — quis saber Osbourne, seguindo o raciocínio de Charlie.

— Segundo as primeiras informações recolhidas, não. Ambos são de Southampton, mas pouco mais se sabe além disso. O Campbell tinha

quase 30 anos, e a Scott, 27. Ela é da classe média e desistiu dos estudos. Ele é um rapaz de sucesso que estudou numa escola particular, com um bom salário, uma noiva, uma casa cara em Winchester. Já Lauren Scott, pelo contrário, tem um historial de crimes menores, uso de drogas e até uma ou outra advertência por prostituição. Ultimamente, andava limpa, mas não se dava com os pais e vivia com o namorado num apartamento em Thornhill.

» Pode dar-se o caso de não haver qualquer ligação — acrescentou Helen. — Ela era uma alcoólica e viciada em drogas que nunca aguentou um emprego. Ele era um cientista com formação e o mundo aos seus pés, mas, se houver quaisquer ligações, temos de as encontrar. Por enquanto, a escolha do homicida parece aleatória... As vítimas são de sexo diferente, de ambientes diferentes e foram apanhadas em parques de campismo diferentes. O parque do Campbell era junto a Godshell, o da Scott, muito mais a sul, junto a South Baddesley. Portanto, o que orienta a escolha? As vítimas ou a localização? Vamos escrutinar as histórias pessoais das vítimas, mas também olhar de novo para os proprietários dos parques. Ocorreu alguma coisa recentemente em algum dos locais que possa explicar os raptos do Campbell e da Scott? O que move o nosso assassino?

Pouco depois, Helen pôs fim à reunião, dividindo a equipa em grupos de trabalho e enviando-os para as suas tarefas. A sua derradeira pergunta ficou a pairar no ar, a perfurar a mente de todos, enquanto tentavam desvendar o cerne do caso. Qual era o significado daqueles ataques? E o que os precipitara? O assassino teria um motivo específico? Ou simplesmente se deleitava com o sofrimento das vítimas?

Ele olhava diretamente para ela, desafiando-a a enfrentá-lo. De

braços cruzados e queixo espetado, aquele machista idiota parecia determinado a frustrar-lhe os planos.

— Sou uma jornalista credenciada — silvou Emilia, com dificuldade em conter a fúria. — Tenho todo o direito de percorrer esta estrada...

— Você é uma melga — replicou o agente, num tom trocista. — E isto é um local de crime. Lamento, mas só pode passar pessoal autorizado.

O que é que se passava com os jovens polícias? No passado, Emilia sempre conseguira dar-lhes a volta — com lisonjas, ameaças veladas ou suborno puro e duro. Mas a nova geração parecia impermeável à tentação ou ao medo, mantendo a linha oficial com um zelo que roçava o ridículo.

— Preciso de falar com a inspetora-chefe Grace — exigiu Emilia, na esperança de que mostrar que conhecia a responsável lhe proporcionasse algum proveito. — Ou com a sargento-inspetora Brooks. Sei que a unidade dela está cá...

— Partiram já lá vai uma hora.

Emilia praguejou por entre dentes. Depois de sair de Sunnyside, seguiu a frota de veículos a uma distância segura rumo a South Baddesley, mas sempre à vista. Tudo corria bem até, mesmo na ponta final, um trator se ter enfiado no meio, arrastando-se vagarosamente pela estrada durante quase um quilómetro, antes de virar para um campo. Quando Emilia ultrapassou o lento trator, as viaturas da polícia há muito que já tinham desaparecido de vista.

Não era necessariamente um desastre, pois estavam numa estrada sem saída que culminava na beira de um penhasco. Portanto, percebeu

para onde se dirigiam. O problema dela tornou-se evidente quilómetro e meio mais à frente na via quando uma esvoaçante fita da polícia surgiu à vista, pairando uns metros à frente de um bloqueio policial.

Virando de repente o volante para parar o carro, Emilia ponderou nas suas opções. Na verdade, não eram nenhuma — além de tentar contornar o bloqueio entrando pelos arbustos cerrados à direita ou atravessando o prado íngreme à sua esquerda. Sensatamente, tentou a última possibilidade, mas deparou-se com um par de agentes fardados posicionados no cimo da colina.

Agora não lhe restava outra opção senão seguir de carro pela estrada e ver se, com a sua lábia, conseguiria furar o bloqueio ou, no mínimo, reunir algumas informações sobre o que se passava. Mas o agente com ar inexperiente manteve a expressão carrancuda como se, aparentemente, estivesse a gostar de a ver frustrada.

Depois de ter estado em posição vantajosa, Emilia de repente deu por si precisamente do outro lado. Furiosa, estava prestes a desistir quando reparou em algo ao longe. Um homem, com um saco ao ombro, a afastar-se vagarosamente da floresta. Emilia deteve-se. Não havia mais viaturas — da polícia ou ambulâncias — para a ajudar a reunir os factos e chegar a uma história, mas talvez aquele resistente lhe pudesse contar qualquer coisa. Não diretamente, claro — hoje em dia meio mundo parecia conhecer Emilia; era o preço da fama. Mas quem não tem cão caça com gato.

Regressando ao seu carro, deixou-se ficar ali descontraída, a fumar um cigarro e a fingir que enviava uns e-mails. E, de facto, cinco minutos depois, uma carrinha *Volvo* preta passou vagarosamente. Mantendo-se ocupada com o telemóvel, Emilia ainda assim espreitou furtivamente para o condutor e reparou que era Graham Ross. Ela reconhecera o fotógrafo forense mal lhe pusera os olhos em cima. O carro, contudo, era-lhe desconhecido, pelo que não hesitou e tirou uma fotografia em grande plano da matrícula.

Nem tudo estava perdido. Emilia tinha um contacto na Direção-Geral de Viação que lhe poderia passar a morada dele. Não conhecia pessoalmente Ross, mas estava segura de que arranjaría uma forma de o fazer colaborar. Ele sempre parecera algo isolado, um elemento de

equipa apenas de nome. Não acolheria de bom grado uma companhia feminina estimulante?

Se Helen Grace e os seus leais colegas não falavam com ela, talvez Graham Ross o fizesse.

— **P**recisamos de falar com ele com urgência. Pode dizer-me quando é que regressa?

O tom de Joseph Hudson permanecia cortês e profissional, disfarçando a sua crescente frustração.

— Está num leilão de gado em Dorset. Deve voltar pelas 22 horas.

— É importante que entremos em contacto com ele, Sra. Druce. Será que me pode facultar o número de telemóvel dele?

— Oh, não posso fazer isso. Como é que eu sei que o senhor é quem diz ser?

— É fácil. Se telefonar para a Esquadra Central de Southampton e pedir para falar com o sargento-inspetor Joseph Hudson passam-me a chamada.

— Não, obrigada.

— Desculpe? — retorquiu Joseph, incapaz de disfarçar a sua surpresa.

— Pode ser um daqueles esquemas de que se ouve falar.

— Posso assegurar-lhe que não é. Pode procurar-me online, se isso a descansar...

— Eu não me fio na Internet. Nunca me fiei.

Ela desligou pouco depois, deixando Joseph a ferver de irritação. A mulher do agricultor estava nitidamente determinada a não ajudar, apesar do evidente interesse de Joseph em contactar o marido dela, que há imensos anos era dono de um *Land Rover Defender*. Mas não era a única — Joseph tinha uns 20 nomes para verificar e apenas em três casos conseguira falar com o proprietário da viatura. Nenhum deles parecera verdadeiramente suspeito — revelaram-se, sucessivamente, demasiado velho, demasiado doente ou ausente em viagem —, deixando-o com nada para mostrar ao fim de duas horas de trabalho.

Erguendo os olhos, constatou que as coisas não corriam muito melhor aos colegas. Ellie McAndrew e um par de agentes mais novos vasculhavam a Internet à procura de indivíduos doidos por armas, examinando cuidadosamente um cortejo interminável de rufias musculosos que brandiam todos os tipos de armamento, enquanto os próprios agentes de Hudson estavam tão à nora quanto ele. Via-os riscar da lista potenciais suspeitos, na melhor das hipóteses acrescentando ocasionalmente um ponto de interrogação, caso se tivesse revelado impossível contactar por telefone o dono do veículo, ou esse tivesse sido dado como roubado.

Era um quadro bastante deprimente, e incentivou Hudson a agir. Deitando a mão à sua lista, ao seu telemóvel e ao seu casaco, avançou rapidamente na direção dos seus colegas. Se a montanha não vem a Maomé, como gostava de lhe dizer a mãe, estava na hora de se pôr a mexer. Não havia muito a fazer, a não ser fazer-se à estrada e tentar localizar pessoalmente esses proprietários. Seria extenuante, trabalhoso, mas tinha de arriscar.

Em casos como aquele, o Diabo estava sempre nos detalhes.

Ela olhou fixamente para o cadáver, arrastando o olhar pela pele.

Helen fora na sua moto desde a esquadra até à morgue, ansiosa por extrair o que pudesse de Jim Grieves. O patologista estava ainda mais resmungão do que o habitual, queixando-se de ainda ir nas fases iniciais da sua perícia e que ninguém lhe votava o respeito que lhe era merecido. Helen não se importou de aguentar a torrente de queixas — Grieves fazia sempre o mesmo —, pois as revelações dele eram frequentemente importantes.

Estavam de pé na zona de observação, a uma distância segura de David Spivack, que ainda trabalhava com afinco no corpo, com as mãos profundamente enterradas no abdómen da vítima. A roupa ensopada em sangue de Lauren Scott fora retirada e enviada para que Meredith a analisasse, possibilitando a Helen uma visão desimpedida da segunda vítima. Era uma visão e tanto, não devido ao cabelo preto pelos ombros ou aos pés lacerados, que apontavam diretamente para Helen, mas por causa da grande quantidade de marcas no corpo. Ostentava diversas tatuagens — nenhum delas particularmente agradável — e uma abundância de pequenos cortes. Esses pareciam cobrir-lhe o tronco, a parte superior dos braços e as coxas.

— São da noite passada?

— Não — respondeu com firmeza Grieves. — Há dezenas de cortes antigos, alguns dos quais com vários anos.

— Autoinfligidos?

— Diria que sim. Ficam todos em lugares facilmente ocultáveis.

O olhar de Helen deteve-se numa das tatuagens — uma serpente a devorar uma cabeça de bebé, logo abaixo do seio esquerdo. Que raio teria passado pela cabeça de Lauren?

— São todas antigas?

— Não, algumas são recentes. Diria que era algo que levava muito a sério.

— E as análises ao sangue? Drogas? Álcool?

— Limpinha.

Helen digeriu esse dado — Matteo Dominici claramente contara a verdade quando insistira que estavam ambos limpos de drogas e álcool.

— Mais alguma coisa, Jim? Sei que o seu tempo é precioso.

— Ferimentos muito parecidos com os de Tom Campbell — prosseguiu Grieves, ignorando a tentativa dela de o bajular. — Lacerações nos pés, arranhões e cortes irregulares nos braços, pescoço, rosto, tudo consistente com espinhos, vegetação e afins. Três ferimentos grandes causados por flechas de besta. As zonas de impacto são mais intensas do que as do Campbell, as hemorragias maiores, o que significa que ela terá sangrado mais depressa. — Isso, pelo menos, já era qualquer coisa. Talvez o pesadelo de Lauren tivesse tido um fim misericordiosamente rápido. — Nós, obviamente, removemos as setas e enviámo-las para a Meredith, mas a mim parecem-me iguais.

A confirmação, como se fosse preciso, de que o autor do crime era o mesmo. Virando-se, Helen disse:

— OK, bem, mantenha-me a par...

— Há só mais uma coisa — interrompeu Grives, com os olhos ainda colados ao cadáver na mesa de autópsias. — Embora não tenha nada que ver com as circunstâncias do ataque.

Helen parou, curiosa.

— Ela estava grávida.

Helen sentiu um aperto no coração.

— Numa fase muito inicial, mas não há dúvidas. Achei que gostaria de saber.

Agradecendo a Grieves pelo seu trabalho, Helen abandonou a morgue pouco depois. Encaminhou-se calmamente para a sua moto, embrenhada nos seus pensamentos. Matteo Dominici não mencionara a gravidez quando conversaram. Sim, estava perturbado, nervosamente preocupado, mas devia tê-lo referido. Se o soubesse.

Uma pressão extra para incentivar a polícia a encontrá-la? Queria aquilo dizer que não estava ao corrente? E quanto a Lauren? Se estava numa fase inicial da gravidez, será que nem ela saberia?

A ideia levou Helen a estacar. Aquele bebé poderia ter sido o futuro de Lauren, o seu legado ao mundo, algo bom a resultar do que fora, sem dúvida, uma vida complicada.

Mas, agora, nunca o viria a ser.

— Desculpe, eu conheço-a?

Graham Ross apanhara um valente susto ao ser abordado por Emilia. Estava com a cabeça noutra lugar — não a vira a chegar —, mas agora a perplexidade começava a dar lugar à desconfiança.

— Nunca nos cruzámos, mas conheço o seu trabalho — respondeu ela, insinuante. — Sou a Emilia Garanita, do *Southampton Evening News*.

— Claro... — disse Ross vagarosamente, ao reconhecê-la. — É você que anda a aterrorizar Southampton com os seus títulos insensatos.

— Limito-me a relatar os factos, Graham — reagiu com leveza Emilia. — Por falar nisso, gostava de trocar umas palavrinhas consigo, se tiver tempo.

— Sobre?

— Sobre o caso, claro. Gostava muito de saber a sua opinião.

Ele fitou-a, avaliando-a, avaliando a situação. Enquanto fazia isso, puxou nervosamente a tira da máquina fotográfica, assente no ombro.

— Como é que sabia que eu estaria aqui?

— É aqui o seu escritório, não é? — respondeu ela, apontando para o apartamento tipo estúdio mesmo ali ao lado, onde Ross vivia e trabalhava. — Um amigo na Esquadra de Southampton disse-me que o encontraria aqui.

Na realidade, a toupeira na Direção-Geral de Viação confirmara-lhe o endereço de casa — depois de prometida uma recompensa justa. Mas Emilia achou que a referência a um rosto amigo na esquadra o pudesse deixar mais descontraído.

— Não sei se posso. Tenho uma reunião daqui a pouco mais de uma hora...

— Vamos só tomar rapidamente um copo — contrapôs Emilia, pousando uma mão no seu braço despido. — Prometo não lhe tomar

muito tempo.

Ross olhou para a mão dela e depois para o seu rosto. Parecia divertido, até um pouco intrigado.

— E porque é que haveria de o fazer? — reagiu, desafiando-a bem-humorado.

Emilia exibiu o seu melhor sorriso.

— Porque o estou a convidar.

— Como sabe, não lhe posso contar nada que não esteja no comunicado à imprensa.

Estavam muito juntos num *pub* local. Por norma, Emilia não bebia durante o dia, mas abriu uma exceção — Ross parecia ávido por matar a sede com uma cerveja *indian pale ale*.

— Mas o comunicado não dizia praticamente nada — queixou-se Emilia. — Se bem que isso já não é novidade.

A notícia de que a Polícia de Hampshire estava a lançar um alerta geral, avisando os campistas para não se dirigirem à New Forest, surgiu enquanto Emilia se encontrava no carro à espera de Ross. Por momentos, sentiu-se tentada a seguir a todo o gás para a Esquadra Central de Southampton para saber dos pormenores, mas depois pensou melhor. Grace nunca protagonizava os encontros com a imprensa, e quem o fizesse iria ser evasivo, pelo que Emilia enviou antes um colega. Estava mais interessada em Ross.

— São as regras do jogo, não é? — disse Ross com um sorriso enigmático, entrando na brincadeira.

— Talvez. Mas este jogo tornou-se sério, pelo que um pouco de franqueza vinha mesmo a calhar. Fotografou o Campbell e a Scott, certo?

Ross reagiu, visivelmente apanhado de surpresa por ela conhecer a identidade da segunda vítima.

— O que a leva a dizer isso?

— Não precisa de se fechar, Graham. Sei que a Equipa de Incidentes Graves esteve em Woodland View há dois dias e hoje de manhã em Sunnyside. Parto do princípio de que o corpo da Scott foi encontrado no bosque junto a South Baddesley? — Ross fixou-a, visivelmente

intrigado por estar tão bem informada. — Consegui falar com o namorado dela, o Matteo Dominici — mentiu Emilia. — Mas ele, como é evidente, estava muito abalado e não quis discutir os pormenores. Calculo que ela também tenha sido assassinada com uma besta?

Agora Ross sorriu.

— Não desiste, pois não? — disse ele, terminando a sua cerveja.

— A sorte protege os audazes.

— Então, eu digo-lhe o que vou fazer — prosseguiu ele, num tom algo magnânimo. — Pode fazer-me perguntas, e eu digo que sim ou que não apenas com movimentos de cabeça.

Era uma autêntica infantilidade — era a forma que um pobre homem solitário arranjava de brincar aos espiões —, mas Emilia alinhou, animada.

— A mim, parece-me bem.

— Mas, primeiro, preciso de ir à casa de banho. Porque é que não me pede outra cerveja enquanto espera? — E encaminhou-se furtivamente para a casa de banho.

Emilia também se levantou, mas, quando o fez, o seu olhar incidiu na bolsa da máquina fotográfica de Ross, enfiada discretamente debaixo da cadeira. Um momento de hesitação e depois puxou-a e abriu-lhe o fecho. Retirando de lá a câmara, ligou-a. Não era muito diferente da *reflex* que ela usava, e rapidamente deu com o comando de reprodução.

— Oh, meu Deus...

Um grande plano do rosto ensanguentado de Lauren Scott preenchia o ecrã.

Sem conseguir respirar, Emilia foi passando as imagens. Planos afastados, planos médios e depois fotografias pormenorizadas dos ferimentos causados por setas, dos pés lacerados, dos tornozelos em ferida. As imagens eram horríveis, mas espetaculares. Lançou uma espreitadela à casa de banho dos homens — ainda não havia sinais de Ross — e depois enfiou a mão na sua própria mala. Do bolso interior, retirou uma *pen*, que depressa enfiou na ranhura da máquina.

Selecionando uma dúzia das fotografias mais chocantes, carregou

em «transferir». Surgiu de pronto uma bússola a rodar no ecrã da câmara. Uma fotografia, duas, três... Era suficientemente eficaz, mas parecia avançar devagar, demasiado devagar. Lançou outro olhar à casa de banho e, horrorizada, viu Ross a sair de lá.

Cinco fotografias, seis, sete...

Iria sem dúvida ser apanhada. A qualquer momento, ele contornaria a esquina.

Nove fotografias, dez...

Para seu grande alívio, Emilia viu Ross a parar para conversar com a empregada do bar. Obviamente, conhecia-o e não parecia ofendida com o jogo de sedução amador dele.

Onze, doze...

A câmara emitiu um sinal ao concluir a transferência e, rápida como um relâmpago, Emilia recuperou a *pen* e enfiou a câmara na bolsa. Estava a colocá-la de novo por baixo da cadeira quando Ross finalmente se aproximou.

— Desculpe, telefonema de trabalho — disse ela, levantando-se e mostrando-lhe o telefone. — Deixe-me ir buscar-lhe a bebida.

Avançou rapidamente para o balcão. Às vezes, melindrava-se quando alguém se embebedava às suas custas, mas não hoje. Duas cervejas era um pequeno preço a pagar pelas imagens horríveis agora guardadas em segurança no seu bolso.

— Pode confirmar que ambas as vítimas foram mortas da mesma maneira? Com a mesma arma?

Foi o tom da pergunta que irritou Grace Simmons. A jornalista, uma novata de um dos três jornais gratuitos locais, tentava mostrar um ar sério, mas não conseguia disfarçar a sua excitação com a brutalidade exótica dos homicídios.

— Foi utilizada uma besta em ambas as ocorrências — respondeu Simmons, com calma. — É demasiado cedo para dizer se se tratou da mesma arma.

Virou a cara à jovem, e, de pronto, uma dúzia de outros jornalistas aproveitaram a oportunidade, disparando perguntas. Todos os grupos de comunicação locais marcaram presença, além de uns quantos freelances que trabalhavam para os meios nacionais, que resolveram aparecer na conferência de imprensa por lhes cheirar a caso importante. E tudo graças ao empreendedorismo de Emilia Garanita. Naturalmente, tiveram de partilhar as notícias dos homicídios com a imprensa — era seu dever fazê-lo —, mas fizeram-no de modo adequado e responsável.

A Garanita, interessava apenas gerar histeria, algo que parecia ter alcançado em grande, tendo em conta a quantidade ridícula de jornalistas encavalitados na modesta sala de reuniões.

— Têm alguma ideia quanto ao motivo? — perguntou um jornalista radiofónico local.

— De momento, em relação a isso permanecemos de mente aberta...

— E há suspeitos? — insistiu o jornalista. — Já têm alguns nomes?

— Nada que possa partilhar, mas a população pode estar descansada, pois estamos a progredir rapidamente e em breve deveremos ter mais para comunicar.

— Procuram um só indivíduo, ou um grupo de suspeitos?
— Por ora, preferia não comentar isso.
— Está alguma detenção para breve?
— Tal como já disse, a nossa investigação está em curso...
— Vamos então encarar isso como um «não» — troçou um dos jornalistas, para diversão geral.

Simmons fitou diretamente o jornalista, até ele desviar o olhar. Teria adorado repreendê-lo, mas, sensatamente, refreou-se. Ainda assim, não percebeu como é que alguém poderia brincar com tal situação.

— Vão declarar a floresta zona interdita?

Desta feita, a pergunta veio da parte de um repórter televisivo local.

— É claro que não. Todas as semanas passam milhares de pessoas pela New Forest, tanto por razões profissionais como recreativas. O que nós aconselhamos é cautela, evitando áreas remotas da floresta e ponderando adiar visitas que não sejam essenciais.

— É verdade que anda um selvagem na floresta?

— Que eu saiba, não — ripostou Simmons, sem dar importância.

— Tem havido relatos de um eremita maluco a viver nas profundezas...

— Todas as pistas importantes serão investigadas, mas não faz parte do nosso trabalho alinhar com especulações loucas e boatos...

— Que medidas estão a ser tomadas para proteger a população?

Simmons ficou surpreendida com a velocidade a que eram disparadas as perguntas. Era como se a turba sentisse o cheiro a sangue.

— Há uma maior presença policial na floresta e manteremos a população atualizada sobre os últimos desenvolvimentos através do site da Polícia de Hampshire e grupos de *media* locais. Também instalámos uma linha telefónica especial para quem possa ter informações sobre estes crimes...

— A população está segura? Pode garantir que nos podem manter a salvo, quando anda um maníaco a percorrer a floresta?

— Faremos todos os possíveis para assegurar a segurança da população e uma rápida resolução do caso.

— E a inspetora-chefe Grace? Mantém a sua confiança nela? Houve dois homicídios sem que houvesse desenvolvimentos concretos nem pistas credíveis — disse o jornalista do *Evening News*.

— É claro que mantenho. E surpreende-me que a competência dela seja questionada, tendo em conta o seu registo exemplar.

Foi dito de forma vincada, com alguma agressividade até, intimidando quem lançou a pergunta. Mas Simmons sabia que seria só um adiamento. Enquanto o homicida permanecesse à solta, enquanto se esforçavam para travar aqueles crimes de difícil resolução, as perguntas não parariam.

— Têm a certeza? Têm mesmo a certeza?

Matteo Dominici encontrava-se nitidamente perturbado, pelo que Charlie se sentou ao seu lado no sofá, pousando uma mão reconfortante no seu ombro.

Depois de Helen a ter posto ao corrente das informações recolhidas na morgue, quisera partilhar de imediato com Dominici a horrível novidade, antes que ele soubesse por outras vias. Assim, encontravam-se agora sozinhos no apartamento que ele até à data partilhara com Lauren Scott.

— Temos, lamento. Estava de dois meses.

Todo o corpo de Dominici tremeu. Charlie sentiu-se péssima por transmitir tal notícia devastadora, quando ele se encontrava perdido de dor, mas teve de ser franca com ele.

— Ela nunca referiu nada... — acabou ele por murmurar.

— Acha que ela já saberia?

— Não sei... Os... os períodos dela eram incrivelmente irregulares, pelo que poderia não ter percebido que estava...

Não conseguiu proferir as palavras, então Charlie ajudou-o.

— Se sabia, é possível que estivesse à espera dos três meses, até ser seguro anunciar a novidade.

Charlie não fazia ideia se seria verdade, mas quis dizer-lhe algo para atenuar a sua dor. Dominici anuiu com a cabeça, como se aquilo fizesse sentido, mas nada disse.

— Matteo, quando conversámos pela primeira vez, disse que estava com a Lauren há cerca de 18 meses. — Mais uma vez ele anuiu. — Durante esse tempo juntos, sabia que ela se autoflagelava?

— Claro. Ela... ela era muito recatada em relação a isso, tentou esconder-mo. Mas, quando estávamos juntos, na cama, no banho, era difícil de esconder...

— Sabe o que a levava a fazê-lo?

— Não. Perguntei-lhe um milhão de vezes, mas disse apenas que, quando se sentia deprimida, havia algo que a impelia a fazê-lo. Odiava-se a si mesma, achava-se desprezível, que o mundo estaria melhor sem ela. Sei que no passado chegou a pensar em suicídio, mas conseguimos ultrapassar isso. Assim que pôs a bebida para trás das costas, e eu também, foi-nos possível ver um futuro à nossa frente.

— Posso perguntar-lhe o que o levou a beber, Matteo?

— Quer saber porque é que eu era alcoólico? — Charlie já assistira a isso em ex-alcoólicos: uma forte determinação em não disfarçar o seu comportamento. — Um casamento desfeito. Prendi-me muito jovem e depois acabou mal.

Aquilo teria de ser confirmado. Não era de pôr completamente de parte a possibilidade de Dominici estar de alguma maneira envolvido. Apesar do seu sofrimento e perturbação parecerem genuínos, a descrição dos eventos daquela noite não passava da palavra dele.

— E agora isto — disse Dominici, olhando para cima. — Porque é que isto aconteceu precisamente quando ela estava a endireitar as merdas?

— Não sei, mas vamos descobrir, isso posso garantir.

— Meu Deus, é tudo culpa minha — gemeu Dominici, parecendo não ter ouvido sequer Charlie. — Tudo culpa minha...

— Porque é que diz isso, Matteo?

— Porque ela não queria ir — esclareceu, abanando a cabeça.

— Como assim?

— Acampar era uma coisa minha, não dela. Ela não apreciava muito a ideia de dormir no exterior. Mas insisti e insisti.

— E ela acabou por concordar?

— Eu tinha comprado uma tenda nova que queria experimentar. E então recebemos um panfleto de Sunnyside por baixo da porta. Talvez eu a tenha pressionado, não sei, mas ela disse que ia porque... porque me amava e me queria fazer feliz.

Começou então a chorar abertamente.

— A culpa não é sua, Matteo. Nada disto é culpa sua.

— Mas se não a tivesse obrigado ela ainda estaria viva...

— Não pode saber — reagiu Charlie de pronto, embora não conseguisse contrariar a lógica dele.

— Meu Deus, o que fui eu fazer?

Ela estava a perdê-lo, consumido pelo desespero.

— Matteo, não lhe roubo mais tempo, mas tenho de lhe perguntar uma coisa.

Matteo olhou para ela, espantado com o que Charlie poderia querer saber, tendo em conta as circunstâncias.

— Pensamos que o homicídio da Lauren possa estar ligado a uma outra morte, ocorrida há dias. — Puro espanto. — Assim sendo, gostaria que olhasse para esta fotografia e me dissesse se reconhece este homem, ou se a Lauren o poderá ter conhecido socialmente ou nas redes de apoio dela.

Entregou-lhe a fotografia de Tom Campbell. Fora captada numa recente reunião de família e mostrava o jovem a sorrir abertamente — feliz, descontraído, cheio de vida. Dominici fitou longamente a fotografia, observando os pormenores das feições do homem.

— Não, lamento... — Ergueu o olhar para Charlie, devolvendo-lhe a fotografia. — Nunca vi esse rapaz na minha vida.

O metal rangeu conforme as garras desceram, torcendo e contorcendo-se sob a intensa pressão, até acabar por ficar espalmado. Era difícil assistir — o carro, que presumivelmente em tempos fora o orgulho e a alegria de alguém, espalmado como uma panqueca —, mas, estranhamente, era também difícil desviar o olhar. Parecia tão avassalador, tão definitivo.

Mas Joseph Hudson acabou por seguir em frente, mergulhando ainda mais na sucata. Era um homem prático — sempre se interessara por construir máquinas estranhas e maravilhosas a partir de peças soltas — e noutras circunstâncias teria apreciado explorar o amplo espaço, observando frigoríficos, carros, computadores e televisores desmontados. Mas tinha um trabalho a fazer, pelo que, ignorando as enormes torres de metal que o rodeavam, encaminhou-se na direção do escritório do gerente.

«Terry Clarke e Filho, Negociantes de Sucata.» A placa amolgada sobre a porta parecia cansada e desamparada, espelhando o estado de espírito de Hudson. Passara as três últimas horas a percorrer Southampton, batendo a portas, tendo conversas secas e irritáveis com donos de carros, ofendidos com a intrusão dele. A presença dele não era bem acolhida, mas ele insistia e, com a sua persistência, já riscara a maioria dos nomes da sua lista. Os inspetores Bentham e Edwards faziam o mesmo em Hampshire, mas até ao momento não dera em nada. Hudson disse a si mesmo que seria a última tentativa do dia — talvez o dia seguinte lhe trouxesse mais sorte.

Depois de bater à porta, foi recebido com um resmungo. Assumindo que se trataria de um convite para entrar, avançou. Um homem corpulento e por barbear em fato-macaco olhou para ele, surpreendido

e desconfiado. Havia obviamente algo na postura de Hudson que tornava evidente que não se tratava de um cliente.

— Terry Clarke?

— Isso mesmo.

— Sou o sargento-inspetor Hudson — informou, exibindo o seu crachá. — Será que podemos conversar sobre um *Land Rover Defender*... matrícula DB09 OLF?

— Porquê? A propósito de quê?

— Ainda é o dono da viatura?

— Sou, mas não a uso.

— Entendo...

— Agora, tenho um *Freelander*. É o meu filho que anda com o *Defender*.

— E ele chama-se...?

— Dean.

Hudson anotou o nome.

— Ele está cá?

— Não, acabou de sair.

— E o carro?

— Está nas traseiras.

— Posso dar uma espreitadela?

Hudson disse-o com um sorriso, mas o tom revelou que, na verdade, não se tratava de uma pergunta.

— O que aconteceu? Foi apanhado em excesso de velocidade ou...?

Deixou a frase a meio, plenamente consciente de que não se recebe visitas em casa por causa de excesso de velocidade. Hudson percebeu que a mente do sucateiro começou a dar voltas, a peneirar possibilidades.

— Porque é que não vamos dar uma espreitadela ao carro? — perguntou o inspetor num tom amável.

A definição de «traseiras» de Clarke era generosa. Levaram dez minutos a percorrer o caminho por entre o labirinto de carros destruídos e peças descartadas, até chegarem a um armazém miserável nos limites da propriedade. Se o dono se tivesse revelado hostil ou ameaçador, nem que fosse apenas ligeiramente, Hudson ter-se-ia

sentido apreensivo, ali isolado no amplo recinto na fronteira de Woolston, mas Terry Clarke não estava em forma, arquejando enquanto caminhava a custo.

— Ele guarda-o aqui — disse Clarke, ofegante, abrindo a porta do armazém. — Ao entrar, Hudson foi de pronto assaltado pelo cheiro: parte madeira podre, parte dejetos de pássaro, parte óleo de motor. Era uma combinação de causar tonturas. — Ali — prosseguiu Clarke, apontando para o *Defender* preto, estacionado na parte de trás do espaço empoeirado.

Hudson avançou, intrigado. Porque é que Dean Clarke sentia a necessidade de esconder o jipe num local tão remoto do espaço?

Abeirando-se da viatura, reparou nos para-lamas amolgados e no para-brisas sujo. Não se tratava de uma viatura muito estimada — era uma fera todo-o-terreno funcional nitidamente habituada a circular na terra.

Baixou-se para examinar os pneus dianteiros. Eram *Avon Rangemasters*, tal como esperava, e estavam praticamente carecas; a borracha, desgastada pela idade. Estranhamente, havia lama a cobrir ambos os pneus, preenchendo o espaço entre as estrias. Hudson passou um dedo — estava seco, mas firme, não se esboroando, sugerindo que era relativamente recente.

— Com que frequência é que o seu filho usa o jipe? — quis saber Hudson, endireitando-se.

— Bastantes vezes — respondeu Clarke de forma evasiva.

Assentindo com a cabeça, Hudson continuou a examinar a viatura. Era inquestionável que já estivera envolvido em alguma ação — a carroçaria tinha muitas amolgadelas e a pintura apresentava-se muito arranhada.

— E ele usa-o para quê? Trabalho ou diversão?

— Ele usa a minha carrinha para trabalhar, este é só para dar umas voltas.

Hudson prosseguiu o seu circuito, espreitando para a mala do jipe. Havia alguns pertences de Clarke, mas era impossível dizer o que seriam, pois estavam tapados por uma manta grossa a toda a largura da mala. Curioso, Hudson experimentou a maçaneta, mas,

previsivelmente, estava trancada.

— Faz ideia do que ele tem lá dentro?

Clarke abanou a cabeça, parecendo tenso. Hudson desconfiou que ele queria saber o motivo daquela visita, mas teria receio de perguntar.

— E quando é que conta que ele volte?

— Para ser sincero, não sei ao certo. Não costuma ficar por aqui depois de acabar o turno dele.

— Posso aparecer mais tarde, em vossa casa?

— Não vai encontrá-lo lá.

— Tem casa própria?

— Não, vive comigo, mas... não para muito por lá à noite.

— Tem alguma companheira? Amigos?

— Que eu saiba, não.

— Então onde é que ele vai?

— Sair. — Hudson olhou para Clarke, que mal aguentava o olhar dele. — Talvez... talvez ache o ambiente de casa muito sufocante. Só eu e ele...

— Nunca lhe perguntou onde vai?

— Não, não o ando a vigiar. Ele pode fazer o que quiser.

Foi dito com alguma convicção, mas soou vago. O sucateiro estava visivelmente agitado, e isso fez com que Hudson ficasse a pensar. Onde se encontrava Dean Clarke? O que andava a esconder ao pai?

E onde é que ia à noite?

O cigarro ardeu a fogo lento na mão dela, esquecido. Ao regressar

à Esquadra de Southampton, Helen evitou a sala de operações, rumando antes ao pátio. Disse a si mesma que precisava de um cigarro, quando, na verdade, aquilo de que necessitava era de tempo, de espaço, para pensar. Poucos se aventuravam a ir ali — era uma zona esquecida da esquadra para onde Helen escapava com frequência, um bom lugar para deixar a mente vaguear por um caso problemático.

Mas, hoje, Helen não era a única à procura daquele refúgio. A porta rangeu e Helen ergueu de repente o olhar, mas era apenas Charlie, uma das poucas pessoas que sabiam sempre onde encontrá-la. Guardando os cigarros — Charlie não era fã —, Helen virou-se para a colega.

— Como é que te safaste? — perguntou, no tom mais animado possível.

— Nada bem — respondeu Charlie com um encolher de ombros, parecendo algo abatida. — E tu?

— Nada. Seguimos todos os ângulos possíveis, mas até agora não há sinais de ligações entre as duas vítimas.

— Tens a certeza de que os dois homicídios estão ligados? — questionou Charlie, de repente parecendo duvidar dessa perspetiva. — Quer dizer, se não há provas...

— Espero que sim, para nosso bem — enfatizou Helen. — De contrário, vai ser o cabo dos trabalhos para encontrar o autor.

Charlie assentiu com a cabeça, mas parecia perturbada.

— Acho que temos de aprofundar a investigação à Lauren Scott — continuou Helen. — Aquela história de se magoar a si própria, os seus

relacionamentos, o uso de drogas...

— Certo...

— Pode dar em alguma coisa, ou pode não dar em nada. Mas é um rumo que podemos trabalhar. O Tom Campbell é tão... limpo. É difícil pensar que alguém poderia desejar-lhe mal.

Charlie voltou a assentir com a cabeça.

— Como é que o Dominici reagiu à fotografia do Campbell?

— Não o reconheceu, mas, para ser sincera, ele estava demasiado devastado para reagir ao que quer que fosse.

Helen reparou na perturbação de Charlie e estendeu o braço na sua direção. Não havia barreiras entre as duas ao fim de tantos anos.

— É tão cruel... A vida corria-lhe de feição... — prosseguiu Charlie, balbuciando. — Aos dois. E agora ele tem um funeral duplo para planear...

Charlie olhava para os pés, com a emoção a subir à superfície. Helen fitou a amiga com preocupação — ultimamente parecia cansada e ansiosa.

— Olha, porque é que não vais para casa, Charlie? Dar descanso a esse tornozelo?

— Eu estou bem — disse Charlie, fazendo um esgar ao rodar o pé inchado para provar as suas capacidades. — Para ser sincera, estou mais segura aqui.

— Como assim?

— Oh, não é nada — respondeu Charlie, parecendo envergonhada. — É só que o Steve está a querer ter outro filho. Provavelmente, enquanto estamos aqui a falar, já está a pôr o vinho no frigorífico, a preparar a *playlist* do Barry White...

— Mas tu não tens a certeza se estás pronta?

— Em parte, é claro que também quero. Pelo Steve, pela Jessie, mas... e se isso for só eu a ser fraca? A seguir o caminho mais fácil, por ser o que eles querem?

— Já conversaste com o Steve?

— Em condições, não, e não sei se quero.

— Porquê?

— Porque vou parecer paranoica. E assustada.

Helen fitou Charlie. A sua amiga sempre fora completamente franca com ela, uma característica que admirava imenso. Mas, nessa noite, parecia assustada e pouco confiante em si mesma.

— Não consigo tirar da cabeça o que aconteceu à Joanne.

— Eu sei.

— Sempre que penso no passo seguinte, de ter outro filho, lembro-me daquele dia...

Não teve de pôr o resto por palavras — Charlie foi a primeira a chegar ao local, depois de Joanne Sanderson ter morrido nos braços de Helen.

— Ainda costumo visitar a mãe dela, sabes?

Helen sentiu uma ponta de culpa — com o tempo, pôs fim às suas visitas a Nicola.

— E vejo como aquilo a afetou, e a toda a família... e isso faz-me pensar... e se tivesse sido comigo? Se tivesse ficado cara a cara com a Daisy e...

— Todos pensámos o mesmo.

— Eu sei — disse Charlie, limpando furiosamente do olho uma lágrima errante. — Sei que te sentes pior do que eu, e é por isso que me sinto tão... estúpida.

— Não és nada estúpida. Este trabalho é perigoso, e se alguma vez sentires...

— Não quero largar o meu trabalho, não é disso que se trata. Mas a Joanne levou-me a... a ter em conta o que arrisco. Faz com que pareça uma loucura a ideia de ter mais um filho, mas isso também é estúpido.

— Charlie...

— Porque não posso pôr a minha vida em pausa, a nossa vida em pausa, por causa de algo que aconteceu a outra pessoa. Não é justo negar um irmão à Jessie... Ela iria adorar um maninho ou uma maninha... e ainda assim...

— Se não estás pronta, não estás pronta — disse Helen com firmeza.

— Obviamente, nada sei sobre essas coisas. — Helen sorriu, consciente de como era absurdo estar a dar conselhos domésticos. — Mas tenho a certeza de que, quando a altura chegar, tu vais saber. Até lá, tens de te permitir fazer o luto pela tua amiga e processar o que

aconteceu de uma maneira natural. Não te obrigues a sentir que já ultrapassaste isso, se não for assim. — Helen sabia que também se sentia culpada pela sua obsessão com a morte de Joanne, mas ainda assim achou que o que dizia era verdade. — Aconteceu. É horrível, mas aconteceu. E todos temos de lidar com isso, por muito stressante e perturbador que possa ser.

— Tens razão, é claro que tens razão — disse Charlie, brindando Helen com um sorriso de gratidão. — E obrigada.

— Agora, vai para casa, tiveste um dia complicado.

— Vou, se não houver problema. Nunca se sabe, pode haver futebol para distrair o Steve.

Com um sorriso pesaroso, Charlie foi-se embora, deixando Helen sozinha. O seu encontro com Nathaniel Martin nitidamente desenvolvera os medos de Charlie, voltando a despertar todas as dúvidas e ansiedades que vivera após a morte de Joanne, mas Helen sentiu-se grata por a ver partir com um sorriso. Vendo-a afastar-se, Helen pensou no facto de ambas terem sido afetadas pelo homicídio de Joanne, embora de maneiras distintas. Charlie, pelo menos, estava envolvida com o mundo, tentando construir uma vida para si e para a sua família. Helen, por seu lado, encontrava-se sozinha no pátio dos fumadores, a remexer indolentemente num maço de cigarros. Era a imagem perfeita do isolamento, o que a levou a sentir-se subitamente vazia.

Charlie poderia ter os seus problemas, mas deixara a sua marca no mundo, com Steve, com Jessie. Se Helen morresse amanhã, qual seria o seu legado? Quem choraria por ela?

E, pela segunda vez nesse dia, Helen deu por si incapaz de responder a uma pergunta simples.

— Não, não, não. E é a minha última palavra.

Emilia sentiu-se tentada a realçar que «não, não, não» eram, na verdade, três palavras, mas achou melhor não o fazer. Tinha de acalmar Gardiner, pois o seu editor já estava a ficar nervoso.

— Não estou a falar das imagens mais reveladoras — ripostou Emilia, apontando para as fotografias do local do crime espalhadas sobre a secretária. — Estava a pensar que podíamos usar uma das fotografias tiradas ao longe. Dá para ver o contorno do corpo pendurado na árvore, mas não se veem as feições, os ferimentos nem a pele. Na verdade, é uma bela fotografia. O modo como as árvores enquadram o local do crime...

Martin Gardiner olhou para Emilia como se o conceito de beleza dela estivesse tremendamente deturpado, mas ela insistiu.

— E pensa na sensação que seria — prosseguiu Emilia. — A Grace, a Simmons, ambas culpadas de tratarem a população como se fossem crianças, de esconderem o que efetivamente se passava. Bem, podíamos pôr a abrir...

— Falas como uma jornalista zeca de segunda — ripostou Gardiner, zangado. — E, antes que vás mais longe, deixa-me que te recorde que isto é um jornal local.

— Como é que havia de o esquecer? — murmurou Emilia, suficientemente baixo para ele não ouvir.

— As pessoas leem este jornal pelas páginas de anúncios, pelas receitas, pelas palavras-cruzadas. Procuram as notícias locais...

— Isto é local, está aí ao virar da esquina.

— Sendo que me refiro a eleições autárquicas, festas de escola, festas populares...

— Isto vai ser uma grande história. E podíamos passar a perna a toda a gente...

— Publicando fotografias pormenorizadas do local do crime... fotografias que tu roubaste.

— Podemos dizer que foram descarregadas da Internet...

— E depois somos levados a tribunal, para termos de provar isso? E a seguir?

— Não caberia a nós provar nada. Eles é que teriam de provar que as obtivemos de forma ilegal. Além disso, nunca seguiriam por essa via. Só iria mostrar quão incompetentes são.

Gardiner ia a interromper, pelo que Emilia avançou logo.

— Olha, estamos a perder tempo. Se conseguirmos concordar na fotografia a publicar, então posso dar-te umas mil palavras até ao final do dia.

— Emilia — reagiu Gardiner, esforçando-se por dominar a ira. — Não me parece que estejas a compreender o que digo, por isso vou tentar ser ainda mais claro. Não vamos publicar fotografias do local do crime que vão afugentar a maioria dos nossos leitores... nem na primeira página, nem nas centrais, nem no raio dos horóscopos. — Emilia tentou voltar a interromper, mas Gardiner ainda não terminara. — Nem quero ter um processo nas costas só para benefício da tua carreira. — Começou a recolher as fotografias. — Vamos considerar o erro de avaliação de hoje como fruto do teu entusiasmo juvenil e fingir que nunca aconteceu. — Pôs o molho de fotografias nas mãos de Emilia. — Estamos entendidos?

— Sim.

— Perfeito. Então continua lá com o teu artigo. A tua descrição, os factos que temos, será suficientemente arrepiante, confia em mim.

Mas havia um problema: Emilia não confiava nele. Não confiava na capacidade de avaliação dele, nem no seu instinto. Enquanto regressava em passadas largas para a sua secretária, praguejando por entre dentes, reparou que nunca estava de acordo com Gardiner — que parecia sentir-se ameaçado por ela ser mulher, pela sua juventude, pelo seu talento. Mas recusou-se a deixar-se intimidar por dele. Correria um grande risco para deitar a mão às fotografias, e era evidente que não iam ficar por usar.

O que significava que, uma vez mais, iria ter de ser ela a tratar do

assunto.

O s dedos dele deslizaram sobre as teclas, digitando comandos.

Pouco depois, surgiu uma fotografia no ecrã. Era de um jovem com colete caqui e calças camufladas, a olhar diretamente para a câmara.

— É ele. Reconheci o nome assim que o disseste.

Joseph Hudson espreitou para o nome assinalado na fotografia — *Hellmanned2008* — e depois voltou-se para o inspetor Reid, que notou o seu ar baralhado.

— É o pseudónimo do Dean Clarke online, um jogo de palavras com a província do Afeganistão Helmand. Ele serviu lá entre 2007 e 2010.

— Certo... Onde é que te cruzaste com ele?

— Em montes de sítios, ele publica com regularidade. Principalmente em sites de armas e fóruns de sobreviventes. São uns tipos cheios de músculos a gabarem-se da força que têm e de como seriam os únicos a sobreviver se a sociedade colapsasse. É muito homoerótico, se queres que te diga. — Hudson deixou passar aquela; ainda se estava a habituar ao sentido de humor invulgar do inspetor Reid. — Ele também contribui imenso para diversos fóruns, além de ter um site próprio.

A página de boas-vindas de *Lastmanstanding.co.uk* ocupava a totalidade do ecrã. Apresentava um grande plano dos olhos esmeralda penetrantes de Clarke, envoltos pela escuridão.

— A imagem de boas-vindas destina-se a intimidar, calculo. O resto são fotografias muito normais para excitar pessoal obcecado com temas militares e adoradores de músculos.

Reid abriu a galeria de fotografias. Algumas mostravam Clarke em tronco nu, com os seus músculos volumosos e tatuagens em destaque. Hudson passou os olhos por essas — a maioria era de temática militar.

— Temos a certeza de que ele esteve no exército? — perguntou Hudson, surpreso.

— Ele diz que esteve nas forças especiais e alega ter um registo com mais de uma dúzia de mortes em serviço. Entra em bastantes pormenores... a utilização de armas automáticas, facas, uma vez com as próprias mãos...

O olhar de Hudson incidia nas palmas carnudas de Clarke, que pareciam gigantescas em comparação com as suas.

— Também dedica muito espaço a descrever o que vai acontecer quando tudo for por água abaixo. Como ele e outros semelhantes terão de estar a postos. Eu cá acho que anda a levar demasiado a sério o *Walking Dead*.

— Ele tem muitos seguidores? Quem lê estas coisas?

— É bastante popular. Alguns antigos soldados, claro, mas principalmente rapazes adolescentes e jovens adultos zangados com o mundo. Alguns dos seus seguidores andam muito perto do limite da legalidade, mostrando-se tolerantes com matanças racistas na América, enviando cartas com ameaças de morte a políticos e celebridades. É um bando muito tóxico, para ser sincero, e acho que já tive a minha dose para um único dia, por isso...

Levantando-se, Reid indicou a Hudson que ocupasse o seu lugar. Depois de agradecer ao colega, Hudson continuou a deslizar a página, abrindo a fotografia de Clarke em traje de combate, com material camuflado, colete de proteção e rosto enegrecido. Ao olhar para aquela imagem inquietante e agressiva, Hudson deu por si cada vez mais intrigado em relação a Dean Clarke. Tratava-se de um jovem que chegara a ter um propósito na vida e prestígio, mas que agora trabalhava para o pai numa sucata de segunda categoria. Era um assassino treinado, a viver ali, carregado de raiva, desconfiança e hostilidade. Era, também, uma figura elusiva, com um grande interesse em armas, que desaparecia com regularidade para passeios noturnos. Poderia ser o homem deles? A arma invulgar utilizada para caçar Tom Campbell e Lauren Scott poderia ter sido montada com o metal descartado que o rodeava no trabalho?

Era uma possibilidade intrigante que Hudson estava determinado a

dissecar. Reid e os outros poderiam ir para casa — ele permaneceria onde estava. Agora que finalmente detetara um odor, não ia de maneira nenhuma abandonar a caçada.

Os seus olhos nunca se desviaram dele, mas ele não abriu a boca.

Terry Clarke sentou-se diante do filho, que devorava o jantar com uma intensidade desagradável de contemplar. Desde que a sua mulher falecera, Terry comia com frequência em casa, com uma pilha de refeições prontas à mão. Por vezes, Dean juntava-se a ele, mas não era grande companhia, comendo e partindo assim que podia. Aqueles breves encontros causavam uma sensação estranha a Terry — era deprimente como sabia tão pouco sobre o seu filho, como eram desprovidos de vida os jantares à mesma mesa, apesar da sua relutância em abdicar deles. Recordavam-lhe tempos mais felizes, em que os três costumavam comer juntos. Ele prometera à sua falecida mulher, Nancy, que se manteria atento ao filho errante, e não era promessa que pretendesse violar.

— Hoje a polícia andou por aqui a rondar... — disse, afastando o prato.

O garfo de Dean deteve-se por uns momentos, mas depois recomeçou a comer, enchendo a boca por mais duas vezes antes de grunhir uma resposta:

— E?

— Perguntaram por ti. E pelo teu jipe.

Mais uma breve pausa.

— O que é que queriam?

— Diz-me tu.

O filho enfiou uma última garfada na boca. Mastigou lentamente, antes de, por fim, responder:

— Não há nada a dizer.

— Então, porque é que apareceram? Nunca cá tivemos a polícia...

— És um cidadão exemplar, não és? — rebateu num tom de gozo.

— Tive alguns desvios — replicou Terry, irritado —, mas nunca infringi a lei.

— Convence-te disso.

Abanando a cabeça, Dean levantou-se.

— Onde vais? Ainda não acabamos.

— Acabámos, pois.

Dean ia a sair e Terry foi rapidamente atrás dele. Correndo pela sala fora, agarrou o filho pelo ombro, fazendo-o rodar.

— O que é que se passa, rapaz? Em que alhada te meteste?

Os olhos de Dean chisparam de fúria. Assustado, Terry recuou um passo, mas a fúria desapareceu de repente. Para ser substituída por algo pior... desdém.

— Nunca mais te atrevas a tocar-me.

— Só quero saber o que se passa. Se estás em apuros, posso ajudar. Era o que a tua mãe queria.

— Não se passa nada.

— Então, porque é que aqui vieram? O que é que está no jipe?

Dean agarrou de repente o pai pela garganta e Terry sentiu-se a rodopiar. Meio segundo mais tarde, bateu contra a parede, esvaziando todo o ar dos pulmões. Espantado, pestanejou intensamente, enquanto Dean se aproximava.

— Tem cuidado, velhote. Tem muito cuidado.

— Eu... eu não queria meter o nariz.

Mas Dean encostou-lhe um dedo aos lábios, calando-o.

— E mantém-te longe dos meus assuntos.

Mas não foi o que o filho lhe disse que o perturbou, apesar de ter sido muito mau. Foi o modo como o disse. Frio, distante, duro.

— Claro... Só estava preocupado com...

Não conseguiu terminar, com o filho a lançá-lo violentamente ao chão e a sair em passadas largas da sala. Terry viu-o sair, com o coração a bater desordenadamente, sem perceber o que acabara de acontecer. Já há muito que sabia que o filho era agressivo, perturbado, imprevisível, mas nunca se sentira pessoalmente ameaçado por ele. A morte recente da sua mulher teria de alguma

forma transtornado o seu filho? Tê-lo-ia perdido em definitivo?

Ao longo dos anos, Terry Clarke sentira diferentes emoções... arrependimento, tristeza e, acima de tudo, inquietação. Mas, naquela noite, pela primeira vez, sentira medo.

Helen olhou para o rosto frágil em busca de respostas. A fotografia de Lauren Scott era recente e parecia captar um momento único. Dava para ler o trauma e o descuido nas feições dela — os vincos sob os olhos, os dentes manchados, o cabelo ralo —, mas também uma centelha de esperança na sua expressão, a percepção de que a vida poderia estar prestes a melhorar. Quão trágica aquela fotografia parecia agora.

Helen refugiara-se no seu gabinete. Joseph Hudson era a única outra alma presente, mas por uma vez que fosse parecia tremendamente embrenhado no seu trabalho, pelo que Helen seguiu o exemplo dele, analisando os detalhes da vida de Lauren Scott. A pressão por progressos era cada vez maior. Simmons orientara a conferência de imprensa com habilidade, mas as perguntas — sobre a natureza dos ataques, a falta de pistas, a competência da equipa — tinham-se revelado agressivas e contínuas. Simmons esforçara-se imenso por tranquilizar os jornalistas presentes, apesar de reter alguns dos pormenores mais desagradáveis relativos aos ataques, mas a sensação de pânico crescente era inegável, tanto na esquadra como por toda a cidade.

Porquê? Porque é que aqueles dois inocentes foram atacados? Era o que todos queriam saber, mas Helen ainda não tinha respostas. Tinha de haver um motivo evidente, alguma ligação óbvia entre os dois, mas, se era esse o caso, estava a revelar-se difícil discernir qual. Ambos haviam nascido em Southampton, mas além disso não parecia haver mais nada que se cruzasse. Havia uma possível ligação no que dizia respeito às drogas, mas na realidade até essa parecia ténue. Do cadastro de Tom Campbell constava uma acusação de posse na

adolescência, mas escapou com sorte, tendo em conta que tinha o suficiente para lhe ser atribuída uma acusação de tráfico, mas isso não era nada em comparação com o historial de delitos de Lauren Scott. Cedo na vida, Lauren desviara-se dos bons caminhos, enquanto Tom Campbell parecia o exemplo perfeito de alguém bem encaminhado — sensato, trabalhador, bem-sucedido.

Mas seria mesmo possível que tivessem sido escolhidos aleatoriamente? Não se tratava de crimes de passagem ou fortuitos. O rapto e a morte deles tinham sido premeditados, calculistas, precisos. Ambos tinham sido misteriosamente levados das respetivas tendas para lugares remotos da floresta, onde poderiam ser perseguidos sem que o autor temesse ser detetado ou interrompido. Aqueles homicídios tinham sido muito bem planeados e eficazmente executados, sem uma única pista quanto à identidade do assassino. A comunicação social local, em particular Emilia Garanita, até podia retratar o assassino como uma espécie de maníaco, mas na verdade era tudo menos isso. O homicida sabia exatamente o que fazia e era competente, profissional até, poder-se-ia dizer. O que levou Helen a sentir que teria de haver uma ligação entre as vítimas, uma razão para terem sido escolhidas.

O homicida corria sérios riscos, raptando as vítimas enquanto dormiam junto aos seus companheiros, em parques de campismo com bastante gente, no pico da época turística. Além disso, as vítimas não tinham sido rapidamente abatidas — deixaram-nas ir, foi-lhes dada uma oportunidade de fuga. Tinham tudo contra eles, mas ainda assim era um jogo muito arriscado se o assassino não se interessasse genuinamente pela identidade das vítimas. Haveria formas mais fáceis de isolar e raptar as vítimas se o que o movia fosse unicamente o amor pela caça e a emoção pela perseguição.

Frustrada, Helen pôs de parte a imagem de Scott, escolhendo antes uma fotografia profissional de Tom Campbell. Observou a sua pele macia, o olhar confiante. De início, Helen pensara que Nathaniel Martin fora atrás de Campbell por causa dos seus crimes contra a floresta, por causa da sua ligação à Nexus. E, embora essa se mantivesse como linha ativa de investigação, na verdade, parecia haver poucos motivos para Martin fazer de Lauren Scott um alvo. Ela

não apreciava particularmente campismo, raramente visitava a floresta e, tendo em conta que Martin já andava a ser perseguido por equipas de busca da polícia, teria ele mesmo corrido tal risco, saindo para atacar de novo? Naturalmente, era possível, mas até que as equipas de busca o desencantassem, não podiam ter a certeza.

Helen estava convencida de que havia uma ligação entre Campbell e Scott, uma razão para terem sido escolhidos para terem aquele tratamento especial, mas permanecia oculta. Ela passara a pente fino os pormenores da vida deles e não dera em nada, o que a levava a interrogar-se se a ligação poderia residir noutro ponto. Isso era algo que Helen ainda não considerara devidamente, mas, ao pegar numa fotografia de férias de Lauren e do namorado Matteo numa soalheira praia espanhola, ponderou se não teria sido insensato não abordar tal possibilidade. As vítimas tinham sido aterrorizadas e brutalizadas para lá dos limites da imaginação; porém, as recordações do choque de Melanie Walton, da perturbação de Matteo Dominici, regressaram-lhe à mente. Iriam carregar ao longo da vida as imagens horríveis do que acontecera aos seus amados — perseguidos e deixados a sangrar até à morte. As sequelas desses tipos de trauma, combinados, sem dúvida, com o sentimento de culpa do sobrevivente, poderiam ser profundos, levar até ao suicídio. Seria então possível que Walton e Dominici fossem a ligação?

Detinham, até agora, escassa informação sobre as suas vidas, mas amanhã teriam de remediar isso. Antes de mais, escavariam bem fundo nos seus passados, vendo se havia crimes ou infrações, quaisquer ligações ocultas que pudessem lançar uma nova luz sobre aqueles homicídios enigmáticos.

Entretanto, continuariam a vaguear na escuridão, procurando um assassino que se recusava a deixar-se encontrar.

Ele mergulhou cada vez mais fundo na escuridão, cada vez mais alarmado com o que via. Joseph Hudson não se movera desde a partida dos seus colegas, o seu café frio intocado na sua secretária, enquanto se imiscuía no mundo de Dean Clarke. Tendo esgotado as publicações regulares de Clarke — entediado pelas suas citações, medalhas e mortes em serviço —, fora dar um passeio pelo lado sombrio, recorrendo a um dos motores de busca *Tor* da equipa para aceder à *dark web*.

Num cargo anterior, Hudson passara 18 meses a procurar pedófilos, traficantes de armas e gangues de traficantes de droga nos seus recantos sombrios. Havia por lá todos os tipos de depravação e criminalidade, e ele sabia que tinha de se focar bem para encontrar o que procurava. Começou por ver em fóruns de venda de armas, concentrando-se nos que serviam gostos exóticos — sites que vendiam espadas de samurai, maçãs com pregos, bestas e armas semelhantes. Cerca de 20 minutos de navegação poucos frutos proporcionaram, com a exceção de uma perturbação crescente face à quantidade de loucos que havia no mundo, mas lá acabou por tropeçar em Clarke. Ali, o nome falso que usava era ligeiramente diferente — *2Helmandback* —, mas a fotografia sombria do seu rosto mascarado era uma réplica da que se encontrava no seu site. Talvez Clarke achasse que os seus olhos penetrantes fossem a sua melhor característica.

Clarke era um visitante regular da *dark web*, estabelecendo com regularidade contacto com outros entusiastas de armas para discutir, comprar ou trocar armas. As trocas de palavras eram levadas a cabo abertamente, sem nomes de código ou subterfúgios, com os vários

intervenientes a falarem abertamente do tipo de armas que precisavam e do desempenho das mesmas. Clarke era mais ativo do que a maioria, um negociante em série de todos os tipos de facas, espadas e arcos... O seu interesse e entusiasmo pareciam não ter fim. Pelas estimativas de Hudson, devia ter um pequeno arsenal, algo de que evidentemente se orgulhava imenso. Numa fotografia publicada três semanas antes, Clarke era visto a lamber a lâmina de uma faca de quase 30 centímetros, de olhos arregalados com a excitação.

Muitas daquelas publicações tinham ligações a outros sites *offline*, que eram ainda mais perturbadores. Hudson deu por si embrenhado no mundo sombrio e horrendo da tortura de temática militar, passando publicações com gravações de zonas de guerra, campos de batalha e cidades sitiadas. Algumas tinham já décadas — Hudson ficou particularmente arrepiado com filmagens de detidos em Auschwitz a serem maltratados por guardas da SS —, mas a maioria representava conflitos recentes no Médio Oriente. Como seria previsível, os Aliados eram os bons, e o inimigo — uniformemente tratado por «cabeças de trapo» — eram as vítimas. Havia imagens de atiradores furtivos a marcar a giz as suas matanças, dois fuzileiros norte-americanos a esvaziar os seus cartuchos num combatente tombado e até um orgulhoso soldado de infantaria britânico de pé sobre o corpo de uma adolescente. O pior eram as fotografias daqueles infelizes combatentes que foram torturados, e depois abatidos, para sacar informações — um jovem pendurado de pernas para o ar, enquanto os seus captores faziam pose e riam ao seu lado.

Dean Clarke era um participante regular, partilhando e comentando as perturbadoras imagens. O seu racismo era evidente, tal como a sua sede por sangue. Evidente era igualmente o seu orgulho — descrevia pormenorizadamente a sua própria experiência naquele campo, detalhando as gargantas que cortara, os insurgentes que abatera a tiro enquanto oravam. Nada parecia ser demasiado vil para Clarke, nada ultrapassava os limites — no seu mundo, tudo valia, independentemente de idade, sexo ou circunstâncias.

Ao longo de todas as suas publicações, Clarke gostava de se retratar como um homem de ação, um guerreiro. Era uma imagem

definitivamente distinta da sua existência quotidiana, a trabalhar na sucata sob o olhar atento do pai, o que deixou Hudson a pensar. Como seria a relação entre os dois? Porque é que Terry Clarke se mostrara tão preocupado com o filho? E porque é que Dean Clarke era uma pessoa tão tumultuosa?

Começava a ficar tarde e Hudson sabia que chegara a hora de ir para casa, mas, de certa forma, sentia-se compelido a ficar. Não conseguia desviar os olhos de Clarke — das suas publicações, da sua postura — e nesse instante o seu olhar foi atraído para a última contribuição que fizera no fórum *ModernWarrior*. Era um site restrito usado por homens com gosto por sangue, muitos brandindo armas que alegavam ter usado. A última imagem de Clarke fora acrescentada recentemente e fez com que Hudson estacasse.

Envolvido por um cenário escuro, Clarke apresentava-se camuflado, apenas com os seus olhos cor de esmeralda visíveis através de um capuz negro. Estava em pose de combate, de braços erguidos e a postos, apontando diretamente para a câmara a sua besta.

A primeira luz do dia, a floresta já fervilhava de atividade. Helen avançou em passos pesados por entre a vegetação cerrada, com o orvalho a colar-se-lhe às botas, dirigindo-se aos agentes envolvidos nas buscas reunidos na clareira. Recebera a chamada pouco depois das 6 horas e atravessara a cidade a grande velocidade.

— Podem dar passagem, por favor?

A equipa reagiu, abrindo alas para deixar passar Helen. Tinham retomado as buscas por Nathaniel Martin bem cedo, mas pouco haviam avançado pelo caminho de terra batida quando depararam com o cadáver de um pónei, descartado e esquecido na vegetação. Tal como no caso do primeiro cavalo, o animal fora abatido por mãos humanas, com cinco setas de besta cravadas no flanco.

Enquanto os agentes de afastavam, Helen agachou-se junto ao corpo. Tratava-se da segunda descoberta do género, mas aquele pónei fora indubitavelmente abatido primeiro. Encontrava-se já num estado avançado de decomposição, exalando um odor forte a putrefação. Havia larvas no corpo, do qual uma parte significativa fora arrancada até aos ossos por outros habitantes da floresta. Ambos os olhos da pobre criatura tinham sido arrancados, dando ao cavalo um ar sinistro, até demoníaco.

Haveria outros póneis por descobrir na floresta? Ou teria sido o primeiro? Se assim fosse, era a prova do desenvolvimento metódico dos crimes do assassino. A criatura que Helen encontrara fora eficazmente abatida, derrubada com três setas bem dirigidas. Aquele pónei sofrera mais — cinco flechas, das quais apenas três poderiam ter infligido um golpe fatal, as outras duas alojadas nas suas costas e perna traseira, respetivamente.

Observando o corpo, Helen interrogou-se se teria sido por acidente ou propositado. Teriam os disparos errantes servido o propósito de abrandar o animal, antes de ser abatido? Ou teriam sido apenas o resultado de má pontaria? Ou aquela disposição aleatória de disparos significava outra coisa? A Helen, parecia-lhe um exagero, como se alguém se tivesse divertido, carregado a arma e disparado cinco vezes, largando as derradeiras setas depois, talvez, de o cavalo ter morrido. Por um lado, desejava que aquela morte revelasse o trabalho de um caçador diletante; por outro, temia que fosse o trabalho de alguém que gostava da morte.

— OK, vamos isolar o local — disse ela, levantando-se e virando-se para os agentes ali presentes. — Assim que a Meredith cá chegar, podem retomar as buscas.

Os agentes regressaram ao trabalho. Afastando-se do corpo maltratado, Helen retirou o telefone do bolso, ansiosa por pôr Charlie a par dos últimos desenvolvimentos. O corpo do pónei fora encontrado no bosque junto a Furzley, bem longe dos outros locais do crime, abrindo uma nova área de investigação. Todavia, deteve-se ao levar o telemóvel ao ouvido. O seu olhar incidira numa árvore no limite da clareira, que parecia ter uma trepadeira verde brilhante a subir pelo tronco. Acompanhando a sua ascensão, os olhos de Helen incidiram então em algo que fez disparar o seu coração.

Uma câmara para filmar aves, pousada bem em cima numa pequena cavidade, a apontar diretamente para a clareira.

Sentia os olhos do pai cravados em si.

Aparecera mais cedo para trabalhar, desejoso de causar boa impressão e deixar para trás o ambiente desagradável. Amaldiçoou-se pela sua reação violenta exagerada — nitidamente, assustara o pai, o que só poderia gerar problemas. Parvo como era, o seu pai não estava habituado a que lhe fizessem frente e não ia deixar passar. Iria castigá-lo, sem dúvida, mas, pior ainda, iria fazer perguntas — perguntas às quais Dean não queria responder.

O pai mal olhara para ele desde que entrara no escritório, limitando-se a resmonear. Pegando num chá e torradas, Dean refastelou-se diante do televisor. Era melhor do que o silêncio pesado e hostil. Estava a dar o noticiário da manhã — viu a previsão do tempo, depois o desporto e agora as notícias locais. Seguiram para os homicídios, com o enfoque em Matteo Dominici, o italiano que tinha uma relação com Lauren Scott. Dean viu com atenção, intrigado, enquanto o vulto acossado saía a correr do seu apartamento para um táxi que o esperava, levando uma mala na mão. O namorado enlutado fora claramente obrigado a sair de casa pelo assédio constante da imprensa, e Dean divertiu-se ao ouvir a repórter a realçar isso mesmo, num tom sóbrio e crítico, como se ela própria não fizesse parte daquilo. *Que grande mentirosa*, pensou Dean.

A repórter terminou a sua intervenção, e o pivot fez incidir o foco em notícias menos sensacionalistas, passando para uma onda de assaltos. Dean não quis assistir e desligou a televisão. Sentia o pai a observá-lo, fitando-lhe a nuca como se pretendesse penetrar-lhe o crânio, o que o deixou desconfortável. Terminada a sua torrada, dirigiu-se à cozinha minúscula, enfiando a louça suja no lava-louça.

— Vou trabalhar.

Lançou uma espreitadela ao pai, mas ele limitou-se a anuir de modo alheado, virando-lhe costas. Irritado com o pai, e consigo, Dean saiu intempestivamente pela porta. Havia um frigorífico a necessitar de ser desmontado, e de repente sentiu vontade de se lançar a isso, para se afastar do ambiente sufocante do escritório. Mas, enquanto se encaminhava para lá, ouviu a porta do escritório a abrir, com o seu pai a segui-lo.

Por muito que tentasse ignorar como o ambiente entre eles se alterara, era evidente que algo mudara. O seu pai andava agora desconfiado, talvez tivesse até pressentido o que estava por detrás da postura evasiva do filho, e parecia determinado a desvendar a verdade. Isso deixou Dean tremendamente nervoso, mas pouco podia fazer em relação ao assunto. Aquele era o espaço do pai, o seu domínio, e, enquanto lá estivesse, permaneceria sob vigilância.

— Tem a certeza?

Hudson tentou, sem sucesso, disfarçar o seu espanto. — Cem por cento. Verifiquei duas vezes.

— Então, ele não pode ter servido na SAS?

— É claro que não — prosseguiu a sargento do exército, como se falasse com uma criança. — Não houve ninguém chamado «Dean Clarke» alistado nas Forças Armadas nos anos que referiu.

— Poderá ter-se alistado com um nome falso?

— Tudo é possível, mas, por motivos óbvios, as verificações que fazemos aos antecedentes são extremamente minuciosas.

— Claro — reagiu Hudson, com a sua mente a analisar aquele estranho desenvolvimento.

Ligara logo cedo para o quartel-general do Exército Britânico em Andover, até chegar à fala com a sargento Greta Smith. Ela era brusca e condescendente, mas prestável, pelo que Hudson decidiu voltar a arriscar.

— Será que lhe posso pedir mais um favor? Há um par de coisas a que gostaria que desse uma vista de olhos.

Dez minutos mais tarde, já tinha o quadro geral. Enviara fotografias das condecorações e das medalhas de Dean Clarke à sargento Smith e não estranhou que as primeiras fossem cópias falsas e amadoras de menções reais, provavelmente da autoria do próprio Clarke. Já as medalhas eram genuínas, mas, dado que havia um comércio intenso no *eBay* de louvores de ex-militares, era muito fácil arranjá-las em qualquer lugar.

Hudson foi de imediato avisar McAndrew, que andara a fazer algumas confirmações de dados, todas reforçadas pelas suas crescentes suspeitas. Clarke, aparentemente, abandonara os estudos aos 16 anos, mas ao fim de dois estágios falhados começara a pedir subsídios. E

continuou a recebê-los durante os anos em que supostamente estaria a servir no estrangeiro, que coincidiram com algumas admoestações da polícia por furto e rixas. Nunca chegou a ser acusado, daí não ter registo criminal, mas sem dúvida que levara uma vida fútil até aos 20 e poucos anos, até tudo acabar por descarrilar quando terminaram de vez os subsídios, seguindo-se uma tentativa fraudulenta de pedir uma pensão de invalidez.

Hudson não teve dificuldade em adivinhar o resto. O filho a viver de novo da caridade dos pais, a trabalhar na sucata, a dormir na casa dos pais. Talvez sempre tivesse sido paranoico, talvez a morte da mãe o tivesse levado ao limite, mas era evidente que a dada altura da sua vida Clarke desenvolvera dupla personalidade. Por um lado, era um trabalhador oprimido, a dismantelar os restos dos outros para o seu pai; por outro, era um fantasista violento, a viver uma vida fabricada como guerreiro com experiência de combate. Restava saber até que ponto era real o seu *alter ego*. Até que ponto ocupava os seus delírios.

Clarke era um fracassado, isolado e zangado. Teria gostado de exercer poder sobre as suas vítimas, caçando-as? Sentir-se-ia excitado pela perseguição na floresta, completamente camuflado e impossível de detetar? Teria isso concretizado a sua fantasia de ser um assassino qualificado?

Enquanto absorvia a lista de fracassos de Clarke, e o improvável *alter ego* do assassino da SAS que criara, Joseph Hudson foi obrigado a questionar-se quanto à verdadeira ligação de Dean Clarke à realidade.

1 SAS, ou Special Air Service, é uma força especial militar de elite britânica. [N. T.]

Tudo não passava de uma névoa.

Charlie já se sentia exausta, mas, fortalecida por várias chávenas de café, lançara-se ao trabalho, investigando as minudências da vida de Matteo Dominici. Helen lançara, na noite passada, aquela nova linha de investigação e, depois de ter sido chamada logo de manhã para investigar a segunda morte de um pônei, pedira a Charlie que lhe desse seguimento.

Charlie começou a tratar imediatamente do assunto e, depois de pedir aos inspetores Bentham e Osbourne que investigassem a vida de Melanie Walton, ficara completamente envolvida e presa ao que lia. Mas os pormenores eram banais — Dominici era um anglo-italiano de segunda geração, vivera em Southampton toda a sua vida, que fora, na sua maioria, passada a trabalhar no restaurante da família — um estabelecimento simpático e acolhedor no centro da cidade. Não tinha condenações, pagava os impostos e contribuía para a comunidade local. As suas publicações no *Facebook* eram intermitentes, mas otimistas; a sua perspetiva de vida, positiva — resumindo, parecia não haver razões para alguém querer destruir a sua felicidade ou sanidade. Aquela linha de investigação parecia levar a um beco sem saída e, à medida que Charlie passava revista aos seus mais recentes *posts*, eles começavam a ficar indistintos — com muitos dos sentimentos agradáveis e otimistas a transformarem-se num só, de tão repetitivos.

— Sargento-inspetora Brooks?

Charlie despertou e deu com Helen a apontar para o seu gabinete. Levantando-se, Charlie apressou-se a ir para lá, fechando a porta atrás de si depois de entrar. Era notório pelo comportamento de Helen que surgira algo importante.

— Hoje de manhã fui a Furzley — começou por dizer Helen, indo direito ao assunto —, verificar a segunda morte de um cavalo.

— É o nosso homem?

— Sem dúvida, mas acho que foi só um teste. O cavalo já estava morto há uma semana, ou mais, e o ataque foi menos preciso... cinco flechas, desta vez.

Charlie assentiu com a cabeça, digerindo a informação.

— Enquanto lá estive, vi uma câmara de filmar aves. Felizmente, aquela estava a funcionar e, com algum esforço, consegui arranjar as gravações das duas últimas semanas.

Charlie debruçou-se para a frente na sua cadeira enquanto Helen rodava o portátil na direção dela. Inseriu uma *pen* na ranhura e abriu o leitor de vídeo. Uns segundos mais tarde, o ecrã ganhou vida, com a câmara de visão noturna a exibir uma vista fantasmagórica em tons de verde do ninho e do arvoredo atrás. Um contador de tempo avançou ininterruptamente no fundo da imagem e Helen passou a gravação à frente.

— Aviso-te já que não é muito agradável...

Charlie preparou-se para o que aí vinha, olhando atentamente para o pequeno ecrã. Decorreram uns segundos e de repente, na parte superior da imagem, surgiu um movimento. Apareceu um pônei no campo de visão, vacilando para a clareira. Foi seguido por um vulto alto e indistinto, que avançou para o animal ferido, erguendo o arco e disparando à queima-roupa.

O cavalo corcoveou selvaticamente — Charlie arrepiou-se —, mas o pior estava para vir. O pônei caiu de joelhos, mas o seu atacante não demonstrou misericórdia, assentando um pé no flanco da pobre criatura para a prender. Seguiram-se mais duas setas, totalizando cinco. O cavalo, presumivelmente, estaria em choque, o seu corpo rígido com medo, mas aos poucos a sua cabeça baixou e pouco depois ficou imóvel. O seu assassino, contudo, deixou-se ali ficar, a saborear o seu feito, antes de se ir embora.

Charlie prendeu o olhar nele enquanto cruzava a clareira, absorvendo os pormenores. As botas grossas de borracha, a roupa escura e o capuz, o facto de o atacante ser nitidamente canhoto, a agarrar com força a besta, como que a contar com mais derramamento de sangue. Um pássaro passou a voar diante da câmara e isso pareceu

assustar o vulto que já se estava a afastar, mas que se virou por instantes para acompanhar o seu voo.

E, quando o fez, Helen carregou numa tecla, paralisando a imagem. O vulto olhava agora diretamente para cima, para a câmara de aves, e Charlie aproximou-se para lhe ver as feições. Involuntariamente, arquejou. Onde devia haver um rosto, havia apenas um vazio. Não se conseguia distinguir o queixo, o nariz ou as orelhas — existia apenas um mar negro com duas esferas brancas onde os olhos deviam estar.

Charlie olhou para Helen. Contara com um vislumbre do suspeito, mas em vez disso deparava com uma espécie de monstro. Helen ergueu uma sobrancelha — encontrava-se notoriamente tão perturbada e dececionada quanto Charlie —, pelo que esta voltou o olhar para o computador. Para dar com a figura ainda a olhar diretamente para a câmara, a sua malevolência a irradiar na direção dela.

— Olhe-me nos olhos e diga-me que não foi responsabilidade sua.

A superintendente estava a ferver, com um tom fulminante, mas Emilia não se deixou intimidar.

— As fotografias são suas, não minhas. Não faço ideia de como chegaram ao domínio público.

Apontou para o portátil de Simmons, que mostrava as fotografias do local do crime de Graham Ross, agora disponíveis para que todos vissem no *Backchat*, um site de notícias clandestino especializado no invulgar e, ocasionalmente, no ilegal. As autoridades constituintes várias vezes o tentaram encerrar, mas até ao momento o site mostrara-se superior a todos os embargos, prosseguindo a sua missão de informar, educar e chocar.

— Bem, perdoe-me se não acredito em si...

— Superintendente Simmons, mal nos conhecemos...

— Mas acho que já lhe tirei as medidas. Até agora, a sua cobertura deste caso conseguiu aterrorizar a população e pressionar ainda mais os meus agentes, que já trabalham em contrarrelógio.

— Nada que vos seja estranho.

— E sempre com o objetivo de brilhar um pouco mais. Estou consciente de que no passado agiu de forma ilegal para alcançar os seus objetivos... e foi por isso que tive uma conversinha hoje de manhã com o Graham Ross. — Emilia olhou para ela, mas manteve-se apenas a ouvir. — Disse que o seguiu até a um bar, ontem, apesar das repetidas tentativas para a dissuadir, e que lhe pode ter roubado as imagens enquanto deixou por momentos a câmara sem vigilância.

— Não me lembro de nada disso — reagiu Emilia, com indiferença.

— Não tenho por hábito seguir estranhos até bares e, além disso, ontem estive muito ocupada na redação. Deve estar ao corrente, há uma grande história a rebentar...

— Sei que foi a Emilia e sei por que motivo o fez. Por isso, deixe-me dar-lhe um pequeno conselho...

Emilia sentiu-se tentada a continuar a negar, mas pensou melhor. Estranhamente, adorava aqueles raspanetes, a fúria impotente do poder instalado a debater-se para conseguir lidar com o mundo digital. Que ingenuidade da parte deles pensarem que a informação podia ser mantida em segredo.

— Pode achar que isto a irá ajudar — prosseguiu Simmons, apontando para as imagens sangrentas no ecrã —, que isto vai tornar a história *maior*. Só que isto não é jornalismo. Isto é espalhar o pânico. E pode ter graves consequências: para a população e também para si.

Emilia, intrigada, ergueu uma sobrancelha. Quantas vezes fora já ameaçada, naquele mesmo gabinete, e, no entanto, sobrevivera para contar a história?

— E é por isso que serei eu, pessoalmente, a analisar esta fuga de dados. Se encontrar provas de que foi responsável, então pode contar ir a tribunal.

— Se quer fazer figuras tristes, esteja à vontade. Ora bem, mais alguma coisa...?

Emilia estava determinada a ser ela a pôr fim à conversa. De maneira nenhuma iria sair do primeiro confronto com a superintendente com o rabo entre as pernas. E, para sua satisfação, Simmons deu a reunião por terminada, embora não muito satisfeita. Emilia saiu bem-humorada, confiante de que Simmons não detinha poder para fazer nada que pudesse provar que fora ela. Tinha quase a certeza de que o bar não dispunha de videovigilância; nem sequer havia testemunhas do crime. Mais do que isso, seria impossível provar que ela as divulgara para todo o mundo.

Era essa a beleza da vida moderna, pensou Emilia, enquanto percorria vagarosamente o corredor — podia fazer-se o que se quisesse, publicar o que se quisesse, sempre no anonimato perfeito da Internet.

— Quero saber onde ele vai, com quem se encontra, o que faz.

Helen voltara a reunir a equipa. Depois de consultar Joseph Hudson sobre os últimos desenvolvimentos, encontrava-se pronta para lançar a fase seguinte da investigação.

— O sargento-inspetor Hudson vai liderar, apoiado por mim e pelos inspetores McAndrew, Osbourne e Reid. Podemos ter de chamar alguns de vocês... Vamos vigiar o Dean Clarke 24 horas ininterruptamente.

— Isso significa que ele agora é o nosso único suspeito? — quis saber o inspetor Bentham.

— É o nosso principal suspeito — replicou Helen. — O inspetor Reid e o sargento-inspetor Hudson já investigaram aprofundadamente o Clarke e sem dúvida que encaixa no perfil. Um homem branco solteiro, descontente, zangado, viciado em violência online. A linha entre fantasia e realidade é ténue para estes tipos. O Clarke não é militar, nunca o foi, nem sequer se candidatou, segundo informou o recrutamento do Exército, mas conta a quem o quiser ouvir quantas pessoas matou em serviço, as distinções que recebeu. Talvez tenha começado a acreditar nas suas próprias mentiras. Ou talvez haja outros, ainda por detetar, que o encorajem, incentivando-o a cometer estes crimes bárbaros...

— Além disso — disse o sargento-inspetor Hudson, interrompendo Helen —, o jipe dele encaixa no perfil, e é um tipo habilidoso, com acesso livre a metal e a ferramentas para os transformar em algo novo. É nitidamente alguém com um fascínio pouco saudável por armas e instrumentos de tortura. Aposto que, se fôssemos hoje à noite à casa dele, iríamos dar com um arsenal de armas, muitas das quais provavelmente já utilizadas.

— As provas circunstanciais também são intrigantes — acrescentou

Charlie, mostrando a imagem do criminoso retirada da gravação da câmara de aves. — Alto, musculado e reparem no rosto. O tipo parece uma espécie de espírito maligno, mas provavelmente usa apenas uma máscara ou um capuz, além do camuflado. Reparem também que é canhoto. Pode ser coincidência, mas em todas as imagens que o Clarke publicou dele recorre à mão esquerda para premir o gatilho.

— Agora, o mais importante — resumiu Helen — é descobrir onde vai à noite. Temos partido do princípio de que os ataques são noturnos por o autor querer aproveitar a escuridão para se esconder, mas pode ser que se veja obrigado a agir depois de anoitecer... Durante o dia o pai anda de olho nele. Temos de descobrir onde vai o Clarke e aquilo que faz. A inspetora McAndrew assume o primeiro turno de vigia, seguida pelo sargento-inspetor Hudson. Entretanto, nós prosseguimos com a análise das vítimas e respetivos companheiros, para ver se há padrões ou pistas que tenham passado em claro. Sargento-inspetora Brooks?

A equipa voltou-se de novo para Charlie.

— Vamos continuar a escrutinar o Matteo Dominici e a Melanie Walton... relacionamentos antigos, histórico de Internet, quaisquer contactos com crime ou criminalidade, mas não vamos largar a Lauren Scott. Se há uma ligação palpável com o homicida, ainda achamos que é o ponto de ligação mais provável. Os pais dela vivem na África do Sul. Devo falar em breve com o pai, mas temos de encontrar outras pessoas que a possam ter conhecido no final da adolescência ou com 20 e poucos anos. Alguém que lhe possa ter vendido droga ou que a tenho viciado, que a tenha marcado como uma pessoa frágil e vulnerável. Também vamos investigar as múltiplas tentativas de reabilitação que fez, e pessoas que lá conheceu, para ver se há alguma ligação a criminalidade.

— Já interrogámos os seus contactos no telefone, ligações digitais? — quis saber Helen.

— Temos uma eventual pista, um número de telefone que aparece tanto no histórico de chamadas do Campbell como da Scott, mas ainda não sabemos o que significa. Estamos em contacto com as companhias telefónicas, para tentar identificar a quem pertence.

— Façam-lhes ver a urgência da situação — instigou Helen, antes de se virar para o inspetor Edwards. — E quanto aos entusiastas por armas, principalmente os interessados em tiro com arco, armas históricas e afins?

— Há um indivíduo que pode ser interessante — revelou Edwards. — Andrew Tucker. Já há muitos anos que é membro do Clube de Tiro com Arco de Weston, na Lever Street.

— Sim...?

— Bem, é um tipo solitário, recentemente divorciado, e há quatro semanas teve uma altercação com outro membro. As coisas acabaram por se descontrolar e ele agarrou o outro tipo e encostou-lhe uma seta à garganta. Foi expulso e nunca mais ninguém o viu. Já lhe liguei várias vezes, fui a casa dele, mas nada. Não há nada de concreto a ligá-lo a estes crimes, mas...

— Mantém-te em cima disso. E a linha telefónica especial? — prosseguiu Helen, falando com a inspetora Lucas. — Já recebemos alguma informação interessante da parte da população?

— Os telefones não param de tocar desde, bem... desde que foram divulgadas as fotografias do local do crime... Mas nada de jeito. Apenas gente à procura de atenção e passeadores de cães que acham que veem homicidas loucos assim que se parte um galho...

Helen não reagiu, mas mentalmente amaldiçoou uma vez mais Emilia Garanita. Os seus títulos sensacionalistas e táticas manhosas nunca ajudaram às suas investigações, conseguindo apenas gerar paranoia e pânico. A superintendente Simmons estava nesse momento a apertar-lhe os calos, embora Helen temesse que pouco efeito surtisse no comportamento da jornalista.

— Não largues isso. Se surgir alguma coisa, quero ser posta a par. Isto aplica-se a todos vocês — prosseguiu Helen, dirigindo-se uma vez mais a toda a equipa. — O que quer que tenham em mãos que não tenha que ver com isto deve ser tratado depois. Esta é agora a nossa única prioridade. — Antes de concluir, fez uma pequena pausa. — Temos de apanhar este tipo.

Ele apareceu sem aviso, emboscando-a quando ela se aproximou do carro.

Tendo sobrevivido à reprimenda, Emilia estava ansiosa por regressar à redação. As fotografias divulgadas estavam a gerar uma tempestade na Internet, e queria aproveitar-se disso — já falara com Gardiner para fazer uma edição em papel particularmente extensa, oferecendo aos leitores um guia para o Assassino da New Forest.

Mas, assim que chegou ao seu inconfundível *Corsa* vermelho, sentiu uma sombra a pairar sobre ela e depois uma mão a agarrar-lhe as costas, fazendo-a virar-se. Apesar de sobressaltada, não se surpreendeu ao dar com Graham Ross muito perto dela.

— Ora, ora, que bela surpresa.

O tom dele era calmo, com uma agressividade latente.

— Por favor, não me diga que estive a ensaiar essa frase, Graham. Porque é do pior, até para o seu nível...

— A Simmons acusou-a? — prosseguiu ele, ignorando o insulto.

— De maneira nenhuma. Para dizer a verdade, tivemos uma alegre conversa de miúdas — disse Emilia num tom arrastado e jovial.

— Tretas! Ficou furiosa quando estive com ela. Foi à justa que evitei o despedimento. Mas, vamos lá ver, eu sou a parte inocente.

— E eu sou o lobo mau?

Para sua surpresa, Ross riu-se, como que genuinamente divertido com a descrição.

— Não é mal pensado. Seja como for, isto não passa de uma conversa amistosa para lhe dizer que estou muito desiludido consigo. Nunca a tomei por ladra.

— Já me chamaram pior.

— Mesmo assim... Não posso deixar de lhe dizer isto: tem olho para a fotografia. Fez uma boa seleção. Na verdade, o melhor do lote. Por isso, acho que lhe devo agradecer. Criaram grande impacto, não foi?

Emilia ia a responder com uma boa escolha de palavras, mas Ross visivelmente já dissera o que pretendia, por isso, virou-se para regressar ao seu carro. Emilia seguiu-o com o olhar, baralhada e intrigada com a conclusão estranha e abrupta da conversa. Havia algo de cúmplice no tom de Ross, até uma sugestão de presunção. O que a deixou a pensar.

Foi tremendamente ingénuo para um profissional experiente deixar assim a câmara. Além disso, a inesperada conversa com a empregada do bar dera convenientemente algum tempo a Emilia para roubar as imagens «sem ser apanhada». Por fim, apesar de toda a fúria expressada, hoje parecia estranhamente descontraído, até satisfeito, com o rumo tomado.

Seria possível, então, que ele soubesse exatamente o que estava a fazer? Que pretendesse que ela roubasse as imagens, sabendo que iriam ser divulgadas sem macular a reputação dele?

Seria possível que fosse ela a lorpa, e não ele?

Da sua janela do sétimo andar, Grace Simmons observou Emilia

Garanita a entrar no carro. A conversa decorrera como planeado, mas de pouco servira para lhe aplacar os nervos. E a conversa subsequente entre Ross e Garanita ainda a deixou mais preocupada. Aquele encontro teria sido previamente combinado? Seria possível que tivessem planeado tudo em conjunto?

Se fosse esse o caso, isso significava apenas uma coisa: sarilhos. A divulgação indevida das fotografias gerara o pânico na cidade e uma tempestade dentro do edifício da esquadra. O chefe da polícia ligara-lhe logo pela manhã, de imediato seguido pelo presidente da Câmara, com ambos a realçar que a publicação de imagens tão violentas não tinha precedentes e punha em risco a ordem pública. Simmons não pôde discordar, pelo que teve de aguentar a reprimenda verbal, prometendo derrubar o responsável. Achava que já o tinha feito, mas era impotente para fazer fosse o que fosse em relação ao assunto — as leis da terra esforçavam-se por acompanhar as realidades de um mundo sempre em mutação.

O carro de Garanita acelerou rua fora, com a condutora descaradamente a ignorar o limite de velocidade de 30 quilómetros por hora. Simmons imaginou a ocupante, a sorrir satisfeita por ter escapado incólume depois de mais uma infração. Emilia Garanita encaixava na perfeição no tipo de pessoa de que Simmons não gostava — parasita, sem consciência, ganhando a vida a aproveitar-se da infelicidade dos outros. De nada valia que ela própria tivesse sido em várias ocasiões vítima de crimes violentos — tais experiências aparentemente tinham levado a jovem jornalista a não ver a dor dos outros, em vez de lhe despertar compaixão. Mas havia mais na base da

raiva e da animosidade que Simmons nutria pela desleal jornalista. Helen Grace, a sua protegida, desde há uns dias que era alvo de críticas. Apesar do seu incrível registo, os poderes instalados, já para não falar em toda a gente em geral, questionaram a sua competência e a sua capacidade para resolver aquele caso. Os atos irresponsáveis de Garanita tinham servido apenas para atizar as chamas que já chamuscavam os calcanhares de Helen.

Como é evidente, era completamente injustificado, o que só intensificou a ira de Simmons. Emilia alegava fazer um jornalismo de serviço público, mas Simmons estava certa de que usava aquele caso apenas para atingir Helen, sem que as duas alguma vez tivessem estado cara a cara. Instintivamente, Simmons quis intervir, apesar de saber que a experiente agente era capaz de tomar conta de si própria. Há muito que descobrira isso.

Mas a verdade é que queria protegê-la, rechaçar as fisdadas que agora lhe eram dirigidas. Não era necessário, nem sequer profissional, que Simmons permitisse que os seus sentimentos pessoais por Helen turvassem o seu discernimento. Por vezes, tentava justificar isso a si mesma — não era possível ignorar a história pessoal dela, fingir que não eram amigas —, mas na maior parte do tempo repreendia-se a si mesma pela sua fraqueza. Talvez, afinal de contas, isso revelasse mais sobre si do que em relação a Helen.

O seu marido, Ralph, morrera há três anos. Já o ultrapassara — no final, a morte dele revelara-se um alívio —, e enquanto os rapazes ainda viviam lá em casa, ela tinha pessoas à sua volta que a apoiavam e lhe faziam companhia. Mas agora que tinham saído de casa, sentia-se um pouco à nora, a arrastar-se de um lado para o outro numa casa de família demasiado grande para si. A dada altura, sentiu-se seduzida pela ideia de a vender, mas recuara sempre, pois iria confirmar que se tratava da passagem de uma fase da sua vida para outra nova.

Não havia margem para dúvidas — começava a revelar-se sentimentalista com o avançar da idade, talvez até um pouco indulgente. Nunca tivera preferidos, sempre fora escrupulosamente justa, mas havia algo no passado de Helen, e na sua própria situação, que a levava a querer salvá-la daqueles que a desejavam derrubar.

Fosse isso certo ou errado, iria permanecer atenta à sua protegida.

Ele acelerou estrada fora, com o olhar preso no retrovisor.

Por todos os sítios por onde andara naquele dia, sentira-se a ser observado. No trabalho, o pai nunca tirara os olhos dele. De início, aguentara, mas depois começara a desafiá-lo, olhando intencionalmente para cima para o apanhar em flagrante. Mas isso pouco efeito tivera — o pai desviava fugazmente o olhar, antes de retomar discretamente a vigilância.

Dean acabara por se fartar e dirigira-se ao Greggs para um almoço antecipado. Mas até ali se sentira como se as pessoas reagissem à sua presença, fitando-o com curiosidade. Obviamente, estava a ser paranoico. Não podiam saber, de maneira nenhuma, mas ainda assim sentira que o olhavam de um modo estranho. Mais do que isso, convencera-se de que nalgumas ocasiões vira o mesmo rosto atrás dele — uma mulher jovem em quem reparara mais cedo a caminho do trabalho. Mas isso não podia ser possível. Só podia ser a mente dele a pregar-lhe partidas.

Depois de ter suportado o ambiente pesado no trabalho, numa tarde que parecia arrastar-se, Dean decidiu aproveitar a oportunidade despachando-se a terminar um conserto, antes de se ir embora. Teria de voltar a fazer tudo pela manhã, mas não queria saber, pois tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

Sem nada dizer ao pai, saiu a grande velocidade no *Defender*. Ainda no recinto, em parte contara que o pai lhe aparecesse no retrovisor, seguindo discretamente o seu progresso na sua velha pick-up. Mas não havia sinais dele — talvez a sua curiosidade não passasse disso, da consequência inevitável da recente visita da polícia.

Naturalmente, fora isso que fizera germinar a sua paranoia. Com a

desconfiança do pai podia ele bem. Não havia maneira de alguma vez ele entregar o filho. A influência da sua mãe, as juras a que ela sujeitara o marido no leito da morte, impediriam isso. Mas o que andava a tramar a polícia? E o que sabiam eles? O facto de terem demonstrado interesse no *Defender* deixara-o nervoso. Teria sido detetado? Será que de algum modo lhe seguiram o rasto? Deitando mais uma espreitadela ao retrovisor, anotou mentalmente que tinha de ir ao *Google* procurar uma viatura nova. Se aquele jipe levantara suspeitas, teria de o despachar.

Os carros em marcha lenta atrás dele no trânsito do centro da cidade pareciam banais — não reconheceu nenhum de o ter visto mais cedo —, pelo que devolveu a atenção à estrada à sua frente. O trânsito avançava com lentidão, deixando-o nervoso. Só queria regressar à base para se preparar. Era possível que o pai regressasse mais cedo a casa, levado pela desconfiança, e estava determinado a evitar uma cena. Nessa noite, não havia tempo para isso.

Avistando uma abertura no trânsito, lançou o *Defender* para a frente, percorrendo velozmente o espaço livre. Mais umas manobras e o caminho abriu-se — dez minutos mais tarde estava de volta à casa decrépita do pai. Evitando a rua principal, estacionou na viela atrás, antes de caminhar discretamente até à frente da casa. Olhou para a esquerda e para a direita, à procura do pai, de um rosto conhecido, algo fora do vulgar. Mas a rua encontrava-se tranquila, tão sem vida e suburbana como sempre.

Esquecendo a paranoia, subiu apressadamente os degraus, inserindo a chave na fechadura e entrando rapidamente. Bateu a porta com força atrás de si e rodou a chave na fechadura. Depois, tudo voltou ao silêncio... com a exceção de um vulgar *Ford Focus* que se deteve suavemente umas portas abaixo da residência dos Clarkes. A jovem condutora parecia perdida, retirando um mapa do compartimento da porta para o observar.

Mas, estranhamente, apesar de se encontrar perdida, parecia pouco interessada no mapa, e os seus olhos nunca largaram a casa do outro lado da rua.

Ela não queria olhar, mas a verdade é que não conseguiu conter-se.

A seguir à reunião da equipa, Helen regressara ao seu gabinete para analisar melhor Dean Clarke. McAndrew saíra em vigilância, Charlie seguia pistas sobre Lauren Scott e o resto da equipa trabalhava no duro, facultando a Helen algum tempo para tirar as medidas ao suspeito. Joseph Hudson juntara-se a ela — parecia mais preparado para navegar no mundo obscuro de Clarke — e o que ele lhe mostrava era inacreditável.

Clarke era uma pessoa extremamente isolada. Tinha um relacionamento complexo com o pai e poucos conhecimentos — nada de colegas, nem amigos, nem uma companheira. A sua ligação ao mundo parecia ser completamente virtual — através de uma série de avatares, relacionava-se com outros participantes sem rosto, partilhando imagens perturbadoras e ideias amargas. Helen já vira outras pessoas sugadas para aquela terra de ninguém sinistra e questionava-se até onde teria ele ido. Existiria algo que ele ainda se contivesse de fazer?

Diria que não, ao ver as provas que tinha à sua frente. Hudson levava-a aos recantos mais obscuros da Internet, penetrando em grupos de especial interesse que comercializavam sadismo e brutalidade. A frequência das publicações deles e os conteúdos explícitos eram de cortar a respiração. Qualquer que fosse a forma de depravação, aqueles tipos poderiam disponibilizá-la.

— Estes trechos foram maioritariamente gravados no Iraque — dizia Hudson, enquanto abria mais uma cena de brutalidade. — São um subgénero especializado de tortura de temática militar.

— Lindo...

— A gravação é horrível, mas os tipos parecem gostar...

O olhar de Helen estava colado à gravação feita com uma câmara portátil que passava no ecrã. Um jovem combatente iraquiano estava afundado numa cadeira, com os braços presos por algemas de plástico. O prisioneiro parecia inconsciente, mas isso não parecia afetar os três captores, que, à vez, o espancavam com uma corrente de bicicleta. Sinistramente, toda a cena parecia ter um ambiente descontraído, até jovial, com os três militares do exército a fazerem pose para a câmara enquanto contavam piadas.

Era para lá de repugnante, imperdoável, mas talvez fosse uma consequência do terror, da paranoia e da sede por sangue gerados pela guerra. O que era menos explicável era o prazer que pessoas comuns pareciam retirar de tais cenas, pessoas que nunca tinham visto um campo de batalha real, nem nunca haviam experimentado um medo real face à dor. O trecho recebera inúmeros comentários oriundos de todo o mundo, o que evidenciava o entusiasmo de quem via tanto pelas imagens como pelo conteúdo. «Mais um que já se foi» parecia ser um comentário popular, com muitos participantes a desejarem ter estado presentes para darem o seu contributo. *Helmanned2008* claramente partilhava desse sentimento, realçando com pormenores explícitos o que ele teria feito ao prisioneiro indefeso. Ao que muitos dos seus parceiros online responderam simplesmente com «LOL».

— É como se comentassem o reality show *Love Island*... — murmurou Helen, irada.

— Há de tudo para toda a gente online — reagiu Hudson num tom seco. — Se quiser, mostro-lhe pior.

— Dispensó. Sabemos quem são os outros?

Helen virou-se para Hudson para ver que ele olhava diretamente para ela. Estavam muito próximos, debruçados sobre o portátil dela, mas não pareceu embaraçado por ter sido apanhado, respondendo calmamente:

— Ainda é demasiado cedo. Não passam de nomes falsos, sem significados óbvios. Estamos a cruzar os nomes com outras investigações em curso... Se não der em nada, temos de descobrir onde e quando publicaram, para ver se obtemos um IP viável para

algun deles.

Helen devolveu o olhar à gravação, detendo-a no preciso momento em que um dos captores se preparava para atacar de novo. O rosto do jovem já nem forma tinha, pelo que Helen não quis assistir a mais.

— Ele alguma vez combinou encontrar-se com algum deles? Alguns deles são de cá?

— Uma vez — respondeu Hudson, rodando para si o teclado e começando a digitar. — Mas não nos parece que esse encontro tenha mesmo acontecido. O Clarke fez a proposta, mas o seu correspondente não chegou a responder.

Helen analisou o diálogo. Clarke detetara uma referência à costa sul numa publicação de *Bushwhacker99* e tentara sondar mais, mas sem sucesso, com o seu «amigo» online aparentemente a rejeitar o contacto no mundo real.

Frustrada, voltou-se uma vez mais para Hudson, para dar de novo com ele a fitá-la.

— Sargento-inspetor Hudson, aprecio o teu entusiasmo e atenção aos pormenores... mas tenho de perguntar... Tens o hábito de olhar fixamente para os teus superiores?

— Só quando valem a pena — respondeu animado, sem desviar o olhar.

— Bem, deixa que te dê um conselho — ripostou Helen de pronto, disfarçando a surpresa. — A maneira de avançar por aqui é ver onde falharam os outros, desencantar novas pistas. Por isso, concentra-te, sargento-inspetor.

— Sem dúvida, minha senhora — respondeu, com um vestígio de sorriso a pairar no rosto enquanto voltava a olhar para o ecrã.

Retomaram a exploração das atividades online de Clarke, mergulhando ainda mais nos esgotos, mas Helen sentiu dificuldade em concentrar-se. Tentara envergonhar Hudson pelo seu interesse descarado nela, mas ele não ficara minimamente envergonhado, reconhecendo despreocupadamente a sua atração. Isso tinha tanto de irritante como de estranhamente impressionante — a maioria dos homens teria vacilado perante a força da reprovação de Helen. Mas ele prendera o olhar no dela, recusando-se a deixar-se intimidar,

embora mantendo uma distância respeitosa. Era como se lhe lançasse um convite, sem, no entanto, deitar tudo a perder. Fora feito com astúcia, o que deixou Helen desconfiada, mas também impressionada. Era um tipo atraente — em boa forma física, atlético, giro — e ela sentiu-se lisonjeada e surpreendida por se interessar por ela, tendo em conta a diferença de idades. Dali nada poderia resultar, obviamente, pois seria altamente pouco profissional e desaconselhável. E, no entanto, por um breve momento, Helen apreciou o cintilar caloroso do interesse dele — era raro alguém ter a coragem de a abordar.

Tratou-se de um fugaz momento de positividade, algo para a ajudar a aguentar a tarefa sombria que tinham em mãos. E isso deixou-a satisfeita.

— Porquê? — A mais direta das perguntas e a mais difícil de responder para Charlie. — Porque é que alguém haveria de fazer uma coisa dessas?

Charlie olhou para a expressão perplexa no pequeno ecrã. A ligação por *Skype* para Durban estava longe de ser perfeita, com o som entrecortado, mas conseguira transmitir a Bob Scott os detalhes essenciais da morte da sua filha. O homem de 55 anos, que se mudara há 5 anos para a África do Sul com a esposa, estava visivelmente destroçado, esforçando-se por processar a calamidade que se abatera sobre ele.

— É isso que estamos a tentar descobrir. Temos toda a nossa equipa a trabalhar nisso. E pode acreditar no que lhe digo, não vamos descansar até...

— E diz-me que está ligado a outro homicídio? — perguntou Scott, interrompendo-a.

— Sim, as circunstâncias sugerem uma ligação dos dois incidentes.

— Santo Deus — prosseguiu Scott, passando a mão sobre o rosto, com um esgar de perturbação. — Nunca pensei que acabasse assim.

— Desculpe? — replicou Charlie, sem saber se tinha ouvido bem.

— Bem, nós... a mãe da Lauren e eu desconfiámos que um dia iríamos receber esta chamada. Mas isto...

Não consegui proferir as palavras — atormentado pelo horror —, pelo que Charlie aproveitou a deixa.

— Posso perguntar porque é que contava com isto?

Scott recom pôs-se, limpando uma lágrima do olho.

— A Lauren era a nossa única filha e demos-lhe tudo... mas era uma alma perdida. Complicada, fechada, ressentida. Ela... ela foi uma adolescente difícil... — Hesitou, como se não soubesse ao certo como falar mal de alguém que já não estava vivo. — ... mas depois piorou.

Álcool, drogas, ferimentos autoinfligidos.... Aos 20 e poucos anos, ficou viciada em heroína. Foi quando as coisas começaram mesmo a descambar.

— Como assim?

— Começou a roubar-nos, indo muitas vezes a casa quando não estávamos lá. Roubava em lojas, mendigava, pedia emprestado para ter dinheiro para a droga. E quando isso não era opção, ela, bem, sabe como é...

Não precisou de proferir as palavras — impressas no registo criminal que tinha à sua frente, as condenações de Lauren por prostituição estavam a olhar para Charlie descaradamente.

— E, na sua opinião, a que se deveu isso? — perguntou ela. — Porquê as drogas, porquê o comportamento autodestrutivo?

Scott encolheu os ombros, impotente.

— Talvez se devesse apenas à sua personalidade. Talvez andasse com as companhias erradas. Ou talvez tenha sido apenas o facto de a vida às vezes ser uma merda.

O tom de voz dele era agora mais amargo. Charlie olhou para o seu rosto, intrigada com as emoções conflitantes que o contorciam. Angústia, culpa, choque, mas também uma tristeza profunda e intensa.

— Falou recentemente com ela? Ela disse-lhe alguma coisa sobre os seus planos?

— Perdemos o contacto há uns quatro anos. Foi melhor assim.

Curto e definitivo. Charlie ficou chocada — e zangada — com aquela rejeição seca da própria filha. Não fazia ideia de que o seu afastamento tivesse sido tão radical.

— Porquê?

— Por ser demasiado perturbador para todos. Ela não conseguia mudar, apesar de todos os nossos esforços para a ajudar.

— E, então, o senhor... — Charlie não queria dizer «cortou com ela», mas não lhe ocorria mais nada naquele momento...

— Oh, não pense que foi decisão nossa, porque não foi — frisou ele com firmeza, lendo a mente de Charlie. — A minha mulher teria mantido o contacto, ela queria manter os canais de comunicação abertos, mesmo depois de mudarmos para aqui, mas a Lauren não

permitiu. Cortou o contacto connosco.

— Porque é que o fez? Presumivelmente, ainda precisava de vocês, do vosso apoio.

— Do nosso dinheiro, quer dizer.

Mais uma dose de amargura, mas, assim que foi lançada, o rosto de Scott retomou o seu ar triste e abatido.

— A Lauren não gostava dela própria. Não há como o dizer de outra forma. Se quisesse ser generoso, diria que cortou connosco para nos poupar. Ela sabia que era autodestrutiva, exploradora, falsa. Sabia disso tudo e, mesmo assim, não parava; nessa altura as drogas estavam demasiado enraizadas na vida dela.

Charlie assentiu e depois reagiu:

— Tenho de lhe dizer que, no final da vida, a sua filha estava limpa.

— Uma vez mais, Scott olhou para Charlie como se ela tivesse acabado de o esbofetear no rosto. — Ela esteve nos AA, NA e recompôs-se. Tinha um namorado e estava a seguir em frente.

Nesse momento, o homem de 55 anos foi-se abaixo, enterrando o rosto nas mãos e soluçando sonoramente. O facto de a sua filha ter alcançado a redenção para vir a ser brutalmente assassinada era demasiado para suportar.

— Desculpe, desculpe — murmurou, mas sem tirar as mãos do rosto.

Charlie observou-o, de coração partido. Mas sabia que o pior estava para vir. Cabia agora a ela intensificar-lhe o sofrimento dizendo-lhe que, noutras circunstâncias, sem a intervenção brutal do destino, ele teria sido avô. Mas, antes de conseguir fazê-lo, Scott voltou a falar:

— Que desperdício...

— Sem dúvida — reagiu Charlie, com a voz carregada de emoção.

— Apesar de tudo, era uma rapariga talentosa. Tinha tanto potencial...

— Não duvido...

— E tínhamos orgulho nela. Não pelo que se tornou, mas antes. Quando nos surpreendeu com as suas notas altas, ao iniciar a universidade. Na altura, antevíamos-lhe mesmo um futuro brilhante.

As lágrimas escorriam-lhe pelas faces, mas a compaixão de Charlie

era agora temperada pela curiosidade.

— Desculpe, disse que a Lauren frequentou a universidade? Não encontramos nada nos registos que sugerisse que ela andasse...

— Não concluiu o curso — respondeu Scott, de forma prosaica. — Desistiu aí ao fim de um ano, e depois foi o que se viu.

Charlie digeriu aquilo.

— Posso perguntar-lhe que universidade frequentou?

— Ficou aí, para estar próxima dos amigos e da família. A Universidade de Southampton tinha boa reputação na época.

Charlie recostou-se no seu assento, por momentos sem saber o que dizer. Uma conversa que prometera tão pouco, a não ser angústia e dor, de repente providenciara uma nova pista significativa.

Uma possível ligação entre Tom Campbell e Lauren Scott.

Fora uma longa espera, mas finalmente a paciência dera frutos.

Depois de acoçada por Graham Ross e de levar uma descompostura de Simmons, Emilia apostara em voltar a controlar a situação. E era por isso que se encontrava agora no parque de estacionamento do Premier Inn, a observar Matteo Dominici a correr sobre o alcatrão.

Até ao momento, a cobertura que fizera do caso do Assassino da New Forest fora boa — mais do que boa —, mas faltava-lhe algo que genuinamente tocasse fundo. Melanie Walton revelara-se demasiado traumatizada para conversar e rechaçara todas as perguntas. Os pais de Lauren Scott, entretanto, nem sequer se encontravam no país, e o namorado dela desaparecera do mapa. Emilia vira as gravações dele a fugir do seu apartamento e começara logo a indagar, enviando mensagens ao pessoal de limpeza, porteiros e rececionistas que conhecia nos hotéis locais, contando que a promessa de dinheiro fácil lhes soltasse a língua. Como seria de esperar, valera a pena, com um dos seus informadores a confirmar que um esbaforido Dominici fizera o check-in nessa manhã no Premier Inn de New Road.

Emilia deslocara-se logo para lá, mas ficara frustrada quando, ao chegar, ficou o saber que Dominici voltara a sair, quase imediatamente. Amaldiçoou a sua demorada conversa com Simmons e o seu contratempo com Ross, pois, se tivesse sido um pouco mais lesta, teria chegado a tempo. Mas, aconselhando-se a si mesma a ser paciente, acampara no parque de estacionamento, vigiando o previsível desfile de homens de negócios, farristas vindos de despedidas de solteiros e adúlteros.

Dominici lá acabou por aparecer. Saindo de um táxi, atravessou rapidamente o parque de estacionamento rumo ao elevador de

serviço, presumivelmente na esperança de evitar atenções indesejadas. Mas Emilia ia um passo à frente, seguindo na sua pegada de modo a não lhe despertar a atenção a não ser quando já fosse demasiado tarde para ele a evitar.

— Matteo? — Ele levantou subitamente a cabeça. Emilia pôs-se mesmo à frente dele, estendendo a mão. — Chamo-me Emilia Garanita. Gostaria de saber se tem um minuto para me dispensar.

— Quem é a senhora? — rugiu ele.

— Sou do *Southampton Evening News*. Temos feito a cobertura do seu...

Dominici passou intempestivamente por ela, avançando na direção do edifício.

— Sei que está a sofrer, Matteo — prosseguiu Emilia, correndo atrás dele — e que merece alguma privacidade. Mas ignorar a imprensa não é a resposta. O melhor que tem a fazer é contar-me o seu lado da história, depois tudo isto vai...

— Vá para o inferno!

— Não o quero incomodar. Acredite. Compreendo a sua dor. — Dominici estugou ainda mais o passo, com Emilia a ter de se esforçar para acompanhar o ritmo. — Só queria conhecer um pouco melhor a Lauren. Era uma mulher maravilhosa, estou certa, e gostaria de dar aos nossos leitores uma perspetiva mais completa dela. Dar-lhes um vislumbre da mulher que o senhor conhecia e amava.

— Como é que se atreve? — Dominici parou abruptamente, virando-se para ela. — Fingir-se interessada em mim, na Lauren?

Emilia não cedeu.

— Estou apenas a fazer o meu trabalho, Matteo. Cito-o com precisão e não publico nada que não queira. Fale-me da Lauren, fala-me de...

— De mim não leva nada. Nada!

Ele avançou mais um passo, mas, assim que o fez, avistou algo. Um homem com uma teleobjetiva fotografava a sua discussão a partir do lado mais distante do parque de estacionamento.

— Quem raio é aquele homem?! — rugiu Matteo.

— Não se preocupe com ele — respondeu Emilia, com indiferença.

— Só precisamos de umas fotografias, para que os nossos leitores

vejam como se está a aguentar bem.

Emilia sentiu-se grata por ter pedido a um dos seus fotógrafos que a acompanhasse. As fotografias de Dominici enlouquecido pela dor seriam perfeitas para a primeira página. Mas o alvo deles não parecia partilhar do seu entusiasmo.

— Espero que arda no Inferno, sua... sua parasita.

Dando mais um passo em frente, Dominici cuspiu-lhe na cara, com uma grande porção de saliva a aterrar-lhe na face esquerda. Por instinto, ela recuou, temendo ser atacada, mas Dominici virou-se e desapareceu nas entranhas do hotel.

— Estás bem?

Darren Hall, o seu colega fotógrafo, juntara-se a ela.

— Melhor do que nunca — respondeu Emilia, retirando um lenço da mala e limpando a saliva da face. — Apanhaste alguma coisa de jeito?

— Podes apostar que sim.

— Então, é melhor que as envies.

Emilia regressou ao seu carro, atirando o lenço para um canteiro ali perto. A preocupação de Darren não era inesperada; nem foi bem-vinda. A verdade é que, quando tinha a sua presa à frente, Emilia aguentava tudo. Muitas pessoas retraem-se com a confrontação, os insultos, as calúnias, mas não ela.

Ela, na verdade, até gostava.

Ele tentou manter a respiração estável, mas sentia o coração a pulsar com a adrenalina, e as mãos tremiam enquanto estendia a roupa na cama.

Tornara-se o seu ritual. A bonança antes da tempestade, um momento para se preparar. Mas era mais do que isso. Era o ponto em que a realidade se afastava para ser substituída por algo diferente, algo melhor. Pegando numa das botas pesadas, passou o dedo pela sola grossa e sulcada. Era tão dura, tão fiável. Sempre que a calçava sentia-se mais confiante — fazia com que se sentisse mais forte, poderoso, até intocável. Aproximando-a do nariz, inalou o seu aroma — uma mistura intensa de couro e borracha.

Pousando-a, pegou no camuflado. Também era material militar e estava em perfeito estado. As suas roupas do dia a dia andavam sempre amarrotadas e sujas, mas aquelas não. Apresentavam-se imaculadamente limpas e engomadas — adorava a forma como o ferro ronronava sobre o tecido preto quando as passava. Permaneciam guardadas no guarda-fatos antigo, atrás dos casacos e camisolas comidos pelas traças, e ansiava pelo momento em que iria pegar nelas, retirando-as com cuidado e admirando-as, enquanto as pousava no edredão puído.

A impaciência tomou-o e vestiu-as, regalando-se com a sensação do tecido áspero na pele. Fazia com que se sentisse completo. Fazia com que se sentisse real. Encerradas naquele quarto minúsculo e sombrio, as indignidades do dia de trabalho pareciam-lhe cada vez mais distantes, como que pertencentes a outra pessoa. As cortinas estavam sempre corridas, mantendo o mundo ao largo, permitindo-lhe moldar um destino diferente para si. Aquele lugar sempre fora o seu refúgio,

contendo apenas as coisas que lhe interessavam. A sua farda, os seus troféus, as suas armas. Para ele, era a terra prometida.

Lançando uma espreitadela ao relógio, apercebeu-se, arrepiado, de que estava quase na hora. A escuridão abatia-se. Era um chamamento a que não conseguia resistir, pelo que pegou no gorro para o enfiar na mochila e deitou a mão ao casaco. Vestindo-o, puxou o capuz para cima e saiu do quarto.

Dessa vez, não virou na direção da frente da casa, mas sim das traseiras. Se alguém o vira a regressar a casa, não o veria a sair, pois estava muito em jogo para se permitir a isso. Abriu as janelas e esgueirou-se para o pátio. Dali, era uma curta caminhada até ao portão das traseiras — não hesitou, transpondo-o enquanto se dirigia ao *Defender*.

No último instante, deteve-se, com as cautelas a dizerem-lhe para verificar se a costa permanecia livre. Mas não havia ninguém em volta, encontrava-se completamente sozinho. Assim, subindo para o jipe amolgado, ligou o motor.

Joseph Hudson brincava com o porta-chaves, rodando-o para um lado e para o outro. Helen percebeu que ele estava excitado, até nervoso, desejoso de ligar a ignição e entrar em ação. Nitidamente, não era homem de estar à espera.

Osbourne juntara-se a McAndrew à frente, redobrando as necessárias precauções agora que a noite caía. Helen optara por se juntar a Hudson num local junto ao cimo da viela das traseiras. Por um lado, por ser seu dever tomar conta do novo recruta; por outro, por se sentir intrigada com ele.

— Fala-me um pouco sobre a tua moto. — Hudson parou de remexer no porta-chaves e virou-se para ela. — Sempre foste um viajante solitário?

Hudson sorriu face ao duplo significado, e depois respondeu:

— Produto de uma juventude desperdiçada.

Helen assentiu. A sua própria obsessão por motos iniciara-se quando ela e a irmã, Marianne, as roubavam na adolescência.

— Não ando por aí a divulgar, mas cresci numa comunidade nómada.

Helen não reagiu, genuinamente surpreendida. Os nómadas raramente se juntavam à polícia, dada a desconfiança mútua que ainda persistia entre ambos os lados.

— Nós estávamos na costa sul, não longe de Chichester. Não tínhamos carros, bem, pelo menos sempre, pelo que cresci a conduzir motos-quatro, lambretas, o que desse para construir, recuperar...

— E gostaste? De ser criado lá?

— Quem é que não gosta de andar por aí às voltas de moto-quatro?
— respondeu Hudson, num tom feliz.

— Eu e a minha irmã só tivemos veículos de duas rodas, mas percebo onde queres chegar. É a sensação de liberdade...

— E de estar em controlo — interrompeu Hudson. — De se ir onde se quer. Um dia, simplesmente parti e não voltei. — Hudson avaliou a reação de Helen, prosseguindo: — Não foi por mal. Sabia o que queria fazer e por isso fui para Londres e recomecei.

Helen interiorizou aquilo. Os paralelos com a sua própria vida eram espantosos, só que ela rumara a sul para mudar o rumo da sua vida, enquanto Hudson rumara à capital. Pessoalmente, Helen sentira-se grata por deixar aquilo para trás.

— Conheci uma miúda, apaixonei-me, casei. Depois, o amor acabou, divorciei-me e regressei à estaca zero.

— Pois.

— Eu estava desfeito, para ser sincero, mas sempre soube o que queria fazer, e isso salvou-me. O trabalho sempre foi a minha escapatória, a minha salvação. — Outro paralelo. Quanto mais Hudson falava, mais a surpreendia. — Por isso, fiz a minha formação e alistei-me. Na altura, a Polícia Metropolitana não tinha muitos nómadas a alistarem-se para serem bófiás — prosseguiu Hudson. — Por isso, verificaram meteticulosamente o meu passado. Assim como tu estás a fazer agora.

Foi dito num tom bem-humorado. Helen sorriu fugazmente e desviou o olhar, observando a rua à procura de sinais de vida.

— Somos uma equipa muito unida e organizada. Gosto de saber com quem lidamos.

— Bem, avisa-me quando passar no teste.

Helen não teceu comentários, abatendo-se um silêncio típico de camaradagem antes de Hudson prosseguir:

— E tu, Helen? Alguma vez regressaste à tua antiga casa?

— De maneira nenhuma. Espero que tenham deitado tudo abaixo.

— Já não vive lá ninguém? Nem amigos, nem família?

— Toda a gente que me pudesse dizer algo ou morreu ou está presa. Mas acho que já sabes isso, não é? — Hudson não se deu ao trabalho de o negar. — A única pessoa que conheço dessa época é a superintendente Simmons. Na altura, foi de uma grande ajuda.

— Então, debes estar contente por a teres na Esquadra de Southampton. — Helen ficou contente por ele não ter tentado saber mais. — Gostava de poder dizer que tive chefes por quem faria tudo — prosseguiu Hudson num tom amistoso —, mas, para ser sincero, foram principalmente oportunistas e caçadores de glória. Honestamente, foi uma das razões para me manter em movimento, para tentar encontrar o lugar ideal para mim.

Helen pousou uma mão no braço dele. Hudson fitou-a com surpresa, até excitação, devido àquele gesto de afeto... mas deu com Helen a olhar para a frente. Hudson seguiu o seu olhar e espantou-se ao ver um *Land Rover Defender* amolgado a rugir diante deles pela rua fora.

Clarke estava em movimento.

Seguiram estrada fora em silêncio. A tensão que se apoderara antes

de Hudson evaporara-se — estava concentrado na tarefa que tinha em mãos. Conduziu com determinação, mas de forma firme, evitando filas de trânsito e condutores vagarosos, enquanto mantinha uma distância segura entre ele e o *Defender*. Seguir suspeitos era uma forma de arte — demasiado perto é-se desmascarado, demasiado longe perde-se o alvo. Helen ficou satisfeita por verificar que Hudson era competente, mantendo sempre pelo menos dois carros entre eles e o *Land Rover*, mas nunca deixando escapar de vista Clarke.

McAndrew e Osbourne também já seguiam em movimento, tentando ultrapassar Clarke, na eventualidade de Helen e Hudson terem problemas.

— Estamos na Swift Road, a rumar a leste na direção do cruzamento, anunciou Helen para o rádio. — Qual é a vossa posição?

Seguiu-se uma curta pausa e depois ouviu-se com clareza a voz de Ellie McAndrew.

— Estamos na West Grove Road, a chegar aos semáforos. Vamos seguir para leste, exceto indicação contrária da vossa parte.

Helen desligou e devolveu a atenção ao *Land Rover*. Parara junto aos semáforos e ela distinguiu o contorno da cabeça de Clarke. O que estaria a fazer? Em que estaria a pensar? Parecia estranho que um homem cujos hábitos e preferências conheciam com tanta intimidade estivesse ali à frente deles. Tão perto, mas ao mesmo tempo fora do alcance.

O sinal passou a verde e o *Defender* arrancou, virando à direita e acelerando. Helen voltou imediatamente a pegar no rádio.

— O suspeito mudou de direção. Virou à direita e agora dirige-se

para sudeste pela Archery Road. — Hudson ergueu uma sobranceira. A coincidência do nome não escapou a ninguém[2].

Mas o *Land Rover* mudou novamente de direção, virando à esquerda para a Weston Lane ao chegar ao cruzamento seguinte.

— Agora segue para nordeste pela Weston Lane.

— Entendido. Vamos pela Archery Grove para tentarmos ficar à frente dele.

McAndrew desligou e Helen devolveu a atenção à sua presa. Onde é que ele iria? Presentemente, seguia para o lado oposto da New Forest, na direção dos limites orientais de Southampton. Mas talvez houvesse método na sua loucura, com a condução assertiva e as bruscas mudanças de direção a deixaram Helen instintivamente nervosa.

— Achas que ele nos viu?

— É difícil dizer — disse Hudson, cauteloso. — Conduz bastante depressa, mas não tentou ultrapassar ninguém nem passou nenhum vermelho, o que seria de esperar se quisesse despistar-nos. Pode não passar de um homem com uma missão.

Helen esperava que ele tivesse razão. Perdê-lo era uma coisa, ser despistado por ele era outra. Podia desaparecer por completo do radar, se fosse esse o caso.

— Merda!

Hudson travou de repente, fazendo o carro parar a milímetros da viatura diante dele. Parecia ter ido abaixo, com o jovem condutor a tentar desesperadamente ligar o motor. Engatando a marcha-atrás, Hudson recuou e depois contornou a pequena carrinha, regressando à fila mais adiante.

— Ali vai ele.

Helen via o *Defender*, mas seguia oito carros à frente e, no momento em que o avistaram, Clarke mudou de direção outra vez, curvando à direita para a A3025.

— Está a dirigir-se para a autoestrada? Isso não faz sentido.

Hudson não disse nada, acelerando para passar os semáforos antes que mudassem. Virando à direita, entraram em grande velocidade na A3025 — mas o maltratado *Defender* desaparecera de vista.

— Raios partam! — rosnou Hudson, batendo com a mão no volante.

— Deve ter virado noutro sítio, não pode ter desaparecido já de vista.

Ambos varriam desesperadamente as ruas com o olhar à procura de sinais de Clarke.

— Mas onde? — questionou Hudson, num tom veemente. — Há montes de saídas por aqui...

— Tenta a Botley Road. Ele parece ter preferência por vias maiores.

— Qual é essa?

— Aqui, aqui — apontou Helen, repreendendo-se a si mesma por se esquecer de que Hudson não era da zona.

Ligando o pisca, Hudson passou duas faixas para sair para a Botley Road. Para grande alívio de Helen, via-se o *Defender* ao fundo da rua, com o pisca para a esquerda. Pondo as cautelas de parte, Hudson carregou no acelerador, seguindo a grande velocidade rua fora, enquanto a viatura de Clarke desaparecia para lá da esquina.

— O suspeito está a virar para a A3024, proveniente da Botley Road.

— Entendido — respondeu secamente McAndrew, com o par claramente a esforçar-se por acompanhar os movimentos erráticos do suspeito.

— Mas porque é que não se limita a seguir em linha reta? — resmungou Hudson, verificando que Clarke acionara de novo o pisca.

Hudson estava visivelmente preocupado com a possibilidade de terem sido detetados, mas Clarke não ia ligar o pisca, respeitando o código da estrada tão obedientemente, se temesse ser perseguido, certo?

O *Defender* aguardou por uma abertura no trânsito, permitindo-lhes uma ligeira aproximação, para a seguir virar à direita para a Linacre Road. E agora, pela primeira vez, Helen teve uma ideia do destino dele.

— Dá um bocado de espaço — alertou Helen, enquanto seguiam pela pacata rua suburbana.

Hudson obedeceu e, sem surpresa, o *Defender* abrandou, antes de estacionar num lugar disponível. Helen desviou o olhar do carro, fingindo conversar animadamente com Hudson enquanto passavam por ele, antes de pararem ao fundo da rua.

— O que é que ele está a tramar? — questionou Hudson, desligando o motor e voltando-se para Helen.

— Espera — reagiu Helen, erguendo a mão.

Clarke estava em movimento. Fechando suavemente a porta do condutor, retirou algo da traseira do *Defender* e, depois de uma espreitadela rápida à rua, percorreu apressadamente uma viela junto a um dos prédios altos de habitação. E, então, Hudson finalmente percebeu.

— Estamos na Linacre Road — referiu, de repente reconhecendo o ambiente que o rodeava.

— Exatamente — reagiu Helen, pegando de novo no rádio. — Ele vai ao apartamento da Lauren Scott.

[2](#) Refere-se ao nome da rua, «Archery», que em português significa «tiro com arco».

[N. T.]

Abeirou-se sorrateiramente dela por trás, pousando as mãos nos seus ombros. Charlie retraiu-se, voltando-se bruscamente, mas percebeu de imediato o seu erro, abanando a cabeça face à sua própria estupidez. Era frequente Steve massajar-lhe os ombros quando ela estava debruçada sobre a mesa da cozinha a trabalhar, mas naquela noite embrenhara-se de tal forma no que fazia que não o ouvira chegar.

— Como é que vai isso? — perguntou ele, abanando a cabeça enquanto lhe massajava os ombros.

— Devagar...

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Acredita, não ias querer. O trabalho de polícia não é bem o que se pensa.

Por uma vez, não estava a afastá-lo educadamente. Por norma, por razões de segurança, mantinha Steve longe do seu trabalho, mas nessa noite estava a poupar-lhe uma desilusão. Desde que regressara a casa, não largara o portátil, fazendo apenas uma interrupção para ir deitar Jessica. Investigava a possível ligação universitária entre Campbell e Scott, escrutinando as admissões de 2008 na Universidade de Southampton, ano em que Scott se matriculara. Nos tempos de Charlie, tinha-se uma fotografia da turma orgulhosamente exposta em casa dos pais e o livro de curso. Já para os estudantes modernos era tudo online, o que deveria ter facilitado a vida a Charlie.

E, de facto, ela encontrara fotografias de turma tanto de Lauren Scott como de Tom Campbell, mas não encontrara pontos em comum, nada que os ligasse. Campbell parecia diferente — o seu cabelo comprido e brinco, bem distantes do profissional discreto que viera a

tornar-se —, e foi interessante ver Lauren enquanto adolescente, com um ar ainda mais frágil. Mas não encontrou fotografias deles juntos — nem clubes, nem teatro amador, nem eventos desportivos, nem poses de grupo em *pubs*. Campbell entrara dois anos antes de Scott e, aparentemente, tinham vivido em mundos diferentes, o que, talvez, não se revelasse uma grande surpresa. Quando Charlie frequentava a universidade, os alunos do primeiro e do terceiro anos eram de fornadas diferentes: os primeiros, acanhados, pouco sofisticados e irrefletidos; os segundos, sérios, cultos e já a pensar nas provas finais.

O facto de ambos terem andado na Universidade de Southampton, apesar de estudarem em áreas diferentes, pareceu ser uma ligação legítima, mas ao fim de duas horas de busca Charlie não encontrou nada de interesse. Tinha uma pequena lista de nomes para verificar, alunos que haviam frequentado o curso de Lauren, mas esse era, até então, todo o fruto dos seus achados. Talvez estivesse na hora de dar o dia por encerrado e ver o que se passava com o resto da equipa. Presentemente, estavam de vigilância — Charlie esperou com toda a sinceridade que tivessem tido mais sorte do que ela.

— Então por hoje já chega?

— É melhor. Não está a dar em nada.

— Ótimo — reagiu Steve, pousando com gentileza os polegares nas omoplatas dela.

Os nós nas suas costas protestaram, e depois cederam, enquanto ele intensificava a pressão. Charlie fechou os olhos e descontraiu, deixando-se levar — passara demasiado tempo curvada sobre o portátil e a massagem já vinha tarde. Bastaram aqueles meros toques para as preocupações do dia começarem a afastarem-se — Steve sempre se revelara bom a fazer massagens, com um toque surpreendentemente delicado para um mecânico corpulento.

Ele fez subir as mãos, trabalhando a base do pescoço. Incrivelmente, aquela zona estava ainda mais rígida do que as costas.

— Sabe bem?

— Hum, hum — murmurou Charlie. — Doloroso, mas agradável...

Steve riu e prosseguiu, mantendo a pressão por mais um minuto, antes de deslizar as mãos para baixo, roçando na nuca, no esterno,

acabando por descer até ao decote, passando ao de leve pelo lado dos seios.

— Steve...

— Chiu — reagiu ele. — Tiveste um dia longo, precisas de relaxar, a Jessie está a dormir... acabei de confirmar e anda a passear com as fadas...

Curvou-se e beijou-lhe o pescoço, encostando o nariz antes de lhe morder a orelha.

— Steve...

Sem deixar de a beijar, passou-lhe as costas da mão pelo mamilo direito, que de imediato enrijeceu. Charlie sabia para onde aquilo ia e, em parte, teria alegremente cedido. Por outro lado, sabia que tinha de parar.

— Steve.

Dessa vez, foi proferido num tom mais firme. Afastou gentilmente a mão dele e virou-se para o encarar — encontrando um ar confuso, até um pouco ofendido.

— Desculpa, pensei que...

— Não tens de pedir desculpa, mas não consigo.

E, ao ouvir isso, Steve pareceu mesmo preocupado, o que deixou Charlie a sentir-se terrível.

— Não me refiro a isto — frisou ela de pronto, apontando para a casa, para ele, para Jessica. — É claro que não. É só que... — Hesitou, tentando encontrar as palavras certas... — Sei o que te leva a ser tão atencioso... mas acho que não consigo. — Steve continuou a olhar para ela, em silêncio. — Sei que falámos do assunto e dissemos que, a seu tempo, tentaríamos ter outro filho... — Os seus olhos começaram a ficar marejados, sucumbindo às frustrações e emoções dos últimos dias. — Mas com tudo o que se tem passado, com a Jessie, com o caso... — Inspirou fundo, antes de murmurar: — ... com a Joanne. Eu... acho que não consigo. — Steve olhava para ela, perplexo e magoado. — Lamento. Lamento mesmo. Sei que não é o que querias, não é o que planeámos...

Esperava desesperadamente que ele dissesse alguma coisa que a animasse, nem que fossem recriminações e insultos. Mas Steve

limitou-se a fitá-la, com os lábios cingidos, zangado, nitidamente a sentir-se atraído.

Ele nem se dera ao incómodo de a repreender. A secretária de Gardiner avisara Emilia de que Simmons ligara ao editor no seguimento do confronto delas, pelo que ela já ia preparada para a sua segunda sessão de tretas do dia. Mas o seu editor não lhe disse nada. Seria por saber que as ações de Emilia ajudaram a apimentar a história? Ou seria por se sentir farto de tentar incutir uma mudança de comportamento na sua obstinada funcionária? Emilia desconfiava que podia ter sido por ambos os motivos. Independentemente das razões, pelos vistos ele estava disposto a deixar passar. Não havia ninguém como ela para lançar a confusão.

— Estava aqui a pensar que podíamos escrever uma peça simpática sobre o Matteo Dominici e a Melanie Walton — anunciou ela. — O legado do Assassino da New Forest, o trauma em curso dos que os perderam. Incidência no que perderam, nos planos que fizeram, mas também realçando o facto de terem estado muito perto do assassino. Afinal de contas, os seus companheiros foram arrancados das tendas enquanto ambos dormiam lá dentro.

Gardiner encolheu-se por instinto. Emilia nunca perguntara ao seu editor se ele fazia campismo e, ao ver aquela reação, interrogou-se se teria sido isso a despertar-lhe tanto interesse na história.

— Parece-me adequado — murmurou Gardiner, olhando fixamente para as fotografias de Dominici, onde este parecia genuinamente desorientado. — De quantas páginas precisas?

— Oito?

— Caramba, Emilia. Estava a pensar no máximo em quatro. Neste momento, há mais coisas a acontecer em Southampton.

— Mas só há uma história. Queres correr o risco de a desaproveitar?

— Pronto, cinco.

— Fico com seis e não passo daí. É preciso manter o público informado, certo?

Com relutância, Gardiner assentiu com a cabeça, pegando no telefone para ligar à subeditora enquanto Emilia reunia os seus pertences.

— Sally, é o Martin. Mudança de planos...

Emilia saiu, disfarçando um sorriso. Sally Jones, a eterna subeditora, não era sua fã e ficaria ofendida por ter de ceder as suas páginas extra, mas Gardiner já tinha a decisão tomada.

Saltitando para a sua secretária, Emilia desatou a escrever. Seis páginas era imensa coisa e, se queria dominar a agenda noticiosa do dia seguinte, exercer ainda mais pressão sobre Grace e a sua equipa, então, teria de trabalhar depressa. No entanto, mal começara a escrever, o seu telefone começou a zumbir. Pegou nele e surpreendeu-se ao ver que recebera uma SMS. Era tão raro receber SMS.

«Gostei de falar consigo hoje. Quer repetir?»

Não reconheceu o número e pelo tom assumiu que não seria Simmons. Pelo que restava apenas uma possibilidade. Graham Ross queria manter a parceria, se calhar com outra profundidade.

O protocolo ditava que Emilia devia parar por ali, talvez discutir o assunto com colegas, analisar os prós e os contras de se encontrar com um homem que mal conhecia. Mas Emilia nunca fugira de nada, confiando na sua esperteza de rua para se manter segura, pelo que esqueceu os colegas e teclou a resposta:

«Onde e quando?»

O que estava ele a fazer lá dentro?

Helen já estava parada na rua sem iluminação há quase 20 minutos, escondida atrás de um par de contentores do lixo que tinham sido enfiados num beco estreito. Dali tinha uma boa vista sobre o apartamento no terceiro andar que Matteo partilhava com Lauren Scott.

Ainda não pusera os olhos em Clarke desde que ele se esgueirara para a viela junto à casa, mas tinha a certeza de que estava no apartamento. O beco por onde desaparecera acompanhava o muro do jardim, que era antigo, já a desmoronar, e baixo o suficiente para ser escalado por um homem da estatura de Clarke. Dali, teria acesso à porta das traseiras? Ou tentara as escadas da saída de emergência? Joseph Hudson estava na rua ao lado, que dava para as traseiras da propriedade, e confirmara que havia uma escada na parede de trás do prédio e que a mesma havia sido baixada. Poderia existir alguma dúvida de que Clarke recorrera à escada para subir ao terceiro andar?

Ainda assim, não havia sinais dele. Ninguém acendera as luzes, nem Helen vira o feixe de uma lanterna. Qual seria o plano? Teria ido ao apartamento procurar alguma coisa? Teria tentado surpreender Dominici? Se assim fosse, iria ter de esperar imenso tempo, pois o desgostoso namorado de Lauren não regressaria tão cedo.

Helen espreitou para fora do beco, lançando uma olhadela rápida à rua. O inspetor Osbourne posicionara-se numa ponta da Linacre Road, caso Clarke, de algum modo, lhes escapasse e partisse a pé, e a inspetora McAndrew na outra, na eventualidade de ele fugir para o seu jipe. Estava toda a gente a postos — agora, só faltava o suspeito.

Devolvendo a atenção ao apartamento, Helen estreitou os olhos,

tentando penetrar a escuridão. Era enlouquecedor pensar nele ali, a andar de um lado para o outro à vontade. Sentiu-se tentada a abrir a porta da frente a pontapé e correr até lá acima, mas a experiência aconselhava-a a deixar a situação desenrolar-se naturalmente, para que Clarke se revelasse através dos seus atos. Ainda assim, ansiava por saber o que o atraía ao apartamento da vítima. Que parte do seu fascínio, ou raiva, por Lauren Scott não fora saciada com um brutal homicídio?

Precisava de uma resposta — uma série de cenários bailava-lhe na mente, mas não valia a pena forçar.

Por ora, restava-lhe observar e aguardar.

Nunca desviou o olhar da casa.

As escadas da saída de emergência nas traseiras da propriedade tinham sido baixadas e, ao olhar para as janelas do terceiro andar, Hudson convenceu-se de que vira o vulto de Clarke a passar para a frente e para trás umas quantas vezes. O que andaria a tramar era um mistério, mas uma coisa era certa: se Clarke saísse por onde entrara, Hudson seria o primeiro a vê-lo.

Tratava-se de uma perspectiva excitante, uma oportunidade de provar o seu valor a Helen e ao resto da equipa. Até agora, saíra-se bem, encaminhando a investigação para Dean Clarke, mas ainda tinha de marcar a diferença. Perturbara Martin, mas não o capturara. Seguiria Clarke com eficácia, mas tê-lo-ia perdido se não fosse a intervenção de Helen. Não fora mau, mas não fora o suficiente para um sargento-inspetor ambicioso deixar a sua marca.

Retirando o bastão extensível do cinto, verificou uma vez mais a sua posição, assegurando-se de que não seria detetado a partir do terceiro andar. O jardim comum estava negligenciado, e sentira alguma dificuldade em encontrar um esconderijo — um arbusto de amoreira por podar escondia-o por completo, abarcando-o na sua imensa sombra. Seria impossível detetá-lo na escuridão cerrada que se impusera com o cair da noite.

Um som ali perto. Frouxo, mas audível. Olhando para cima, Hudson detetou movimento. Uma sombra a vaguear e depois a descer. O vulto tomava grandes cautelas, medindo cada passo, evitando produzir qualquer ruído. Pelo tamanho, Hudson achou que seria Clarke, mas era difícil ter a certeza — quando o vulto se voltou, viu-lhe brevemente o rosto, mas tinha uma máscara, vendo-se apenas o

branco dos olhos.

Preparando-se, Hudson clicou duas vezes no rádio, o sinal que haviam combinado para sinais de movimento, após o que o desligou. Estendendo o bastão, pôs-se a postos. Clarke aproximava-se da base das escadas de emergência.

Pisando a relva esponjosa, o vulto de repente estacou, virando-se para olhar para o edifício. Acendera-se uma luz no segundo andar, projetando luz para o jardim lá em baixo. O intruso manteve-se longe da vista no limite das sombras, paralisado em plena fuga. Hudson perguntou a si mesmo o que lhe passaria pela cabeça — iria desatar a fugir ou permanecer parado? —, mas a luz entretanto apagou-se, mergulhando o jardim de novo na escuridão.

O vulto estava novamente em movimento, atravessando em passos leves o jardim. Não parecia transportar nada, tinha as mãos livres, e Hudson voltou a pensar no propósito daquela visita noturna. Com alguma sorte, em breve iriam descobrir — o vulto em retirada encontrava-se agora a menos de dez metros dele.

Hudson retesou-se. Refugiara-se na sombra, mas em breve tornar-se-ia visível, se Clarke olhasse para o seu lado. Mas o suspeito parecia determinado a sair dali o mais depressa possível, passando em corrida pelo arbusto sem sequer olhar. Hudson percebeu que seria o seu momento, pelo que se lançou à presa, assentando uma mão firme no ombro do vulto.

— Dean Clarke. Está detido por...

Sentiu um cotovelo a cravar-se-lhe nas costelas, derrubando-o para trás. Mas agarrou a roupa de Clarke e puxou com força, para lhe deter a fuga. Uma vez mais, o cotovelo voou na sua direção, mas desta vez Hudson esquivou-se, com o braço de Clarke a raspar-lhe no flanco. Porém, o seu adversário contorceu-se violentamente, soltando-se. Hudson apercebeu-se de imediato da sua intenção — saltar o muro do jardim — e deu-lhe uma bastonada no joelho direito. O fugitivo uivou de dor, tropeçando ligeiramente, e Hudson atacou, agarrando-lhe o braço e torcendo-o atrás das costas. Mas, no momento em que o fazia, Clarke rodopiou e voltou-se com força, libertando-se de novo. Hudson voltou a levantar o bastão, à espera de que Clarke fugisse, mas, para

seu espanto, ele virou-se para se lançar contra ele, com o topo da cabeça e embater violentamente no queixo de Hudson.

Atordado, caiu para trás, aterrando num amontoado de erva. Por momentos, ficou desorientado, com um milhão de luzinhas a piscarem diante dos seus olhos, e foi demasiado lento para impedir que Clarke se pusesse em cima de si. Sacudiu violentamente o corpo, tentando libertar-se do agressor, ainda que acometido por uma forte náusea. Mas Clarke não cedeu, movendo o joelho para tentar mantê-lo preso no chão. Rodou o bastão com ímpeto, apanhando Clarke de lado na cabeça. O atacante soltou um gemido grave e voltou a bater-lhe. E outra vez. Só que desta feita Clarke agarrou o bastão, rodando-o e dando com o mesmo na garganta de Hudson.

Hudson arquejou por ar, com a rígida barra de metal a pressionar-lhe a traqueia. Já zonzo, esforçava-se por respirar. Clarke pressionava com toda a força, como se pretendesse separar-lhe a cabeça do corpo.

A náusea intensificava-se, com as luzinhas a enlouquecerem-no. Hudson continuou a resistir, mas perdia força, ao serem-lhe furtados a energia e o oxigénio. Sabia que tinha de se libertar de Clarke, mas o seu atacante estava numa posição dominante, fazendo força sobre a vítima, os seus olhos a cintilarem com a crueldade e o desejo. Seria aquela a última coisa que veria? Uns olhos tresloucados que riam?

Tudo começava a escurecer. Estava a afastar-se cada vez mais da realidade, rumo à inconsciência, rumo ao fim. E então, de repente, a pressão desapareceu. O seu agressor voou para o lado, caindo no solo ao seu lado. O oxigénio pareceu inundar os pulmões de Hudson, e de súbito retornou ao presente, mesmo a tempo de ver Helen Grace a saltar por cima dele para deitar a mão a Clarke. Este já estava de pé, a rodar um punho carnudo na direção dela, mas ela esquivou-se com facilidade, contornou-o e cravou-lhe um pé na parte de trás da perna direita. Apanhado de surpresa, Clarke tombou, embatendo com os dentes na relva. O que deu a hipótese a Helen de saltar para cima dele, prendendo-lhe os braços e algemando-o.

Hudson tentou levantar-se apoiado nos cotovelos, mas a luta terminara. Meio segundo depois, foi varrido por nova náusea e tudo ficou escuro.

Ele andava aos círculos, sem ir a lado nenhum.

Depois de ver o filho a sair do recinto da sucata, Terry Clarke ainda ali ficara mais meia hora até dar por terminado o dia de trabalho. Cumpria a rotina, procurando faturas, fazendo telefonemas, mas a sua cabeça não estava ali.

Trancou tudo e dirigiu-se para o carro. Durante o percurso até casa, a sua mente manteve-se sempre ocupada a pensar no estranho comportamento do filho. O que se passaria? De onde viera de repente aquela agressividade? Nunca o vira tão hostil, e, sem dúvida, nunca fora atacado por ele. Nos últimos tempos, Dean parecia uma panela de pressão, prestes a estourar a qualquer momento. Terry rezou para não estar por perto quando isso acontecesse.

Já em casa, a andar de um lado para o outro na sala de estar, espreitou de novo para a janela. Onde é que ele ia à noite? O que havia para fazer em Southampton que o mantinha acordado até tão tarde? Nunca cheirava a álcool, nem a perfume; pela manhã, nem sequer se arranjava — a sua única muda de roupa melhor permanecia intocada há semanas. Ninguém lhe ligava para o telemóvel, nem o contactavam na sucata, por isso, com quem é que ele estaria? O que andava a fazer?

Chegou à conclusão de que pouco sabia sobre o seu filho. Tudo descarrilara desde que Nancy morrera. Ela era o cimento que mantinha a família unida e, agora, Dean parecia querer passar cada vez menos tempo com o pai. Trabalhava no duro durante o dia, mas mantinha a sua distância, para depois desaparecer à noite. Era como se a ideia de passar tempo no lar da família fosse insuportável. No entanto, algo o movia, consumindo-o. Parecia passar todos os

momentos livres ao telefone, embora sem que Terry percebesse o que fazia. Uma vez tentou aceder ao telefone dele, desesperado por ver o que era tão interessante, mas só abria com palavra-passe e acabou por desistir. Estaria metido em sarilhos se Dean descobrisse.

Terry parou de andar. Por muito que se esforçasse, não conseguia simplesmente aceitar, não fazer nada. Por um lado, achou que devia sair, ir até ao Hare and Hounds. Aquela casa, aquela sala, com o seu tapete coçado e o sofá manchado, deprimiam-no. E, no entanto, algo, um instinto, obrigava-o a ficar, como se abandonar a casa fosse abandonar a família.

Portanto, recomeçou a andar de um lado para o outro, mas um movimento no exterior chamou-lhe a atenção. Estacou de imediato. Não conseguia perceber que carros estavam a estacionar, mas viu as luzes azuis a piscar. Correndo para a janela, viu dois carros-patrulha, ladeados por mais viaturas descaraterizadas. Nesse momento, havia agentes a sair dos carros, correndo para a casa e batendo à porta da frente.

Mas Terry Clarke não saiu do seu lugar, apoiando-se na janela, a olhar para as luzes. De repente, percebeu com toda a clareza que o seu mundo estava prestes a desabar.

— Mas o que é que se passa? Estou mesmo com pressa.

Nigella Ware era a definição de mãe trabalhadora moderna. Vestida com elegância, estava carregada de sacos e pastas, esforçando-se por empurrar um volumoso carrinho de bebê pela porta da frente. Nessa manhã, parecia cansada e incomodada, enlouquecida com o seu bebê, que batia com um brinquedo no teto do carrinho. Charlie sabia como ela se sentia — uma noite complicada com Steve, plena de discussões, a exaustão e a raiva a deixarem-na irritada e perturbada —, mas tinha de fazer as perguntas.

— Andamos a investigar a Lauren Scott — ripostou Charlie, guardando o seu crachá da polícia. — Deve ter ouvido falar dela nas notícias. — Pela reação de Nigella, Charlie percebeu que sim. — Estou a tentar localizar pessoas que a tenham conhecido na universidade. Penso que seguiram ambas Geografia e andavam na mesma turma?

— Bem, frequentávamos o mesmo curso, sim — respondeu Nigella, hesitante. — Mas não éramos muito chegadas.

Aquilo bastava a Charlie. Para começar, tinha uma lista de nomes muito curta — e até ao momento todos se tinham revelado inúteis, ou por estarem fora da cidade, ou por serem incapazes de ajudar.

— Não precisa de fazer um depoimento, nem nada que se pareça — prosseguiu de pronto Charlie, consciente de que a intensidade dos protestos da criança iria aumentar. — Estou só a tentar saber como era a vida dela nessa época. Sei que teve alguns problemas e que deixou os estudos no segundo ano.

— Olhe, eu não a conhecia nada bem. Não era da cena dela... — Charlie assumiu que se referia a drogas, mas não aprofundou. Ware estava nitidamente ansiosa por se ir embora, mas a sua consciência impedira-a de se livrar de Charlie. — ... E ela não andava com as pessoas do nosso curso. O melhor seria localizar as companheiras de

casa dela. Acho que vivia numa casa partilhada em Portswood.

Ware parara, retida pelas memórias. Charlie de repente sentiu-se mais esperançosa — quaisquer progressos, mesmo que modestos, seriam muito bem recebidos.

— Não lhe ocorrem nomes? Alguém de quem ela fosse próxima?

— Havia alguns... — disse vagamente. — As pessoas iam e vinham, mas ela era mais chegada ao Aaron Slater e à Julia Winter. — Charlie anotou os nomes. — Mas isso não lhe vai servir de nada. Charlie ergueu o olhar, alarmada. — O Aaron Slater juntou-se a uma rapariga americana no último ano... pouco depois, mudou-se para lá. E a Julia está em coma. Por momentos, Charlie ficou sem palavras, pelo que Nigella prosseguiu: — Pelo menos, acho que está. Chumbou nos exames do primeiro ano e tentou matar-se. Estava ligada a um ventilador no South Hants... Mas, para ser sincera, nem sei se ainda estará viva. Agora, se não se importa, tenho mesmo de ir.

Charlie deixou-a partir — o seu rapazinho começou a chorar com mais vigor. Charlie sabia como ela se sentia.

Sempre perseguira novas pistas com otimismo e determinação, mas naquela manhã tivera de fazer um esforço por se manter otimista. Talvez fosse uma consequência das suas discussões com Steve, talvez se devesse à natureza opaca daquele caso, mas a sua notória falta de progressos deixava-a vazia e desanimada. Talvez estivesse a exagerar, talvez o cansaço lhe estivesse a envenenar o estado de espírito, mas a sua incapacidade para estabelecer uma relação clara entre Campbell e Scott, para detetar uma genuína existência de elementos comuns, indicava-lhe que a ligação universitária poderia revelar-se um enorme beco sem saída.

Num caso que já parecia evidenciar uma vincada falta de pistas, ela temeu que não fosse o último.

— A dada altura vai ter de falar comigo, Dean. Por isso, deixe-se de encenações e responda à pergunta.

Dean Clarke olhou para Helen, mas não abriu a boca. Depois de uma noite nos calabouços, fora declarado apto para interrogatório por um médico local, que confirmou que os seus ferimentos eram superficiais. Felizmente, também o eram os de Joseph Hudson, mas Helen ainda assim dera-lhe a manhã para recuperar. E tendo em consideração que Charlie seguia outra linha de investigação e enfrentava problemas em casa, Helen chamara a inspetora McAndrew para que a acompanhasse. No entanto, até ao momento Clarke recusara-se a falar com qualquer das mulheres ou a dar explicações para a sua presença no apartamento de Lauren Scott. Na realidade, recusara tudo — advogado, telefonema, algo para comer e beber —, aparentemente determinado a neutralizar o processo com o seu silêncio.

— Olhe, tenho todo o gosto em acusá-lo sem depoimento. Se é por aí que pretende ir, tudo bem. Mas gostava de compreender o que fazia no apartamento, Dean. Conhecia a Lauren Scott?

Dean negou lentamente com a cabeça.

— E o Matteo Dominici?

Outro abanar de cabeça.

— E, ainda assim, escolheu especificamente o apartamento dela. Haveria outros de mais fácil acesso... A porta das traseiras do apartamento na cave era muito pouco sólida e não havia ninguém por perto. Mas, em vez disso, preferiu ir diretamente ao apartamento do terceiro andar e passar lá meia hora sozinho. Porquê?

Desta vez não houve reação. Apenas um olhar impassível.

— Encontrámos isto na sua posse — acrescentou McAndrew, apontando para um saco de provas com vários colares e anéis. — São

imitações, não valem muito. Calculo que não tenha sido o valor que o atraiu, por isso, porque é que pegou neles? São valiosos para si?

Ainda nada.

— Dean, não é preciso dizer-lhe que a Lauren Scott foi assassinada recentemente — retomou a inspetora-chefe. — Três disparos, e depois foi deixada a esvaír-se em sangue. O que gostaria de nos dizer em relação a isso? O que é que o levou a escolhê-la especificamente a ela?

E nesse instante, finalmente, Clarke reagiu, com uma leve fungadela, enquanto abanava a cabeça.

— Sabemos que tem queda para esse tipo de coisas. Observámos atentamente os seus hábitos no que toca a visitas a páginas, tanto na Internet normal como na *dark web*. Sabemos que publica regularmente imagens de violência explícita sob os pseudónimos de *2Helmandback* e *Helmanned2008*.

Uma hesitação. Hostilidade? Medo?

— Sabemos também que compra e troca armas exóticas... facas, maças, bestas. Este é o Dean, certo?

Helen fez deslizar pela mesa uma captura de ecrã de um homem mascarado, que correspondia sem tirar nem pôr à constituição e forma dele, a fazer mira com uma besta. Clarke lambeu os lábios, mas recusou-se a comentar, desviando pela primeira vez o olhar de Helen, que manteve os olhos fixos nele.

— A Lauren Scott foi atingida três vezes com setas de uma besta, tal como o Tom Campbell. Ambos foram raptados e transportados num *Land Rover Defender*, muito semelhante àquele que conduziu até Linacre Road na noite passada. Estamos neste momento a examinar o seu jipe, à procura de vestígios de sangue, saliva, pele, assim como a fazer testes a um rolo de corda que encontrámos na mala da viatura. Está a ver onde quero chegar, Dean?

Ele nitidamente não estava a gostar.

— Só para percebermos, para que é que os pendurou? Qual era a ideia? Ficámos intrigados.

Ela disse aquilo com um sorriso, como se o convidasse a uma confidência entre amigos, mas a reação dele foi seca.

— Isto são tretas.

— Estou genuinamente interessada — insistiu Helen. — Ao longo dos anos já vi muita coisa, mas isto é algo... especial. Gostava que nos ajudasse a compreender o que se passa. O que é que a Lauren lhe fez? O que é que o Tom lhe fez?

— Não conheço essas pessoas.

— Conhece, conhece, Dean, e até as conhece intimamente. Tão bem que conseguiu raptá-las e matá-las sem que ninguém desse por nada, nem sequer as pessoas que dormiam ao lado delas.

— Não tem provas disso — frisou ele, zangado.

— Antes pelo contrário, temos imensas provas. Não só provas da sua natureza violenta e sádica, do seu amor por armas, como também das suas habituais excursões noturnas...

Mais uma hesitação. Desta vez, Helen viu medo.

— Também conhecemos o seu método de transporte, a sua visita ao apartamento da Lauren em busca de... quê? Troféus? Recordações? Além de provas de que andava a seguir o Tom Campbell nos dias antes de ser raptado e morto.

Então, Clarke pareceu agitado.

— No seguimento da sua excursão da noite passada, verificámos as gravações da videovigilância das ruas junto à casa do Tom Campbell. Não encontrámos nada das noites após a sua morte, mas veja estas imagens...

Enquanto falava, a inspetora McAndrew empurrou sobre o tampo da mesa uma imagem a preto-e-branco de um *Land Rover Defender*.

— Veja a matrícula... é o seu jipe. E aqui, nesta, dá para ver a sua cara...

Uma imagem captada de um ângulo revelou a face de Clarke a espreitar pela janela do condutor. Apesar de parcialmente escondido pela sombra, era sem dúvida ele.

— Temos imagens de duas ocasiões distintas em que estacionou na Madeley Road — disse de pronto Helen. — A menos de 30 metros de onde vivia o Tom Campbell.

Ela deixou assentar.

— Andava a persegui-lo, não era? Talvez andasse a verificar a sua rotina diária? Talvez já soubesse que ele ia acampar e estivesse à

espera do momento certo para atacar...

— Não...

— Então, o que fazia lá? O que tinha o Tom Campbell que o excitasse tanto? Ou talvez fosse a noiva dele o seu alvo de interesse, a Melanie?

— Já disse que não os conheço — insistiu Clarke.

— Mas eu não acredito em si, Dean. A não ser que houvesse outro motivo para estar naquela rua. No apartamento da Lauren Scott.

Dean virou a cara para o chão, batendo repetidamente com o pé na perna da mesa. Helen observou-o com uma satisfação crescente — estava, sem dúvida, a sentir a pressão.

— O que é que eles fizeram, Dean? Porquê eles? — prosseguiu ela.

— O Tom estava noivo, a Lauren estava grávida...

Clarke parou de bater com o pé.

— Não sabia? Estava grávida de dois meses, um rapazinho. Tinha o futuro todo planeado, uma família feliz. Mas tirou-lhe isso.

— Não...

— E um juiz vai ter dificuldade em perceber isso. O bebé tem tanto direito a viver quanto o Tom e a Lauren, por isso perspetivam-se três perpétuas. Já para não falar do que vai levar por tentar matar um agente da polícia.

Clarke emitiu um som estrangulado — a meio caminho entre um grito e um rugido. Estava a sofrer, pelo que Helen se revelou ainda mais implacável.

— A minha equipa está neste preciso momento na sua casa, a desmontar tudo, peça a peça. Quanto quer apostar que vão encontrar uma besta? A mesma besta utilizada para matar o Tom Campbell, a Lauren Scott, o filho por nascer.

— Por favor, pare com isso... — gemeu, aconchegando a cabeça nas mãos.

— Então, diga-me porque é que o fez. Porque é que matou três inocentes?

Clarke continuou a gemer e a abanar a cabeça, mas Helen ainda não tinha terminado:

— Diga-me porquê.

Joseph Hudson olhou-se ao espelho, repugnado com o que via.

A sua gola alta disfarçava mal a pisadura viva no pescoço, que ia desde o queixo até à maçã de Adão, e pouco podia fazer para dissimular os cortes e arranhões na face. Uma dose generosa de base, que ele guardava na sua bolsa de medicamentos, disfarçara as escoriações, mas pouco mais. Ainda pior, a sua garganta, apesar de não ter sofrido danos permanentes, estava obviamente inflamada, o que lhe provocava rouquidão, chamando a atenção para a sua situação precária.

Porém, eram os danos na sua reputação o que mais o perturbava. Os cortes e as pisaduras iriam desaparecer, mas ter sido derrotado por Clarke persistiria durante muito tempo na sua memória. Sim, Clarke era um tipo grande, um homem que treinara imenso para se manter no pico da forma física, mas ele também. Além do mais, dispusera da vantagem do elemento-surpresa. Tivera Clarke na mão, prendera-o pela gola... e, ainda assim, fora ele quem acabara no chão, pressionado no pescoço pelo seu próprio bastão, a lutar pela vida. Havia um tipo específico de irrisão votado aos agentes que se viam atacados com as suas próprias armas.

E poderia nem sequer estar ali se não fosse pela intervenção oportuna da sua chefe. Ao receber o sinal dele, Helen dirigira-se para as traseiras para apoiar a detenção de Clarke, mas, em vez disso, tivera de saltar o muro e correr pela relva para lhe salvar a vida. Isso deixara-o abalado, mas também tremendamente envergonhado.

Não por ela ser mulher — ele não era um dinossauro —, mas por querer impressioná-la. Sabia que a equipa a que se juntara era uma das melhores do ramo, que Helen seria uma chefe exigente, e

preparara-se devidamente, determinado a impressionar. Mas, ao conhecê-la, ao passar tempo com ela, a sua determinação em brilhar ainda se intensificara mais. Ela era impressionante, sem dúvida, mas havia também uma certa vulnerabilidade, que achou cativante. Provinham de ambientes semelhantes, tinham subido a pulso até postos de chefia e estavam presentemente por sua própria conta. Permitira-se acreditar que ela poderia estar interessada nele, mas que hipóteses teria agora — depois de se humilhar, ao deixar que um fantasista paranoico, um zé-ninguém que desejava notoriedade e derramamento de sangue, levasse a melhor sobre ele? Independentemente do que Clarke fizera na floresta, encontrava-se desarmado quando Hudson o confrontou, e ainda assim ganhou.

Foi por isso que, ao olhar ainda para o seu rosto maltratado no espelho, não viu as feridas, nem os golpes, mas a sua própria vergonha a devolver-lhe o olhar.

Ela riu-se para si mesma, deleitando-se com o seu triunfo. No ecrã à sua frente, via os dados dele: Dean Clarke, 38 anos, residente em Woolston.

Finalmente, tinha um nome.

A notícia da detenção surgira nessa manhã. Desde então, Emilia tentara sem sucesso que algum dos seus contactos na Polícia de Hampshire lhe passasse informações internas. Como seria útil ter um informador, um infiltrado pago, em alturas como aquela. Mas, ultimamente, não conseguia encontrar ninguém suficientemente fraco ou desesperado para aceitar o seu dinheiro.

O que a deixava com um problema em mãos, no qual continuava a matutar enquanto estacionava o carro no parque do *Southampton Evening News*. Durante o tempo que demorou a enfiar o seu *Corsa* num espaço exíguo, a sua atenção foi atraída por um reboque a levar uma viatura do edifício, e de repente ocorreu-lhe uma ideia. Se a polícia tinha um suspeito, presumivelmente estariam a vasculhar-lhe a casa, o local de trabalho, à procura de provas da sua culpa. E, tendo em conta que ambas as vítimas de homicídio tinham sido levadas discretamente de um parque de campismo para um local relativamente distante para serem executadas, sem dúvida estariam a dar uma vista de olhos a quaisquer viaturas de que pudessem ser donos.

Entrando apressadamente no prédio, Emilia procurou o número de telefone da unidade de recuperação de viaturas da Polícia de Hampshire, uma equipa que passava o dia a transportar carros roubados para o recinto policial. Emilia dispunha de um contacto lá, um motorista chamado Jamie Mavers, que já a ajudara antes, e telefonou-lhe.

— Estou?

Mavers não era homem para se incomodar com cumprimentos.

— Jamie, é a Emilia Garanita. Como é que vai?

— Bem. E você?

— Melhor do que nunca. Olhe, precisava de uma informação. Vocês recolheram algo de interessante nas últimas 24 horas? Talvez um jipe? Algum tipo de viatura todo-o-terreno?

— Sim. Porquê?

— Pode dizer-me alguma coisa sobre isso? Tenho 50 libras prontinhas para lhe entregar.

— Bem, recolhemos um *Land Rover* na Linacre Road na noite passada. Foi diretamente para as mãos da Meredith Walker, para ser examinado.

— E quem era o dono?

— Não sei.

— Pode, pelo menos, indicar-me a matrícula?

Seguiu-se uma pausa do outro lado da chamada.

— Não sei se deva...

— E se eu duplicar o dinheiro?

— Parece-me bem.

Pouco depois, Emilia já estava mergulhada na base de dados da Direção-Geral de Viação. Em minutos, descobriu o veículo e o registo do dono. Agora, restava-lhe escavar um pouco o seu passado e teria o seu furo. Quem precisava de informadores quando uma pequena dose de ingenuidade podia proporcionar tudo aquilo que era necessário? À medida que ia navegando, Emilia ostentava um largo sorriso.

Às vezes surpreendia-se a si mesma.

— É a sua última oportunidade, Dean. Conte-me o que aconteceu. Clarke não abrira a boca nos últimos dez minutos, limitando-se a esfregar o rosto com as mãos enquanto olhava para o chão. Parecia prestes a entrar num estado catatónico. Helen receou que se fechasse por completo ou que tivesse um acesso de raiva e frustração. E por não saber prever qual das reações seria, tinha de o abrir à força, desse por onde desse, se pretendiam compreender aqueles misteriosos crimes.

— Se não falar comigo, vou ter de assumir que é culpado. Então, não me restará alternativa senão acusá-lo, aqui e agora, por três homicídios, uma tentativa de homicídio, agressão a um agente da polícia, resistência a detenção, arrombamento e invasão de propriedade, roubo...

A cada crime, Dean parecia encolher-se um pouco mais, com a realidade da sua situação finalmente a assentar.

— Podemos arranjar-lhe alguém para o apoiar enquanto tratamos disso. Um advogado, um amigo, talvez o seu pai... — Helen deixou-o assimilar aquela sugestão. Ele e o pai tinham uma relação problemática, mas era tudo o que restava a Dean. — ... mas não há nada que eu possa fazer para travar o processo. Assim que for acusado, ser-lhe-á facultada uma audiência para determinar se tem direito a fiança, mas tendo em conta a magnitude dos crimes...

Não podia ameaçá-lo diretamente com o encarceramento, mas era evidente onde pretendia chegar. Clarke passou os dedos pelo cabelo, olhando para o chão e murmurando algo para si, como se estivesse num terrível dilema. Eram visíveis as pingas de suor na testa dele, uma já a deslizar-lhe pela face direita.

— Se falar agora, conto com a sua ajuda...

— Naturalmente.

— Não posso ir para a prisão, não posso ser trancado...

Era espantoso como toda a pose, toda a bravata, de repente se evaporava. Parecia mais pequeno — uma criança — a encolher-se.

— Bem, isso não posso prometer, Dean. Mas posso dizer que tudo será mais fácil para si se cooperar. Uma admissão de culpa rápida e sincera será importante para...

— Não fiz nada daquilo.

— Vá lá, Dean — disse Helen, exasperada. — Estava a ir tão bem...

— Quero dizer, não estou a dizer que seja inocente, agi mal, sei isso...

— Então, fale-me disso. Ajude-me a compreender.

— Sou eu naquelas fotografias. Na Madeley Road — prosseguiu, apontando com a cabeça para as fotografias. — Mas não fui lá por causa dele. O Campbell...

— Então, foi lá fazer o quê?

— Andava a inspecionar uma propriedade. — Helen fitou-o com atenção, tentando interpretar o seu tom. — Assaltei uma casa na rua ao lado. Mas, da Madeley Road, tinha acesso ao jardim das traseiras; chegava lá sem ser visto.

— Qual era a morada? — quis saber Helen, sem disfarçar o ceticismo.

— Elm Road, 14. Não, 16.

— Quando é que fez isso?

— No dia em que foi tirada a segunda fotografia. No dia 18, acho.

Helen olhou para McAndrew, que entendeu de pronto a mensagem, levantando-se e abandonando a divisão.

— E a Lauren Scott? Porquê fazer dela um alvo? Não vigiou a casa dela.

— Por ter visto nas notícias.

— Desculpe?

— Andavam a falar dessa rapariga que foi morta e mostraram as imagens do companheiro dela a sair do apartamento, a ser perseguido, para se enfiar algures num hotel.

Helen fitou-o, com uma possibilidade horrível agora a formar-se na sua mente.

— Tive uns problemas em trabalhos anteriores, fui surpreendido algumas vezes, e achei que fosse uma abordagem mais fácil. Ninguém em casa, entrar e sair depressa...

— Está mesmo à espera de que acredite que tomou por alvo um apartamento em Thornhill?

— Eu sei que é estranho. Mas toda a gente tem algo de valor, não é? Só que eles não tinham. Só umas imitações de treta de umas joias.

— Então, está a dizer-me que fez uma série destas investidas, roubou montes de material caro... e continua a viver numa casa decrépita e tem um emprego miserável. Onde gasta os proveitos dos assaltos, Dean?

Mas, assim que fez a pergunta, Helen percebeu.

— As armas — sussurrou Dean. — Todos os tostões que juntei gastei em armas.

O corpo dele estava a tremer, com o alívio pela confissão a subjugarlo. Mas havia ali algo mais. Vergonha.

— Então, deixe cá ver se eu entendo. Diz ser um soldado da SAS, alguém que lutou para proteger este país, derrubando os nossos inimigos, libertando os oprimidos. Mas, na verdade, persegue os seus conterrâneos, roubando aqueles que de nada desconfiam e os vulneráveis, atormentando-os para encher os bolsos.

Helen sabia que tinha de se controlar, mas sentia-se a ferver. Estava despedaçada pela frustração e furiosa, pronta a eviscerar Clarke pelos seus delitos, mas não valia a pena continuar. Deixando cair a cabeça sobre as mãos, ele desatou a soluçar — um soluçar intenso e torturante.

E nesse momento a fúria de Helen dissipou-se, sendo substituída pelo choque e pela resignação. Uma batida na janela levou-a a olhar para cima, e ali estava McAndrew, com uma expressão sombria e preocupada, assentindo significativamente. Helen expirou, de forma profunda e sonora, descarregando toda a desilusão.

Dean Clarke era culpado. Mas não era o assassino. Era o assaltante em série que há semanas aterrorizava os donos de casas em Southampton.

— Temos a certeza?

A pergunta do inspetor Edwards espelhava na perfeição o desespero de toda a equipa. Charlie e Hudson tinham acabado de se juntar a eles, desempenhando o seu papel na análise febril, embora Helen tivesse reparado que a reação do segundo àquele último revés fosse curiosamente contida.

— O Clarke forneceu-nos uma lista completa das propriedades que assaltou. Combina com os nossos registos e, dado que apenas algumas moradas eram do conhecimento público, parece credível. Além do mais, a descrição fornecida por algumas das testemunhas dos assaltos bate certo com a altura, constituição e sotaque do Clarke. E as ferramentas que ele tinha no *Land Rover* eram as habituais neste tipo de trabalhos. — A equipa parecia deprimida, mas Helen não teve como evitar dar a estocada final. — Além disso, acabei de falar com a Meredith Walker. Os pneus do *Land Rover* do Clarke são *Avons* antigos, mas o padrão do piso não combina com o que recolhemos no local do crime. Tinham um par de remendos, um trabalho caseiro feito já há algum tempo, que não encaixa com as provas que recolhemos no parque de campismo.

— Então, estamos de volta ao ponto de partida — concluiu Edwards, desconsolado.

— Não — contrapôs de imediato Helen, ávida por evitar que o desânimo assentasse. — Temos uma boa série de provas, relacionadas com o *modus operandi* do autor, a viatura que usa. Dispomos também de uma imagem dele com a qual podemos trabalhar. Mas, sim, temos de encarar outros eventuais suspeitos, novos ângulos. Até esgotarmos todos, o nosso trabalho não está feito.

Vários dos presentes assentiram veementemente com a cabeça, o que animou Helen.

— Então, vamos rever o que temos. Inspetor Osbourne, verificaste um homem que foi expulso de um clube de tiro com arco local.

— Está nas Filipinas com a irmã. Voou para lá há dez dias, por isso podemos descartá-lo.

Helen tentou disfarçar o desânimo.

— E os outros maluquinhos por armas? — quis ela saber, dirigindo-se ao inspetor Reid.

— Ainda falta verificar uns nomes... mas ninguém especializado em bestas. Hoje em dia é mais armas de fogo... toda a gente quer ser gângster.

— E em relação aos números de telefone? Aquele comum ao registo de chamadas do Campbell e da Scott?

— Localizámos a pessoa que ligou — respondeu de pronto o inspetor Reid. — O número pertence a uma Sra. Mavis Stemple, professora reformada que vive em Freemantle. Sofre de esclerose múltipla e tem um álibi à prova de bala, pelo que será de pensar que o cartão SIM dela foi clonado.

Helen resistiu à tentação de praguejar. Por onde quer que seguissem, pareciam deparar com uma parede.

— Ainda não nos levou a lado nenhum — prosseguiu Edwards —, mas o padrão de chamadas é interessante. Houve diversos telefonemas sucessivos há umas semanas e depois, de repente, pararam, logo antes dos homicídios.

— OK, temos de seguir esse número. Eu trato da devida autorização, vocês põem as coisas a andar — disse Helen, antes de devolver a atenção a Charlie. — Sargento-inspetora Brooks, em que ponto estamos com a Lauren Scott?

— Bem, tenho tentando ir ao fundo da questão na possível ligação entre a Scott e o Campbell durante os tempos na universidade. A Lauren esteve na Universidade de Southampton aí durante um ano, antes de desistir...

— Como é que ainda não sabíamos isso? — interrompeu Helen, surpreendida.

— Ela não acabou o curso, não teve diploma, pelo que não apareceu nas nossas primeiras averiguações. De qualquer modo, os seus dois

amigos mais chegados na época eram o Aaron Slater e a Julia Winter. O primeiro vive nos Estados Unidos, ainda estou a tentar localizá-lo, mas a Julia está no hospital South Hants. Está em coma na sequência de uma tentativa de suicídio e não será de grande ajuda, mas acabei de falar com o pai dela, que concordou em conversar connosco. Pode não dar em nada, mas ainda assim gostaria de explorar ao máximo a desistência da Scott. O consumo de drogas foi mesmo muito intenso por altura dos 20 e poucos anos, por isso acho que vale a pena investigar.

— OK, eu acompanho-te — reagiu Helen, contente por deitar a mão a qualquer pista, por mais pequena que fosse. — Entretanto, ao trabalho. O sargento-inspetor Hudson fica no meu lugar, mas já sabem como funciona. Analisem todas as provas, todos os depoimentos dos campistas e dos donos dos parques, para tentarem encontrar algo que nos tenha escapado. Além disso, vamos alargar a nossa busca pelo *Land Rover*. Liguem para lojas de peças e oficinas, vejam se alguém mexeu numa dessas viaturas, se se apercebeu de alguma coisa estranha. Verifiquem também os carros roubados... se as câmaras de trânsito apanharam algum *Land Rover* que tenha sido dado como roubado. Quero saber tudo. O jipe é a nossa melhor aposta para encontrar o homem.

Dando a reunião por terminada, Helen reuniu os seus pertences e preparou-se para acompanhar Charlie ao hospital. Os restantes elementos da equipa permaneceram nas suas secretárias, a rever pastas, a fazer telefonemas, a analisar pistas, mesmo depois de uma grande contrariedade. Helen ficou sensibilizada com a cena. A equipa nunca a desiludira e não iria ser agora que o faria. Mas, apesar desse pensamento, algo a afligia, uma inquietação incômoda que não desaparecia.

Ao longo de toda a reunião, Joseph Hudson nem por uma vez olhara para ela, mantendo o olhar resolutamente fixo no chão.

Emilia caminhava a passos largos para o gabinete de Gardiner, cantarolando alegremente para si mesma. As secretárias estavam alinhadas de modo a formar um corredor natural que dava diretamente para a porta dele. Na cabeça de Emilia, sempre lhe parecera uma avenida triunfal, um passeio para fazer demoradamente quando a vida corria de feição. E, naquele momento, era assim que se sentia — pela excitação de um trabalho bem feito —, por isso, caminhava de cabeça erguida para o gabinete dele.

Sentia-se nas nuvens. Não havia como dizê-lo de outra maneira. Após adivinhar a identidade do suspeito, fizera uma intensa e rápida pesquisa, antes de verter duas mil palavras sobre o pobre Clarke. Era nitidamente um tipo a quem nada correria bem — uma educação desoladora, nada de perspectivas, um historial de crimes menores e problemas mentais, o que, aparentemente, o teria encaminhado para um estranho mundo de fantasia.

Haveria certamente quem achasse as imagens dele a fazer pose com bestas e facas perturbadoras, mas ela achara-as hilariantes, rindo bem alto das suas tatuagens militares. Como se aquele palhaço pudesse ser aceite nas SAS.

Ao chegar à porta de Gardiner, espreitou para dentro do gabinete. Ele conferenciava fervorosamente com a sua subeditora, Sally Jones, mas ergueu o olhar assim que ela entrou.

— Enviei-te a peça sobre o Dean Clarke. Por acaso ainda não tiveste um bocadinho para a ler?

Sabia que ele já a tinha lido, mas queria desfrutar do seu triunfo.

— Sim, li-a. E acabei de a descartar.

Por momentos, Emilia teve a sensação de que não o ouvira bem.

— Não percebi. Tudo tem fundamento, verifiquei todos os factos...

— O problema é que acabámos de saber que o Clarke já não é suspeito — disse Jones, sem esconder uma certa satisfação.

— Foi acusado de seis assaltos — acrescentou Gardiner. — É o tipo que andou nos últimos tempos a deixar a cabeça em água aos donos de casas.

— Mas... e... — gaguejou Emilia, chocada ao ver desperdiçado todo o seu esforço da manhã.

— Mas nem tudo é mau — prosseguiu Jones. — Como já adiantaste tanto trabalho na história dos assaltos, não te deve ser difícil arranjar uma nova primeira página. Digamos... em 45 minutos?

Emilia regressou apressadamente à sua secretária, sempre a praguejar. Detestava ser ultrapassada pelos acontecimentos e odiou o tom vitorioso cínico de Jones. Deixando-se cair na sua cadeira, abriu as anotações sobre os assaltos e, sem pensar, começou a teclar. Não quis saber da qualidade, não havia tempo para polir o texto, e não estava propriamente concentrada na tarefa em mãos. Ainda pensava no Assassino da New Forest e em como poderia reverter a situação e provar a todos que era mesmo a melhor. E, enquanto escrevia, o seu olhar recaiu no telemóvel. Pegando nele, passou a lista de contactos até encontrar o número de Graham Ross. Um breve momento de hesitação, mas depois escreveu:

«Está livre agora?»

— Sou a inspetora-chefe Helen Grace. Creio que já conhece a minha colega, a sargento-inspetora Brooks?

— Já falámos — confirmou Oliver Winter, anuindo com a cabeça para Charlie enquanto apertava a mão a Helen. — Ela disse que queriam conversar comigo.

— Se puder dispensar-nos uns momentos, ficaremos bastante gratas.

Enquanto proferia as palavras, Helen lançou um olhar através da janela que dava para a unidade de alta dependência. Dali, tinham uma vista perfeita sobre Julia Winter, que jazia imóvel na cama, ligada a uma série de tubos.

— Talvez um café rápido? Não gosto de estar muito tempo longe da Julia...

— Como preferir — respondeu Helen, encaminhando Winter até ao bar ao fundo do corredor.

Cinco minutos mais tarde, estavam sentados no refeitório demasiado quente, com três cafés com leite intocados diante deles. Winter era franco e cordial, apesar de parecer perturbado com a condição precária da filha. Falou cuidadosamente, com um leve sotaque sueco a evidenciar-se, apesar de já viver há 25 anos na costa sul.

— Posso perguntar há quanto tempo aqui está a Julia? — perguntou Helen, a medo.

— Já lá vão cerca de nove anos — respondeu calmamente Winter. — Ela saltou da ponte Itchen. Provavelmente é-vos familiar...

Helen sabia porque ele dizia isso. Era um dos locais de suicídio mais conhecidos de Southampton.

— Os médicos disseram-me que não se safava. Sofreu diversos ferimentos na cabeça, uma grande hemorragia interna. Mas a minha menina é uma lutadora... — Disse-o com orgulho, mas Helen conseguia ver tristeza no seu olhar. Ao fim de nove anos a cuidar da

filha, o rosto daquele homem charmoso estava pálido e cheio de rugas. — Ela sobreviveu, embora, na verdade, sejam as máquinas que a mantêm viva. De início, acharam que seria só isto, que ficaria permanentemente em estado vegetativo, mas fiquei convencido de que ela conseguia ouvir-me, que compreendia o que se passava. Por isso, tentei diferentes formas de chegar a ela, e por uns tempos conseguimos comunicar. — Winter apercebeu-se da surpresa nas expressões delas e sorriu. — Descobrimos uma forma de lhe fazer perguntas simples, interpretando as respostas através do mapeamento cerebral. Dependendo da resposta dela, sim ou não, uma parte diferente do cérebro acendia. Era uma coisa maravilhosa, conseguir falar outra vez com ela.

A sua emoção era notória, a sua voz, densa.

— E agora? — questionou Helen, com brandura.

— Ela apanhou uma pneumonia há umas semanas. Agora, é uma batalha constante para a manter confortável, para lhe manter os pulmões limpos, pelo que tivemos de suspender as nossas conversas.

Rematou com um sorriso forçado, mas não resistiu a lançar mais um olhar na direção da unidade onde se encontrava a filha.

— Se não houver problema da sua parte, gostaria de lhe fazer umas breves perguntas sobre os tempos da Julia na universidade. Penso que ela partilhava casa com a Lauren Scott?

— Exato. Tinham uma casa juntas em Portswood. Depois do acidente da Julia, a Lauren manteve-se em contacto durante uns tempos. Visitava-a quando podia. No fundo, era uma rapariga simpática.

— Calculo que tenha visto as notícias.

— Sim, fiquei muito triste ao ler aquilo. Triste, mas não particularmente surpreendido.

— Porque não? — reagiu Helen, apanhada de surpresa.

— Porque sempre achei que ela teria um fim triste. Não assim, claro, mas sempre pensei que iria ler algo sobre ela nos jornais.

— O que o leva a dizer isso? — questionou Charlie.

— Ela era frágil. Atraía problemas.

— Já na altura?

— Especialmente na altura — respondeu Winter com firmeza. — Acho que foi por isso que ela e a Julia se tornaram amigas. Ambas tiveram uma vida complicada na universidade. A Julia estranhou viver longe de casa e soterrou-se em trabalho. A Lauren praticamente não queria saber dos estudos, só lá andava para agradar aos pais. Depois começou a andar com más companhias, meteu-se em drogas, endividou-se... — Helen inclinou-se para a frente, empenhada em traçar o retrato completo da jovem Lauren. — Nenhuma das raparigas gostava da vida que lá tinha, mas lidaram com o problema de maneiras diferentes. A Julia guardou tudo para ela, e a Lauren seguiu a via oposta. Só queria alhear-se de tudo o mais depressa possível. Eu gostava da Lauren, mas temia por ela. Não passava de uma daquelas raparigas que nunca parecia feliz com a pele que vestia.

Uma vez mais, os pensamentos de Helen incidiram nos pais de Lauren. Teria havido negligência? Até maus-tratos?

— A Julia alguma vez lhe falou de qual seria a origem da infelicidade da Lauren? — perguntou Charlie, como se lesse a mente a Helen.

— Não, a Julia não era do tipo de partilhar segredos... mas sempre achei que a Lauren se sentia sozinha. Os pais dela não queriam saber, ou censuravam-na, nunca percebi ao certo. E era filha única, por isso...

— Isolava-se, era isso?

— Acho que ansiava por aprovação, por afeto, independentemente de onde viesse. E não escolhia as melhores pessoas com quem se dar.

Helen anuiu com a cabeça, digerindo as informações.

— Diz que andava com más companhias. Consegue lembrar-se de alguns nomes? Pessoas que lhe possam ter vendido drogas, que a tivessem viciado?

— Nem por isso. Já lá vão nove anos. Havia um tal de... Aaron qualquer coisa, que também partilhava o apartamento com elas.

— Aaron Slater.

— Esse. Quanto aos outros... A Julia e a Lauren eram chegadas, mas pareciam trocar de amigos como quem troca de roupa. Sempre que eu ia ao apartamento, havia lá caras novas.

— Acha... — disse Helen, sem saber ao certo se haveria de prosseguir. — Acha possível que os pais da Lauren a pudessem ter maltratado, no passado, quero eu dizer?

— Não faço ideia — respondeu de pronto Winter. — Terá de lhes perguntar a eles.

Helen assentiu, e Winter, consciente de que soara contido, prosseguiu:

— Olhe, eu nunca gostei deles, disse não há dúvidas, nas poucas vezes em que os encontrei. Mas não posso especular sobre a vida deles em casa, não seria correto.

— Claro.

Helen olhou para Charlie, mas ela abanou lentamente a cabeça, indicando que não tinha mais perguntas.

— Uma última coisa — prosseguiu Helen, abrindo a sua pasta de arquivo e retirando de lá uma fotografia. — Será que reconhece este homem?

Passou-lhe a fotografia de Tom Campbell. Era a sua última cartada, uma derradeira tentativa de desencantar algo de útil da conversa. Mas Winter abanou a cabeça lentamente, pulverizando-lhe as esperanças.

— Não, lamento.

— Na altura poderia ter uma aparência diferente. Cabelo mais comprido, brincos...

Entregou-lhe uma segunda fotografia dos tempos de estudante de Campbell. E agora, para surpresa, o rosto de Winter ficou ensombrado. Preocupado, pegou na fotografia mais recente e comparou as duas.

— Meu Deus, é o Tommy.

— Desculpe?

— Era assim que lhe chamavam na altura. Nunca o teria reconhecido nesta... — Ergueu o olhar para Helen. — E este...? O Tommy também foi...?

— Sim, o Tom Campbell foi assassinado há cinco dias. Conhece-o?

— Era namorado da Lauren.

Helen abandonou o hospital em passo apressado, com Charlie a acompanhá-la. Depois do desânimo na sequência do passo em falso com Clarke, ambas se sentiam agora rejuvenescidas graças à conversa com Winter. Antes, haviam temido que os homicídios brutais fossem obra de um maníaco desvairado ou de um espírito sombrio à caça de turistas inocentes, mas agora tinham a certeza de que havia uma ligação entre as vítimas, uma razão para aqueles homicídios tão enigmáticos.

— Antes de mais, quero uma perícia minuciosa a todas as comunicações deles. E-mails, telefonemas, SMS, *Instagram*, *WhatsApp*, tudo. Temos de saber se o Campbell e a Scott entraram em contacto nos últimos meses.

— Achas que podem ter retomado o relacionamento? — perguntou Charlie.

— Porque não? Segundo o Winter, eram muito próximos no primeiro ano. Ela ainda cá vivia e ele vinha todos os dias trabalhar para Southampton.

— Podemos verificar hotéis locais... reservas, pagamentos com cartão de crédito...

— Claro. É imperativo que saibamos se ainda mantinham o contacto, se ainda sentiam alguma coisa um pelo outro.

— Achas que um dos parceiros pode ter estado envolvido? — perguntou Charlie. — Na eventualidade de andarem a ter um caso, por exemplo?

— É possível, mas não me parece. Achei-os sinceros.

— Completamente.

— Além de que as provas sugerem que o monóxido de carbono foi

bombeado para incapacitar ambos. Não me pareceu que o Dominici estivesse a fingir.

— Um rival, então? Alguém incomodado com a relação deles?

— Tudo é possível, mas nem sequer sabemos se estavam em contacto, por isso temos de manter a mente aberta. Devemos estar também atentos à questão das drogas.

Charlie voltou-se para Helen, admirada com aquela súbita mudança de rumo.

— A Lauren tinha um historial de recurso a drogas, mas foi na universidade que se descontrolou. Nessa altura ela namorava com o Campbell. Sabemos que o Tom Campbell foi acusado de posse de droga na adolescência, e teve sorte em escapar a uma acusação de tráfico. Estudou Bioquímica na universidade, movia-se na cena das drogas...

— Achas que era traficante?

— Podia ser. Seria bem capaz de produzir *ecstasy* e ácidos em laboratório. Assim como drogas sintéticas. A *Spice* e a *K2* surgiram por volta de 2008, quando ele já frequentava a universidade.

— E teria um mercado à mão.

— Exatamente.

— Achas que ele ainda se dedicaria ao tráfico? Que possa ter sido essa a base para retomarem contacto? — perguntou Charlie quando chegaram ao seu carro.

— Duvido. Seria demasiado arriscado. Ele tinha um bom emprego, uma bela casa. Só valeria a pena se o fizesse em grande escala, pelo que temos de voltar a analisar os registos financeiros dele.

— Mas é possível que ele ainda consumisse. Tinha, sem dúvida, apetência pela bebida e pela boa vida. A Lauren andava a tentar limpar-se, mas sabemos que já antes descarrilara...

— Mesmo que não estivessem em contacto — prosseguiu Helen, pensando em voz alta —, é possível que alguém ligado aos tempos de estudante deles tenha estado envolvido nos homicídios. Alguém que ainda cá viva...

— Temos andado demasiado concentrados na Lauren, mas talvez se pegarmos nos dias de estudante do Tom possamos encontrar algo.

Afinal de contas, foi ele a primeira vítima.

Charlie olhou para Helen, com um vestígio de um sorriso a apoderar-se dos seus lábios.

— Tens toda a razão — reagiu Helen. — Volta já para a base. — Encaminhou-se para a sua moto e depois parou e voltou-se. — Bom trabalho, Charlie. Sem ti, não teríamos chegado aqui.

Fora uma aposta arriscada. Que agora estava a dar frutos.

Emilia levava dez minutos a chegar ao apartamento de Ross em St Denys. Pelo caminho ensaiara o modo como aquilo se poderia desenrolar, questionando uma vez mais a sensatez de corresponder ao seu convite para se encontrarem. Ao chegar, enviara uma mensagem a um colega, deixando claro onde se encontrava e dando pistas sobre o que esperava obter da sua conversa *off the record* com o fotógrafo. Era uma prática comum quando se envolviam em situações duvidosas e, apesar de não proporcionar uma proteção efetiva, pelo menos permitia alguma paz de espírito. Emilia não era por natureza receosa, sabia dar luta, mas o trágico caso de Kim Wall ainda estava fresco na sua memória, pelo que tinha de se precaver.

Ross recebeu-a de forma calorosa, foi um bom anfitrião e elogiou-a pelo seu trabalho. Parecia particularmente interessado nas ambições futuras dela, e na primeira parte da conversa ela ficou com a impressão de que estava numa entrevista de emprego. Contudo, ela não lhe deu muito tempo de antena e rapidamente tomou conta do rumo da conversa.

— Então, sempre trabalhou para a equipa da Grace?

— Trabalhei por todo o lado. Belfast, Glasgow, Leeds, Manchester...

— As coisas que já viu...

— É verdade — respondeu ele, animado, espreguiçando-se. — E, ainda assim, todos os locais de crimes nos apanham de surpresa.

— Porquê?

— Bem, revelam-nos apenas o básico quando vamos a caminho, homicídio doméstico, mortes por droga, crimes sexuais, e imagina-se tudo antes de se lá chegar. E, muitas vezes, o cenário que se imaginou

está essencialmente correto, mas são os pormenores que nos surpreendem. O que fizeram para se tentarem manter vivos, a recordação que ainda mantêm, o modo como o corpo foi disposto depois da morte. Todos os detalhes contam uma história.

Ross parecia orgulhoso do seu conhecimento, da sua visão, pelo que Emilia seguiu rapidamente em frente com a conversa, focando-se no presente caso. Ficou surpresa ao descobrir que Ross não atribuía grande valor ao trabalho até agora desempenhado por Grace. Emilia sempre se empenhara em encontrar funcionários da Esquadra de Southampton que não fossem à bola com ela.

— Com esta história do Dean Clarke meteram-se num belo beco sem saída — declarou Ross, assim que Emilia deixou evidente que sabia que Clarke não era o culpado. — Aquele tipo é um bandido, um aspirante a soldado sem miolos ou capacidade para fazer aquilo... — Apontou para as fotografias dos cadáveres espalhadas em cima da mesa de centro, cuja crueza contrastava com o chá e os biscoitos. Já ali estavam à espera de Emilia, como se Ross quisesse exibir a sua mercadoria. — Talvez ele fosse capaz de raptar as vítimas, persegui-las, mas não faço ideia do que os terá convencido de que teria interesse em expor os corpos daquela maneira.

Emilia olhou para os corpos de Campbell e Scott pendurados nas árvores e depois de novo para Ross.

— Como assim? — reagiu, querendo parecer deliberadamente obtusa, na esperança de o levar a revelar mais.

— Olhe bem para as fotografias. As duas vítimas não foram apenas assassinadas, foram humilhadas, deixadas a secar. Quem fez aquilo pode apreciar a caça, mas o resultado é o que lhe importa. É a exposição.

— O que é que isso significa?

— Quem sabe? — ripostou Ross, rindo-se. — Mas é interessante, não é?

Inclinou-se para se aproximar um pouco mais de Emilia, pousando um dedo na imagem.

— Talvez os quisesse envergonhar, humilhar. Talvez esperasse que os pássaros e os habitantes da floresta se alimentassem deles, com os

corpos a desintegrarem-se lentamente com a passagem do tempo. Talvez quisesse exhibir a sua força física e poder, matando-os e pendurando-os assim. Talvez quisesse apenas ver-nos baralhados, mas essa nem sequer é a parte interessante...

Era, para Emilia, que ainda tentava descortinar um motivo palpável para aqueles homicídios, mas deixou passar.

— O que é interessante é a encenação — prosseguiu Ross, quase sem parar. — Olhe para o enquadramento, o modo como os corpos se destacam, apesar de envolvidos pela clareira. É macabro, sem dúvida, mas não deixa de ser bastante artístico, até belo. — Parecia encantado com a imagem. — E aí reside o seu poder. — Voltou-se para Emilia. — É uma das melhores fotografias que já tirei, e pode ter a certeza de que já tirei muitas.

— Tem mais destas? — perguntou Emilia, de repente intrigada.

Mas Ross não respondeu diretamente. Em vez disso, levantou-se e apontou para as traseiras do apartamento.

— Siga-me.

— Temos de nos pôr na pele dele.

Joseph Hudson tinha uma equipa de agentes de baixa patente reunida em redor dele, assim como alguns analistas de dados. No seguimento da sua visita ao hospital, Helen incumbira-o de seguir o rasto digital das vidas das duas vítimas. Ela, entretanto, dirigira-se a outro local, o que o deixou satisfeito.

— Procuramos qualquer tipo de ligação, qualquer forma de relacionamento. Romântico, sexual, comercial, namorico inofensivo, animosidade, recriminação... qualquer coisa. Se mantiveram contacto, temos de saber.

A equipa assentiu, à espera de mais.

— Portanto... verifiquem no que gastaram dinheiro, onde foram, o que faziam para se divertirem. Sabemos que o Campbell e a Scott tiveram em tempos um relacionamento romântico intenso. Vejamos se algum desse fogo se manteve. Esqueçam o resto... Esta é agora a vossa única prioridade. — Os agentes olharam fixamente para ele, ansiosos, mas estáticos. — E então? Estão à espera de quê? — rugiu, levando uma das agentes a saltar. — Vamos lá a isso.

A equipa levantou-se para pôr mãos à obra. A analista de dados, sobressaltada, regressou de pronto à sua secretária, encetando uma fervorosa conversa com o colega. Hudson ficou consternado por ver que ela parecia perturbada. Talvez estivesse apenas chocada, talvez achasse que a irritação dele se dirigia a si, mas, fosse um caso ou outro, sentiu-se mal por ter gerado tal reação. Mais tarde, teria de falar com ela, para tentar remediar as coisas.

Avançando em passos largos para a sua secretária, embrenhou-se no trabalho. Helen atribuíra-lhe uma tarefa específica, importante, e pretendia cumpri-la da melhor maneira. Mas, agora, não conseguia concentrar-se, com o olhar inevitavelmente a desviar-se para a

analista de dados, que ainda conversava de forma intensa. Hudson esforçara-se imenso por causar boa impressão junto da equipa, dando o exemplo. Mas ainda não conseguira chegar a todos, e agora tinha um ponto negativo a seu favor.

Estariam a comentar o recontro que ele tivera com Clarke, achando que ele ainda estava com dores? Ou estariam a interrogar-se se ele simplesmente se sentiria frágil, incapaz de lidar com o stress de uma investigação de homicídio? A ideia deixou-o em ebulição; ao longo da sua carreira já lidara com imensos casos complexos. Nenhum deles tão perturbador e invulgar quanto aquele, mas ainda assim...

Sentiu-se tentado a berrar com eles, a ordenar-lhes que parassem de coscuvilhar e que se lançassem ao trabalho, mas, dominando a irritação, levantou-se para ir até ao quadro dos homicídios. Parou diante dele, olhando para as fotografias forenses de Campbell e Scott e para o que fora sarrabiscado em redor das mesmas. À vista dos outros, estaria a analisar as linhas de investigação, a tentar unir as ligações. Na realidade, tentava recompor-se.

As coisas até tinham começado bem para ele, naquele que seria sem dúvida o cargo mais importante da sua carreira. Era complicado ocupar o lugar de uma agente morta em serviço, com os antigos colegas naturalmente a terem de se esforçar para aceitar um substituto. Fazê-lo numa equipa liderada por uma chefe exigente tornava tudo ainda mais difícil. E, no entanto, de início comportara-se de modo satisfatório, relacionando-se bem tanto com Helen Grace como com Charlie Brooks e protagonizando algumas intervenções positivas no caso. Mas onde é que isso o levava? Clarke fora o seu suspeito, mas revelara-se um mero ladrão. Terrível e violento, sem dúvida, mas ainda assim um ladrão. Pior do que isso, ele fora agredido, ferido e humilhado na sequência da sua briga com Clarke. Estaria a equipa naquele momento a trocar dele? A pô-lo em causa? Mais importante, o que pensaria Helen Grace? Estaria arrependida de o ter escolhido para o cargo? Fora por isso que o incumbira do trabalho digital, enquanto ela e Charlie iam recolher depoimentos?

Uma vez mais, Hudson sentiu a raiva a manifestar-se. E, uma vez mais, tentou detê-la. Tinha de se controlar. Estava a afetar-lhe o

trabalho, o discernimento, e, se não tivesse cuidado, iria consumi-lo.

Tal como já acontecera antes.

Melanie olhou espantada para Helen. O que começara por ser uma tragédia terrível rapidamente se transformava num pesadelo horrível e retorcido.

— Não, não, ele nunca mencionou esse nome na minha presença — lá acabou por conseguir responder. — Helen observou-a com atenção, avaliando-a. — Ora bem, eu sei que o Tom teve outras namoradas, claro. Mas não tinha muito que ver com elas e não queria mesmo falar delas. Houve uma, a Louise, que cheguei a conhecer. Tiveram um breve caso quando o Tom ia a meio dos 20. Mas além disso...

— Nunca lhe perguntou pelo passado dele? O seu primeiro amor, a sua primeira namorada a sério — insistiu Helen.

— Posso ter perguntado, no início, mas nunca me pareceu interessado em discutir o assunto. Ele queria falar de nós, do futuro, o que me agradou, claro.

Helen anotou isso, pensando no que teria levado Campbell a desejar tanto omitir o seu relacionamento com Lauren Scott. Haveria alguma faceta dele — do velho Tom — que desejava manter oculta?

— Ele tem alguma coisa desse tempo? Fotografias? Livros de curso? Agendas?

— É possível, mas, se tiver, devem estar bem escondidos no sótão.

— Importa-se que dêmos uma vista de olhos?

Melanie não pareceu muito convencida. Por momentos, Helen achou até que iria exigir um mandado, algo que, naturalmente, seria um direito seu. Mas, depois, a renitência pareceu desvanecer e murmurou:

— É por aqui.

Cinco minutos depois, estavam num sótão coberto de pó. Uma única

lâmpada despidia iluminava caixas de tralhas, ali largadas e esquecidas. Melanie fez questão de se desculpar pela desarrumação, mas Helen desvalorizou o embaraço dela, requisitando antes a sua ajuda para ajudar a localizar as recordações universitárias de Tom. Revelou-se um trabalho moroso e sujo, mas acabaram por encontrar uma única caixa, contendo um programa de um baile de verão, um cachecol da universidade, alguns CD, um troféu amolgado da equipa de ténis masculina e vários maços de fotografias. Helen dedicou-se a essas, retirando-as dos seus envelopes da Snappy Snaps e passando-as uma a uma.

Foi como recuar no tempo. Todas as fotografias tinham a data assinalada, com a fonte digital antiga estampada no canto inferior direito. Pareciam abarcar todo o percurso universitário dele, mas aquelas que lhe despertavam mais interesse eram as de 2008/2009, altura em que ele frequentaria o terceiro ano, e Lauren, o primeiro.

A maioria parecia ter sido captada no período do verão, quando o tempo era mais agradável e estavam no auge as festas pós-exames. Julia Winter surgia numas quantas, tal como Aaron Slater — ambos rostos com que Helen já se familiarizara. Mas reparou com interesse que a vasta maioria das fotografias — e eram imensas — eram de Lauren Scott. Lauren a descansar, Lauren a rir, Lauren a fumar um charro, Lauren a seduzir a câmara. Helen compreendeu a atração de Campbell por ela — parecia tão delicada, tão bela, mas com um toque de perigosidade. Era naturalmente sexy, uma característica de que estava consciente e a que os homens teriam dificuldade em resistir.

— É possível... — disse Helen, pesando bem as palavras — ... que o Tom tenha retomado o contacto com a Lauren?

Melanie estava muito perto, a lançar olhares preocupados às fotografias da jovem e atraente mulher.

— Não.

— Nunca teve nenhuma suspeita? Mensagens misteriosas? O Tom a revelar-se desnecessariamente discreto em relação aos seus passos, sobre com quem estava?

— De maneira nenhuma, eu confio... eu confiava em absoluto nele.

— Helen assentiu com a cabeça, mas obviamente percebeu a sua

descrença, pois deu seguimento à sua réplica apaixonada: — Eu sei que ele me era fiel. Nós íamos casar.

— Claro. Eu entendo isso. Mas as pessoas são fracas, e às vezes ligações do passado têm um poder duradouro.

— Não, não, não... O Tom nunca me trairia assim. — Fitava Helen nos olhos, irradiando hostilidade e fúria. — Nunca.

— **E**stá a gozar? A Lauren nunca me faria uma coisa dessas. Ela amava-me. E eu amava-a...

Matteo Dominici andava de um lado para o outro na sala da frente, passando a mão pelo cabelo revoltado. Os últimos dias — a perda de Lauren, ter de identificar o corpo, ser perseguido pela imprensa — tinham deixado marcas. Parecia envelhecido... o seu rosto apresentava mais rugas, o cinzento nas têmporas era mais pronunciado e ele parecia estar no limite. As perguntas penetrantes de Charlie sobre Lauren Scott serviram apenas para exacerbar a sua ansiedade, mas ela não teve outra opção.

— Alguma vez desconfiou dela? Nada que possa ter feito o deixou minimamente preocupado...?

— Se conhecesse a Lauren, se nos conhecesse, perceberia quão ridícula é essa pergunta — ripostou ele, num tom fulminante.

— Porque...?

Matteo brindou Charlie com um olhar intenso e depois sentou-se no sofá. A inspetora sentiu-se grata por ele finalmente ter parado de andar de um lado para o outro. Estava cada vez mais irritado, mas agora parecia um pouco mais calmo.

— Eu e a Lauren conhecemo-nos numa reunião dos AA. Ela tinha conseguido deixar as drogas, mas ainda se esforçava por abandonar a bebida. Eu também andava a beber... — Hesitou por uns momentos, talvez sopesando o quanto deveria partilhar, e depois prosseguiu de modo balbuciante: — O meu casamento tinha ido ao charco mais ou menos na mesma altura em que o meu negócio passava por dificuldades. Não fui o único apanhado pela crise, mas isso não facilitou em nada, e tive de voltar a trabalhar no restaurante da família. Seja como for, ao fim de cerca de um ano a dar cabo de mim próprio, decidi limpar-me. E, logo no primeiro dia, conheci a Lauren.

— A recordação pareceu animá-lo um pouco. — A atração foi evidente, mas isso não era visto com bons olhos, pelo que não nos apressámos. Preferimos ficar a conhecer-nos melhor. E adorei tudo o que vim a saber dela. Era divertida, atrevida, mas também honesta, amável, perspicaz. Não tinha ilusões em relação à vida; sabia que, apesar de a vida nos poder levar tudo, conseguimos sobreviver.

— O que o leva a dizer isso?

— Porque os pais dela eram uns merdas. Desculpe, mas não há outra forma de o dizer. Eram os típicos pais de classe média alta... controladores, críticos, de mente curta. Tinham uma visão clara do que queriam para a Lauren, mas ela não encaixava no molde. E não souberam lidar com isso, cortando-lhe o dinheiro, expulsando-a umas quantas vezes de casa...

— Por causa das drogas? Do álcool?

— Ela não era um anjo, isso é certo — retorquiu Matteo energicamente. — Mas nunca foi cruel. Os pais dela não conseguiram lidar com o facto de ser diferente, de querer fazer as suas próprias escolhas... mas, ao tentarem detê-la, mergulharam-na ainda mais fundo no abismo. Quanto mais ela piorou, mais eles pioraram. Mas nada disso... — Para enfatizar, bateu com força na mesa de centro com os nós dos dedos. — ... Nada disso era necessário, pois ela só precisava de um pouco de amor. Dei-lhe isso, dei-lhe tudo o que pude, mas recebi ainda mais de volta. Ela dizia muitas vezes que a salvei, mas não era verdade. Libertei-a. E a gratidão dela, o amor, não tinha limites... — Levantou a cabeça para fitar o olhar intrigado de Charlie. — É por isso que tenho a certeza de que ela não se teria envolvido com esse Tom Campbell, ou com qualquer outra paixão antiga.

— Entendo isso, Matteo, e não duvido que esteja certo. Provavelmente, conhecia-a melhor do que ninguém. Mas percebe por que razão tenho de fazer a pergunta... A ligação entre eles não pode ser uma coincidência. — Matteo encolheu os ombros, reconhecendo-lhe a razão de má vontade. — E é por isso que tenho de lhe pedir mais uma coisa. Sei que vai ser perturbador, mas para termos a certeza plena daquilo com que lidamos tenho de lhe pedir uma amostra de ADN. Temos de o comparar com o do bebé para estabelecer a

paternidade.

A expressão de Matteo foi uma mistura de surpresa e horror.

— Tenho aqui o *kit*, para um esfregaço bucal. Leva apenas uns segundos.

Matteo Dominici parecia não estar a interiorizar nada do que ela dizia. Até à véspera nem sabia que Lauren estava grávida. Agora, tinha de enfrentar a possibilidade de o bebé não ser seu.

— Faça o tiver de fazer — acabou por murmurar. — E depois ponha-se a andar.

Cuspiu as palavras, assustando Charlie. Ela não perdeu tempo: retirou o *kit* esterilizado da mala e calçou um par de luvas. Depois rasgou o invólucro de plástico e retirou o tubo de ensaio e a zaragatoa.

— Muito bem, se puder abrir a boca...

Lentamente, ele obedeceu. Charlie lançou-se à tarefa, desejosa de pôr fim àquilo. Mas a alteração do estado de espírito dele era bem palpável. Enquanto olhava atentamente para ele, recolhendo células no interior da sua bochecha, os olhos de Matteo Dominici nunca se desviaram dela, a ferver de puro ódio. Qualquer confiança que tivesse sido estabelecida até então desaparecera. Dali em diante, aos olhos dele, Charlie seria sempre a mensageira da desgraça.

Ela encontrava-se rodeada de morte.

Depois de inicialmente ter mostrado alguma reserva quanto a abrir as suas pastas, Graham Ross agora parecia ávido por partilhá-las. Expunha portefólio atrás de portefólio, cada um repleto de uma variedade de novas e perturbadoras imagens. Corpo após corpo, cena após cena, todas as indignidades e crueldades que um ser humano era capaz de infligir a outro estavam escondidas no quarto das traseiras de Ross.

Tratou-se de um encontro estranhamente íntimo. O pequeno espaço fora convertido numa câmara escura há já algum tempo e, apesar de parecer cumprir o seu propósito, não fora pensado para ser ocupado por duas pessoas. Na verdade, o espaço funcionava como local de trabalho privativo e principal área de armazenamento, o que significava que tinha tudo à mão, mesmo que nem sempre fosse fácil aceder a tudo. Em diversas ocasiões, Emilia tivera de recuar, mover-se, mudar de posição, com Ross a roçar nela enquanto procurava mais joias do seu tesouro. Emilia assumiu que aqueles momentos de contacto fugazes tinham sido acidentais, mas não estava absolutamente certa disso.

Mas em momento algum se sentiu ameaçada, nem nunca exteriorizaria nada menos do que um entusiasmo arrebatado pela coleção brutal de imagens que viu na mesa. Facadas, feridas de balas, estrangulamentos, até um crime amoroso executado com uma garrafa de *Perrier* partida — tudo isso exposto para deleite dela. Havia até algumas fotografias dos locais de crime na New Forest que Ross teria sonogado aos ficheiros oficiais. Emilia optou por não o mencionar, concentrando-se antes no brilhantismo generalizado do seu trabalho.

— Nunca vi nada assim — sussurrou ela. — Quero dizer, é evidente que tem os planos aproximados e afins que se costumam tirar, mas há algo nas outras fotografias, aquelas que englobam toda a cena, que demonstra uma certa... elegância.

Ross pareceu agradado com o elogio.

— Qualquer um pode fotografar as provas — disse ele, como se isso não tivesse importância. — O que a cena nos conta é que é interessante. Às vezes, o criminoso tenta ativamente comunicar conosco através da encenação, outras vezes não, mas de uma maneira ou de outra a história está lá, se estivermos preparados para a ver. E se a captarmos bem, a enquadrarmos bem...

— Então, uma imagem vale por mil palavras.

— Exatamente. Se analisar o quarto, a posição do corpo, o estado dos móveis e das decorações dessa divisão, os espelhos, as fotografias, então vai conseguir ver. Houve um local onde fui em que o assassino tinha virado para baixo todas as fotografias da família. Por ter vergonha do que fazia, não queria que os seus familiares assistissem aos indescritíveis atos de brutalidade que se sentira compelido a perpetrar.

— Eu li sobre isso — mentiu Emilia, soando o mais digna de crédito possível.

— Há mais do que se vê a olho nu — reagiu Ross, satisfeito, voltando outra impressão de carnificina para que ela apreciasse.

— Acho que é inevitável.

Ross sorriu, mas nada disse, continuando a passar as fotografias.

— Quantos cadáveres diria que já viu? — prosseguiu Emilia, pegando numa imagem de um horrível esfaqueamento entre adolescentes.

— Aí uns duzentos, talvez mais...

— E nunca o afeta?

— Nem por isso — respondeu num tom prosaico. — Sempre fui muito disciplinado em relação a isso. É trabalho. Para mim, não passam de indivíduos. Naturalmente, quero registá-los para ajudar à investigação, mas também os desejo captar como merecem. Desejo dar à morte deles um certo significado, até uma certa beleza.

— Dá para ver — reagiu Emilia, com respeito.

Na realidade, não estava a ver, ou pelo menos não totalmente. Havia uma elegância, um toque artístico em algumas das imagens, em especial as da New Forest, mas nas outras era difícil de distinguir. Um adolescente de cara voltada para o chão na rua, uma jovem mãe estrangulada pelo seu companheiro violento — tudo o que Emilia via naquelas fotografias era fealdade e brutalidade. Mas deu seguimento à sua arenga de aprovação, o que satisfez o seu anfitrião.

— Tenho mais, mas será melhor guardá-las para outra altura. Fazem parte da minha coleção especial.

— Gostaria de as ver — voltou a mentir Emilia.

— Então, está combinado.

Ela saiu pouco depois, ainda a matutar no significado do encontro. Não poderia ter corrido melhor — quanto mais Ross gostasse dela, mais provável era que explanasse as suas teorias sobre as mortes na New Forest, desvendando o alcance e o significado daqueles homicídios intrincadamente encenados. Mas uma questão permanecia sem resposta — o que pretendia ele? Esforçara-se ao máximo por a seduzir, por a impressionar. Contudo, não dera o passo seguinte, nem profissional nem pessoalmente. Não restavam dúvidas de que tentava chegar a ela, de que tentava atraí-la para o seu mundo.

Mas o que o levava a querê-la perto de si permanecia um mistério.

Andava a incomodá-la, mas agora ela queria saber a verdade.

— Sargento-inspetor Hudson, tens um minuto?

Helen tinha regressado da casa de Melanie Walton, trazendo consigo uma mão-cheia de fotografias, e deparou-se com a sala de operações impressionantemente povoada. A descoberta da ligação efetiva entre Campbell e Scott estimulara toda a gente, e a equipa esforçava-se ao máximo, tentando desenterrar mais provas. No entanto, o sargento-inspetor Hudson, que por norma se orgulhava de ser sempre o último a sair, decidira sair mais cedo, aproveitando a cobertura dos colegas para se pôr a andar.

Hudson estacou e virou-se para Helen.

— Enviei-te uma atualização sobre a busca digital...

— Não tem que ver com isso — interrompeu Helen com gentileza.
— Vamos?

Indicou o seu gabinete. Disfarçando o seu desconforto, Hudson obedeceu. Helen fechou suavemente a porta atrás de si, enquanto ele se sentava.

— Como é que te sentes? — perguntou ela, atravessando o gabinete na direção da sua secretária.

— Bem — respondeu imediatamente Hudson. — Quero dizer, a pisadura está um bocado feia, mas...

— Já todos passámos por isso. Daqui a nada desaparece.

Hudson limitou-se a anuir afavelmente. Obviamente não ia adiantar mais nada, pelo que teria de ser ela a lançar a rede. Havia muitas outras coisas que ela poderia estar a fazer naquele momento, dada a intensa pressão que recaía sobre a equipa, mas não podia contornar a conversa.

— E como é que te sentes psicologicamente? Deves sentir-te muito abalado.

— Não mais do que seria de esperar — reagiu, evasivo.

— Se precisares de um dia de folga ou de falar com o nosso conselheiro interno...

— Não será necessário. Quero estar aqui, dar o meu contributo.

— Isso tem piada, porque fiquei com a nítida sensação de que preferias estar em qualquer lugar menos aqui. Se é o ataque de ontem à noite que te preocupa...

— Não é.

— Então, o que é? — Hudson não respondeu, interrompendo brevemente o contacto visual para olhar pela janela, antes de voltar a fitar Helen. — Sabes, Joseph, há tipos que podem achar difícil ter uma mulher como chefe. Tipos que se podem sentir zangados ou envergonhados se essa chefe os ajuda num aperto.

— Tenho ar de dinossauro?

Não tinha. Parecia um polícia sofisticado e moderno, num modo que o tornava ainda mais atraente. Mas não lhe ia dar o gosto de partilhar isso com ele.

— Há quem se sinta assim, não conseguem evitar — prosseguiu Helen, imperturbável. — E é uma pena. Porque todos nós, num momento ou noutro, somos encostados à parede. Já por mais de uma vez houve colegas que me salvaram a vida, e nunca me senti mal por isso. Somos uma unidade forte porque trabalhamos uns pelos outros. E em circunstância alguma um agente deve achar que envergonha os outros só por ter ficado com umas pisaduras. Nós, aqui, somos bem-sucedidos porque nos pomos na linha de fogo, e nunca hei de falhar a um agente que exhibe esse tipo de coragem e altruísmo. — Hudson ia a responder, mas Helen ainda não terminara. — Por isso, vai para casa, Joseph. Bebe um copo, fuma, vê a Netflix, faz o que quer que costumas fazer para descontraír. Depois, volta amanhã, pronto e ansioso por te lançares ao trabalho. Finalmente, estamos a progredir neste caso e eu preciso dos melhores à minha volta.

Hudson levantou-se, manifestando a sua concordância com um aceno de cabeça. Ela ficou contente por constatar que parecia um

pouco mais relaxado, como se lhe tivessem tirado um peso dos ombros.

— Amanhã bem cedo.

A voz dele soou algo férrea, o que agradou a Helen.

— Então, até lá, sargento-inspetor Hudson.

Helen viu-o afastar-se, satisfeito com o trabalho da noite. Finalmente, começavam a ver luz ao fundo do túnel no caso, mas ainda havia muito a fazer. Lentamente, começavam a juntar as peças havia mais enigmas para resolver e perigos desconhecidos para enfrentar, antes de ficarem cara a cara com o assassino. Quando esse momento chegasse, Helen queria os seus dois sargentos-inspetores ao seu lado.

Ela manteve-se sozinha, oculta pela escuridão.

A sua conversa com Matteo Dominici demorara mais do que o habitual — esforçara-se por apaziguá-lo, mas sem efeito — e, quando saiu, já não valia a pena regressar à base. Em vez disso, rumara diretamente à sede forense em Woolston, para deixar pessoalmente a amostra de ADN de Dominici. Numa situação normal não o faria — esse tipo de tarefa por norma era entregue a um agente de patente mais baixa ou, na falta de um, a um mensageiro. Mas, dada a importância de uma resposta rápida, decidira ela própria fazer a entrega — se Dominici não fosse o pai do bebé de Scott, então subitamente seria aberta toda uma nova linha de investigação.

Contudo, estava arrependida da sua diligência altruísta. Obrigara-a a trabalhar até mais tarde do que o habitual e só chegara a casa perto das 21 horas. Ligara antes disso, na esperança de desejar boa-noite a Jessica, para ver em que pé estavam as coisas com Steve, mas as suas chamadas foram ignoradas. Seria uma forma de castigo? De marcar posição? Ou não teria qualquer razão subjacente, com Steve demasiado ocupado com Jessica para reparar no telefone a tocar? Charlie não sabia qual das duas hipóteses seria, e isso inquietava-a.

Entrou e encontrou uma casa calma e sossegada. A luz do *hall* estava apagada, tal como as da cozinha e da sala de estar. O habitual som de fundo que enchia de felicidade a aconchegante sala no piso de baixo estava completamente ausente. Na verdade, toda a casa parecia fria e desagradável. Ao subir lentamente as escadas, começou a entrar em pânico. Steve não se podia ter ido embora, certo? Levando Jessica com ele? Não, isso era uma loucura. Sentiu-se reconfortada por ver a porta de Jessica entreaberta, com o brilho quente da sua luz noturna a

emanar do interior. Ele nunca faria algo tão dramático, tão desonesto. Podia ser um homem difícil, mas era franco e reto, mesmo quando se zangavam. Além disso, ainda não tinham chegado a esse ponto, pois não?

Passando a porta em bicos de pés, entrou discretamente no quarto deles. Steve estava lá, o que se revelou um alívio, mas parecia dormir. As cortinas estavam fechadas, o edredão subido até ao queixo, o rosto virado para o outro lado.

— Steve? — Nenhum movimento, nem sequer uma alteração na respiração. — Steve, estás acordado? Desculpa ter chegado tão tarde...

Desistiu, sabendo que não obteria resposta. Ou estava a dormir ou estava demasiado zangado para falar. De uma maneira ou de outra, era deprimente. Tinha tanta coisa que precisava de contar a Steve — desde o entusiasmo pela nova pista que descobriu à perturbadora conversa com Matteo Dominici. Queria tomar um copo de vinho, partilhar as suas ansiedades, pedir um abraço. Mas, nessa noite, não teria nada disso — pela primeira vez em imenso tempo, não se sentiu bem-vinda na sua própria casa.

Subindo para a cama, descalçou uma bota e depois outra. O tornozelo esquerdo latejava de novo — o inchaço em redor do ferimento recusava-se a sarar — e sentiu-se de rastos. Talvez estivesse a ficar velha, mas raramente se sentira assim esgotada durante um caso. Tudo o que desejava fazer agora era dormir, aninhar-se na cama e fingir por umas gloriosas horas que estava tudo bem no mundo. Despiu a blusa, as calças e a roupa interior e vestiu o pijama, ansiosa por cair no alheamento do sono. Mas, assim que levantou o edredão, um grito de terror ecoou vindo do quarto de Jessica.

Afinal, não iria dormir.

O olhar dele varreu o bosque às escuras, à procura de sinais de vida. As equipas de busca da polícia tinham estado mais uma vez em ação, mergulhando ainda mais na floresta, penetrando nos seus recantos ocultos. Revelavam-se cada vez melhores — agora, eram mais discretos, mais observadores, o seu progresso menos destruidor —, mas ainda assim poucas hipóteses tinham de o apanhar. Nathaniel Martin já vivia há 18 meses na floresta e não havia um som, um grito, chamamento ou ranger que não reconhecesse. Seis agentes avançando em simultâneo eram, portanto, fáceis de detetar. Ouvia-os a quase um quilómetro de distância, garantindo que já há muito teria partido quando tropeçassem no seu último esconderijo.

As equipas agora dispunham de cães, o que complicava as coisas. Sem dúvida que andavam a usar artigos do seu antigo acampamento para, com o seu cheiro, servirem de base de trabalho para os cães, e eles estavam a revelar-se competentes na sua função. Para fazer frente a esse desenvolvimento preocupante, Martin começara a revestir as suas roupas com lama malcheirosa, flora apodrecida e até fezes de raposa, mas nem esses acrescentos pungentes estavam a conseguir ocultar a sua presença. Se a polícia tivesse dado rédea livre aos cães, se os tivesse deixado correr livremente, por esta altura já o poderiam ter apanhado, mas, felizmente, não era assim que trabalhavam os grupos de busca. Mantinham os seus pastores-alemães com rédea curta, contendo as suas investidas zelosas. Dessa forma, o progresso era lento, dando a Martin imenso tempo para desaparecer.

Aquela era agora a sua vida, sempre vigilante do amanhecer ao anoitecer, dia após dia. E sentir-se-ia confortável com isso, mantendo o seu estilo de vida itinerante, até que os seus perseguidores por fim

abdicassem da caçada e a floresta voltasse a ser sua. Mas a floresta já não era sua e ele temia que nunca mais voltasse a ser. Não enquanto o mal continuasse a dominar.

Tendo passado ano e meio num isolamento magnífico, vindo à superfície apenas para afastar aqueles que ameaçavam a existência da floresta, Nathaniel Martin sentia-se agora encurralado por todos os lados. Primeiro, tinham sido os empreiteiros, promotores imobiliários e turistas. Depois, a polícia, jornalistas e até um ou outro bando de adolescentes atrevidos, desafiando-se mutuamente a entrar na perigosa floresta. E em redor deles andava a presa que todos procuravam, um espírito esquivo e malévolo, que levara a morte e a inquietação ao santuário de Nathaniel Martin. Ele ainda não o vira em carne e osso, mas sentira a sua presença maligna. E testemunhara a sua obra — dois pôneis mortos, impiedosamente chacinados e deixados a apodrecer. A visão dos cavalos mortos — belos, mesmo quando deformados pelo *rigor mortis* — quase lhe destroçara o coração.

Andaria por ali hoje? Estaria a sua sede por sangue prestes a macular uma vez mais a floresta? Martin manteve-se completamente imóvel, o seu olhar a saltar de um lado para o outro, à cata da sua forma sinistra nos arbustos, na vegetação, nas sombras compridas e escuras. Não via nada fora do sítio, nenhum sinal de que andasse por perto, mas isso pouco significava. Não reparara em nada irregular nas outras noites quando tirou a vida a quatro seres inocentes, antes de voltar a desaparecer. Quem poderia dizer que não andava por ali agora, a observá-lo?

O pensamento levou a que Nathaniel Martin se sentisse visivelmente desconfortável. Anteriormente senhor do seu destino, rei não proclamado daquela vasta extensão de mundo selvagem, encontrava-se agora mais ameaçado do que nunca, dependendo apenas do seu engenho para sobreviver. Aquela floresta fora sua amiga, a sua salvação, mas já não era um lugar seguro. Parecia impossível, mas era verdade. O seu novo Éden tornara-se um lugar de trevas.

O sol matinal foi deslizando pelas janelas sujas, iluminando o vulto imóvel de Helen Grace. Encontrava-se parada diante do quadro dos homicídios, a observar os rostos que tinha à sua frente. Na parte de baixo, Nathaniel Martin e Dean Clarke, e, em cima, Tom Campbell e Lauren Scott, ladeados por Matteo Dominici e Melanie Walton. Os olhos de Helen dançaram pelo quarteto, como que procurando ligações desconhecidas, mas os rostos limitavam-se a fitá-la, enigmáticos e sem vida.

Virou-se lentamente para observar outro conjunto de rostos. A equipa estava reunida, amontoando-se aos poucos em redor dela, todos curiosos por conhecer a razão de terem sido ali chamados tão cedo. Helen já estava a observar o quadro quando começaram a chegar, alguns deles sem dúvida questionando-se se passara ali a noite. E estavam certos — tinha dormido apenas umas horas no sofá, antes de ter mudado de roupa, de se ter lavado e começado de novo.

Helen estava convencida de que as respostas se encontravam debaixo do seu nariz; no entanto, ainda não conseguia discernir quais eram. E o seu estado de espírito não melhorara com o telefonema que recebera bem cedo do Serviço de Laboratórios da Polícia de Woolston.

— Esta manhã recebi os resultados dos testes de ADN — anunciou ela aos agentes ali reunidos. — O Matteo Dominici é o pai do bebé da Lauren Scott. — Ouviram-se uns ténues resmungos da equipa. — Isto, por si só, nada significa. Ainda assim ela poderia ter um caso com o Campbell ou, pelo menos, ter reativado a amizade. Em que ponto estamos com possíveis cruzamentos?

— Até ao momento pouco se avançou — respondeu o inspetor Osbourne, tentando não soar demasiado desanimado.

— O que significa esse pouco?

— Significa... nada. Não encontramos quaisquer provas de que mantivessem contacto telefónico ou através de redes sociais, nem que se tenham encontrado pessoalmente. Verificámos todos os seus passos, tanto nas agendas telefónicas como nas gravações de videovigilância disponíveis, e não há qualquer correlação. O Campbell raramente se aventurava a ir a Southampton... Andava entre Winchester e Lyndhurst e não passava daí. A Lauren frequentava Thornhill e Woolston, onde trabalhava na Boots. Além disso, ia de vez em quando às compras ao centro, mas eram visitas breves e parecem corresponder com as transações de cartão na H&M, Primark, Tesco's.

— E quanto aos históricos dos computadores deles? O que procuravam na Internet? — quis saber Helen.

— Verificámos os telemóveis, tablets e portáteis — respondeu de pronto Reid. — Não há registo de algum deles ter procurado no *Google* o nome do outro, nem pormenores pessoais, etc. Não eram sequer amigos no *Facebook* e, na verdade, nem sequer foram enviados pedidos de amizade. Aparentemente, nem tinham consciência da existência um do outro, apesar da relativa proximidade.

— E ligações a outras pessoas que os pudessem conhecer da época?

— O inspetor Edwards e eu analisámos isso outra vez esta manhã — disse Charlie, contendo um bocejo. — O Campbell mantinha contacto com algumas pessoas do tempo da universidade, um amigo da equipa de ténis que agora vive em Singapura e um colega de História que vive em West Midlands, mas o contacto é no mínimo intermitente.

— E a Scott?

— Nada — respondeu Edwards. — Nenhum contacto com alguém da época.

— E as chamadas no telefone clonado? Poderiam ser de algum conhecimento antigo?

— Possivelmente — respondeu o inspetor Edwards. — Mas o padrão de chamadas não sugere que o Campbell ou a Scott estivessem amavelmente à disposição de quem ligava.

— Como assim?

— Alguém sempre os contactou, e nunca o contrário. Nas primeiras

vezes, o Campbell atendeu, mas daí em diante começaram a ir para o voicemail, tendo em conta a duração da chamada. E passa-se o mesmo com a Scott. Atendeu a primeira chamada e depois ignorou as seguintes. Houve imensas chamadas por atender e nenhuma tentativa para as devolver.

— Ou seja, os telefonemas não eram bem-vindos... Quem quer que estivesse a ligar faria ameaças?

— Faz sentido — concordou Edwards.

Ouviu-se um murmúrio de entusiasmo a correr a equipa.

— Como é que vamos com a localização? — insistiu Helen. — O telefone permanece ativo?

— Ainda é usado, mas apenas por cerca de um minuto de cada vez e só uma ou duas vezes ao dia — acrescentou Hudson. — Não há ligações evidentes a um endereço residencial, hotel ou *hostel*. O inspetor Osbourne está a criar um mapa de ligações para ver se dá para identificar algum aglomerado ou padrões de movimento.

— O mais depressa possível, por favor — encorajou Helen. — Entretanto, temos de regressar aos movimentos, padrões de gastos, comunicações, tudo, do Campbell e da Scott, para tentarmos dar com alguma relação, alguma reação vincada, a essas chamadas. Temos de perceber porque foram feitas, o seu propósito e de que modo, se assim foi, tiveram impacto no Campbell e na Scott. Acima de tudo... — Helen fez uma pausa, antes de concluir: — temos de descobrir quem fez essas chamadas.

O olhar dele demorou-se sobre o texto, absorvendo todos os pormenores. Lera toda a cobertura local e agora passara para os jornais nacionais, deitando a mão a uma edição do *Daily Mirror* abandonada numa mesa ao lado. Sem surpresa, o jornal dedicara quatro páginas aos homicídios da New Forest, apresentando sob uma nova forma todos os factos conhecidos, mas também a novidade de que haviam sido encontrados dois póneis mortos na floresta. Descreviam pormenorizadamente as setas neles encontradas, já para não referir o avançado estado de decomposição dos animais, apesar de recatadamente se recusarem a publicar as fotografias disponíveis online, dadas como «desadequadas para um jornal de família». Noutras circunstâncias, seria de rir.

Virando a página, ficou cara a cara com Lauren Scott, com os seus tímidos olhos azuis a espreitarem para ele por entre a franja. Sempre a achara atraente e voltou a sentir essa habitual vibração, apesar de nessa manhã o seu belo rosto surgir enquadrado pela tragédia. Segundo o horrorizado jornalista, Lauren estaria grávida, um facto que alterara por completo o modo como a morte dela era noticiada. Se antes os tabloides tinham dado grande importância ao vício nas drogas e à vida familiar perturbada, agora empenhavam-se em fazer dela uma santa. Nunca se deveria fazer mal a uma grávida.

Voltando a página, deu por si a ler as notícias sobre celebridades — mais voltas e reviravoltas na cama numa equipa da Primeira Liga —, pelo que de pronto voltou atrás até aos póneis chacinados. Quando o fez, ergueu o olhar, dando com o dono do café a olhar diretamente para ele. Por momentos, paralisou, com a página parada a meio caminho, para logo a seguir retomar a leitura, baixando os olhos para

o jornal.

Quando entrara, o estabelecimento estava cheio, e conseguira comer uma refeição decente e ler o jornal num relativo anonimato. Mas, agora, o café estava a esvaziar e ele tornara-se mais visível, atraindo a atenção do dono, que nitidamente não apreciava o facto de ali estar sentado há mais de uma hora, a ocupar uma mesa para quatro. Estava prestes a dar um passo, a aproximar-se e desafiá-lo, mas isso seria inimaginável. Seria uma loucura demorar-se, espicaçar a atenção, por isso, enfiou o jornal no bolso do casaco, levantou-se e saiu apressadamente do café, sempre a ser observado.

— Isto será a morte de todos nós. Ponha isso no seu jornal.

Nigel Robinson tinha o dedo espetado no ar enquanto falava, obrigando Emilia a recuar um passo. O dono do parque de campismo estava visivelmente furioso naquela manhã e ela percebia porquê, mas não se sentia preparada para aguentar um insulto a propósito da justificada indignação dele. Tinha-se em melhor conta.

Na verdade, ela nem queria ali estar, a repisar o mesmo terreno falando com o desesperado dono do parque de campismo Woodland View, mas havia uma inquietante falta de desenvolvimentos na investigação — não havia novas detenções, nem novos cadáveres, nada que alimentasse o fervor de interesse que aquele caso gerara. A novidade de que Lauren estava grávida gerara alguma agitação na véspera, mas por uma vez Helen fora ultrapassada, com Spivack presumivelmente a guardar essa informação para si para vender aos tabloides. Iria ter uma conversinha com ele sobre isso.

Precisavam desesperadamente de algo novo para anunciar. Apenas uma mão-cheia de almas fortes ia para a New Forest por aqueles dias — por motivos óbvios —, pelo que não parecia haver uma grande ameaça à população, infelizmente. E exploraram praticamente tudo o que haveria a dizer sobre as vidas privadas das vítimas, com a exceção do bebê, mas Gardiner não se quis alargar muito nesse ponto, temendo perturbar os leitores. Sem outros ângulos para desenvolver, resolveram apostar no efeito devastador do caso no comércio local. Não era excitante, nem sequer original, mas pelo menos era relevante, proporcionando uma perspetiva da vida de Hampshire com que os jornais nacionais não poderiam rivalizar.

— Quanto mais tempo este caso se arrastar, quanto mais tempo o assassino andar à solta, pior será para gente como eu. Não penso apenas no meu futuro. Tenho pessoas a trabalhar comigo, imensa

gente. Se eu me for abaixo, o que vai ser delas?

Emilia assentiu compreensivamente com a cabeça, mas sem estar totalmente concentrada. Por norma, gravaria uma conversa como aquela, mas já sabia exatamente o que iria dizer Robinson. A sua indignação e ultrajes empolados eram tremendamente previsíveis — mesmo que não recordasse as citações exatas, poderia inventar algo adequado. Enquanto ele falava, já compunha mentalmente os artigos. Quinhentas palavras, plenas de alarme e ansiedade, pintando um quadro preocupante sobre o futuro do comércio local e do papel recreativo da New Forest. Quem quereria percorrer a floresta agora, podendo tropeçar num local de crime? Haveria sempre alguém de espírito mórbido, claro, além daqueles demasiado ignorantes ou desinteressados para acompanhar as notícias, mas Emilia desconfiava que a maioria dos campistas iria agora optar por Dorset.

Robinson estava entusiasmado, criticando a polícia, a autarquia, o gabinete de turismo e todas as outras instituições locais que lhe vinham à cabeça. Emilia fingiu anotar diligentemente as suas ideias, mas, na realidade, só sarrabiscava. Já tinha o artigo esquematizado, e os seus pensamentos começaram a vogar para Graham Ross.

Enviara-lhe uma mensagem de agradecimento logo pela manhã, acrescentando que gostaria que se encontrassem de novo em breve. Até agora, não obtivera resposta. Ele podia estar a trabalhar, claro, mas o seu silêncio não deixava de a incomodar. Precisava da perspetiva dele e, possivelmente, das fotografias que não lhe mostrara, mas pensava também em coisas mais grandiosas. Talvez um livro sobre o caso, até uma retrospectiva da vida de Ross no crime, incorporando o seu espantoso tesouro de imagens. As oportunidades eram para ser aproveitadas, se ele estivesse preparado para alinhar. Mas estaria? Era isso que continuava a ocupar os pensamentos de Emilia, enquanto Nigel Robinson falava monotonamente.

Será que Ross aceitaria falar oficialmente com ela sobre os homicídios? Permitiria que utilizasse as suas perspetivas sobre a encenação dos assassinios? Equacionaria, até, uma espécie de parceria? Era uma ideia tentadora, mas — para já — fora do alcance. Não sabia nada sobre aquele homem ou as suas motivações, nem o

que seria necessário para o seduzir.

Quem era o misterioso Graham Ross?

— O que é que tens sobre os passos do Campbell?

Helen e Charlie estavam fechadas no gabinete da inspetora-chefe. Enquanto Joseph Hudson tentava localizar um novo sinal do telefone sem registo, elas exploravam ainda mais as vidas das suas vítimas. Tendo já passado revista até à exaustão às suas vidas pessoais, aprofundando relacionamentos do passado e do presente com amantes, amigos e família, analisavam agora os seus movimentos. Aonde iam, quem viam, como reagiam aos telefonemas misteriosos.

— Nada de invulgar depois da primeira chamada — respondeu Charlie, consultando uma impressão que tinham feito da agenda electrónica de Campbell. — Ele tinha uma reunião no dia seguinte em Lyndhurst, a que terá ido, pois enviou um e-mail ao chefe uns minutos depois nesse dia. Aparentemente, não fez muito mais nessa tarde, o que é um pouco invulgar, mas não tem necessariamente algum significado. Temos de ligar à secretária dele para saber mais.

— E depois do segundo telefonema?

— Parecido. Era suposto estar na sede para uma formação à tarde, à qual parece que assistiu, pois atestou o carro numa estação de serviço por volta da hora do almoço. E a Scott?

— O mesmo. Atendeu apenas a primeira chamada, mas terá estado em Woolston no dia seguinte, pelo que presumivelmente foi trabalhar. O Reid está a tentar contactar o gerente da Boots para confirmar.

— E o Campbell fez alguns planos de viagem no seguimento dessas chamadas?

— Que eu perceba, não. Se ficou perturbado com os telefonemas, ainda assim isso não o terá levado a pensar numa pausa.

— E telefonemas? — insistiu Helen. — Ele ligou à Melanie depois de alguma das chamadas?

— Não. Na realidade, o registo de chamadas dele nesses dias foi

muito contido.

Charlie olhou para Helen, ponderando no significado daquilo. Mas Helen já ia mais à frente, com a mente a carburar.

— O mesmo em relação à Scott. Nenhuma chamada para o namorado. Por isso, talvez tanto o Campbell como a Scott desejassem manter a coisa discreta. Talvez tivessem ficado assustados com os telefonemas e não quisessem que alguém ficasse a par dos mesmos...

— Pode ser...

Uma ideia formava-se agora na mente de Helen. Abriu rapidamente a pasta com os extratos bancários de Lauren Scott, passando os olhos pela coluna até encontrar as datas relevantes.

— O Campbell terá feito pagamentos ou levantamentos invulgares por altura dos telefonemas?

Charlie pareceu baralhada, e depois intrigada, enquanto adivinhava o rumo de pensamento de Helen. Folheando as páginas, passou os olhos pela extensa lista de transações. Isso, Pret A Manger, Superdrug, Reiss, Cellar Door Wines...

— Isto pode significar alguma coisa.

— O que é?

— Bem, no dia seguinte ao primeiro telefonema, ele levantou 200 libras num multibanco. O que se trata de uma quantia invulgarmente grande, pois costumava pagar com cartão.

— Lauren Scott fez exatamente o mesmo. Levantou 200 libras no dia a seguir ao telefonema. E acredita que isto é ainda mais invulgar nela... Andava sempre nas lonas. Na verdade, aquele levantamento deixou-lhe a conta a descoberto, o que implicaria custos no banco.

Charlie analisava outra longa lista de transações, já com o instinto bem desperto.

— E cá vamos outra vez. Após a segunda chamada, o Campbell levantou mais 200 libras.

Olhou para Helen, triunfante.

— Achas que estavam a ser chantageados?

— Sem dúvida. A Lauren tinha menos para dar, pelo que poderá ter desistido após o primeiro pagamento. O Campbell pagou duas vezes, mas as chamadas não pararam.

— Até ao momento em que passaram a ser um alvo.

— Então, talvez se tenha recusado a pagar, mandando o chantagista ir dar uma volta...

— E pagaram bem caro por isso.

Era uma ideia intrigante, que instintivamente parecia acertada.

— Ainda assim não nos leva a avançar, pois não? Não sabemos onde foi entregue o dinheiro, se é que foi mesmo entregue.

— Ainda não, mas talvez a localização das caixas multibanco nos possa ajudar. Se houver uma câmara de videovigilância na zona, poderemos seguir os passos deles, ver onde foram.

— Ambos os levantamentos do Campbell foram feitos numa estação de serviço, pelo que poderá ser difícil seguir os passos dele através da videovigilância, a não ser que a entrega tenha sido feita no local. Podemos ter de recorrer às câmaras de trânsito.

— O levantamento da Scott foi feito num banco, o Santander da Burgess Road. De certeza que eles têm câmaras, e é uma área com muitas câmaras de videovigilância, o que... — Helen levantou-se — ... nos dá um excelente ponto de partida.

Daí a uns minutos, já seguiam na estrada. Deixando a moto na esquadra, Helen requisitou um carro de serviço, achando que seria melhor se se deslocassem as duas ao banco. Poderiam aproveitar o tempo para passar em revista os últimos desenvolvimentos do caso, mas Helen estava também desejosa de saber o que se passava com a sua velha amiga. Andava preocupada com Charlie desde a conversa que tinham tido no pátio dos fumadores.

— Como é que têm corrido as noites? — perguntou, enquanto viravam para a Onslow Road. — Melhores?

Charlie abanou a cabeça.

— Ando a dormir menos do que quando ela era bebé. Não puseram isso no livro de instruções.

— E não há motivos óbvios para ela acordar?

— É impossível dizer. Pode ser algo natural, parte do crescimento, ou...

Charlie não pareceu com disposição para desenvolver, pelo que Helen não a pressionou.

— E como andam as coisas com o Steve?

— Ainda pior. Desculpa, Helen, neste momento pareço a pessoa mais deprimente à face da Terra. — Charlie riu antes de voltar a cair no silêncio.

— Achas que podes estar? Deprimida? Porque se assim for...

— Acho que estou cansada, preocupada, resmungona e um pouco triste. Mas, além disso, é pura diversão estar perto de mim... — Sorriu pesarosamente a Helen, que lhe devolveu o sorriso. — Mas não falemos de mim... sou uma seca. Falemos de algo mais excitante.

— Como por exemplo?

— Do Joseph Hudson.

— O que é que tem?

— A sério?

Helen olhou de lado para a amiga, para dar com Charlie a sorrir-lhe.

— O que foi?

— Vá lá, Helen, já deves ter reparado no modo como ele olha para ti.

Helen não reagiu, entendendo que a discrição era a melhor via.

— Ele parece uma raposa na capoeira. E garanto que tem andado a investigar-te. Deitei uma espreitadela ao computador dele depois de ter ido para casa e tinha estado a ver toda a tua carreira.

— Charlie — reagiu Helen, num tom de aviso.

— Eu sei... mas não te vou pedir desculpa por estar atenta. Em especial depois do Gardam.

— Ele não é outro Jonathan Gardam. É demasiado inexperiente, demasiado frontal.

— Então, quer dizer que ele já expressou o que sente por ti...?

— Não sejas ridícula.

— Não que ele precise, vê-se a léguas.

Helen, divertida, abanou a cabeça. Mas, em privado, sentiu-se satisfeita por ele não conseguir esconder que se sentia atraído.

— E se até eu por vezes posso quebrar as regras — prosseguiu Charlie, com um brilhozinho nos olhos —, não sei porque não o devas fazer. — Helen, bem-humorada, franziu o sobrolho, mas não olhou para a amiga, mantendo-se atenta à estrada. — Ora bem, é um tipo giro, jovem, atlético...

— É meu subalterno.

— Não estou a dizer que tens de casar com ele. E juro que não conto a ninguém.

Charlie estava a revelar-se deliberadamente provocadora e a gostar de se estar a meter com a sua velha amiga. Helen ficou agradada por ver regressar alguma cor às faces dela.

— Admito que parece interessado.

— Pronto, então lá está.

— E seria agradável ter alguma companhia.

— Então?

Charlie parecia verdadeiramente excitada, mas Helen não resistiu a pegar também com ela.

— Mas não é algo que eu alguma vez equacionasse.

Foi dito com uma expressão séria, mas o tom era jocoso. Charlie olhou desconfiada para ela, sem conseguir interpretá-la. Para ser sincera, Helen também não sabia como interpretar a situação — não estava certa do que sentia por Joseph Hudson, se alguma vez pudesse ir por aí. Mas se isso ajudava a animar Charlie, a distraí-la dos seus próprios problemas, então alinharia no jogo com todo o prazer. Mas uma análise mais profunda teria de ficar para mais tarde. Tinham chegado à Burgess Road.

O banco Santander era uma mescla curiosa de antigo e novo.

Situava-se num elegante edifício vitoriano, em tempos majestoso e charmoso, cuja elegância fora destruída pelas garridas placas vermelhas e imensos cartazes do piloto Jenson Button. Não era como os bancos que Helen recordava da sua juventude — opressivos, portentosos e silenciosos como uma biblioteca. Os novos bancos eram luminosos, arejados e impiedosamente focados nos clientes. A subgerente Jane Harris apressou-se a ir ter com elas, farejando nova clientela.

— Posso perguntar do que se trata? — perguntou, desiludida, assim que Helen anunciou a razão da visita.

— Está ligado a uma importante investigação em curso. Temo não poder adiantar mais do que isso. Mas o vosso apoio será inestimável... Procuramos gravações internas de videovigilância do dia 3 de junho.

Foi dito com descontração, e com um sorriso, mas o tom de Helen denotou a urgência que tinha. Harris pareceu hesitar, olhando para Helen sem saber como agir, e depois para Charlie, e depois de novo para a primeira, antes de acabar por reagir:

— Então, é melhor que me acompanhem.

De início ansiosa por servi-las, Harris agora não descolava os olhos delas, parecendo preocupada. Talvez temesse que tivesse ocorrido algum crime financeiro, algo que pudesse apanhá-la por tabela, ou talvez se sentisse apenas inquieta com a presença delas. De qualquer modo, pôs-se à espreita, esticando o pescoço por cima dos ombros das inspetoras para ver as nítidas imagens a preto-e-branco no ecrã.

Helen tentou tapá-la, dando toda a atenção ao desfile de clientes que se dirigiam apressadamente à máquina de levantamento de

dinheiro. Passava a gravação em dupla velocidade, tornando os levantamentos algo cómicos, enquanto os clientes premiam furiosamente os seus códigos, para depois se retirarem a grande velocidade. Era estranhamente hipnótico, com as idas e vindas dos clientes no átrio do banco a parecerem o movimento das ondas da vida quotidiana, mas Helen manteve os sentidos alerta para avistar Lauren Scott.

As pessoas iam e vinham. Homens, idosas, jovens mães, rapazes desordeiros, e de repente ali estava ela. Helen deixara passar à frente a sua chegada, pelo que parou a gravação e puxou para trás. Sim, sem dúvida que se tratava de Scott — vestia um top, e Helen não teve dificuldade em reconhecer uma das suas tatuagens. Mais significativo era o facto de não se encontrar sozinha.

— Aquele é o Campbell? — murmurou Charlie, sem olhar para cima, ávida de excluir Harris da conversa.

— É demasiado alto — respondeu discretamente Helen.

Encontravam-se ambos de costas para a câmara, mas era evidente que o companheiro de Scott era demasiado magro e escultural para ser Tom Campbell. O cabelo era também demasiado comprido e escuro, e toda a postura do homem parecia errada. Estava debruçado sobre Scott, desnecessariamente perto dela.

Helen abrandou a gravação, observando-a agora quase em câmara lenta. O par parecia envolvido numa acesa conversa, antes de Scott se virar para dar início à operação. Sem som, era difícil ter a certeza, mas algo na interação deles parecia forçado. O homem pousou a mão no ombro dela. Seria um gesto afetuosos? Ou estaria simplesmente a agarrá-la, receando que fugisse?

Depois, Scott virou-se para ele, e nesse momento o seu desconforto foi evidente. Parecia perturbada, até assustada, entregando-lhe rapidamente o dinheiro, como se quisesse livrar-se dele. Helen observou com atenção o instante em que Lauren se tentou desembaraçar dele. Mas o homem agarrou-a, aproximando o rosto do dela. Scott pareceu recuar, e seguiu-se uma pequena escaramuça, até que, lançando um olhar aos outros clientes, o homem a largou. Scott não precisou de mais nada, pondo a mala ao ombro e afastando-se à

pressa do banco.

Helen lançou uma olhadela a Charlie, que assentiu com a cabeça. Devolvendo a atenção ao ecrã, Helen olhou para a figura no átrio, observando o seu corpo esguio, a sua presença estranhamente ameaçadora. Parecia contar o dinheiro, antes de enfiar as notas no bolso e partir. Mas, ao fazê-lo, olhou uma vez mais em volta, verificando talvez se alguém testemunhara a altercação com Scott. Nesse momento, ergueu o olhar, fitando paredes e teto, antes de dar com a câmara. Por momentos, olhou diretamente para elas, e Helen, premindo os comandos, paralisou a imagem.

— Apanhado — disse Charlie por entre dentes.

Mas Helen não estava a ouvir, olhando fixamente para a imagem. Não foi o desagradável sorriso escarninho que a calou. Foi o facto de o ter reconhecido.

O s gritos de felicidade das crianças preenchião o ambiente, mas ele não olhou para cima. O terreno sujo que atravessava era irregular e pejado de lixo e, além disso, não queria que reparassem nele. Era agora uma peça regular no local, mas esperou que, ao manter a cabeça baixa, sem se envolver, pudesse passar despercebido.

Era, naturalmente, uma esperança vã. Os nómadas que dominavam o local constituíam um grupo muito unido, e a presença de um forasteiro despertava sempre o interesse. Uma ou outra vez assobiaram-lhe, até lhe fizeram perguntas, mas ele ignorara-as, esperando que, se demonstrasse pouco interesse, se aborrecessem e o deixassem em paz. Por norma, tentava reduzir ao mínimo as suas perambulações pelo local. Longe da vista, longe da mente.

Mas hoje era diferente. Ansiava por uma verdadeira refeição caseira — já andava a viver de comida enlatada há demasiado tempo — e queria encontrar um jornal. Por isso, arriscou uma saída à luz do dia. Não fora infrutífero, mas já se começava a arrepender, visto que a conversa estava a intensificar-se à medida que se apressava para a sua caravana.

— O que é que anda a congeminar? Tem uma miúda aí dentro? — A voz feminina era jovem e sarcástica, deleitando-se com a devassidão da sua pergunta. — Ou será um rapaz?

Isso gerou uma gargalhada estrepitosa de adolescente, mas nem assim ele se virou, desviando-se de uma lata de cerveja vazia ao aproximar-se da sua caravana. Adoraria ter ripostado com uma torrente de insultos — nunca gostara de ciganos, ou lá o que chamavam a eles próprios —, mas recusava-se a envolver-se com eles. É prudente que um homem procurado se mantenha sozinho.

Aquela era a única benesse da sua presente situação. Escolhera o local deliberadamente, e servira na perfeição os seus propósitos. Tinha uma caravana abandonada que pôde reclamar para si e, mais do que isso, encontrava-se num local isolado e remoto. Numa situação normal, poucos iriam ali parar e, se o fizessem, afastar-se-iam de pronto, pois o homem comum por natureza desconfiava dos nómadas. Igualmente importante, era improvável que os próprios nómadas o entregassem, graças à sua enraizada paranoia face à polícia, que os deixava relutantes em denunciar alguém, independentemente dos crimes que tivesse cometido. Justiça era algo que dispensavam e, desde que ele não lhes provocasse a ira, poderia evitar complicações. Não era o esconderijo ideal, mas servia perfeitamente para quem pretendesse manter-se longe do radar.

Chegando à caravana, introduziu a chave no cadeado. Ao fazê-lo, espreitou por cima do ombro. O bando de adolescentes perdera o interesse e estavam ocupadas a rir de algo que viam nos seus telemóveis. Aproveitou a oportunidade para apreciar a líder. Era uma rapariga bem constituída, curvilínea, com não mais de 15 anos, que usava sempre um top curto e calções de ganga. Usava-os um número abaixo, pelo que por cima do cós se via um círculo de pele rosa macia em todo o redor da cintura. Mas até lhe assentavam bem. Era jovem e inexperiente, mas também rechonchuda e convidativa, fácil de deitar a mão. Deixou o seu olhar demorar-se nela, com os derradeiros raios de Sol a incidirem na sua pele, imaginando o que poderia acontecer se a apanhasse sozinha na sua caravana.

Por um segundo, deixou-se levar pelo momento, mas de repente ela olhou. Ele desviou de imediato o olhar. Furioso como estava, de maneira nenhuma poderia encorajá-la, pelo menos para já. Portanto, abrindo o cadeado, entrou imediatamente para a caravana decadente, fechando com firmeza a porta atrás de si.

Graham Ross era um parasita que se alimentava do infortúnio dos outros.

Emilia pensava muitas vezes o mesmo de si própria, mas Ross elevava isso a um novo patamar. Passara grande parte da sua vida de adulto rodeado por crianças chacinadas, amantes assassinados, mulheres espancadas — cara a cara com eles, em vez de à distância, como ela — e ainda assim regressava por mais. Seria isso brio profissional ou algo mais? A Emilia, começava a parecer mais uma obsessão.

Depois de ter escrito a sua peça sobre o parque de campismo, voltara a incidir a sua atenção de novo em Ross, escavando profundamente a sua história pessoal e trajetória profissional, em busca de algo que pudesse usar, ou até explorar. Mas, quanto mais lia, mais intrigada e preocupada ficava, pois a paixão dele pela morte ia ficando cada vez mais nítida.

Como Ross dera a entender, era um homem sempre em movimento. Trabalhara para diversas forças de segurança por toda a ilha — mudando de Londres para Glasgow, a seguir Manchester e depois Hampshire — sem nunca se fixar num lugar. Poderia ter-se candidatado em qualquer altura a trabalhar para uma força específica, mas aproveitara a privatização dos serviços de local de crime para se manter como freelance, para assim permanecer afastado das pessoas com quem trabalhava. Dever-se-ia isso a uma timidez natural, ou seria algo mais deliberado?

Pelas conversas que tivera com Ross, Emilia suspeitava que fosse a segunda hipótese. Ross era alguém que parecia encarar os seres humanos como algo distante, como se fossem temas a observar a

partir do visor da sua câmara, em vez de se envolver verdadeiramente com eles. Seria possível que achasse as pessoas repugnantes, que houvesse nele laivos de misantropia? Se assim fosse, onde encaixava ela? Porque é que era tão solícito consigo?

Quer a desejasse quer a quisesse para promover o seu trabalho, ou tivesse outros objetivos em mente, não havia dúvidas de que ela era a exceção à regra. Ross encarava a vida como arte, algo a ser captado e preservado, em vez de vivido. Ela entendia a atração — o controlo exercido sobre os temas, sobre o mundo em geral —, mas quais seriam os efeitos desse tipo de vida numa pessoa? Toda a existência dele era captada em fotografia — dava cursos sobre o assunto e até era o curador de exposições locais para ganhar mais algum dinheiro —, o que deveria dificultar a sua capacidade de se relacionar, de ser um ser humano normal. A acrescentar a isso, o facto de o seu trabalho exigir que ele registasse os restos ensanguentados de seres humanos, captando-os depois de as suas esperanças e sonhos — as suas próprias vidas — lhes terem sido furtados. A receita perfeita para uma espécie de disfunção psicológica e emocional?

Emilia ponderara na hipótese de ele poder ser perigoso, ou até de lhe querer fazer mal. De início, descartara essas preocupações, mas agora regressavam em força. Toda a gente — jornalistas, a população em geral, a própria polícia — se esforçava por tentar chegar ao motivo daqueles crimes. Mas ter-lhe-ia Ross, deliberadamente ou não, dado uma pista? Talvez a encenação das mortes tivesse um significado, mas não devido a algo mais profundo na disposição dos corpos. Talvez fosse a própria encenação o mais importante para o assassino, a «beleza» dos locais da morte um fim em si mesmo.

Se assim fosse, poderia Ross estar envolvido? Parecia improvável, mas era uma ideia que não lhe saía da cabeça. Por isso, contendo a sua inquietação, Emilia prosseguiu a sua descida ao mundo sombrio de um homem que passara a sua vida entre cadáveres.

Ele era um rosto sem nome.

Assim que Helen o avistou na gravação granulada a preto-e-branco, achou que o conhecia. Não com base em alguma das linhas de investigação seguidas — devido ao esforço intenso deles a vasculhar as vidas de Nathaniel Martin e Dean Clarke —, mas a partir de algo bem mais periférico. Saindo do banco com as gravações na mão, Helen levou Charlie de volta à Esquadra Central de Southampton, fechando a porta do seu gabinete e as persianas, enquanto lhe mostrava uma série de fotografias tiradas há cerca de uma década.

Quando Helen tivera acesso às fotografias escondidas no sótão de Tom Campbell, passara os olhos pelas imagens de Campbell e Scott, para tentar confirmar o relacionamento de ambos. Mas, enquanto o fazia, o seu olhar incidira noutros elementos — imagens fugazes de Aaron Slater e Julia Winter, mas também de outros que apareciam com regularidade. E um deles — aquele homem, o misterioso chantagista — ficara bem marcado na sua memória.

Algumas das fotografias eram de índole doméstica — imagens ternas e patetas de Campbell e Scott em tempos mais felizes —, mas a maioria fora captada no exterior. A fumar no parque, a dançar ao pôr do Sol, a apanhar banhos de sol, a nadar — inúmeras fotografias de tempos despreocupados e ébrios, quando não faltava droga ou álcool. O novo suspeito estava notoriamente ausente das imagens domésticas, levando Helen a pensar até que ponto seria um bom amigo, mas era uma peça constante nas cenas de pândega — um jovem sarcástico e um inegavelmente atraente íman da desordem. Helen assumira que fazia parte do grupo, talvez um colega estudante da universidade, mas até agora a busca redundara em nada.

— E em relação às fotografias da cerimónia de licenciatura? Talvez ele se tenha juntado mais tarde, para fazer um curso intensivo? — perguntou Charlie.

Já tinham olhado para a fotografia de turma de Scott, tal como para a de Campbell, e até para as do ano intermédio. Tinham encontrado muitos dos outros — rostos formais e circunspetos nas fotografias oficiais, loucos e embriagados nos instantâneos de Campbell tirados em festas —, mas não havia sinais do suspeito. Charlie pegou na fotografia da graduação de Tom Campbell e examinou-a.

— Não, ele não está aqui.

— Deixa-me espreitar, enquanto confirmas a fotografia da graduação da Scott.

Helen estudou atentamente os rostos, mas já sabia a resposta. Não era provável que Charlie tivesse deixado escapar o distintivo rosto do suspeito, o seu nariz aquilino, a sua testa alta e grossa, caracóis castanhos. Como seria de prever, Charlie ergueu os olhos após a sua análise minuciosa e abanou lentamente a cabeça.

— Seria o passador deles? Sabemos que ambos consumiam drogas.

— É possível — respondeu Helen, cautelosa. — Mas parece demasiado envolvido com o grupo. Aparece muitas vezes, a beber, a rir, a cantar com todos. Não me parece normal o Tom abraçar tão entusiasticamente o seu passador.

— Além de que o Campbell poderia andar a fabricar as suas próprias drogas — ripostou Charlie, desfazendo a sua própria linha de pensamento. — Seria um amigo de algum dos outros? Ou até um familiar? Irmão? Primo?

— Talvez, mas não deteto parecenças com nenhum dos presentes. E, se é amigo, vamos ter dificuldade em descobrir de quem. Parece dar-se bem com quase toda a gente, e antes de pôr toda a equipa a examinar todo o historial de *Facebook* do grupo...

— Pode ser essa a saída. — Charlie encolheu os ombros, apesar de visivelmente não lhe agradar a ideia. — Podíamos começar pelos últimos anos da adolescência, porque diria que este tipo me parece mais velho. Mais velho do que a Lauren, sem dúvida, e provavelmente também mais velho do que o Tom.

— Podia ser, mas acho que a ligação são os anos universitários. O Campbell e a Scott não se conheciam antes de se matricularem na Universidade de Southampton. Acho que foi lá que este tipo os conheceu. De contrário, por que razão andaria a chantagear os dois?

— Então, talvez não passe de um tipo qualquer que calhou partilhar o apartamento com um dos...

— Ou então podia ser alguém do quadro de professores.

Charlie olhou para ela, intrigada.

— Sabes bem que há imensos dinossauros a trabalhar nas universidades, a brigada do emprego para toda a vida, mas também há jovens leitores e alunos de doutoramento. Figuras carismáticas e maduras que impressionam aos olhos dos estudantes.

E fez-lhe sentido, tendo em conta a diferença de idades.

— É possível recuar até às fotografias tipo passe do pessoal da universidade da altura?

— Claro — respondeu de pronto Charlie. — A Universidade de Southampton sempre gostou de exibir o seu pessoal, mostrar as suas credenciais.

— Começemos pela lista de 2008, o ano em que o Campbell se matriculou.

Helen contornou a secretária para se posicionar sobre o ombro de Charlie enquanto ela passava as páginas. Apareceu o conhecido emblema da Universidade de Southampton e, por baixo, todo um sortido de fotografias estranhas e maravilhosas, exibindo algumas das mentes mais brilhantes do país em campos tão variados como História da Arte e Zoologia.

— Começa por Química, a área do Campbell. — Charlie passou rapidamente os rostos, mas nenhum se parecia com o alvo delas. — OK, vai agora pela Geografia. Talvez fosse a Scott a ligação.

Charlie deslizou uma vez mais. Rostos — uma jovem asiática, um atraente negro com um contrastante cabelo branco, uma senhora mais velha com ar de matrona.

— Aqui.

Charlie praticamente gritou, antes de se conseguir controlar. Parando de deslocar a página, clicou na imagem, para a aumentar.

Helen inclinou-se para a frente, absorvendo as feições dele, antes de se voltar para Charlie, ostentando um sorriso triunfal. Finalmente, tinham uma ligação.

Mais importante, tinham um nome.

— Portanto, o nosso suspeito chama-se Caleb Morgan.

Diversos elementos da equipa anotaram o nome, antes de devolverem a atenção ao ecrã grande onde se viam duas imagens — a da videovigilância do banco e um dos instantâneos de Campbell de 2009. Era evidente que se tratava do mesmo homem.

— O nosso suspeito deu aulas durante quatro anos na Universidade de Southampton, entre 2006 e 2010 — prosseguiu Helen —, antes de mudar para a Universidade de Bournemouth. Lecionou lá três anos e depois deixou o ensino superior para ensinar em várias escolas secundárias. É interessante verificar que foi suspenso do seu último cargo, no seguimento de uma queixa apresentada por uma aluna.

— Isso aconteceu no ano passado — acrescentou Charlie. — Na altura em que a campanha #metoo começou a tornar-se mais conhecida. No seguimento da primeira queixa, outras três alunas de outras escolas secundárias também se chegaram à frente. Passou a ter três mandados de detenção por agressão sexual e assédio sexual, mas fugiu antes de poder ser detido.

— Típico — disse o inspetor Edwards. — Há quanto tempo anda desaparecido?

— Já lá vão quase dois meses.

— Por isso é que deve andar a retomar o contacto com os velhos «amigos» — acrescentou McAndrew. — Ninguém lhe dá emprego, é perseguido pela polícia, presumivelmente a ficar sem dinheiro, pelo que recorre ao Campbell, à Scott. O Campbell paga-lhe duas vezes, a Scott, uma, e depois ambos rejeitam as chamadas dele. Não tem para onde se virar.

— Talvez tenha descarregado a sua frustração nos seus antigos amigos — acrescentou Bentham. — Talvez os quisesse destruir, humilhar?

— É uma teoria — concordou Helen. — E estou ansiosa para lhe perguntar. Por isso, a prioridade é apanhá-lo. Em que ponto estamos com os telefonemas?

Foi a vez de Osbourne falar.

— Foram feitas algumas chamadas no centro da cidade, mas sem nada de particularmente interessante. O principal aglomerado teve origem numa zona a leste da cidade, junto a Horton Heath. — Avançou um passo na direção do ecrã. Helen cedeu o seu lugar, juntando-se ao resto da equipa, enquanto Osbourne abria o *Google Maps*. — As chamadas foram feitas, por norma, em pontos diferentes da Burnett's Lane. Não há grande coisa por lá, mas há uma linha de autocarro que vai para o centro de Southampton, por isso ele pode ter ido à Burnett's Lane a partir do onde quer que esteja escondido para fazer as chamadas sem que ninguém o ouvisse, talvez.

— Então, se quisesse passar despercebido na zona, para onde irias? — quis saber Helen.

— É difícil dizer. Há o Knowle Park... e uns campos de jogos. São ambos usados com frequência por miúdos da escola e clubes locais, pelo que não seria o ideal.

— Casas em ruínas? Edifícios desativados?

— Que saibamos não. São essencialmente campos e vias rurais. Há umas quantas residências com terrenos e nada de parques industriais.

— Florestas? Pântanos? Algo que se destaque?

Uma vez mais, Osbourne negou com a cabeça.

— É mesmo tudo muito rural.

Por momentos, um silêncio de frustração abateu-se sobre a sala. Depois, ouviu-se uma nova voz:

— Há um lugar aonde ele pode ir. Um lugar que não está no *Google Maps*... — Toda a sala se voltou para Joseph Hudson. — Uns quantos locais podem conhecer o sítio, mas não é oficialmente reconhecido, por isso não aparece — continuou Hudson, avançando para o ecrã. — É um campo de nómadas... a cerca de quilómetro e meio da Burnett's Lane.

Hudson mudara agora o ecrã para o *Google Earth* e fazia rapidamente zoom sobre um conjunto de formas no centro de uma

faixa verde. Aos poucos as imagens foram ficando focadas. Primeiro, os limites de um campo, depois, várias caravanas espalhadas e pessoas minúsculas, às voltas no local.

— Como é que eu vivi tantos anos por aqui e nunca ouvi falar disso? — questionou Osbourne.

— Porque é assim que eles gostam. Fica fora do radar, longe de tudo, e os homens e mulheres que lá vivem não aceitam muito bem as atenções de estranhos.

Diversos elementos da equipa estavam a olhar, visivelmente a quererem perceber como é que um recém-chegado poderia saber tanto sobre campos de nómadas locais, mas Hudson ignorou o escrutínio deles e virou-se para Helen.

— Se eu quisesse desaparecer da face da Terra, era para lá que ia.

Seguiram aos solavancos pelo caminho de terra, com as cabeças a roçar no tejadilho conforme o carro mergulhava e saltava, desta vez com Helen ao volante e Hudson sentado muito quieto no lugar do passageiro, enquanto ela conduzia com determinação e velocidade. A noite caía e Helen estava determinada a deter Morgan antes que a escuridão os tragasse.

A viagem foi feita em silêncio, com as sirenes desligadas e a luz azul apagada. Levantavam uma nuvem de poeira enquanto aceleravam pelo carreiro, mas Helen apostava que a velocidade, mais do que arriscada, era crucial. No total, eram cinco viaturas e, se conseguissem cercar o local antes de Morgan conseguir reagir, apanhá-lo-iam.

— Já aqui estiveste?

— Não. Ouvi falar do sítio. Ainda tenho amigos na comunidade nómada, por isso...

— Ainda bem que assim é.

— Por falar nisso, se calhar é melhor que me deixes ser eu a falar quando lá chegarmos. Vai ser mais rápido para obter resultados.

— Na boa. Sinto-me grata por teres tais conhecimentos superiores... Hudson olhou para ela, mas nada disse. Helen ficou contente por ver regressar alguma da antiga centelha dele. Talvez o embaraço entre eles tivesse ficado para trás.

Devolvendo a atenção à estrada, Helen avistou o campo. Apesar de entusiasmada por o ver, não deixou de sentir uma ponta de nervos, o que a surpreendeu.

— É melhor comunicares por rádio — disse ela prontamente. — Chegámos.

Pouco depois, os carros entraram no acampamento. Dois deles

separaram-se, contornando o perímetro do campo de modo a cortar eventuais rotas de fuga nas traseiras, enquanto as viaturas de Charlie e McAndrew pararam junto à entrada. Helen parou o seu a poucos metros das caravanas, e ela e Hudson saíram imediatamente. Antes, acenderam a luz azul no tejadilho e deram duas buzínadelas da sirene, para anunciar a chegada.

O efeito foi imediato, com uma tagarelice de crianças e adolescentes a desaparecer, ao mesmo tempo que se materializava um grupo de homens. Rumaram diretamente na direção deles, que pareciam desconfiados, até hostis. Por norma, Helen confrontá-los-ia, mas desta vez recuou, permitindo que Hudson se aproximasse deles sozinho. Era o mundo dele, e não dela.

Não percebeu o que eles diziam, mas a troca de palavras foi acalorada. Hudson esforçava-se por descansar os nómadas, apontando para uma fotografia de Morgan, como se estivesse desejoso de realçar que era ele o alvo das atenções, e mais ninguém. De início, não pareceram interessados, como se tudo o que Hudson dizia caísse em orelhas moucas, mas o jovem sargento-inspetor mostrou-se persistente e um deles acabou por encolher os ombros, apontando para uma caravana na periferia do local.

Hudson voltou-se e fez sinal a Helen, que se apressou a juntar-se a ele. O grupo de homens afastou-se de imediato, como se temesse ser contaminado.

— Tem estado aqui escondido há seis semanas. Terceira caravana a contar do fim.

Já a caminho, Helen pegou no rádio, chamando os outros para que se juntassem a eles. A equipa foi rápida a reagir. Ela viu-os emergir de entre as filas de caravanas, formando um círculo cingido em redor da habitação decrepita.

Em menos de um minuto, ela e Hudson estavam à porta do esconderijo de Morgan. Estava sujo e danificado, com um buraco no teto. Além disso, era difícil ver mais — lençóis manchados tapavam as janelas, ocultando o interior.

— Nada de heroísmos — frisou Helen, enquanto retirava o bastão do cinto. — Quero este tipo em bom estado para ser interrogado.

Assentindo, Hudson imitou-a. Helen fez contagem decrescente a partir de três e avançou, pontapeando a porta com a bota. Rebentou o fecho, escancarando-a. Helen não hesitou e entrou a correr. Hudson estava logo atrás dela, mas foi apanhado de surpresa com a velocidade dela, pelo que Helen entrou sozinha na caravana, inspecionando avidamente a escuridão à procura do suspeito. Sentindo algo a voar na sua direção, desviou-se, mas constatou que se tratava de uma lâmpada despida a baloiçar ao sabor da brisa. Com o coração aos saltos, virou-se para a área central da caravana, à espera de ver Morgan a elevar-se sobre ela.

Mas estava vazia. Não havia sinais do suspeito, apenas alguns bens pessoais e um amontoado de latas vazias no lixo. Na realidade, não se via nada de interesse na caravana... a não ser uma série de títulos de jornais recortados e ordeiramente dispostos na suja mesa de fórmica, anunciando os brutais homicídios de Tom Campbell e Lauren Scott.

Atenda brilhante era um farol no meio da escuridão.

A noite cobrira o parque de campismo, e as tendas dispersas pareciam isoladas e sem ligação entre si. Mais cedo, os poucos campistas que se aventuraram a ir para aquele local remoto tinham trocado algumas palavras, mas já toda a gente se retirara para apreciar uma noite sob as estrelas.

O silêncio impregnou o parque às escuras, com a exceção do estridular dos grilos e de um ou outro pássaro. Observando desde as sombras, Caleb Morgan permaneceu imóvel a apreciar a cena. Era tão pacífico, tão calmo. Poucos dos presentes teriam adivinhado que havia um demónio à solta entre eles.

Abandonara a sua caravana pouco antes de escurecer, apanhando as estradas secundárias enquanto rumava à floresta. Estava bem preparado, mas ainda assim tinha a pulsação a mil enquanto se agarrava ao volante. Espreitou ocasionalmente para o retrovisor, mas nada o poderia perturbar — hoje tinha tudo sob controlo.

Ao aproximar-se do parque, estacionara nos limites da floresta, tomando o cuidado de esconder a sua viatura por detrás da folhagem densa. Depois, pegou no seu material e seguiu a pé, chegando ao parque de campismo bem a tempo de fazer os seus preparativos. Uma hora mais tarde, o Sol já desaparecera, mas não antes de ele se posicionar, escondido nas sombras nos limites do parque.

Observara, satisfeito, as fogueiras a extinguirem-se, as luzes a apagarem-se, as tendas a fecharem-se. O palco estava montado, e a cada segundo decorrido intensificava-se a sua excitação. Passou cuidadosamente os dedos pela arma, em pulgas para a usar, mas conteve-se. De maneira nenhuma poderia avançar antes da hora ou

denunciar-se. Hoje, a palavra de ordem era cautela.

Incidindo uma vez mais a sua atenção na tenda, sorriu face à cena que tinha à sua frente. A tenda iluminada tinha um ar belo, até ligeiramente mágico, enquadrada pelo céu escuro como breu. Uma candeia iluminava o interior. Ele via a chama a projetar sombras, mas estava nitidamente a começar a esmorecer. Em breve, extinguir-se-ia de todo e reinaria a escuridão.

Até então, permaneceria onde se encontrava, reprimindo a excitação crescente, à espera do seu momento para atacar.

O s dedos dela tatearam no pó, até finalmente detetarem algo sólido.

A busca inicial encetada à caravana poucos resultados proporcionara — os armários revelaram-se vazios, o guarda-roupa por usar, até o frigorífico avariado se encontrava vazio. Mas, quando começaram a levantar o assento e a afastar os móveis embutidos, Helen avistou algo escondido debaixo do beliche no canto.

Ajoelhando-se, calçou umas luvas e avançou às apalpadelas até à forma escura. Agarrou-a e fê-la deslizar cuidadosamente na sua direção, surgindo de debaixo da tarimba um saco de viagem muito gasto. Os recortes de jornais já tinham sido ensacados e guardados, pelo que Helen pousou o saco em cima da mesa e abriu o fecho. Para dar com um rosto a olhar para ela.

Helen inspirou um pouco de ar e depois percebeu que se tratava de uma máscara. Abrindo mais o saco, puxou-a para fora, segurando-a sob a luz da lanterna. A superfície macia de couro brilhou enquanto o raio de luz da lanterna dançava sobre a boca metálica com fecho denteado. Era um artigo de sadomasoquismo — uma variação da clássica máscara de couro —, mas que naquela noite parecia estranhamente sinistro.

Entregou a máscara a McAndrew, que fez uma careta, e continuou a investigar o conteúdo do saco. Havia mais jornais, alguma roupa puída e por baixo de tudo isso um portátil e um telefone. Intrigada, Helen pousou-os na mesa e ligou-os, puxando um caixote virado para baixo para usar como cadeira. Sentando-se, fitou o telefone. A imagem de fundo era de um cinzento baço e pedia um código de quatro dígitos, pelo que voltou antes a sua atenção para o portátil. Mais

tarde, haveria tempo para a equipa digital desbloquear o telemóvel.

O computador revelou-se mais frutuoso. Também exigia palavra-frase, mas na estrutura metálica que cercava o ecrã foi rasurada uma palavra: *Pompey*⁷⁵. Helen já presenciara antes aquele tipo de situação — computadores roubados vendidos em bancas de mercado e em bermas de estrada com a palavra-passe do antigo dono incluída. Aquele tinha vindo de Portsmouth, a ver pela palavra-passe, e Helen não estranhou que a mesma tivesse mesmo desbloqueado o computador.

Havia poucos ficheiros e apenas as aplicações padrão na base do ecrã, mas o olhar de Helen foi atraído para o canto superior direito. O portátil deu sinal e estava agora a estabelecer uma ligação com o *iPhone* na mesa, este último a formar o sinal 4G. Então, era assim que Morgan se ligava ao mundo exterior.

Helen abriu o histórico. Não contava com muito, mas até ela se surpreendeu pelo tesouro de depravação que lhe surgiu à vista. Com a exceção de alguns sites recentes, todos os outros eram pornográficos. Sexo de grupo, simulações de violações e todos os tipos de violência e coerção. A maioria das mulheres e raparigas nos trechos pareciam encolhidas de medo, genuíno ou fingido, e tornou-se evidente que os vídeos tinham sido concebidos para pessoas que se excitavam com o medo e sofrimento dos outros.

Levantando-se, Helen indicou a Hudson que desse uma espreitadela e, cruzando a porta, regressou ao exterior. Ao olhar para as filas de caravanas e rostos de curiosidade dos mirones, a sua mente incidiu lentamente nas descobertas até ao momento. Morgan dedicava-se à extorsão, possivelmente à chantagem, mas com o que mais lidariam? Ele fora acusado de agressão e assédio sexual, mas seria ele mais do que um dos vulgares violadores com que Helen já se tinha cruzado? À primeira vista, aparentava ser um sádico sexual com interesse em *bondage* e tortura, mas até onde levava as suas fantasias? Estaria perigosamente descontrolado? Devastando quem a ele se opunha, deleitando-se com o seu sofrimento e perturbação?

Olhando para a escuridão noturna, Helen interrogou-se onde estaria Morgan nesse momento. Apenas um punhado de turistas determinados

frequentava a floresta, com a maioria a dar ouvidos aos alertas para não se aproximarem, mas ainda assim Helen sentiu-se incomodada. Morgan teria saído por acaso, ou haveria um motivo mais sinistro para a sua ausência? Scott e Campbell tinham sido abatidos e não havia outros números de telefone para quem ele ligasse regularmente, mas a verdade era que ele não estava ali. Assim como a besta e um velho *Jeep Cherokee* que, segundo as testemunhas no local, diziam que ele conduzia. O que deixou Helen a pensar se ele iria atacar de novo naquela noite.

E, se sim, quem estaria na linha de fogo?

— Lamento, mas não quero falar sobre ele. Nunca mais quero pronunciar o nome desse homem.

— Entendo isso — Charlie tentou gentilmente apaziguá-la —, mas é essencial que falemos com o Caleb Morgan, e tudo o que nos puder dizer sobre ele...

— Já passei por isso. Cinco, seis, sete vezes — respondeu, zangada, Alice Walker. — E onde é que isso me levou? Ele não foi apanhado. Não fazem a mínima ideia de onde ele está, pois não?

A jovem mulher chorava, com o medo a misturar-se com a angústia. Charlie quis confortá-la, mas antes de o conseguir fazer uma voz masculina rude surgiu em linha.

— Daqui fala o pai da Alice. Ela já disse tudo o que tinha a dizer, já a perturbou o suficiente. Não vale a pena telefonar até fazerem algum progresso!

Charlie ia a reagir, mas ele desligou. A inspetora suspirou longa e sonoramente. Tendo deixado Helen e Hudson a darem seguimento à busca no acampamento de nómadas, ela e um par de outros agentes regressaram à Esquadra de Southampton para continuar a investigação a Caleb Morgan — a sua história pessoal, o enquadramento familiar, infrações passadas. Mas obtiveram poucos avanços, com quem o acusou a revelar-se irrevogavelmente hostil face à polícia ou com pouca predisposição para reviver as suas experiências. Na verdade, tendo em conta o raide falhado ao acampamento e a falta de informações concretas sobre os hábitos e paradeiros de Morgan, mantinham-se no mesmo ponto.

— A trabalhar até tarde?

Charlie deu um salto, assustada, e depois virou-se para ver a superintendente Simmons a aproximar-se. Surpreendeu-se, pois raramente a chefe da esquadra pisava a sala de operações, preferindo

que fossem os outros a ir ter com ela. De início, achou que isso poderia indiciar uma certa falta de interesse, mas agora percebia que era o contrário — Simmons interessava-se muito pelas investigações, mas confiava na equipa para desempenhar o seu trabalho. Era uma diferença gritante face a anteriores chefes da esquadra, uma mudança que agradava a Charlie.

— A tentar, pelo menos. Se bem que não estamos a chegar a lado nenhum lá muito depressa.

— Não diria isso — reconfortou-a a superintendente. — Já conhecemos o esconderijo do Morgan. Talvez ele acabe por regressar lá, e nós estaremos à espera dele. Se não o fizer, amanhã divulgamos os pormenores à imprensa. O que vai fazer com que se torne muito mais difícil permanecer escondido.

— Esperemos que sim.

— Não duvido. Por isso, porque é que não vai para casa dar descanso a esse seu pé? Está a ficar tarde.

— Talvez mais uns 20 minutos...

— Vá-se embora, sargento-inspetora Brooks. Parece-me cansada.

Charlie sorriu, reconhecida, mas sentiu um aperto no coração. Retocara a maquilhagem para tentar ficar com um ar menos macilento, mas obviamente fracassara.

— Se calhar, então vou — cedeu, sem, no entanto, fazer qualquer movimento.

— Está tudo bem? Ultimamente, tem andado abatida.

Charlie sentiu-se simplesmente embaraçada. Nunca um superior seu demonstrara tanta preocupação com o seu bem-estar.

— Sim, está tudo bem — respondeu, no tom mais animado que conseguiu. Simmons assentiu com a cabeça, mas não pareceu muito convencida. E, de certa forma, a sua expressão calorosa e preocupada exigiu algo mais. — Eu e o meu companheiro estamos a passar por uma fase difícil...

— Lamento saber. Mas não é invulgar neste trabalho, como sabe.

— Tenho a certeza de que vai correr tudo bem. Só precisamos de um tempinho juntos para conversar, mas a Jessie não está a ajudar.

— A sua menina?

— Não anda a dormir bem. Pesadelos noturnos.

— Entendo.

O seu tom era conhecedor, como se já tivesse passado pelo mesmo.

— Tentei aprofundar, para tentar perceber o que se passava, mas... é um mistério. E, acredite no que lhe digo, já nos dava jeito uma boa noite de sono.

— Já tentou cantar-lhe? — Charlie foi de tal maneira apanhada de surpresa por aquela reação que pensou ter percebido mal. — Sei que parece uma patetice — prosseguiu Simmons —, mas resultou às mil maravilhas com o meu mais velho.

— OK...

— Ele andava com pesadelos já há umas quatro semanas. Passou-se na altura em que fui promovida a inspetora-chefe e as coisas andavam um bocado tensas lá por casa. Eu andava passada da cabeça, verdade seja dita, e depois alguém me sugeriu uma canção de embalar, e de repente os pesadelos pararam.

Charlie ficou surpreendida, mas também interessada.

— E cantar-lhe à noite pode mesmo fazer assim tanta diferença a uma criança?

— Pode, mas o importante não é verdadeiramente a diferença que faz à criança, é a diferença que faz à mãe. — Charlie olhou fixamente para ela, apanhada desprevenida. — Mas estou aqui a demorá-la. Vou para casa, e a Charlie também devia ir.

Com aquilo, Simmons afastou-se. Charlie viu-a partir, ainda a tentar entender o seu conselho. Fora oferecido com generosidade, mas também com firmeza, como se ela de alguma forma conhecesse a causa da infelicidade de Charlie. Qualquer ajuda era bem-vinda e, no entanto, as palavras de Simmons inquietaram-na. Sempre achara que o problema residia em Jessie, que algo a preocupava, mas agora surgia uma nova possibilidade. Charlie andava a sentir-se ansiosa, culpada e até paranoica desde a morte de Sanderson, um estado de espírito que sem dúvida tinha afetado o ambiente em casa. Seria possível que fosse ela a origem de tudo? Que Jessica se tivesse apercebido da ansiedade dela?

Teria sido ela própria o problema desde o início?

Helen lançou uma olhadela ao sétimo andar, para a luz ténue que espreitava de trás dos estores. Tinha a certeza de que Charlie ainda lá se encontrava — acabara de lhe enviar um e-mail a pô-la ao corrente dos seus progressos — e sentiu-se tentada a subir para conversar com ela, para ver se estava bem. Mas hoje Helen precisava de se afastar da esquadra — precisava de tempo e espaço para pensar, por isso, montou a sua moto e virou costas ao edifício.

Hudson oferecera-se para entregar o carro de serviço, e ela aproveitara a generosidade dele. Pegou no capacete e enfiou-o na cabeça. O som à sua volta diminuiu de imediato de intensidade, ao mesmo tempo que a sua visão do mundo se tornou mais colorida e suave. Era mesmo estranho, e talvez preocupante, o modo como achava relaxante afastar-se sozinha do mundo real. Subindo o descanso, ligou o motor, que rugiu ao abandonar o parque de estacionamento, rumando para longe do cenário da sua frustração.

Morgan andava por ali à solta, mas continuava a escapar-lhes. Helen estava certa de que ele era a chave — a única pessoa que ligava Campbell e Scott, o único com motivos para os magoar, já para não falar na imaginação e depravação para inventar aquela refinada forma de tortura. Mas onde andaria ele? Morgan era de Macclesfield, mas parecia ter pouco contacto com os pais, que ainda lá viviam. Com os poucos amigos que tinha, nunca mais falara depois de ter sido denunciado como predador sexual. E a sua existência miserável no acampamento nómada sugeria fortemente que esgotara todas as outras opções, vivendo sozinho e de forma modesta, poupando todo o dinheiro possível comprando latas de comida fora de prazo. Esperava sinceramente que ele regressasse ao acampamento — McAndrew,

Bentham e alguns agentes estavam lá posicionados, escondidos numa caravana vizinha —, mas, se não o fizesse, se se apercebesse da presença deles e fugisse, como seria? Um boletim detalhado e um comunicado à imprensa poderiam ajudar a encontrá-lo, mas, caso se escondesse num buraco qualquer, a única opção seria rastrear os seus movimentos anteriores através do sinal do telemóvel para verificar se haveria outros locais que gostasse de frequentar. Mas tratava-se de um tiro no escuro e Helen estava consciente disso.

Ainda matutava nesses pensamentos quando reparou em algo. Seguia de novo na circunvalação, no seu habitual trajeto para casa, e uma vez mais um motociclista solitário surgiu-lhe nos retrovisores, aproximando-se dela.

Abrandando, examinou quem a seguia, sentindo-se grata ao verificar que era Hudson. Achou piada ao seu descaramento, mas sem saber bem se se devia sentir irritada ou impressionada com a sua perseguição tenaz e falta de recato. De uma maneira ou de outra, não iria permitir que ele levasse completamente a melhor.

Reduzindo ainda mais a velocidade, deixou que se aproximasse. Depois, de repente, deu gás, rugindo para longe dele. Desta vez, Hudson reagiu, mas Helen já levava avanço, acelerando para longe do seu perseguidor.

Agora era declaradamente uma corrida. Já era bastante tarde e a circunvalação apresentava-se vazia e convidativa. A moto de Hudson era mais potente do que a de Helen, mas ela era mais experiente e conhecia todos os obstáculos da estrada. Fez as curvas curvada, endireitando-se ocasionalmente para ultrapassar camionetas vagarosas, passando por elas como se nem existissem. Se andasse por ali a brigada de trânsito, iria ter de se explicar, mas, hoje, não quis saber, deleitando-se com a velocidade, a emoção da perseguição.

A corrida tornara-se abertamente um jogo do gato e do rato. Hudson aproximava-se dela, às vezes a uns meros cinco metros, mas depois Helen aumentava mais a distância. Ele regressava em força, altura em que Helen o ludibriava, abrandando e fingindo que desistia, antes de voltar a acelerar assim que Hudson reduzia a velocidade. E assim seguiram, desfrutando do duelo, brincando um com o outro, dois

motards no seu elemento, sem se constrangerem minimamente ao passarem a grande velocidade pelos raros veículos que surgiam.

Mas Helen acabou por pôr fim ao sofrimento dele. Hudson dera uma boa luta, mas não conseguira apanhá-la. Magnânima, ela saiu num desvio para estacionamento, pondo fim à perseguição. Parando ao lado dela, Hudson retirou o capacete, a sorrir de felicidade, de um modo meio infantil. Helen mirou-o por momentos e depois levantou a viseira, olhando-o diretamente nos olhos.

— Se é para fazermos isto, é à minha maneira — disse ela, com firmeza.

— Tudo bem.

— Não falamos do assunto com ninguém e, quando for para parar, paramos.

— Entendido.

— Ótimo. Segue-me.

Baixando a viseira, ela acelerou e partiu. Hudson imitou-a, com ambos a seguirem a grande velocidade pela noite, rumando diretamente ao apartamento dela.

O edifício decrepito encontrava-se silencioso como um túmulo. A

rapariga que abriu a porta a Emilia ficou nitidamente surpreendida por ter uma visita tão cedo e respondia praticamente de forma monossilábica às perguntas dela com uma notável falta de cortesia ou interesse. Nitidamente, não era uma pessoa madrugadora.

— Está tudo online.

— Não a informação que procuro — contrapôs Emilia.

— Se está interessada num curso — disse a rapariga com uma voz arrastada —, devia ir a www...

— Na verdade, sou jornalista. Chamo-me Emilia Garanita... Se calhar leu os meus artigos sobre o Assassino da New Forest.

Aquilo serviu para a calar, o que agradou a Emilia. Tendo esgotado a sua pesquisa online sobre Graham Ross na noite anterior, logo de manhã dirigiu-se à sua escola de fotografia. Escola talvez fosse um título demasiado pomposo para a coleção de pequenos ateliers em que ele e os colegas ensinavam fotografia, mas caía bem melhor nos panfletos. Situava-se num antigo ginásio, que se mudara entretanto para uma zona mais na moda, e incluía um espaço para exposições, para fotógrafos locais ou obras dedicadas a Hampshire.

— O que preciso de si — prosseguiu ela, anuindo com a cabeça para a adolescente, que agora parecia algo intimidada — é só de uma informação. Este homem — entregou-lhe uma folha com o nome de Tom Campbell lá escrito — alguma vez frequentou um curso do Graham Ross?

A rapariga hesitou.

— Não sei se deva. Quero dizer, como é que vou saber que é mesmo quem diz ser?

— Tem aqui o meu cartão. — Emilia entregou-lho. — E tenho 20 libras para lhe dar se for rápida.

Aquilo pareceu levar a adolescente a tomar uma decisão, com uma noite de copos à borla a valer bem uns minutos de trabalho. Afastou-se rapidamente, deixando Helen a refletir na sensatez de ali ir. Era um pouco arriscado, mas dera a volta à cabeça a tentar estabelecer potenciais ligações entre Ross e as vítimas conhecidas do Assassino da New Forest e a única coisa que lhe ocorrera fora a fotografia. Campbell era louco pelo assunto — na verdade, o jornal publicara imensas fotografias da namorada dele e, de modo ainda mais sinistro, diversos instantâneos que ele próprio captara na New Forest. Ela sabia, pela sua investigação, que Campbell frequentara cursos locais de fotografia e, sentada na sua secretária, olhando para o seu diagrama de Venn de ligações, a conexão parecera potencialmente viável. Agora, contudo, tinha as suas dúvidas, temendo de repente ter enfrentado escusadamente o trânsito matinal.

Para aplacar a sua ansiedade, entrou na galeria de exposições. Também se encontrava deserto, com uma veneração discreta a preencher o espaço silencioso. Emilia percorreu a mostra, absorvendo as imagens em seu redor.

As fotografias pareciam ter por tema a criminalidade, o que não era grande surpresa tendo em conta a profissão escolhida por Ross. Aquela exposição em particular intitulava-se «Crime e Castigo» — pelo que Emilia percebeu, todas as imagens retratavam condenados, sob os quais havia pequenos sinais, oferecendo um breve resumo das suas vidas e a pena que o Estado lhes atribuíra. Leu um par deles — não pareciam ser críticos nem condenatórios dos prisioneiros, permitindo aos visitantes que decidissem o que entendessem sobre os sujeitos.

Continuou a percorrer a fila de rostos. Alguns pareciam perfeitos patifes, pessoas que nos levariam a atravessar a rua para o outro lado para não nos cruzarmos com eles. Outros pareciam mais vulneráveis, até lamentosos, em particular as mulheres, e Emilia deu por si a gravitar na direção destas. Sabia, pela sua própria infância, como era rotineiro que se abusasse e explorasse dos que eram considerados mais fracos.

Havia uma mulher africana que fora condenada por tráfico humano, uma adolescente britânica que fora presa por agressão agravada, e até uma idosa condenada por diversas acusações de fraude. Algumas eram engraçadas, outras trágicas — uma mulher com escoriações na face e um olhar traumatizado. Seguiu por ali fora, mergulhando nas histórias, nos rostos, até de repente estacar.

De início, ficou um bocado confusa, depois sentiu um arrepio na coluna. A olhar para ela, parecendo mais nova, mais ingênua, mas estranhamente mais provocadora, encontrava-se Lauren Scott.

Helen olhou para ele, observando o sol matinal a deslizar pelo seu rosto. Já se encontrava ali deitada há uns minutos, a desfrutar de um breve momento de paz, recordando a noite que tinham passado juntos. Mas, agora, Hudson começava a mexer-se, com o calor do Sol a fazer o seu trabalho, o que significava que, em breve, Helen teria de enfrentar as consequências dos seus atos.

Por norma, teria ficado inquieta com uma situação daquelas, mas hoje sentia-se estranhamente confortável. Quando chegaram ao apartamento, a conversa fora mínima, mas tinham feito amor de um modo relaxado e apaixonado, terminando apenas quando já era madrugada. Helen adormecera pouco depois, com o braço de Joseph a envolver-lhe os ombros, e acordara antes das 8 horas, sentindo-se estranhamente revitalizada.

Dera a indicação à equipa para aparecer mais tarde, para compensar o esforço da noite passada, pelo que não havia prejuízo do dever, apesar de o relógio ter acabado de passar as 9 horas. Sabia que dentro de pouco tempo teria de sair, mas de súbito sentiu uma grande vontade de aproveitar os últimos momentos de prazer do que se revelara um encontro surpreendente, mas agradável.

Hudson mexeu-se, murmurando algo meio a dormir, após o que se virou para o outro lado, puxando os lençóis para se tapar. Provavelmente, esquecera-se de onde estava, imaginando-se na sua cama, o que sublinhava o quanto era estranho para ele estar ali. O apartamento sempre fora o lugar onde Helen se recolhia em tempos complicados — quando recuperava de ferimentos, quando precisava de se esconder do mundo, no dia de Natal, quando a sua perceção de solidão era mais intensa — e era um espaço que ela habitava sozinha.

O seu gabinete na Esquadra Central de Southampton era deliberadamente despido; tudo o que até agora existira na sua vida estava ali. Os livros que lera em criança, as poucas fotografias que ainda guardava de Marianne, as joias que Grace Simmons lhe oferecera no seu décimo oitavo aniversário, o seu primeiro uniforme da polícia, engomado e pendurado no guarda-vestidos. Outros já haviam tentado penetrar naquele refúgio e haviam sido repelidos, mas convidara Joseph e não se arrependera. No sexo, postos, antiguidade e até diferenças de caráter ficavam à porta, enquanto ambos procuravam excitação, afeto, conforto e consolo. E o que espantava Helen ao olhar para o seu companheiro não era a estranheza de o ter ali, mas o modo como lhe pareceu natural.

Ainda refletia sobre essa estranha anomalia quando o telefone começou a tocar. Era raro Helen dormir sem acionar o despertador — estava habituada ao seu tom suave e harmónico —, mas hoje amaldiçoou-o. Significava um regresso à vida real, à investigação, à ansiedade, às preocupações, ao medo e à morte. Desligando-o, saiu da cama, preparando-se para a ação.

Hoje, era um dia como os outros e, contudo, parecia diferente. Portanto, enquanto se encaminhava em passos leves para o duche, deu silenciosamente graças pela breve fatia de felicidade que lhe fora concedida. Afinal, talvez não fosse uma causa perdida.

Jacquetta esforçava-se ao máximo por ser corajosa, por dominar a dor, mas a sua perturbação era evidente. Estava à vista numa série de pequenos indícios — os círculos em redor dos olhos, as unhas rudemente roídas, os dedos manchados por nicotina. Charlie fora para a conversa com um certo peso no coração — casos de agressão sexual eram sempre terríveis, e não sabia ao certo o que alcançariam com a conversa —, mas agora sentia-se profundamente envergonhada. O que aquela mulher suportara era medonho e merecia toda a compaixão, atenção e compreensão da parte de Charlie. Os seus próprios problemas não eram nada comparados com os de Jacquetta.

— De início, ele era encantador. Até inspirador. Eu nunca tinha conhecido um professor como ele.

Jacquetta começara por recusar o pedido de Charlie para conversar quando a inspetora a contactara por telefone na noite anterior. Mas nessa manhã Charlie recebera uma mensagem de texto apologética, depois de a consciência a ter vergado, e agora encontravam-se reunidas num café ao cimo da rua de Jacquetta. Ela não queria ficar longe de casa, depois de ouvir o essencial da história, e Charlie entendia porquê.

— Que idade tinha quando ele lhe deu aulas?

— Tinha 19 anos. Eu andava a melhorar notas para entrar na universidade e ele fez toda a diferença. Na primeira chamada tive um D, mas nesse ano estava a apostar num A.

— O que o tornava diferente?

— Era surpreendente, inteligente, divertido. Parecia mais um amigo do que um professor. Gostava da mesma música que nós, dos mesmos programas.

— E quando é que os limites entre professor e amigo começaram a ficar mais ténues?

— Bastante cedo. Mas intensificou-se no período do verão. Ele enviava mensagens, ligava. Não era só a mim, também a outros.

— Alguma vez se encontraram fora da universidade?

— Claro. Quando o tempo melhorou, encontrávamo-nos em *pubs*, na praia, íamos dar passeios a pé.

— E tinha a perceção de que o interesse dele em si era de cariz sexual?

Jacquetta baixou o olhar, parecendo um pouco envergonhada.

— Sim. Mas eu até gostava...

— Não tem motivos para se envergonhar, Jacquetta, não fez nada de errado.

— Acho... acho que me senti lisonjeada. Ele era mais velho, mais inteligente, mais sofisticado...

Jacquetta interrompeu-se, mexendo nas unhas.

— E em relação ao incidente? Consegue falar-me disso?

Deu-se uma longa pausa, seguida por um suspiro intenso e tremido.

— Foi no último verão. Um grupo de nós tinha ido para a praia de Tanners Lane. Estava lua cheia e tínhamos planeado ficar toda a noite a pé... Penso que seria a nossa versão de festas de praia tailandesas. Foi ideia dele... do Morgan, quero eu dizer. Mas alinhámos todos. Os exames tinham acabado e queríamos descontraír...

Charlie observou atentamente Jacquetta. Todas as palavras lhe saíam a custo, enquanto recuava no tempo até ao seu trauma.

— O Caleb contava histórias, tocava guitarra, dizia piadas. Parecia muito atencioso, em particular comigo, e lembro-me de me sentir nas nuvens. Sim, houve álcool, algumas drogas, mas não foi por causa disso. Era o lugar, o ambiente, o sol na cara. Foi um grande alívio, depois de todos aqueles meses de estudo. — Um sorriso fugaz e amargo. — Ficámos acordados até às 3 ou 4 horas, não me lembro, e depois fomos todos dormir. Eu tinha uma tenda só para mim e fui para lá. — Fez uma pausa, começando a ficar com a respiração fraca e mais acelerada conforme as emoções surgiram à superfície. Mas aguentou. — Uns instantes depois, ele estava na minha tenda. Em cima de mim,

a beijar-me. Disse-lhe para sair, que não queria que fosse assim, mas ele não quis saber. Disse-me que sabia bem o que eu queria, o que não era verdade...

Jacquetta tremia agora um pouco e Charlie sentiu-se a esticar o braço na direção dela, mas a jovem mulher recuou, abraçando-se a si mesma.

— Tentei dar luta — prosseguiu Jacquetta —, tentei gritar, mas ele... ele enfiou-me o punho na boca. Pensei que ia vomitar, mas manteve-o lá. Nunca o tirou... — Olhava para o chão, como se ainda não acreditasse que algo tão horrível se pudesse ter abatido sobre ela. — Depois, beijou-me na cabeça e disse «boa noite». Como se fosse normal o que tinha acabado de fazer. No dia seguinte, foi como se nada se tivesse passado. Ele mostrou-se amistoso, conversador, descontraído. Eu quase não acreditava em mim mesma, não fosse o facto de ele me ter magoado, de ainda estar a sangrar.

— Então, não falou com ninguém? Família, amigos?

Jacquetta abanou energicamente a cabeça, parecendo devastada.

— Queria contar a alguém... mas quanto mais tempo deixei passar, mais difícil se tornou.

— Compreendo.

— Até que uma das outras raparigas que ele atacou deu a cara. Aí, senti que não tinha escolha. Quem me dera ter contado antes, a sério. Se o tivesse feito, talvez algumas daquelas outras raparigas...

Escorriam-lhe lágrimas pelo rosto. Esticando o braço, Charlie pegou-lhe na mão, e desta vez Jacquetta deixou-se agarrar. Na sua expressão era possível ver imensas emoções — vergonha, perturbação, ansiedade, medo, arrependimento, mas Charlie sentiu apenas uma. Raiva. Pois sabia agora, sem réstia de dúvida, que Caleb Morgan era tudo aquilo que temiam. Não era vítima de uma caça às bruxas, nem um parasita sexual oportunista.

Era um predador experiente e com prática.

Alexander Newton remexia no abre-cartas, rodando-o com aparente à-vontade nas mãos. Pareceria o vilão tradicional, com a lâmina fina a passar por entre os dedos, não fosse pelo facto de estar a transpirar.

— Então, o Caleb Morgan deu aqui aulas desde maio de 2006 até janeiro de 2010? — quis saber Helen, com o olhar a desviar-se do bloco de notas para o reitor da faculdade.

— Isso mesmo — disse Newton, cautelosamente. — Na altura, tínhamos um quadro imenso, mas desde a austeridade...

— E foi por causa disso que ele se foi embora? Cortes na despesa?

— Em parte.

— E a outra parte?

— Posso perguntar a que se deve isto?

A faca parara de se mexer. Newton parecia ainda mais tenso. Helen dirigira-se à Faculdade de Geografia da Universidade de Southampton para reunir mais informações sobre Morgan, para explorar o seu relacionamento com Scott e outros alunos ao seu cuidado, mas desde que chegara que pressentia algo maior, algo tácito, latente sob a superfície das respostas propositadamente neutras de Newton.

— Acredito que já saiba que o Caleb Morgan é procurado para prestar contas por três acusações de assédio e agressão sexual. — Newton assentiu vagarosamente com a cabeça. — Naturalmente, trabalhamos em contrarrelógio para o deter, mas também tentamos formar uma imagem mais completa do seu comportamento, desde meados do ano 2000 em diante, para ver se será responsável por... outros crimes. Portanto, volto a perguntar, qual foi a outra razão, ou razões, para se sentir compelido a deixá-lo partir?

— Tal como disse, deveu-se essencialmente aos cortes...

— Dr. Newton, interrompeu o contrato dele a meio do ano académico. Não se faz isso por questões financeiras.

Olhava diretamente para ele. Podia ter prosseguido, mas deteve-se, deixando que o silêncio pesado trabalhasse por si.

Newton contorceu-se na cadeira e por fim respondeu:

— Olhe, acho que, se calhar, é melhor o nosso advogado estar presente...

— Com certeza. Mas isso significa que vou ter de oficializar as coisas. Quaisquer interrogatórios serão levados a cabo na Esquadra Central de Southampton e vou ter de o intimar...

— OK, OK — respondeu Newton, ansioso e nervoso com a perspectiva de ser tratado como um comum criminoso.

— Então, conte-me lá — exigiu Helen, num tom firme.

O abre-cartas foi de novo pousado na secretária. Passando a mão pelo seu cabelo ralo, Newton acabou por responder.

— Nós... recebemos algumas queixas. De alunas. Nada muito grave, devo dizer — acrescentou de pronto —, mas o suficiente para perturbar.

— Que tipo de queixas?

— Namorisco, sugestões inapropriadas, abuso de autoridade.

— Ele agrediu alguém?

— Santo Deus, não... mas houve algum contacto físico indesejado, que gerou perturbação.

— Que idade tinham essas mulheres?

— Uns 18, 19 anos...

— E o que é que fez? — Newton fez uma pausa. — Então?

— Naturalmente, falámos com ele. Demos-lhe uma repreensão verbal. Mas não terá servido de nada. Houve mais algumas queixas, pelo que nos sentimos obrigados a agir.

— Como assim?

— Pusemos fim ao contrato.

— Ele negou o comportamento dele?

— Nem por isso — respondeu Newton de forma evasiva.

— E confrontaram-no com essas novas queixas?

Newton desviou o olhar, olhando uma vez mais para o abre-cartas.

— Não fizeram nada, pois não? — prosseguiu Helen, horrorizada. — Simplesmente, deixaram-no ir.

— Olhe, era bem evidente que a conversa não ia levar a lado nenhum. Ele não tinha interesse em ouvir o que tínhamos para dizer...

— Portanto, despacharam o problema. Mais vale dizer, longe da vista... — Newton não tentou negar. — Depois disso, o Caleb foi para Bournemouth. Alguma vez os pôs ao corrente das vossas preocupações?

— Eu quis... mas a administração não achou que fosse sensato.

— Então, tenha vergonha na cara. — Helen levantou-se, abanando a cabeça, incrédula. — Vergonha por ter permitido que esta universidade pusesse à frente do bem-estar dos alunos as preocupações com a sua própria reputação.

— Fiz o que podia...

— Tretas! Fez o que era mais fácil.

Helen sabia que estava a passar das marcas, mas sentia-se a ferver.

— Então, agora vai ser assim. Vai dar-me tudo, mas tudo, o que tem sobre o Caleb Morgan. O relacionamento dele com colegas, moradas antigas, a lista completa de alunos e, mais importante, pormenores de todas as queixas apresentadas contra ele. Isso pode ajudar-nos a evitar mais sofrimento, mas não o vai poupar a si nem aos seus superiores. As coisas não vão ficar por aqui.

Newton quis reagir — talvez apelar por clemência —, mas Helen já ia a sair. Avançando em passada larga pela porta, percorreu apressadamente o corredor, ansiosa por regressar à base para transmitir as novidades à equipa. Mas, enquanto seguia pelo chão encerado, o seu telefone começou a tocar. Ao ver que se tratava de McAndrew, atendeu de imediato, cumprimentando-a num tom animado. Mas, ao contrário do habitual, a sua subalterna não alinhou em amabilidades e disse simplesmente:

— Encontrámo-lo.

Charlie apertou com força o seu telemóvel enquanto seguia em passo apressado pela rua. Estacionara a alguma distância do café escolhido por Jacquetta, o que lhe deu tempo para refletir. Sobre o que passara aquela jovem, sobre o que a descrição da provação revelara sobre Caleb Morgan, mas também sobre a sua própria situação. De repente, sentiu-se uma idiota — como pareciam minúsculos os seus problemas em comparação, como era fraca junto da jovem que batalhava por recompor a sua vida.

Charlie sofrera, era inegável. Mas também todos eles — Helen, Ellie, na realidade todos os elementos da equipa que tinham trabalhado com Joanne. E eles, pelo menos, tinham amigos, família que os apoiasse, ao contrário da mãe de Joanne, Nicola, que tinha de enfrentar sozinha o seu sofrimento. Charlie tentara lidar o melhor possível com a sua dor, a sua ansiedade, mas o que conseguira alcançar? Afastara o seu adorável namorado e perturbara a filha. Que direito tinha de sentir tanta pena de si própria quando havia outros a sofrer verdadeiramente?

Parando junto ao carro, massajou a perna dorida e depois retirou o telemóvel da mala. Abriu rapidamente o *WhatsApp* e clicou em «Steve». Era o canal privado deles para mensagens patetas de amor, mas ultimamente não tinha grande uso, o que deixou Charlie triste. O relacionamento descontraído e simples deles sempre fora o esteio da sua felicidade. Por isso, não hesitou e teclou rápida e deliberadamente.

«Desculpa por ser tão parva. Amo-te muito e só quero que sejamos felizes.»

Não era muito, mas já era um começo. E Charlie sabia que não

poderia fazer melhor, pelo menos a curto prazo. A experiência ensinara-lhe que, com frequência, as coisas mais importantes da vida eram as mais difíceis de dizer.

— Não sei se percebo onde quer chegar, Emilia.

O tom de voz de Ross era equilibrado, mas denotava alguma exasperação. Estavam sentados a uma mesa no Carluccio's, um local deliberadamente escolhido por Emilia para a conversa — com gente suficiente para ser seguro, mas não demasiado cheio para que alguém os escutasse.

— Não quero chegar a lado nenhum. Estou só a dizer que fiquei surpreendida ao descobrir que a Lauren Scott aparece na sua exposição.

— A exposição não é minha.

— É da sua escola.

— Dezenas de fotografos expõem nessa instalação. Eles escolheram o tema, pessoas com registo criminal ou...

— Mas foi o Ross a escolher as imagens a expor, ou não?

— Claro. Mas não estou a ver qual é o problema.

Ross começava a ficar agitado. Talvez tivesse assumido que o convite dela fosse o prelúdio de uma conversa aconchegante. Se assim foi, terá ficado desgostosamente desapontado, com Emilia a lançar-lhe perguntas mal se cumprimentaram.

— É um problema porque não tem sido franco comigo. Nunca referiu que sabia quem era a Lauren Scott.

— O que a leva a pensar que eu sabia quem era?

— O facto de a exposição já ter inaugurado há mais de um mês. Deve ter-se cruzado com ela semanas antes de ela...

— De ela... o quê?

— Antes de ela morrer — continuou Emilia, desafiadora.

Ross, irritado, abanou a cabeça.

— Ela era uma imagem entre uma centena, nem sequer anotei o nome dela ao fazer a curadoria da exposição. Só aí pelo último dia é

que estabeleci a ligação.

— E o Tom Campbell?

— O que é que tem? Não me diga que também estava na exposição? Ross tentava ser mordaz, mas por detrás de sua hostilidade notava-se agora um certo desconforto.

— Também não me disse que o conhecia.

— E não conheço.

— Inscreveu-se no seu curso há quatro meses. Assistiu a doze aulas.

— Comigo não foi.

— Esteve lá todas as sextas-feiras à tarde, durante quase três meses.

— Trabalha lá muita gente e eu raramente dou lá aulas. Não tenho tempo.

— Regista as presenças nas aulas?

— Formalmente, não, é basicamente dinheiro na mão. Eles dizem-me a quantas pessoas deram aula e recebem. Confio neles.

— Então, não tem maneira de saber com certeza quem deu as aulas ao Campbell?

— Se olhasse para as minhas notas, poderia dizer-lhe.

— Mas disse que era tudo de boca.

— Por amor de Deus, Emilia, afinal o que é que se está a passar?

Finalmente a irritação dele começava a vir à superfície. Agora, olhava diretamente para ela, com um olhar fulminante. Um empregado que ia a passar virou-se para trás, espantado com a súbita subida de volume, mas Ross não pareceu reparar.

— Só tento compreender a sua ligação com...

— Não há ligação.

— Então, é tudo coincidência?

— Sim.

— Bem, desculpe, mas não acredito em coincidências.

Ela devolveu o olhar, recusando-se a encolher-se face à notória irritação dele.

— Então, esta conversa chegou ao fim.

— Tudo bem — ripostou ela, descontraída. — Já tenho tudo aquilo de que preciso.

Ross já se começava a dirigir para a porta, mas hesitou, de repente a

aperceber-se de algo terrível.

— Não está... a gravar isto, pois não?

Espreitou para o telefone dela. Emilia deitou-lhe a mão, mas foi demasiado lenta, com Ross a apanhá-lo primeiro. Abriu-o, passou uma revista rápida às aplicações e, ao constatar que não havia razões para alarme, atirou-o de novo para a mesa. Emilia deixou-o aterrar sem olhar, determinada a parecer despreocupada. Agitado e perturbado com a calma deliberada de Emilia, Ross espreitou para a mala dela e depois, pondo de parte essa ideia, fixou a mesa. Passou o olhar pelo tampo e depois subitamente percebeu, baixando-se de repente para ver por baixo. Dessa vez Emilia antecipou-se, agarrando no pequeno gravador e guardando-o no bolso do casaco.

— Se fosse a si não fazia isso...

Ross avançou na direção dela, mas o aviso gentil de Emilia deteve-o.

— Está aqui muita gente.

Ross, ainda assim, parecia prestes a atirar-se a ela, tal era a sua fúria, mas no último momento acabou por pensar melhor. Voltando costas, saiu apressadamente do restaurante, sem sequer olhar para trás.

Emilia deixou-o ir, antes de fazer sinal ao empregado a pedir a conta. Esforçava-se ao máximo por parecer calma e composta, mas o seu coração batia descompassadamente. A conversa não correria exatamente como esperado, mas escapara incólume e tinha algum material útil para trabalhar. Não era uma confissão, nem sequer uma admissão de que conhecia pessoalmente as vítimas, mas o facto de não ter conseguido refutar as acusações e a sua tensão e linguagem corporal defensiva foram elucidativos. Ainda não o apanhara, mas Emilia tinha a certeza de que agora contava com o seu principal suspeito em fuga.

Helen fitou o cadáver, mal acreditando no que via.

Um aterrorizado passeador de cães ligara perto das 9h30, e pouco depois o corpo brutalizado e meio despido de Caleb Morgan foi descoberto por agentes fardados. Tal como os outros, estava suspenso num ramo de um carvalho robusto, numa pequena clareira a nordeste da New Forest. Helen convencera-se de que Morgan era o suspeito deles, a chave para desvendar aquele caso desconcertante. Na realidade, era a vítima número três.

Helen era por natureza estoica, nunca pondo em causa que um diligente trabalho de investigação desse frutos, mas até ela sentiu um arrepio de pânico nesse momento. Todas as suas teorias e todos os seus juízos prévios sobre as motivações por detrás daquela vaga de homicídios desvaneciam-se agora em fumo, com aquele predador sexual impenitente e sádico a receber exatamente o mesmo tratamento que Lauren Scott e Tom Campbell. Não fazia sentido. Nada daquilo fazia qualquer sentido.

— Descobriram o jipe dele a um quilómetro e meio dali, escondido na vegetação.

Hudson juntara-se a ela, mas Helen nem se incomodou a virar-se, com o olhar ainda preso em Morgan.

— Então, é melhor que me leves lá.

A vegetação densa projetava uma sombra larga sobre o *Jeep Cherokee* enferrujado, conferindo-lhe um ar abandonado e solitário. Helen e Hudson aproximaram-se em silêncio, mal tendo proferido uma palavra durante o trajeto. Noutras circunstâncias, poderiam ter feito uma referência cautelosa à noite que passaram juntos, testando a reação m do outro mas hoje não haveria como fazê-lo. O inesperado

homicídio de Morgan pusera tudo em suspenso.

Calçando as luvas, Helen abriu a porta do condutor. Estava destrancada e, ainda mais estranho, as chaves encontravam-se na ignição. Teria sido propositado? Tê-las-ia Morgan deixado ali para uma fuga rápida? Ou haveria outra explicação para aquele descuido? Debruçando-se para dentro do carro, Helen reparou num taco de baseball no assento do passageiro. Teria estado sempre ali? Ou Morgan fora ali já a contar com alguma violência?

Passou a mão sobre o tecido macio do assento enquanto espreitava para a parte de trás da viatura, mas não havia lá nada importante, pelo que devolveu a atenção aos lugares da frente. Então, notou em algo que lhe despertou o interesse — uma pequena mancha de sangue no rebordo do volante. Tocou ao de leve na mancha com o dedo mínimo. Manchou-lhe a luva, sugerindo que ainda era fresco.

Com a mente às voltas, olhou para o tabliê, para o para-brisas e depois para a janela do condutor. E ali voltava a haver sinais de luta. Viam-se longas manchas no vidro — marcas finas e translúcidas, muito parecidas com dedos a arrastarem-se, como se alguém se tivesse tentado agarrar. Mais interessante ainda, havia outra pequena mancha de sangue no ponto onde a janela e a porta se encontravam. Além disso, havia alguns pelos, de um castanho-escuro que combinava com a cor do cabelo de Morgan. De repente, formou-se na mente de Helen uma imagem clara do que acontecera — Morgan fora atacado dentro daquela viatura, possivelmente quando ia a arrancar.

— Há parques de campismo aqui perto?

— O mais próximo é o de Alder's Edge. Fica a uns 800 metros daqui.

Anuindo, Helen afastou-se do lugar ao volante e dirigiu-se à traseira do jipe. Abrindo a mala, deu com ela vazia. Se Morgan tinha ido ali com material de campismo, agora estava noutro lugar.

O par avançou energeticamente pela floresta e dez minutos mais tarde chegaram ao campismo. Ellie McAndrew chegara lá primeiro, indicando a Helen uma pequena tenda afastada das restantes junto ao limite da floresta.

— O dono diz que ontem à noite só havia quatro tendas montadas.

Todos os outros donos foram localizados.

Helen apressou-se para a tenda. Baixando-se, abriu as abas para descobrir... nada. A pequena tenda encontrava-se completamente vazia, com a exceção de uma lanterna inerte tombada no meio da tela impermeável.

— Acho que ele gostava de viajar com pouca bagagem...

Hudson estava mesmo ao seu lado, com um ar baralhado. Mas Helen já estava a desvendar a questão. Apesar de Morgan ter sido abatido da mesma forma que Campbell e Scott, o método de rapto era diferente. Aparentemente, ele não tinha a intenção de ali acampar — não tinha saco-cama, nem comida, nem muda de roupa — e qual era a probabilidade disso, tendo ele um esconderijo seguro no acampamento nómada? Não, em vez disso, ele fora munido de um taco de basebol e uma lanterna, que presumivelmente teria servido para iluminar o interior da tenda durante algum tempo até se apagar sozinha. Isso, aliado ao facto de o jipe ter sido cuidadosamente escondido, sugeriu a Helen que Morgan não se deslocara ali para acampar. Fora para montar uma armadilha.

O que lançava uma pergunta interessante. Seria possível que Morgan contasse ser atacado?

— Achas que ele conhecia o seu atacante?

A pergunta da superintendente Simmons era pertinente. Helen já ponderara exatamente no mesmo durante o trajeto de regresso à Esquadra de Southampton.

— É uma possibilidade. Era um homem encurralado... sem dinheiro, com mandados de captura por executar, sem amigos, pelo menos de que tivéssemos conhecimento... No entanto, a sua principal preocupação era tentar apanhar o nosso assassino. Mais do que isso, parecia saber que esse tipo provavelmente voltaria a atacar.

— Então, era possível que estivessem juntos nisto? Que o cúmplice se tenha voltado contra ele? Pode explicar o que os levaria a estarem juntos no jipe.

— Talvez — reconheceu Helen —, mas, do que soubemos pelos nómadas, nunca recebeu visitas, e não há provas de telefonemas regulares para quem quer que fosse. Além disso, dá toda a ideia de ter sido atacado por trás no carro.

— Então, o assassino estava lá à espera dele.

— Aparentemente. Acho que o Morgan estava a montar uma armadilha, mas o nosso homem ia um passo à frente, e ele próprio o emboscou.

— Mas isso significaria que o Morgan sabia que o assassino iria atacar no parque de campismo de Alder's Edge. Como é que poderia ter conhecimento disso se não era parceiro desse tipo?

— Não era preciso. Pode significar apenas que o Morgan sabia que o assassino iria atrás dele. Que se sentiu seguido, até vigiado.

— Mas o Morgan há semanas que andava fora do radar. Como é que o assassino o poderia ter descoberto?

— Nas últimas semanas arriscou vir cá fora. Para se encontrar duas vezes com o Campbell, uma com a Scott... Se o nosso homem andava

a vigiar essas pessoas, então pode ter dado com o Morgan, para o seguir até casa.

— E achas que o Morgan reparou em algo, percebeu que corria perigo?

— Bem, não restam dúvidas de que andava de guarda. Recortou imensos artigos de jornal relativos aos homicídios do Tom Campbell e da Lauren Scott.

— E acreditas que isso o alarmou? Apesar de mal ter visto aquele pessoal desde que deixou a Universidade de Southampton?

— É o que parece.

— Mas porquê? Porque é que andariam atrás deles agora?

— Não sei — respondeu Helen, com franqueza.

Pela primeira vez desde que tinham voltado a trabalhar juntas, Simmons pareceu um pouco cabisbaixa. Aparentemente, não estariam mais perto de apanhar o autor do que estavam no início do caso. Por isso, Helen sabia que tinha de dizer — fazer — algo para que as coisas não descarrilassem.

— A resposta reside no passado, disso estou certa. Algo... que ainda desconhecemos... une estes três. Algo que o Morgan se viu capaz de explorar quando se sentiu num aperto. A nossa única opção é escavar mais fundo e descobrir o que move o nosso homem. Se o fizermos, estou convicta de que chegaremos a ele.

Soou mais confiante do que se sentia, mas resultou, com o habitual sorriso de Simmons a retornar.

— E tenho toda a fé em ti — reagiu ela, com generosidade.

Helen saiu pouco depois. Percorreu o corredor em passadas largas rumo à sala de operações, determinada a mergulhar de novo nas provas, para descortinar uma pista que levasse a algum lado, mas quando ia a lançar-se ao trabalho ouviu alguém a chamar por ela. Voltando-se, surpreendeu-se ao ver o sargento de serviço à portaria, Jerry Taylor, a caminhar na direção dela.

— Lamento incomodar, inspetora-chefe, mas tem uma visita.

— Lamento, Emilia, mas essa não compro.

Pela primeira vez no relacionamento delas, a jornalista pareceu perturbada, reagindo de forma furiosa à rejeição de Helen.

— Não sei como pode dizer isso — protestou Emilia. — Andámos todos à procura de ligações entre o Tom Campbell e a Lauren Scott, e estou a entregar-lhe uma de bandeja. O Graham Ross conhecia-os a ambos.

— A Emilia *acha* que ele os conhecia.

— Tenho a certeza de que contactou com eles, e algo neles, nas suas histórias, o instigou a...

— Não tem forma de o provar. E, além disso, pode ser que ele esteja a dizer a verdade. Pode ser coincidência.

— Porque é que tem tanta certeza de que não estão ligados?

— Não tenho. No entanto, se me trouxer provas concretas do envolvimento dele é claro que tomaremos medidas. Mas o Ross nunca me pareceu um homem violento. Estranho, sem dúvida, mas não violento. Além disso, é destro.

— Isso não quer dizer nada.

Queria, claro, mas Helen deixou passar, indo ao ponto fulcral.

— E, além disso, qual seria o motivo?

— Perdeu o juízo — assegurou Emilia, sem hesitar.

— Desculpe, Emilia, vai ter de ser mais específica.

— Passou demasiado tempo junto a cadáveres.

— Também a Emilia e eu. Isso não faz de nós assassinas.

— Mas com ele é diferente. A profissão dele... o ofício... implica que seja obcecado com os corpos, os pequenos detalhes dos traumas, as refinadas torturas da morte. Acho que deixou de sentir o que quer que seja por eles enquanto seres humanos reais; não passam de temas, para serem afetuosamente registados, alvo de obsessão, preservados

para... para seu prazer pessoal, talvez para a posteridade.

— E sabe isso tudo porque...?

— Porque estive no apartamento dele.

— Emilia... — reagiu Helen, genuinamente espantada.

— Vi o sítio onde guarda todas as imagens. É como um museu à morte, um testemunho da sua vocação. Para ele, não se trata da história humana, da tragédia pessoal; tem que ver com a beleza do seu trabalho. O homicídio tornou-se a sua forma de arte, a sua razão de ser.

— Tudo o que diz pode ser verdade, mas isso não faz dele um assassino. Talvez se limite a registar passivamente o infortúnio de terceiros...

— Mas pense bem na encenação — insistiu Emilia, empolgada. — Pense no modo como aqueles corpos foram descobertos. Não foram... eliminados e depois descartados. Foram expostos de modo cuidadoso, até artístico. São uma declaração, algo belo. Isso tem de significar algo...

Então Helen parou para pensar. Emilia estava certa, naturalmente. Mas, ainda assim, não significava que a sua explicação fosse correta.

— Não nego isso — reconheceu Helen, com cautela. — Mas não vejo o motivo. Haveria formas muito mais fáceis de o Ross obter o que sugere sem ter de perseguir gente pela floresta. Não o vejo com a capacidade, a força ou mesmo a coragem para levar a cabo estes homicídios. Além do mais, acredito que a raiz destes crimes é muito antiga; terão ocorrido muito antes de o Ross se mudar para Hampshire...

— Não está a ver bem...

— Não, a Emilia é que não está a ver bem. É jornalista, não agente da polícia. Agradeço-lhe a informação que nos transmitiu, mas terá de deixar que a partir daqui seja eu a gerir as coisas. Faça o seu trabalho, Emilia, que eu trato do meu.

A jornalista saiu logo a seguir, ainda a resmungar. Helen encaminhou-se para a sala de operações, mas, pelo caminho, as palavras de Emilia continuavam a dar voltas na sua mente. Helen estava convencida de que ela se equivocara em relação a Ross, mas o

que disse sobre a encenação dos homicídios fazia sentido — tinha de ter algum significado.

A questão era: qual?

As fotografias encontravam-se espalhadas diante deles, um caleidoscópio de alegria e loucuras de juventude. O resto da equipa processava as informações mais básicas do homicídio de Caleb Morgan, como verificar o movimento da sua viatura nos dias anteriores à sua morte, mas Helen chamara Charlie e Hudson ao seu gabinete para uma reunião privada. Dera indicações a McAndrew para que não os incomodassem a não ser que surgisse algo muito importante. Queria que se concentrassem unicamente nas vítimas — Lauren Scott, Tom Campbell e Caleb Morgan —, cujos rostos felizes e despreocupados os fitavam da secretária. O profundo interesse de Campbell pela fotografia proporcionara-lhes imensas imagens dos dias arrebatados que os três passaram juntos, e agora esquadriñavam-nos, em busca de dicas, pistas, algo que pudesse ajudar a forjar uma visão mais nítida da ligação entre eles.

— Então, através destas imagens assumimos que o Campbell e a Scott faziam parte do grupo do Morgan? — questionou Charlie.

— Faz sentido — concordou Hudson. — Sabemos que gostava de ter um bando de estudantes mais novos em volta dele, de ser o centro das atenções, o instigador...

— O Campbell era mais velho do que a Scott, mas o Morgan era mais velho do que o Campbell — disse Helen, dando seguimento ao tema. — O Morgan era presumivelmente uma figura encantadora, carismática e rebelde aos olhos do Campbell.

— A Scott também pode ter ficado caidinha. Talvez o Morgan tenha feito dela um alvo — sugeriu Charlie. — Acho que ele era a força motriz por detrás daquelas festas de lua cheia, organizando-as para poder caçar as suas vítimas. Sabemos que a Lauren Scott não gostava

de acampar. Talvez houvesse um motivo para ter uma aversão.

— É possível, mas olha para as datas — realçou Hudson. — A Scott aparece em várias dessas festas. E parece bastante feliz. Se tivesse sido atacada, porquê voltar para mais?

— E porque é que aceitaria agora encontrar-se com ele? — acrescentou Helen. — Porque é que haveria de lhe dar dinheiro?

— Talvez ele a chantageasse com fotografias de sexo? Sabemos que estava desesperado por dinheiro, não tinha para onde ir. Talvez tivesse ameaçado revelar que fora violada. Não tinha nada a perder, pois já era procurado pela polícia. Até o poderia ter feito de forma anónima na Internet, se quisesse permanecer...

— É possível, mas não há provas de que tenha sido atacada. E, além do mais, o Morgan também tentou contactar o Campbell. Não vejo o Campbell a dar algo ao Morgan se ele tivesse visado a namorada dele, como sugeres.

— Mas pode ter testemunhado algo — especulou Charlie.

— Isso já parece mais provável — disse Hudson, de repente animando-se. — Talvez ambos tenham testemunhado algo. Ou tenham sido cúmplices, de alguma maneira. Isso encaixaria com a tentativa de extorsão do Morgan aos outros dois. Se estivessem ligados por algo criminoso ou imoral que ele pudesse usar para os humilhar, ameaçar-lhes os empregos, os relacionamentos...

Essa ideia pareceu assentar nos três. O trio devolveu a atenção às fotografias, procurando, procurando, procurando. O olhar de Helen pairou sobre Caleb Morgan, Tom Campbell, Julia Winter, Aaron Slater e inúmeros outros rostos, captados na cena selvagem e hedonística.

— A Julia... — murmurou Helen.

Charlie olhou para ela.

— O que tem ela?

— Era grande amiga da Scott. Partilhavam casa, na verdade. Mas mal aparece nestas fotografias...

Charlie e Hudson examinaram atentamente as imagens e verificaram que ela estava certa. Havia imensas fotografias de Campbell, Morgan, Scott e muitos outros, incluindo Slater, mas eram poucas aquelas em que a encantadora e bela Julia Winter aparecia.

Esticando o braço, Helen pegou nelas, dispondo-as lado a lado. Nelas, parecia feliz, inebriada, tão despreocupada quanto os restantes. Não existia nada naquelas imagens que sugerisse que algo de errado se passava.

— As datas.

Charlie e Hudson olharam para as datas estampadas no canto inferior direito das cinco fotografias.

— São todas iguais — murmurou Charlie. — Todas estas fotografias foram tiradas no mesmo dia.

— Exatamente — confirmou Helen. — Fiquei baralhada por parecer vestir roupas diferentes, mas isso deve-se apenas ao facto de ter despedido a camisola com capuz em algumas.

— Além disso, na primeira tem o cabelo apanhado. Talvez se tenha animado e soltado o cabelo durante a noite — acrescentou Hudson.

— Hum... 30 de abril de 2009 — disse Helen, lendo a data em voz alta. — Talvez a data seja significativa...

Hudson já estava a teclar.

— Ano de 2009, primavera, lua cheia... — murmurou ele, à espera de que o motor de busca fizesse o seu trabalho. — ... foi a 30 de abril.

Virou-se para Helen, com um ar sério, mas excitado.

— A Julia não aparece em nenhuma festa depois desta, mas os outros sim — pensou Helen em voz alta.

— E sabemos que a Julia se tentou matar cerca de dois meses depois disto, após chumbar nos exames finais. O pai disse que foi por causa da pressão académica, mas...

— Mas talvez tivesse sido por o Morgan a ter atacado.

As palavras de Hudson encheram a sala, de repente tudo fazendo sentido.

— Se o pai descobriu, teria tido bons motivos para se vingar do Morgan; de todos, na realidade. Imaginem o efeito que teria nele, saber que a sua menina fora vítima daquele predador recorrente...

— Talvez tivesse tomado o assunto nas próprias mãos. Talvez no final... — Helen olhou para os colegas ao concluir: — ... o predador se tenha tornado a presa.

— *Baldur var en av de mest älskade av alla gudar. Odins son, gudstjänstemannen och den välvilliga trollkarlsgudinnan Frigg, Baldur var en generös...*

A língua de Oliver Winter fez as palavras deslizarem, enquanto ele apreciava a sua cadência familiar. Vivia na costa sul há já quase 25 anos, mas nunca perdera o sotaque, nem o seu amor pela língua materna. Com frequência, quando estava com a filha, lia-lhe em sueco, feliz por lhe contar vezes sem fim os antigos mitos nórdicos numa língua que apenas eles percebiam.

Sabia que as enfermeiras o achavam estranho. Algumas, suspeitava, achavam-no louco, sempre a ler e a falar para uma jovem que parecia congelada, sem reagir à tagarelice incessante dele. Mas ele sabia que ela o ouvia, que escutava o que lhe dizia, e só isso lhe interessava. Não interessava que a saúde dela estivesse a ceder, que estivesse a travar uma batalha perdida contra a pneumonia em expansão. Estava ali, com ele, agarrada a todas as suas palavras.

Hoje, todavia, esse idílio aconchegante iria ser perturbado, pois, quando Oliver virou a página, o seu telemóvel tocou bem alto. Várias cabeças se voltaram de imediato, com as enfermeiras irritadas pelo lapso dele de não pôr o aparelho no silêncio.

— Desculpem, desculpem — murmurou, pousando o livro na cama e correndo para a porta.

Transpondo-a, olhou para o visor. Era de um número estranho que não reconhecia e por momentos hesitou, antes de aceitar a chamada.

— Estou?

— Oliver, é a Alice. — O coração dele afundou-se. — Oliver, consegues ouvir-me?

— Sim — respondeu, sem entusiasmo.

— Tenho tentado apanhar-te. Tens recebido as minhas mensagens?

— Sim — reconheceu.

— Então, porque é que não respondeste?

— Por não haver nada a dizer.

Sentiu-se tentado a desligar de imediato, mas algo o levou a hesitar — talvez um resquício de boas maneiras ou apenas o desejo de apreciar um pouco mais a irritação e a perturbação da ex-mulher.

— Não tens o direito de me ignorar dessa maneira.

— Tenho todo o direito.

— Ela também é minha filha...

— Não, Alice, ela *foi* tua filha. Agora, é minha.

— Independentemente do que possa ter ocorrido no passado, é carne da minha carne.

— Que conveniente lembrares-te disso agora. Quando a abandonaste, não pareceu interessar...

— Por favor, Oliver, não sejas assim...

Oliver sorriu face ao tom de sofrimento dela, agradado por ainda a conseguir magoar.

— E, além disso, já te disse que está demasiado doente para receber visitas. Especialmente de pessoas que mal conhece.

— É por isso que preciso de a ver. Se há sequer o mínimo risco de...

— Ela tem aqui toda a gente de que precisa.

— Não vou implorar, Oliver.

— Ainda bem. Poupa as tuas energias, regressa para a tua nova vida. O teu marido, a tua filha, como é que eles estão, já agora?

— Com saudades minhas.

Havia uma certa intencionalidade no tom dela que o alarmou de imediato.

— Como assim?

— Estou aqui, em Inglaterra. Na verdade, neste preciso momento estou à porta da tua casa. Ainda deixas a chave sobresselente debaixo do vaso?

— Sai já daí — rugiu Oliver, de repente furioso. — Afasta-te de mim, de nós...

— Desculpa, Oliver, é demasiado tarde. Estou aqui com uma carta dos meus advogados, e não regresso à Suécia até obter aquilo que cá

me trouxe. — Fez uma pausa, usufruindo da sua vantagem, antes de concluir: — Quero ver a minha filha.

Ele era um homem procurado, um violador e predador sexual chamado Caleb Morgan. Até os seus colegas mais brancos não tiveram dificuldade em sacar essa informação aos agentes da polícia, que pareciam ávidos por anunciar aos quatro ventos o feito de terem descoberto o fugitivo de longa data.

Depois da sua insatisfatória conversa com Helen Grace, Emilia regressara ao trabalho de mau humor, para descobrir que a história avançara durante a sua ausência. Fora descoberto um terceiro corpo na New Forest. Amaldiçoando-se a si mesma, amaldiçoando a vida, Emilia resignou-se à realidade de serem os seus colegas a escreverem a primeira página nessa noite, preparando-se então para se dedicar à tarefa mais importante: identificar o autor.

Grace relativizara a sua ideia de que Graham Ross poderia ser o responsável, e a sua rejeição desinteressada perturbara Emilia, mas não se sentia preparada para baixar já os braços. Assim, pôs-se a tentar pensar em algo que ligasse Ross à terceira vítima, Caleb Morgan. Mas, até ao momento, nada lhe ocorrera. Tinha ligado à rapariga da fotografia da escola, confirmara três vezes os nomes dos que apareciam na exposição Crime e Castigo e levara a cabo todas as linhas de investigação online possíveis e imaginárias para desenterrar uma ligação entre o fotógrafo de locais de crime escocês e o professor universitário — predador sexual de Macclesfield —, mas não dera em nada. Seria possível que os seus instintos a tivessem abandonado? Que estivesse errada desde o início? Se assim fosse, dera um tiro no pé em grande estilo. Ross insistira em dar-lhe uma perspetiva interna da investigação, na esperança, quiçá, de uma colaboração frutuosa mais adiante. Mas, com as suas alegações aparentemente infundadas, ela

destruía todas as possibilidades de isso ocorrer.

Pensar na coleção sinistra dele levou-a de volta à sua busca. Não havia muito a resgatar do desastre das últimas 24 horas, mas a única coisa que Helen reconheceu fora que as encenações dos homicídios eram significativas. Emilia estava igualmente convencida disso e, ao pressentir que Grace não tinha como explicá-las, retomou a sua procura por respostas. Se conseguisse vislumbrar algo sobre aqueles homicídios estranhamente teatrais, isso dar-lhe-ia um trunfo — sobre os colegas, e especialmente sobre Grace.

As suas investigações iniciais foram bastante desencorajadoras, com as palavras-chave e encaminharem-na para horríveis enforcamentos ao estilo do Estado Islâmico. Desviando-se de atrocidades relacionadas com terrorismo e ações militares, recuou ainda mais no tempo, procurando significados no método e na natureza pública das mortes. Isso levou-a para um mundo de tortura medieval, para uma época em que o castigo do crime era aplicado de forma mais «imaginativa». Mas ainda não via nada que encaixasse bem, levando-a a questionar-se se teria de haver precedentes ou se o assassino seria apenas um demente diferente de todos os outros.

Frustrada e irritada, estava na iminência de desistir quando, de repente, por acaso uma imagem lhe prendeu a atenção. Clicara na mesma mais por esperança do que por expectativa — era um site que explorava crenças e rituais vikings —, mas agora captara-lhe toda a sua atenção. Era uma imagem cruel e perturbadora, mas que deixou Emilia sem respiração.

Era uma réplica exata das fotografias dos locais de crime de Ross.

— Oliver Winter juntou-se a nós vindo do escritório de Estocolmo em 1991, onde trabalhou como responsável pela compatibilidade. — Helen estava a ler no site oficial da Bahcon. — Lidera agora a Unidade de Compatibilidade no Reino Unido, cabendo-lhe abarcar todos os aspetos técnicos na nossa rede de...

— Alguma referência à família? — interrompeu Charlie.

— Só diz que vive cá.

— Vou verificar os Arquivos Nacionais — sugeriu Hudson, teclando rapidamente. — Se se divorciou cá, deve haver registo.

Helen devolveu o olhar à fotografia oficial do site da empresa. Nela, Winter parecia determinado e satisfeito, bem diferente do indivíduo esgotado com que deparara no hospital.

— Aqui está. Em 1993 foi preenchido um requerimento de divórcio, que foi concedido pouco depois. Portanto, o Winter e a mulher, Alice, vieram para cá no início dos anos 90. A Julia já devia fazer parte da vida deles.

— Teria cerca de 1 ano — frisou Charlie, verificando as anotações.

— Talvez o casamento já tivesse problemas, ou talvez a Alice não gostasse de viver no estrangeiro...?

— Pode ser muito solitário — acrescentou Helen. — Caso estivesse em casa sozinha a criar a filha. O que diz a página dela do *Facebook*?

Hudson já lá estava, com uma bela fotografia de Alice, o marido e a sua filha adolescente a encherem o ecrã.

— Vive em Estocolmo com o marido, Peter, e uma filha, Lilly. Diz que viveu lá toda a vida.

— Ela limpou tudo, é como se nunca cá tivesse estado. Então, a mudança para Inglaterra, o casamento, foi um erro...

— Mas, quando regressou a casa, o bebé ficou cá — acrescentou Charlie.

Helen olhou para os colegas. Aquele era o achado mais intrigante até ao momento. Alice Winter teria abdicado voluntariamente da bebé? Ou fora pressionada a isso? O seu desejo de apagar o passado assentaria na culpa, na vergonha ou em algo mais?

— Na altura deve ter sido estranho, uma mãe a optar por não viver com a filha...

— Ainda agora seria, embora ninguém to dissesse na cara — comentou Charlie num tom agreste. — Vejamos o que tem ele a dizer sobre isso.

Charlie abriu a página de *Facebook* de Oliver Winter. Uma fotografia de perfil encheu prontamente o ecrã — um belo instantâneo de Julia em jovem, aí com uns 15 ou 16 anos, a rir, na praia.

— Era uma rapariga bonita — comentou Helen, num tom de tristeza.

— E ele gostava dela sem dúvida.

Era verdade. As publicações de Winter eram esporádicas, mas com um tema em comum. Havia uma listagem extensa dos feitos e virtudes de Julia: a sua vitória num concurso de contos, o seu sucesso no nível 5 de violoncelo, os seus triunfos na gala de natação, os seus esforços para angariar dinheiro para a investigação ao cancro.

— Nunca escreve nada sobre ele, pois não? — comentou Helen.

— Não, é tudo sobre ela...

— O que diz ele por volta da altura da tentativa de suicídio?

Charlie passou a página para baixo para dar com um súbito salto na cronologia.

— Muito pouco — respondeu, observando os detalhes. — Ele publicou algo sobre a carreira universitária dela. Vejam, há uma fotografia dos dois nas matrículas. — Observaram com atenção a imagem de um pai feliz e orgulhoso ao lado da sua filha. — Depois, nada durante... quase um ano. Mais tarde refere o acidente, usou a mesma frase quando estivemos com ele, e vai publicando atualizações dos progressos dela.

Charlie passou-lhes revista. De início revelando choque e mantendo-se discretas, as publicações aos poucos tornaram-se mais positivas, com Winter a falar animadamente dos progressos da filha, até da sua

capacidade para comunicar com ele, antes de se tornarem de novo mais sombrias face à súbita deterioração do estado de saúde dela.

— Ele está bastante irritado — murmurou Charlie, quase como se falasse para si própria, ao ler as publicações mais recentes.

— Com quem? — quis saber Helen.

— Com toda a gente. Inicialmente, divulga apenas os factos, pneumonia contraída no hospital, mas depois começa a disparar sobre toda a gente. Médicos, enfermeiras, a vida, Deus, a ex-mulher, claro.

— «Espero que a cabra sem coração se sinta feliz com a sua nova vida» — leu Hudson, espreitando por cima do ombro dela. — Que requinte...

— Não refere o Campbell, a Scott ou o Morgan.

— Seria improvável. Ou não há ligação entre eles e portanto é irrelevante, ou ele tratou de lhes fazer mal, mas sem os alertar antes.

— Seja como for, temos de falar com ele — disse Helen, levantando-se.

— Vocês ficam aqui. Desenterrem tudo o que puderem sobre a natureza e o *timing* da tentativa de suicídio da Julia. Eu encontro o Winter.

Helen pegou nas chaves e preparou-se para sair. Mas, entretanto, o seu telefone deu sinal. Retirando-o do bolso, ficou surpresa por ver que era uma mensagem de Emilia Garanita. Era curta mas dizia tudo: «As mortes são sacrifícios viking. Ver Uppsala.»

Surpreendida, Helen regressou à sua secretária. Virando o portátil para si, procurou «Uppsala sacrificio» no *Google* e surgiu de imediato uma seleção de pequenas imagens no ecrã. Clicou na primeira, em pulgas para perceber ao que se referiria Emilia com a sua mensagem críptica. Enquanto o fazia, Hudson e Charlie rodearam-na intrigados e baralhados com o seu súbito regresso.

Por momentos, o tempo parou. O desenho a lápis no ecrã mostrava um homem semidespido, pendurado de pernas para o ar numa árvore. Havia uma pequena multidão à volta dele, com alguns presentes aparentemente envolvidos na execução, outros simplesmente a observar a poça de sangue que se formava por baixo dele no chão da floresta.

— Chama-se «O Sacrifício de Sangue» — murmurou Helen, lendo apressadamente o texto. — Era a forma definitiva de expiação para quem pecara. — Helen continuou a ler, devorando os pormenores. — Uppsala foi o primeiro local onde se testemunhou este tipo de sacrifício, por um mercador em viagem. Onde fica isso?

Hudson já abriu a *Google Maps*.

— No centro da Suécia, a norte de Estocolmo. Mas a poucos quilómetros de Haga...

— Onde nasceu o Winter — acrescentou Charlie, pegando no fio da meada de Hudson.

— Presumivelmente, já conheceria estes mitos. Talvez lhos tivessem contado em rapaz?

E agora, ao dizê-lo, ocorreu outro pensamento a Helen. Escrevendo com rapidez, abriu outra imagem, aumentando-a para que Charlie e Hudson vissem. Era uma fotografia de um capacete viking, em perfeito estado de conservação num museu de Estocolmo, e ao vê-lo todos emudeceram. Não havia cornos naquele elmo, ao contrário das antigas bandas desenhadas, apenas um capacete liso de caveira, com proteção para bochechas e nariz, e por cima dois fantasmagóricos buracos para os olhos.

Helen irrompeu intempestivamente pelas portas e atravessou o átrio rapidamente. Ignorando o escrutínio da rececionista do hospital, avançou em passos firmes para a zona do elevador. Já visitara a unidade de alta dependência e sabia exatamente onde se dirigir.

Em menos de um minuto, cruzava o linóleo cinzento baço que levava à entrada da unidade. As pessoas olharam à sua passagem, intrigadas com tal urgência, mas ela não lhes prestou atenção. Ao abeirar-se das portas duplas, uma idosa passou pelas mesmas, segurando-as para que Helen passasse e sorrindo com simpatia. Helen retribuiu o sorriso e desapareceu no interior.

Havia apenas uma meia dúzia de camas na unidade. As visitas eram bastante controladas, dada a gravidade do estado dos pacientes, mas o horário era mais generoso, presumivelmente devido à possibilidade de uma reviravolta súbita para o pior. Aquando da visita que lhe tinham feito no início da semana, Oliver Winter encontrava-se junto à cama da filha, mas para surpresa de Helen hoje não estava sequer na unidade. Julia encontrava-se sozinha e inconsciente no leito, acompanhada apenas pelas máquinas sempre a emitir *bips* que a mantinham viva.

— Perdeu-o por pouco. — Helen virou-se e viu uma jovem enfermeira a aproximar-se. — É da família? Se for, vou ter de lhe pedir que assine o registo...

— Inspecitora-chefe Helen Grace, Polícia de Hampshire — informou à enfermeira, mostrando-lhe o seu crachá.

— Oh, entendo...

— Preciso de falar com o Sr. Winter. Conta que ele volte?

— Por norma, nunca sai durante o período de visitas diurnas —

respondeu, recuperando o sorriso. — Bem, pelo menos até o expulsarmos. Mas não percebi bem o que se passou hoje. Mal chegou, foi-se embora. Uma das outras enfermeiras disse que ele recebeu uma chamada, que teve de ir a casa com urgência, mas ficámos de lhe ligar se houvesse...

— Então, ele não disse se voltava? — interrompeu Helen, com gentileza.

— Que eu saiba não, lamento — respondeu a jovem enfermeira, encolhendo os ombros, antes de espreitar por cima do ombro. — Bem, mas é melhor eu voltar ao meu serviço.

Helen deixou-a ir, frustrada com a ausência de Winter, mas intrigada com o testemunho da enfermeira. Como é que Winter conciliava toda a atenção devotada à filha com a sua agenda profissional? Tinha um cargo de gerência importante, mas parecia passar dias inteiros, talvez toda a semana, no hospital. Estaria de baixa para apoio à família? Ter-se-ia despedido? Mais importante, teria a jovem enfermeira inadvertidamente feito incidir uma luz penetrante nos *timings* dos crimes?

Helen estava cada vez mais convencida de que Oliver Winter instigara aqueles homicídios, talvez até ele próprio os tivesse executado. Conhecia bem a zona, tendo vivido ali nos últimos 25 anos, e era um engenheiro experiente, presumivelmente capaz de projetar e fabricar armas domésticas. Se as teorias deles estivessem corretas, teria também um forte motivo para querer infligir sofrimento às três vítimas. Se eles estivessem certos, se Winter fosse o autor, então as suas saídas noturnas de repente faziam todo o sentido. Tinham partido do princípio de que o assassino optara por agir a coberto da escuridão para facilitar os ataques, ou por ter um emprego que o mantivesse ocupado durante o dia. Mas talvez houvesse uma razão muito simples para esses crimes ocorrerem à noite — porque o amor mantinha-o ocupado durante o dia.

Ela andou de um lado para o outro, sempre a dar passas no cigarro.

Alice Winter sabia que aquele momento chegaria — quando o teria de enfrentar de frente —, mas ainda assim o iminente encontro com o seu ex-marido deixava-a indisposta e tensa. O seu casamento fora de curta duração e um erro. Ela tinha pouco mais de 20 anos, era praticamente uma criança, quando conheceu Oliver num bar em Estocolmo. Era uma rapariga do campo que se deixou deslumbrar com a confiança dele, a sua sofisticação e charme, de tal maneira que foi arrebatada pelo seu romance inebriante, casando seis meses depois de se conhecerem.

Enquanto viveram na Suécia, as coisas correram bem. Oliver era exigente e irritava-se com facilidade, mas eram bastante felizes. Depois, ela engravidou e, pouco depois disso, ainda a lidar com uma depressão pós-parto, mudaram-se para Inglaterra. Sem discussões nem hesitações, limitara-se a seguir Oliver e a ambição profissional dele, e de repente deu por si a viver em Southampton com uma bebé. Praticamente não via ninguém durante do dia, e Oliver era ensimesmado e monossilábico à noite, com o novo emprego a revelar-se mais stressante do que contara. Alice não falava inglês, e na era pré-Facebook era fácil perder o contacto com os amigos da terra natal. Na verdade, sentira-se péssima desde que aterraram.

Oliver começou por ficar espantado, quando ela lhe disse que queria regressar a casa, mas reagiu com a sua típica determinação. Disse-lhe que podia ir, se quisesse, mas que ele ficava em Inglaterra, com Julia. Depois, foi a vez de ela ficar estupefacta — ele era tão cínico, tão meticuloso a destruir o casamento —, mas, na verdade, em parte sentiu-se aliviada. Nunca planeara ser mãe tão cedo — sentia-se presa,

de mãos atadas, um fracasso. E, apesar de lhe despedaçar o coração quando a bebé Julia a olhava com amor, a separação proporcionava-lhe uma oportunidade inesperada: a possibilidade de começar de novo. Naturalmente, chegada a altura, hesitou, tentando negociar um acordo de compromisso com Oliver, mas ele revelou-se implacável. Ele ficaria com a custódia absoluta da sua adorada filha e Alice ficaria com a sua liberdade. Assim, envergonhada, regressou para a sua família e desde então viveu sob o peso da culpa.

— Afasta-te da minha casa!

Foi despertada dos seus devaneios pela voz do ex-marido. Atirando o cigarro para a sarjeta, virou-se para ele.

— Acredita em mim quando te digo que a última coisa que quero é estar aqui, Oliver, mas não me deste escolha.

— Tretas!

— Enviei-te inúmeras mensagens, a perguntar-te pela Julia, onde estava a ser tratada, mas nunca respondeste.

— Nós tínhamos um acordo, Alice. Pensei que tinhas percebido as condições.

Alice fitou-o. Ele estava mais velho, mais magro, mas ao mesmo tempo mais duro. Sempre emanara um certo brilho, mas já não estava lá, fora substituído por algo mais inquietante. Nunca se revelara declaradamente violento durante o casamento, apesar de lhe ter batido uma ou outra vez, mas parecia-lhe muito mais intimidante do que se recordava.

— As coisas mudam — respondeu ela com coragem, não se deixando intimidar. — Cometi erros, imensos, mas estou mais velha, mais madura. E se a Julia, a nossa filha, ainda não partiu, quero vê-la.

— Para fazeres as pazes com ela? — replicou ele, com sarcasmo.

— Sim, para lhe dizer que a amo.

Ela sentiu as lágrimas a formarem-se, mas conteve-as, recusando-se a dar-lhe esse gosto.

— Bem, lamento, mas isso não vai acontecer.

— Tenho uma carta do meu advogado, um advogado britânico, a requisitar aos serviços familiares de Hampshire uma ordem de acesso de emergência. — Entregou-lhe a carta. — Ora bem, podes dar luta,

mas vais perder. E, nesse caso, podem querer rever o acordo de custódia.

Mas Oliver limitou-se a abanar a cabeça, rasgando a carta ao meio, antes de avançar para a porta de entrada.

— Não a vais ver.

— Vou, sim — desafiou-o, erguendo o tom de voz.

— Não enquanto eu for vivo.

— Vim da Suécia para ver a minha filha — protestou, agarrando-lhe o braço quando ele tentava passar rente a ela. — E não vou para casa enquanto não o fizer. Por isso, ficas aqui a falar comigo. Nós vamos ter esta conversa, Oliver...

Ela estava praticamente a gritar e, pela primeira vez, o seu ex-marido pareceu hesitar. Olhou em volta, detetando alguns vizinhos do outro lado da rua, que os miravam sem disfarçar.

— Entra — rugiu ele.

Agarrando-a pelo braço, empurrou-a para dentro de casa, batendo com a porta atrás deles.

— Não podemos de maneira nenhuma facultar-lhe o acesso.

O consultor posicionou-se diretamente diante dela, obstruindo-lhe a passagem.

— Ela está numa condição estável, mas é o melhor que se pode dizer dela, pois sofre de pneumonia aguda já há umas semanas... Tem os pulmões parados, o sistema imunitário comprometido.

— Mas o pai visita-a todos os dias.

— Sob uma monitorização estrita e...

— Mesmo assim, vem cá todos os dias, falar com ela. E jura a pés juntos que ela consegue compreender e até responder.

— É verdade que a Dra. Ellis teve algum sucesso a comunicar com ela...

— Exato.

— Mas foi quando a Julia estava em melhor forma.

— E, na sua opinião, se eu falar diretamente com ela, ponho-lhe a vida em perigo?

Baines hesitou.

— Bem, não, não posso ter a certeza disso. Mas tente compreender que o corpo dela está basicamente a desligar. Mantemo-la viva na esperança de que haja melhoras, mas, sinceramente, seria um milagre. Na verdade, estamos perante um declínio controlado.

— O que torna ainda mais importante que eu fale com ela. Acho que ela foi vítima de um crime grave há quase uma década, um crime do qual é provavelmente a única testemunha que resta.

— Lamento, não posso permitir — insistiu Baines, abanando cabeça.

— O stress de ser interrogada por uma agente da polícia, de reviver o trauma... Bem, nem imagino o efeito que poderá ter nela. E dado que o pai de momento não está...

— Mais um motivo para eu a interrogar agora.

O consultor fez uma pausa, deixando assentar as implicações do que Helen dissera. Ele não fazia ideia de que crime poderia ser acusado Oliver Winter, mas dera rédea solta à sua imaginação. Helen reparou em pingos de suor a formarem-se na testa dele.

— Ouça, serei o mais breve possível — prosseguiu Helen. — E farei todos os esforços para não a perturbar. Mas preciso de falar com ela. — Helen fitava diretamente Baines e, por fim, após uma tremenda batalha, começou a notar sinais de compreensão na expressão dele. — Por isso, por favor, chame a Dra. Ellis. Faça o que for preciso, mas temos de avançar já com isto.

— Como é que funciona?

Helen estava enclausurada na unidade de alta dependência com a Dra. Louise Ellis. Haviam pedido a todos os visitantes que saíssem e estavam sozinhas, sem contar com Julia, ali deitada fora do alcance do ouvido. A jovem, com imensos tubos ligados aos seus braços, tinha agora elétrodos presos à testa e às têmporas.

— Trata-se de um sistema experimentado nos Estados Unidos com vítimas de acidentes rodoviários com ferimentos graves. Eram pessoas em estado vegetativo permanente... Não reagem, os hospitais estavam dispostos a desligar o suporte de vida, mas os testes provaram que muitas delas ainda conseguiam ouvir o que lhes era dito. Mais do que isso, conseguiam processar e reagir.

— Mas como é que se percebe o que dizem? Como é que podem responder de maneira a que percebamos?

— Não podem. Ou, pelo menos, não conseguem formar frases, mas conseguem dar um simples «sim» ou «não». Basicamente, partes diferentes do cérebro ativam-se em função do tipo de coisa em que se pensa. Se, por exemplo, pensar em fazer algo ativo, como correr ou dançar, a parte da frente do cérebro torna-se ativa. Se pensar em algo visual, como, por exemplo, um belo pôr do Sol, então o córtex na parte de trás do cérebro ativa-se.

— Então, faz-se uma pergunta — Helen precisou de esclarecer — e, se ela quiser responder «sim», pensa em correr, e, se quiser responder «não», imagina um pôr do Sol?

A Dra. Ellis assentiu com a cabeça, apontando para um monitor de alta resolução ao lado da cama de Julia.

— O ecrã ilumina o lado do cérebro que ela ativa. Não é infalível, mas tem sido bastante eficaz. Ela e o pai tiveram conversas demoradas no passado. Mais recentemente, tem sido em sentido único, claro, com

ele a falar com ela, o que não me parece necessariamente boa ideia. Quando se passa mal, precisa-se de toda a ajuda e encorajamento, mas pode ser muito stressante ser bombardeado com informação sobre a qual não se exerce controlo.

Helen espreitou para a jovem, aparentemente tão tranquila no seu leito de hospital. Parecia uma crueldade perturbá-la, mas ela não tinha alternativa, pelo que, virando-se uma vez mais para a Dra. Ellis, anunciou:

— Estou pronta.

Helen sentou-se junto de Julia, empoleirada na beira da cama. A Dra. Ellis posicionou-se do outro lado, calada e discreta. Aclarando a garganta, Helen começou:

— Olá, Julia. Chamo-me Helen Grace. Sou agente da polícia e estou aqui para a ajudar. — Helen olhou para a Dra. Ellis, que fez sinal com a cabeça para que prosseguisse. — Se não quiser conversar comigo, compreendo. Basta indicar «não» e deixo-a em paz. Mas sei que sofreu, agora e no passado, e penso que poderá ter muito para me contar, se conseguir.

O monitor, a sombra fantasmagórica do cérebro de Julia, permaneceu sem vida, mas Helen insistiu.

— Estou de momento a investigar uma série de crimes graves. Três pessoas foram assassinadas, pessoas que conhece. Tom Campbell. Lauren Scott. Caleb Morgan. Sei que deve ser surpreendente, e até perturbador, voltar a ouvir esses nomes, mas gostaria de lhe fazer umas perguntas sobre eles. Posso avançar?

Ainda nada. Preocupada, Helen olhou com ansiedade para a médica, para dar com ela a assentir significativamente para o ecrã. Helen devolveu o olhar ao monitor e viu a parte da frente do cérebro de Julia a acender brevemente, antes de retornar ao cinzento. Era estranho como parecia belo... o clarão verde-vivo antes de voltar a ser monocromático.

— Obrigada, Julia. Ora bem, sabemos que essas pessoas foram suas amigas, que viveu durante uns tempos com a Lauren. Mas penso que, de alguma maneira, lhe terão feito mal... — Helen hesitou por

momentos, antes de prosseguir: — Cerca de dois meses antes do seu acidente na ponte, foram todos a uma festa. Uma festa de lua cheia na New Forest. Acreditamos que foi instigada pelo Caleb Morgan e que ele tinha um objetivo específico em mente. Julia, quero perguntar-lhe se nessa noite o Caleb a atacou.

Seguiu-se uma pausa bastante demorada, para depois a parte da frente do seu cérebro voltar a iluminar-se. Helen sentiu um turbilhão de emoções — uma descarga de excitação por finalmente estarem a avançar, temperada por uma profunda tristeza por Julia. Praticamente, não passava de uma miúda quando fora vítima do ataque.

— Ele violou-a?

Outra resposta afirmativa. Helen sentiu-se cada vez mais enfurecida, mas dominou-se.

— A Lauren e Tom testemunharam o ataque?

Dessa vez acendeu-se a parte de trás do cérebro. Helen hesitou, momentaneamente perdida, e depois prosseguiu, retomando por instinto o caminho que seguia.

— Confidenciou a alguém a sua provação? Vivia com a Lauren. Contou-lhe?

Após uma ligeira demora, brilhou a parte frontal do cérebro de Julia.

— Contou à polícia?

Apercebendo-se da resposta negativa de Julia, Helen refletiu sobre a pergunta seguinte:

— A Lauren pediu-lhe que não contasse?

A resposta foi um «sim» claro, com a parte da frente do cérebro agora a iluminar-se intensamente. Começava a formar-se um quadro — o ataque, a devastação posterior, mas também a tentativa de Lauren Scott, possivelmente a par de Campbell, para limitar os danos. Talvez fossem dominados por Morgan, talvez ele tivesse algo que pudesse usar contra eles. De uma maneira ou de outra, refugiaram-se no seu canto, virando-se contra Julia em vez de a ajudarem.

— E... e o seu pai sabe disso? Do ataque? Da tentativa de a silenciarem?

Mais uma resposta afirmativa.

— Sei que pode ser-lhe difícil responder com sinceridade, mas temos mesmo de conhecer a verdade, Julia. O seu pai... quando descobriu o que se passou, fez alguma coisa em relação a isso?

Dessa vez, o ecrã não revelou alterações.

— Foi vítima de uma tremenda injustiça, Julia. O Caleb Morgan devia ter sido detido e julgado, assim como, possivelmente, a Lauren Scott e o Tom Campbell. Mas a vingança não é justiça. Porque inocentes sofrem. A Lauren Scott estava grávida, tinha um companheiro que a amava, tal como o Tom Campbell, pessoas que agora sofrem, tal como a Julia. Por isso, por favor, caso saiba, diga-me. O seu pai matou o Caleb Morgan, a Lauren Scott e o Tom Campbell?

Mais uma longa e excruciante pausa, até que a parte frontal do cérebro de Julia brilhou a verde. Helen expirou de forma prolongada e lenta. Finalmente, ali estava a resposta ao enigma que há tanto os deixava perplexos.

Tendo antes tentado adivinhar o que Oliver Winter tão empenhadamente conversava com ela, dia após dia, Helen começou a questionar-se se poderia ter «envolvido» Julia no seu plano, relatando-lhe os seus atos na esperança de mitigar a sua culpa e dando alguma satisfação, algum sentido de justiça. Mas foi tráfego de sentido único, pois Julia não dispôs da oportunidade de responder, daí Helen ter lançado uma derradeira pergunta:

— E gostaria que ele parasse, Julia?

Helen olhou para o monitor. Um segundo depois, a parte frontal do cérebro de Julia iluminou-se com um verde brilhante.

— Basta! — Ele cuspiu a palavra sem disfarçar a maldade. — Já disseste o que aqui vieste dizer. E já te dei a minha resposta. Aqui, não há nada para ti, por isso, vai-te embora. Agarrou-a pelo braço, mas Alice libertou-se dele. Já discutiam há praticamente uma hora, mas ela ainda não terminara.

— Olha, Oliver, sei que te é penoso veres-me, que o que te peço te enfurece. E se queres que diga que estraguei tudo, que a tratei mal, tenho todo o gosto em fazê-lo. Fiz mal em agir assim. — Tentara ameaçá-lo com uma ação legal, apelara ao forte sentido de moralidade dele, argumentando que tinha o direito de ver a própria filha, mas nada o demovera, e ela já estava cansada de se repetir. A sua única esperança agora era alinhar no jogo dele, rebaixar-se, para o levar a suavizar a sua postura. — Para uma mãe abandonar assim uma filha... Posso inventar desculpas relativas à minha juventude, ao meu estado de espírito, mas nada disso serve para melhorar o que seja. — Ela não acreditava no que dizia; era jovem e ele obrigara-a a tomar uma má decisão, mas achou que seria o que ele queria ouvir. — E acredita no que te digo, Oliver, arrependo-me desde o primeiro dia.

— Tanto que arranjaste uma nova família.

— E porque não? Aqui não havia nada para mim, deixaste isso bem claro, e eu ainda tinha uma vida pela frente.

— Então, porquê agora? Porquê regressar agora quando tens uma vida tão boa? Para quê voltar a isto?

— Já passámos por isso — reagiu Alice, sem conseguir esconder o desespero. — Tenho uma filha, uma filha que até recentemente nem imaginava que tinha uma meia-irmã. Por ela, tive de vir...

— Não lhe devias ter contado.

— Mas como não? A Julia tem o sangue dela. É minha filha.

— Não, ela é *minha* filha. Quando partiste, abdicaste de todos os

direitos sobre ela.

As palavras dele cravaram-se bem fundo. Alice desejou, desesperadamente, responder, para se justificar, mas ele não lhe deu espaço.

— Fui eu quem a criou, quem a educou. Fui eu que a acompanhei às aulas de dança, a levei às sessões de hipismo, lhe expliquei o período, a confortei quando lhe deram tampas. Eu fiz tudo isso, não tu.

— Oliver, por favor...

— Apoiei-a durante os exames, ajudei-a a entrar na universidade e quando... e quando sofreu o acidente, *eu* tomei conta dela. Há nove anos que tomo conta dela, Alice.

— Eu não sabia do acidente, não sabia de nada disso.

— Porque não querias saber. Porque não perguntaste.

— Ter-me-ias mandado para o inferno.

— E teria feito bem. És fraca, Alice. E egoísta. Ela estava melhor sem ti.

Os olhos de Alice ficaram cheios de lágrimas. As palavras de Oliver magoaram-na; em parte, por ela desconfiar que poderiam ser verdadeiras. Mas recusou-se a encolher-se, pois havia muito em jogo.

— Se me tivesses dito que ela estava a sofrer, se me tivesse contado o que aconteceu, eu teria regressado, é claro que sim, mas deliberadamente escondeste-me tudo. — Oliver riu-se demoradamente, num tom amargo. — Escondeste-me isso só para me magoar. Como tentas magoar-me agora.

— Tu não fazes ideia — reagiu ele com desprezo. — Não fazes ideia do que significa sofrer. Com a tua casinha bonita e a tua bela família...

Fitava-a com intensidade, de um modo que a deixava visivelmente desconfortável. A fúria que antes sentia já sumira — agora parecia estar a gostar, a deleitar-se com o sofrimento dela.

— Passei todo o tempo de que dispunha junto à cama da Julia. A dar-lhe carinho, a falar com ela, a comunicar com ela. A dar-lhe uma razão para viver. Sacrifiquei a minha própria felicidade, quaisquer hipóteses de outro relacionamento, até o meu emprego. E sabes que mais? Fi-lo com gosto, empenhado, porque amo a minha filha, porque

ela precisa de mim.

— Eu sei isso, Oliver, e fico-te grata por tu...

— E sabes porque é que ela precisava de mim, porque é que sofria tanto?

— Porque andava com dificuldades no trabalho, como disseste. Por ter chumbado nos exames...

— Por ter sido violada. — Alice ficou espedaçada a olhar para ele, estupefacta. Foi como se tivesse levado um soco no estômago, como se não conseguisse respirar. — Violada por um animal que se aproveitou da ingenuidade dela, da sua juventude.

— Não, Oliver...

— Era uma menina, a *minha* menina, com a vida toda pela frente. Era inteligente, carinhosa e divertida, e linda... e ele tirou-lhe isso tudo.

— Não acredito em ti, eu não...

Mas ela acreditou nele. A raiva pura no olhar dele não era fingida.

— De início não soube de nada, ela nunca me contou. Mas um dia cheguei a casa e encontrei uma carta de despedida ao lado do diário dela. Estava ali tudo, acredita, mas só li umas palavras antes de sair porta fora. Tinha um pressentimento de onde ela poderia ir, mas não cheguei lá a tempo. — Ele respirava pesadamente, parecendo prestes a ceder às emoções. — Eu vi-a... na ponte. Chamei por ela, mas já foi tarde. — Apesar de tudo, Alice estendeu a mão, para lhe agarrar o braço. O que Oliver contava era para lá de horrível... e despedaçou-lhe o coração. — Segurei-a enquanto esperávamos pela ambulância, ali ajoelhado na rua. Pensei que a ia perder.

— Mas não perdeste, ajudaste-a a sobreviver.

— E se calhar não o deveria ter feito.

— Não digas isso. Agiste bem.

— Agi? Há nove anos que está naquela cama. A sofrer todo o tipo de indignidades, todo o tipo de procedimentos, e para quê? Está neste momento estendida na cama, com os pulmões a encherem-se, a afogar-se no seu próprio muco...

— Por favor, para — gritou Alice, incapaz de aguentar.

E, para sua surpresa, ele obedeceu, com a fúria e a inquietação de

repente a desaparecerem.

— Não devias ter tido de lidar com isto sozinho.

— E ligava a quem? A ti? — disse com sarcasmo, mas ela ignorou-o.

— À polícia. Devias ter ido à polícia.

— A sério? Com ela em coma, incapaz de falar, incapaz de confirmar o sucedido?

— Tinhas o diário.

— E ele tinha dois amigos, dois cúmplices, a postos para dizerem que nunca aconteceu, que era invenção da Julia. Achas que teria sido feita justiça?

— Mas é a função da polícia...

— Proteger violadores e mentirosos. Não ia pôr o destino dela nas mãos deles. A Julia é minha, sempre foi minha.

Pela primeira vez, Alice sentiu-se genuinamente desalentada. Havia algo na intensidade dele que a assustava.

— E se fôssemos agora à polícia? Tens o diário, podemos fazê-lo juntos. — Mas Oliver abanou a cabeça. — Estou a falar a sério, Oliver. Posso ficar o tempo que for preciso. Para garantir que esse homem é interrogado, acusado.

— Estás a perder tempo.

— Como é que podes dizer isso?

— Já vieste tarde.

O tom perentório foi de tal forma intenso que Alice parou.

— Não percebo.

— Nunca percebeste.

— Onde é que está esse homem? O que é que lhe aconteceu?

— Morreu.

Foi dito com tal calma que, por um momento, Alice ficou muda, antes de se conseguir recompor o suficiente para reagir:

— E os outros? Os que mentiram. De certeza que é possível...

— Também morreram.

E nesse momento Alice paralisou. O tom dele insinuava triunfo, mas tal não seria possível...?

— Como é que eles morreram, Oliver? — Mas o ex-marido dela limitou-se a fitá-la. — O que é que fizeste? — Ainda nada. — Por

favor, Oliver, estás a assustar-me. Conta-me o que se passou.

Ele continuou a olhar para ela, apreciando o seu desconforto. O ar parecia ter sido sugado da divisão — encontrava-se silencioso, tenso, febril —, então o pesado silêncio foi interrompido por um som enervante e insistente. O som de sirenes.

Oliver reagiu de imediato, correndo para a janela e espreitando para o exterior. Era inegável que as sirenes soavam cada vez mais alto, mais perto. Voltando-se, correu para a porta, mas Alice estendeu o braço, agarrando-o pelo casaco.

— Conta-me. Conta-me o que fizeste.

Ele deu-lhe uma cotovelada, acertando-lhe com força nas costelas. Mas ela não o largou, apesar de toda a dor que lhe percorria o corpo. Ele debateu-se para se libertar, puxando-lhe o cabelo enquanto a tentava repelir. Mas aquela era uma batalha que ela estava determinada a não perder.

De súbito, ela *tinha* de saber em quem se tornara o seu ex-marido.

Ela acelerou pela rua fora, posicionando a sua moto ao lado do carro de Hudson. Enquanto corria pelos corredores do hospital, Helen ligara a Charlie, para relatar o testemunho incriminatório de Julia. A sua amiga entrou de imediato em ação e, quando Helen chegou à sua *Kawasaki*, a equipa já estava a postos.

Helen não perdeu tempo e acelerou pela Upper Shirley. O som das sirenes intensificou-se à medida que se aproximavam da morada de Winter e, ao ver o carro de Hudson, colou-se à traseira dele. As luzes do carro dele abriram caminho a ambos, avançando velozmente. Já perto da casa de Oliver, indicou por gestos a Hudson que fosse pela frente, e ela afastou-se, contornando uma curva e depois outra, até à rua de trás.

Contando as casas, travou com uma derrapagem em frente ao portão das traseiras de Winter. Desligando o motor, saltou da moto a rodou a maçaneta. Não estranhou que estivesse trancada, mas não hesitou, apoiando o pé na maçaneta de ferro forjado e saltando por cima.

Aterrou com destreza do outro lado e rapidamente avançou. Sem abrandar, sacou o bastão extensível do cinto, estendendo-o por completo, enquanto corria para as traseiras da propriedade. Algo lhe dizia que Winter não iria sair a bem.

Estava agora junto à porta das traseiras. Ia a agarrar a maçaneta quando a porta foi aberta de supetão. Instintivamente, ergueu o braço quando uma forma corpulenta se lançou a ela.

Mas era apenas Joseph Hudson. Exibia um ar perturbado e desapontado, o que lhe revelou tudo aquilo que ela precisava de saber.

Tinham chegado demasiado tarde.

— Eu não sabia o que ele andava a fazer. Eu não sabia de nada disto.

Helen sentia-se tentada a acreditar nela. Alice Winter estava pálida de morte, a não ser por uma mancha de sangue na boca e na bochecha. A mobília derrubada sugeria a ocorrência de uma luta, tal como o lenço ensanguentado colado ao nariz dela.

— Vim visitar a minha filha — insistiu a mulher, em choque. — Sabia que ela estava no hospital, que passava mal... mas... mas não sabia que tinha sido atacada, quanto mais que o Oliver poderia...

Interrompeu-se, ainda a tentar processar as suas recentes descobertas.

— Não teve contacto com o seu marido desde que deixou o país?

— Não. Tentei ligar-lhe, os meus advogados tentaram ligar-lhe...

— E ele nunca lhe contou da Julia?

Pesarosamente, ela disse que não.

— Queria-a só para ele. E talvez desejasse castigar-me.

Era cruel, era desagradável, mas fazia sentido.

— Alguma vez foi violento consigo?

— Uma ou outra vez, mas nada de grave.

— Então, nunca tinha feito nada como isto, antes?

— Não. Mas fez o serviço militar na Suécia... Na época era obrigatório... por isso tinha conhecimentos de combate, técnicas de camuflagem.

— Percebo. E durante o casamento, ele caçava? Ou praticava tiro ao alvo?

— Não. Mas fazia-o na Suécia. Quando era miúdo, o avô levava-o. Iam caçar alces com arco e flecha. Agora é ilegal, mas na altura...

— Então, ele saberia usar um arco — interrompeu Helen. — E uma besta, mais especificamente.

— Claro — respondeu Alice, prosaica. — O avô tinha vários, era louco por eles, e ao fim do dia ele entregava-lhos, para que os limpasse. O Oliver adorava aquela besta... — Helen fitou-a, enquanto Alice concluía: — ... e conhecia-a ao pormenor.

Ele caminhou em frente, mergulhando cada vez mais fundo no refúgio da floresta. Sabia que aquele momento chegaria e, apesar de ter ficado abalado com o súbito deslindar dos seus planos, no seguimento da chegada de Alice, sentia-se agora estranhamente calmo. Há muito que estava preparado.

Parou e pousou a sua pesada mochila. Observou por momentos o arvoredo imóvel e tranquilo, apreciando a sensação de satisfação que aquele ambiente lhe proporcionava, antes de abrir o saco e retirar o conteúdo. O Sol mergulhava para lá do horizonte, com os seus derradeiros raios dourados a espreitar por entre os ramos mais baixos, o que significava que estava a chegar a altura ideal.

Nos últimos nove anos, a sua vida fora consumida pela dor. Desespero profundo e torturante, pontuado por acessos de fúria louca e momentos de esgotamento absoluto. Os seus dias tinham sido dedicados a Julia, e fora maravilhoso. Mas também se revelara horrível, observar o que sobrava da sua filha, a esvaziar-se, estendida em coma numa cama. Mas isso não era nada comparado com a angústia das noites, quando a solidão esmagadora se apoderava dele, quando a sua única companhia eram os seus arrependimentos, o mau génio e a angústia. Não desistira de tentar chegar a Julia, passando horas no seu quarto a tentar captar a sua bondade, a sua positividade, a sua graciosidade, mas a cada ano decorrido achou cada vez mais difícil silenciar as vozes que se erguiam dentro de si.

Assim, procurou os atacantes dela, os traidores, no *Facebook*, no *LinkedIn*, no *Twitter*, devorando os detalhes das suas vidas. Informara-se quanto às suas adversidades e reveses, mas também quanto aos pontos altos — novas casas, carros, férias, até o noivado de Campbell.

De início, fora consumido pela amargura, por eles ainda viverem, rirem, divertirem-se, e depois fora tomado pela raiva, ao saber por notícias de jornais locais que Morgan voltara a atacar, arruinando mais jovens vidas. E, quando as trevas se abateram, demónios incômodos e insistentes rodearam-no, exigindo vingança, exigindo expiação. No final, acabara por ceder, acolhendo a mudança que se operara em si.

Depois disso, passou noites a preparar-se, a construir a sua besta, uma réplica da que tanto apreciara em rapaz, preparando a sua armadura de combate. De início, sentira-se desconfortável, até inibido, ao enfiar o couro preto que lhe enclausurava o tronco, os braços, as pernas, mas com o tempo começou a vibrar com a sensação de poder e invulnerabilidade que lhe facultava. O capuz deu-lhe conforto, escondendo-o de olhos observadores, de alguém que por acaso o visse na floresta escura, mas foi o capacete, feito com as suas próprias mãos na sua oficina, que concluiu a mudança. Era simples e forte, mas de alguma forma completou-o. Por si só, parecia ter o poder de banir Oliver Winter e substituí-lo por alguém maior, melhor e mais forte. Quando vestido para a batalha, já não restavam dúvidas, medos ou remorsos. O homem obstinado, diligente e atencioso, que educadamente agradecia aos cuidadores da filha, mesmo quando conspiravam para desligar o suporte de vida... essa pessoa fraca e cobarde desaparecia assim que o capacete era posto.

Então, passava a ser outra coisa. Passava a ser um filho da noite.

Ela acelerou ao longo do alcatrão, com os olhos colados à estrada.

Volta e meia espreitava para o retrovisor, mas Hudson não passava já de uma pinta ao longe, com a luz pulsante a revelar-se a única parte visível do carro. Ela violava o protocolo não esperando por ele, mas todos os segundos contavam, agora que sabiam que Winter se encontrava de novo na floresta.

Um *Land Rover* roubado fora avistado a abandonar o limite ocidental da cidade, antes de desaparecer nas vias rurais. A viatura, levada três semanas antes de um parque de estacionamento em Woolston, constava da lista de vigilância da equipa, e uma brigada de trânsito fora destacada para a apanhar. Meia hora mais tarde, um agente de olho apurado detetara o velho jipe escondido na vegetação junto a Burgate, nos limites da floresta. A viatura estava destrancada, com as chaves ainda na ignição, e na mala estava um tubo de borracha com dois metros e meio de comprimento. Pormenor que revelou a Helen tudo o que precisava de saber. Winter não dispunha de planos de fuga.

Pretenderia infligir mal a si próprio? Ou fazer uma derradeira investida? De um modo ou de outro, tinham de o apanhar depressa. Apesar de todos os alertas, ainda havia gente a visitar a floresta, por ignorância ou ousadia, já para não falar nos residentes que viviam na orla dos bosques. Se Winter lá estava, tinham de o apanhar. Não havia sinais da sua besta na casa, na oficina nem no jipe, por isso assumira que estaria armado e, como tal, seria perigoso.

Duas unidades táticas dirigiam-se para a floresta, e, embora Helen esperasse que não fossem necessárias, temia que fossem. Winter pisara o risco, já conhecia o sabor da morte, e seria complicado apanhá-lo

pelos meios convencionais, em especial num território que lhes era tão pouco familiar.

Helen sentia uma ponta de excitação, apesar de toda a tensão que a dominava intimamente. Acelerava na direção do suspeito, na direção de um desfecho incerto e possivelmente violento para aquele caso, mas finalmente o homicida estava à vista.

O fim aproximava-se.

Ele caminhou pela floresta, com cuidado para não produzir um único som. Percorrera muitas vezes aqueles caminhos, primeiro com Alice e a filha de ambos, mais tarde apenas com Julia, e conhecia-os como a palma das mãos. Mas, agora, representavam algo diferente. Antes, a floresta era uma distração, uma pausa face às preocupações do dia a dia. Agora, era o seu refúgio, o seu casulo.

Algumas pessoas consideravam intimidantes, até sinistros, os ramos enormes que se estendiam mais acima, mas a ele pareciam-lhe braços gigantes a entrelaçá-lo. Agora, a floresta era uma amiga; não, mais do que isso, era uma aliada, um lugar onde podia ser o que precisava de ser.

Se se tivesse cruzado com Caleb no decorrer da vida normal, teria tido coragem de o abater? E a Campbell e a Scott? Nas horas diurnas, cercado pelas armadilhas da existência quotidiana, sentia-se inseguro, frustrado, impotente. Mas, na floresta, era diferente. Ali, podia libertar-se de quaisquer instintos de misericórdia e piedade, cedendo à raiva e ao ódio. Matar aqueles cavalos fora desagradável, mas necessário — um passo importante na jornada, enquanto apurava as suas capacidades e se envolvia na sua nova identidade. Vestir a capa de caçador levava-o a sentir-se mais alto, mais forte, intocável, mas não era tudo. A própria natureza do tempo parecia alterar-se assim que se posicionava sob o dossel daqueles ramos envelhecidos. Ali, o tempo parecia estar do seu lado.

Quando se aproximava das suas presas, quando elas se sentiam exaustas, desesperadas, o tempo parecia abrandar. Conseguia interiorizar todos os detalhes — a angústia nos seus olhos, o sangue na sua pele, as unhas sujas, quando tentavam tocar-lhe, suplicantes. Os

segundos pareciam estender-se — era como se visse as setas em câmara lenta, a libertarem-se das suas amarras e a precipitarem-se no ar, antes de se cravarem nas suas presas. Eram esses os momentos que saboreava — o choque no rosto deles, enquanto se esvaía deles o fluido vital.

Já antes experimentara algo assim. Mas tal experiência fora menos agradável, a pior da sua vida. Depois de descobrir a carta de suicídio de Julia, correria para a ponte Itchen, convencido de que ela seguiria para lá, tal como outros já haviam feito. Se naquele dia o trânsito não estivesse tão terrível, se tivesse chegado a casa uns minutos antes, talvez a tivesse apanhado. Tal como se passou, chegou à ponte precisamente quando ela trepava as grades de segurança. Chamara por ela, gritara e berrara, mas não o terá ouvido. Viu-a dar um passo cauteloso na beira, e depois outro. Ele corria, mas não suficientemente depressa, as pernas a moverem-se em câmara lenta. Gritava. Ela iria ouvi-lo e parar, certo? Mas, em vez disso, simplesmente largou as mãos, pairando com incerteza na beira durante uma eternidade, antes de abrir os braços e voar.

Oliver Winter nunca vira o tempo a deformar-se daquela forma — atormentando-o com a possibilidade de a alcançar, para depois lhe destruir as esperanças. Desde então, gozara daquela experiência estranha e mágica uma série de vezes, naquele lugar, o seu recreio noturno.

As pessoas iriam julgá-lo, chamar-lhe psicótico, perturbado, mas as mortes deles pareceram-lhe justas. Era uma vingança, o dever de um pai. Não iria pedir desculpa, nem curvaria a cabeça ou entregar-se para detenção. Nunca traçara planos para fugir à justiça, para evitar as malditas consequências, e estava determinado a concluir isso nos seus próprios termos.

A triste história iniciara-se na floresta muitos anos atrás e, hoje, conheceria lá o seu fim também.

Ignorando a dor na perna, Charlie correu pelo asfalto, agachando-se para evitar as pás. Helen chegara à floresta, estabelecendo contacto com as unidades táticas que andavam por lá espalhadas, e iniciava agora a sua busca. Mas, antes de o fazer, ligara a Charlie, dizendo-lhe para seguir para o heliporto. Já caía a noite e a zona que tinham de palmilhar era vasta — precisariam de um olho no céu, se queriam apanhar Winter.

O piloto abriu a porta e Charlie subiu para o interior, prendendo o cinto. Tratava-se apenas da segunda vez que viajava no helicóptero da polícia, e o ruído, energia e força da máquina eram estimulantes. Em menos de cinco minutos estariam sobre a New Forest, projetando o seu raio pela escuridão. A luz do helicóptero era intensamente poderosa e assustaria os restantes habitantes da floresta ao varrer as suas profundezas. Iria apanhar Winter no seu feixe? Assim que fosse avistado e conseguissem monitorizar pelo ar o seu progresso, não haveria escapatória.

— Pronta?

Charlie assentiu, levantando os polegares para o piloto. De imediato, ele deu gás e as pás giraram de forma ensurdecadora. Segundos depois, toda a aeronave se ergueu no ar, vacilando um pouco sobre a plataforma, antes de se afastar em curva pelo céu noturno.

O carro saltou sobre a relva, derrapando até parar junto à orla da floresta. A *Kawasaki* de Helen estava parada ali perto, ao lado das carrinhas das unidades de apoio, mas não havia sinais da mulher. Praguejando, Hudson bateu com a porta e caminhou na direção da moto. Dera o seu melhor para a acompanhar, mas era uma luta desigual e perdera-a de vista na circunvalação. Circulando ainda mais depressa, contara encontrar-se com ela antes de se iniciar a caçada, para estar no cerne da ação quando Winter finalmente fosse apanhado, mas ela não esperara. Como ele desejara ter a sua moto com ele quando foi chamado, em vez do pesado carro de serviço.

Outra viatura acabara de estacionar e Hudson viu a inspetora McAndrew a sair, seguida por Osbourne. Os restantes vinham logo atrás e em breve todos se desdobrariam, penetrando nos recantos mais profundos da floresta em busca de Oliver Winter. Hudson não tinha dúvidas de que o principal suspeito deles estaria ali algures, o que o deixou tremendamente nervoso. Por algum motivo Winter refugiara-se ali, sabendo perfeitamente que poucas hipóteses teria de escapar no mundo real. Ali, ao ar livre, podiam ser destacados todos os meios para o apanhar, mas a floresta era onde se sentia em casa. Dentro dos seus limites, a vantagem seria dele. Até experientes atiradores da polícia estariam fora do seu elemento, desconhecendo os seus carreiros ocultos e esconderijos secretos. O que significaria isso para eles? E para Helen?

— O que queres fazer? — McAndrew e Osbourne juntaram-se a ele.
— Queres esperar ou...?

Hudson olhou para a inspetora e, depois, para trás dela para os outros carros que estavam a estacionar. Era uma decisão difícil — toda

a equipa estava ali, mas encontravam-se desarmados. O ideal seria esperarem até ser enviado o helicóptero, até se juntar a eles a terceira unidade armada. Mas essa vinha de Bournemouth e levaria quase uma hora a chegar, daí Hudson ter dado por si a dizer:

— Vamos entrar.

Gesticulando aos outros para que o seguissem, Hudson partiu, com McAndrew e Osbourne na sua peugada. Era arriscado, seria provavelmente imprudente, mas Hudson não via alternativa.

Helen andava algures na floresta, a enfrentar um perigo sinistro e oculto, e de maneira nenhuma iria abandoná-la à sua sorte.

— **M**antenham-se juntos.

A sua ordem sussurrada teve efeito imediato, com os agentes armados a cerrarem de novo fileiras, avançando numa formação em seta cingida, com Helen na ponta. Em circunstâncias normais, seriam eles a liderar, pois eram os mais bem preparados para neutralizar uma ameaça imediata à vida, mas naquela noite era diferente. Sentiu-se grata pela presença deles, mas os jovens agentes pareciam demasiado excitados, até um pouco nervosos, desconcertados com a escuridão envolvente e os constantes ruídos discretos em redor. E, apesar de ter de recorrer a eles se confrontassem Winter, não os queria agitados caso se cruzassem com um campista perdido ou um habitante da floresta. Por ora, iria liderar, sendo os olhos e os ouvidos deles enquanto perseguiam um assassino brutal.

Tinham arrancado em Burgate, nos limites ocidentais da floresta, abrindo caminho para o interior. Rumando a leste, cingiram-se aos carreiros, abrindo ocasionalmente em leque, antes de retomarem a formação, sempre a vasculhar a escuridão em busca de sinais de vida. Era possível que Winter pudesse andar pela orla da floresta, mantendo-se longe da vista, mas ainda assim capaz de fugir dos seus confins, só que algo dizia a Helen que ele rumaria bem para o interior, refugiando-se no coração sombrio da floresta.

E seguiram em frente, passando cuidadosamente sobre galhos caídos, evitando os inúmeros buracos que pejavam o solo da floresta. Os feixes das lanternas eram mantidos baixos, para verem o que se encontrava diretamente à frente deles, sem denunciar o seu avanço. Olhando para os feixes diminutos, pontinhos em comparação com a monumental escuridão da floresta, era difícil não acharem que procuravam uma agulha num palheiro. Mas, agora, já não dava para voltarem atrás. Comprometeram-se com uma linha de ação e Helen

sabia que teriam de a levar até ao fim.

Seguiu marcha, retirando entretanto o rádio do cinto. Ligou-o e baixou o volume. Bem ao longe, distinguia com dificuldade o baque surdo do helicóptero da polícia. Em breve teria de comunicar com Charlie, para coordenar a varredura à floresta, mas para já não o faria. Qualquer som poderia alertar Winter para a aproximação deles, e não se arriscaria a tal, dispondo ele já de uma enorme vantagem.

Procurando diligentemente a sua presa, caminharam em silêncio, engolindo uma ocasional vontade de praguejar quando um pé chocava numa raiz ou numa toca de coelho. A floresta, que até então se revelara densa, por vezes quase sufocante, parecia agora abrir-se, e foi com surpresa que Helen achou que podia estar a ver luz mais à frente.

Estugando o passo, avançou para lá, para perceber afinal que se tratava do luar a encher uma pequena clareira. A lua cheia dessa noite iluminava com o seu brilho a clareira, conferindo ao espaço um ar misteriosamente belo, mas também perigoso — era terreno aberto rodeado por todos os lados de arvoredos umbrosos.

— Com calma...

Helen ergueu a mão e a equipa abrandou. Cautelosamente, entrou na clareira. Mas a sua entrada não gerou qualquer reação, qualquer tipo de movimento, e com cuidado o resto da equipa juntou-se a ela. Mantiveram a fileira cerrada, alertas a qualquer sinal de ameaça, mas, nada detetando, seguiram em frente, emergindo no luar intenso.

O seu instinto dizia-lhe que deviam sair dali — expostos, pareciam alvos numa carreira de tiro. Apressou-se na direção da ponta mais afastada da clareira. Estava a pouco mais de cinco metros do abrigo da escuridão, dois, um... Suspirando de alívio, apontou de novo o feixe da lanterna para a vegetação densa. Para deparar com um par de olhos a fitá-la diretamente.

— Aqui.

A equipa de pronto apontou as armas naquela direção, com os feixes das lanternas a incidirem na presa.

— Polícia armada. Pouse...

Mas antes de o agente no comando ter concluído o aviso, a coruja assustou-se, deixando o seu poleiro e esvoaçando energicamente na

sua fuga. Erguendo as armas, os agentes viraram-se para Helen, que por gestos se desculpou e lhes indicou que era para prosseguir. Fizeram-no sem um murmúrio que fosse, concentrados na tarefa em mãos.

Helen ficou satisfeita com o profissionalismo deles, com a determinação, mas, independentemente da sua confiança, o incidente servira para a animar, ou a deixar mais esperançada. Tinha o coração acelerado, os nervos em franja, e de repente sentiu-se muito vulnerável. A floresta era imensa, carregada de vida, tão banhada pela escuridão e pelo mistério que de repente se sentiu ameaçada por todos os lados. Talvez Winter estivesse nesse preciso momento a observá-los, a preparar-se para atacar. Não haveria aviso nem disparos anunciadores, apenas o impacto brutal da seta, ao rasgá-los. Helen nunca se sentira tão indefesa, tão exposta, temendo que cada passo fosse o último.

Mas não tinham escolha, pelo que avançaram, procurando desapidadamente um assassino-fantasma que recusava revelar-se.

Ele esticou a mão e depois, de repente, recolheu-a. Ainda agora,

depois de ter chegado tão longe e arriscado tanto, não sabia se conseguiria levar aquilo em diante. Era uma visão patética, um homem adulto a hesitar numa velha cabina telefónica, mas parecia-lhe errado, como se se traísse a si mesmo ao tocar-lhe.

Reunindo toda a sua determinação, Nathaniel Martin deu um passo em frente e abriu a pesada porta de ferro. Cedeu sem dificuldade, revelando um interior imundo a tresandar a urina. Volta e meia algum turista parava para usar aquela relíquia da era pré-telemóvel — Martin avistara-os várias vezes —, mas era essencialmente utilizada por agricultores embriagados ou adolescentes ávidos de deixarem a sua marca no orgulhoso ponto de referência vermelho.

Martin entrou e deixou que a porta se fechasse. O cheiro tornara-se ainda mais intenso e sentiu-se imediatamente invadido por uma sensação de claustrofobia e uma crescente náusea. Sabia que, se hesitasse agora, perderia a coragem, que viraria costas e correria para a floresta, pelo que deu mais um passo em frente e pegou no auscultador de plástico pousado no gancho.

Ouviu imediatamente o ronronar suave a indicar que havia ligação. Por momentos, foi transportado aos seus dias de adolescência, quando ligava à namorada nuns momentos furtivos longe de casa. Mas essas memórias agradáveis não enquadravam com o amargo presente, por isso obrigou-se a regressar à tarefa em mãos.

Ponderara imenso no que fazer. Jurara nunca mais se envolver com o mundo. Nunca pensou que iria voltar a usar tecnologia de livre vontade, mas que alternativa lhe restava? Já há algum tempo que sabia que havia algo de maligno na floresta. Mas até àquela noite não

percebera o que era — ou melhor, de quem se tratava.

Deixara o seu acampamento com o cair da noite, aproveitando-se da escuridão para verificar as suas armadilhas. A floresta revelara-se invulgarmente sossegada e noutras circunstâncias poderia nem o ter ouvido, tão suaves eram as suas passadas. Mas os seus sentidos sempre foram apurados e estivera atento a grupos de busca. Esforçando-se por ouvir, conseguiu detetar o som suave — *tap, tap, tap* — de alguém a aproximar-se. Retirou-se de imediato, escondendo-se nas entranhas de um teixo. Por razões para ele inexplicáveis, sentiu de repente o coração sobressaltado, tomado pelo medo, mas manteve-se imóvel como uma pedra, mesmo quando a figura passou lentamente por ele. Nathaniel não lhe apanhou bem o rosto — parecia usar uma máscara —, mas não lhe passou despercebida a besta que segurava com cuidado. Mal se atrevendo a respirar, observou a figura a caminhar mais uns 15 metros, antes de se sentar para descansar junto ao lago Cooper.

Nathaniel pôs-se de imediato em movimento. O vulto estava de costas para ele, o que o levou a aproveitar, avançando pela floresta. Andou durante uns 800 metros, talvez mais, avançando com rapidez, antes de dar a volta e rumar à periferia da floresta. Dali era uma curta caminhada até à cabina telefónica.

Expirando profundamente, ergueu o auscultador imundo até ao ouvido. Esperou nunca ter de voltar a fazer aquilo, mas o diabo à solta não podia ser ignorado. Então, tirou do bolso o cartão amarrado da sargento-inspetora Brooks e começou a marcar o número.

Ela devia sentir-se como uma deusa, mas na realidade sentia-se apenas enjoada. O helicóptero traçava círculos amplos e vagarosos sobre a floresta, disparando o seu foco de alta intensidade sobre o arvoredo. Charlie seguia no lugar ao lado do piloto, o que lhe proporcionava uma vista do parque nacional que poucos tinham a sorte de poder apreciar, mas não estava com vontade de desfrutar da mesma. Na escuridão, a enorme faixa de floresta parecia sinistra, como um borrão na paisagem, levando Charlie a imaginar todo o tipo de ameaças lá presentes. Ainda pior, pelo menos para ela, sentia-se um vento forte que agitava a leve aeronave, fazendo-a trepidar e sacudir. Charlie por norma não era dada a enjoar com deslocações, mas sentiu vagas sucessivas de náuseas, contínuas e impiedosas.

Agarrou-se à pega no tejadilho, na esperança de conseguir vislumbrar a noite sem vomitar. Tal lapso, além de embaraçoso, seria extremamente desagradável para ela e para o piloto, ali acanhados no pequeno cockpit. Assim, dominando o enjoo, tentou concentrar-se na sua tarefa, vasculhando o arvoredo em busca de sinais do seu suspeito.

Mas estava a revelar-se mais difícil do que contara. Numa outra altura em que já havia feito algo semelhante, perseguiam um suspeito em fuga pela estrada. Fora fácil detetá-lo — com o *Vauxhall* azul-elétrico a destacar-se ao percorrer uma urbanização suburbana. Mais do que isso, revelara-se fácil prever para onde ele se dirigia, com os arruamentos a assemelharem-se a uma construção de legos vista de cima.

Mas o bosque à noite era uma perspetiva diferente. Se permanecessem demasiado alto, não veriam o suficiente. Se descessem demasiado baixo, a abóbada de árvores de repente ganhava vida,

acenando violentamente com a tração de ar gerada pelas pás em rotação. Mesmo quando se posicionavam de forma ideal — o que não era fácil com o vento forte —, o foco de luz não era infalível. O seu potente feixe iluminava imenso, mas também gerava extensas sombras. Em mais de uma ocasião, Charlie pensou ter visto uma figura em fuga, para logo se evaporar com uma miragem ao ser-lhe apontado diretamente um feixe de luz. Pensava agora se começava a imaginar coisas, de tão tensa que se sentia.

— Quer dar outra volta?

Tinham completado um circuito à área para norte e o piloto precisava de novas instruções. Charlie ponderava no que fazer a seguir — deveriam rumar na direção de Helen ou cortar a leste? — quando o seu telemóvel começou a vibrar. Retirando-o do bolso, olhou para o visor para ver quem ligava. Era um número local desconhecido, pelo que rejeitou a chamada, de modo a manter a linha desimpedida. Voltando-se para o piloto, respondeu:

— Acho que devíamos seguir...

Mas o telemóvel começou de novo a dar sinal. Dessa vez, atendeu, embora contrariada.

— Sim?

— Inspetora Brooks, fala Nathaniel Martin.

Charlie não se sentiu segura de ter ouvido bem por causa do barulho das pás.

— Desculpe, quem?

— Nathaniel Martin, conhecemo-nos há uns dias.

— Sim, claro... — respondeu Charlie, balbuciando, apanhada de surpresa.

— Desculpe incomodá-la... — Ele falava devagar e de uma maneira exageradamente educada, como se fosse perigoso, exótico, ou ambos, dirigir a palavra a outro ser humano. Mas também se notava uma certa urgência na sua voz quando concluiu: — ... mas tenho informações que pode achar úteis.

— **T**ens a certeza de que era ele?

Helen perguntara o mesmo várias vezes a Charlie, mas ainda não acreditava.

— Sim, tenho. Referiu o nosso encontro, sabia quem eu era. E só me ligou por ter o meu cartão.

— Acreditas nele?

— Não tenho motivos para não acreditar. Pareceu-me genuinamente zangado e preocupado. Ele adora a floresta, os pôneis.

— E onde é que ele disse que estava o Winter?

— Viu-o pela última vez a descansar junto ao lago Cooper. É um lago pequeno que alimenta o ribeiro Latchmere.

Helen apontou a lanterna para o seu mapa.

— Já sei onde é — disse imediatamente.

Tratava-se da zona mais remota, precisamente para onde ela encaminhara a equipa. Fora onde ocorrera o primeiro homicídio, onde talvez Winter se sentisse mais seguro — fazia todo o sentido retirar-se para lá.

— Estou a cerca de cinco minutos de lá. Mantém uma posição a leste, até te comunicar por rádio para avançares. Não quero assustá-lo, agora que estamos em vantagem.

— Entendido.

Helen desligou, transmitindo via rádio a novidade a Hudson, antes de se voltar uma vez mais para os homens armados.

— Muito bem, lago Cooper. Depressa e em silêncio, por favor.

Apressaram-se floresta fora, transpondo os obstáculos que jaziam no seu caminho. As lanternas mantinham-se no modo mínimo, mas era tal a intensidade do luar que estava bastante claro. Até agora, tudo estivera contra eles, mas de repente foi como se a sorte tivesse mudado.

Helen investiu em frente, desafiando os outros a acompanharem o seu ritmo. Durante a maior parte daquela investigação, sentira-se ultrapassada, perseguindo inúmeras pistas falsas que só levavam a becos sem saída. Agora, sentia-se fortalecida e excitada. Winter andara dias a escapar-lhes, mas finalmente dispunham de uma pista concreta, uma oportunidade para deitar a mão àquele assassino violento e sádico. Helen esperava que ele se tivesse mantido por lá, ou, caso se tivesse movimentado, então que não se andasse a deslocar depressa. Se os despistasse agora, podia levar horas, até dias, para voltar a encontrar-lhe o rasto. Ele já se revelara capaz de se misturar com o tecido da floresta.

Seguiu em frente, espantada por a floresta parecer abrir-se à sua passagem. Anteriormente, tentara opor-se a ela, rasgando-lhe roupa e pele, levando-a para buracos sem saída. Mas agora parecia abrir-lhe alas, apresentando-lhe caminhos limpos e abertos e vistas desimpedidas. Seguiu sempre, sem grande esforço, no seu ritmo estável e forte, só agora percebendo que se afastara em relação ao resto da equipa. Abrandando, levantou a lanterna para que a seguissem, para depois retomar a sua investida impetuosa por entre a mata sombria.

Mas, quando o fez, o seu pé bateu em algo. E deu por si a cair para a frente, desequilibrada e descontrolada. Contou embater em força no solo duro, mas, para seu horror, sentiu-se a descer em queda livre. Estendeu desesperadamente as mãos, na esperança de se agarrar a algo, mas apanhou apenas ar. Pouco depois, o seu ombro embateu em algo duro e ela começou a rodopiar, rodando violentamente nuns entontecedores 180 graus. Tinha finalmente embatido no solo, mas a sua descida não abrandara, pois escorregava velozmente para trás numa espécie de encosta. Foi arranhada por galhos, vergastada por ramos, e parecia estar a acelerar em vez de abrandar, até que de repente estacou, batendo com a nuca em algo duro e firme.

Ficou ali estendida, demasiado atordoada para se mexer. Por momentos, pensou que iria desmaiar — a dor na cabeça era insuportável —, mas obrigou-se a manter-se consciente. Não podia perder os sentidos.

Tentou levantar-se, mas caiu de imediato, subjugada pelas náuseas. Instintivamente, levou a mão à nuca. Assustou-se ao sentir sangue fresco. Estaria ferida noutras partes do corpo? Com pouca firmeza, rodou as mãos e depois os pés, antes de passar os dedos pelas costelas. Não lhe pareceu que houvesse algo partido, mas doía-lhe todo o corpo e nem sequer sabia se conseguiria mover-se, o que a deixou tremendamente inquieta. Então, viu movimento lá no alto. Luzes minúsculas a dançarem de um lado para o outro. Para seu horror, percebeu que deveriam ser as lanternas dos seus colegas. Mas pareciam estar lá no céu, a quilómetros dela. Semicerrando os olhos, tentou focá-los na escuridão e só nesse momento ganhou consciência da distância a que caíra. Devia ter mergulhado uns 30 metros, ou mais, ao não ver a encosta íngreme. Agora, a sua equipa de apoio encontrava-se lá em cima, desesperadamente à procura dela, enquanto Helen jazia no fundo, mergulhada na escuridão.

Tê-la-iam visto cair? Saberiam que se encontrava ali em baixo?

— Socorro. — A sua voz soou débil e rouca. — Socorro! — Faltava-lhe o ar nos pulmões. Acima dela, os feixes das lanternas agitavam-se freneticamente, como que envolvidos numa dança louca. — Estou aqui. — Já saiu um pouco mais alto, com o desespero a fazer subir o volume. E por instantes, entusiasmada, achou que a teriam ouvido, com os raios de repente a cessarem a sua atividade agitada. No entanto, desconsolada, viu os raios a moverem-se ao mesmo tempo, afastando-se dela. — Esperem...

Mas já era tarde, tinham partido. Por momentos, Helen ficou ali estendida, em desespero, antes de se lembrar de repente do seu rádio. Isso encheu-a de uma renovada esperança e do nada encontrou energia para se apoiar nas mãos e nos joelhos. Levou a mão ao cinto... para descobrir que o rádio já não estava lá. Nem sequer o bastão. Entrando em pânico, levou a mão ao bolso, mas também o mapa desaparecera. E a sua lanterna? Estaria presumivelmente enterrada ou partida na encosta mais acima, pois já não lhe via o feixe de luz.

Levantando-se com esforço, Helen olhou em redor. Mas não conseguiu ver nada, a não ser o contorno das árvores baloiçantes e o silvo do vento. A sua roupa de couro resistente salvara-a de ferimentos

graves, mas era o melhor que podia dizer em seu favor.

Estava abalada. Estava perdida. E agora estava sozinha na floresta.

Ele permaneceu imóvel, movendo apenas os olhos enquanto a observava a avançar pela vegetação rasteira. Ela estava visivelmente desorientada, mudando constantemente de direção enquanto tentava recompor-se. A dada altura, seguiu diretamente para ele, obrigando-o a recuar mais para as sombras, mas depois pensou melhor e deu com um caminho mais fácil noutro lado.

Se o destino lhe sorrisse a ele, ela contactaria os colegas e seguiria caminho, mas deixou-se ficar por ali, parecendo indecisa. Nitidamente, não conhecia aqueles bosques tão bem quanto ele, mas essa ignorância poderia custar-lhe caro a ele. Se ela ficasse ali até os colegas a localizarem, ele ficaria encurralado, o luar demasiado intenso para se arriscar a fugir. Como é que o encontraram tão depressa? Não fazia qualquer sentido. Fugira para a floresta umas horas mais cedo, mergulhando bem nas suas profundezas, mantendo-se bem distante dos carreiros. Mantivera um ritmo intenso, parando apenas para descansar e retemperar forças no lago Cooper, antes de se fazer de novo ao caminho. Avançara no máximo uns 800 metros antes de os avistar — feixes de lanternas ao longe à sua esquerda, bem lá no alto na cumeada. De início era apenas um, que pareceu vacilar, para depois mergulhar quando a infeliz que o empunhava tombou para lá da borda. A seguir, surgiram várias lanternas — seis, sete, talvez até oito pontinhos de luz a dançar no alto da encosta. Esses revelaram-se mais cautelosos, acabando por se afastar,

deixando sozinha a colega caída.

Do seu esconderijo à sombra de uma árvore, Oliver Winter observara a figura tombada a levantar-se a custo. Percebeu pelos gritos roucos que se tratava de uma mulher, mas apenas quando ela se

ergueu totalmente é que percebeu que era Grace. Ela impressionara-o durante a conversa que tinham tido no hospital — o seu intelecto, a sua determinação — e, além disso, era imediatamente reconhecível pela roupa de couro de *motard*, mesmo na escuridão da floresta.

De alguma maneira, conseguira localizá-lo. Parecia impossível, dado que nem ele fazia ideia de que acabaria ali, mas ela conseguira. Talvez tivessem encontrado o *Defender* e arriscado que rumaria para o local mais profundo da floresta. Se assim foi, ganharam a aposta. Não poderiam fazer ideia de que fora ali que a sua adorada filha fora atacada há tantos anos.

Ela continuava sem dar sinal de querer partir. Na verdade, estava parada, completamente imóvel, a esforçar-se por ouvir, na esperança, quiçá, de apanhar os sons dos seus colegas no vento, facultando-lhe um rumo a tomar. E foi quando ele o ouviu. Um ruído surdo e lento, como dezenas de pés a correr pela floresta. Mas era impossível, parecia um pequeno exército...

Depois, o som ficou mais nítido e pela primeira vez percebeu que vinha de cima. Não era de maneira nenhuma um ruído humano, era mecânico. Distinguiu o matraquear das pás rotativas e, ao longe, vislumbrou um grosso raio de luz branca ofuscante.

Isso obrigou-o a decidir-se. Podia evitar um bando de agentes da polícia desorientados, mas não haveria como esconder-se de um helicóptero. Lentamente, estendeu a mão para o lado e tirou uma seta da aljava. Silenciosa e delicadamente, enfiou-a na ranhura, erguendo a besta até apontar diretamente a Grace.

Ela perturbava-o desde o dia em que a conhecera. Percebera de imediato que se tratava de uma adversária perigosa, e não se enganou. Quer tivesse sido por iniciativa própria ou graças à intervenção de Alice, ela descobrira o responsável pelos homicídios. Depois de lá ter chegado, perseguira-o até ali, encurralando-o na sua antiga floresta, negando-lhe a possibilidade de se despedir de Julia. O seu plano sempre fora confirmar a Julia que fora feita justiça e depois dedicar-se exclusivamente a tratar dela durante os poucos dias que lhe restavam. Mas Helen Grace ia atravessar-se no seu caminho, pelo que teria de morrer, a par de quaisquer dos seus colegas que tentassem intervir.

Ele olhou para baixo para a haste da flecha. A inspetora-chefe estava na mira, sem consciência do perigo que corria. Ele levou o seu tempo, abrandando a respiração, baixando ligeiramente a linha de visão para que a extremidade da seta embatesse nas costas dela. Isso perfurar-lhe-ia os pulmões, possivelmente o coração, e lançá-la-ia ao chão. Depois, bastaria pôr-lhe fim à vida, antes de incidir a atenção nos outros agressores.

Grace avançou um pouco, dando um passo à esquerda, e por momentos a linha de visão dele foi bloqueada. Por um instante, sentiu uma onda de pânico a percorrê-lo, mas depois ela recuou meio passo na outra direção, esticando o pescoço para observar o céu. E ele não hesitou.

Dando um pequeno passo em frente, ajustou uma vez mais a pontaria e disparou.

Agindo por instinto, Helen lançou-se para a esquerda. Assim que o fez, algo passou disparado junto dela, aterrando com um baque numa árvore próxima. Ao embater no solo, Helen rebolou para o lado, levantando-se de um pulo. O seu instinto inicial foi ver o que lhe roçara — espreitando para trás, avistou a ponta da seta cravada no tronco de uma árvore —, para depois devolver a atenção ao atacante. Mas ele não estava à vista.

Correndo para se esconder atrás de uma árvore, Helen colou-se ao tronco. Sem o saber, estivera a segundos da morte, distraída pelas luzes brilhantes no céu. Apenas o estalido breve e ténue de um galho a partir, presumivelmente quando Winter se preparou para o disparo, a avisara do perigo iminente. Não tinha como confirmar que se trataria de Winter, mas os seus sentidos estavam apurados ao máximo, o seu corpo, preparado para o perigo, e, sem pensar, agira de modo defensivo. Sentiu-se grata por as suas reações se revelarem apuradas como sempre — se tivesse sido um segundo mais lenta, nesse momento podia estar morta.

Como é que Winter a descobrira? Já se encontravam a alguma distância do lago Cooper. Teria sido fortuito? Vira-a cair? Ou perseguira-a até ali? Fosse o que fosse, a realidade é que a tinha ali retida. A ponta penetrara fundo no tronco, sugerindo que se tratara de um disparo a curta distância. Havia atrás dela uma vegetação densa ameaçadora e um par de teixos. Isto colocava Winter a aproximadamente uns dez metros — nada bom para as possibilidades dela, dado que se encontrava desarmada e com parca cobertura à disposição.

Dando lentamente a volta ao tronco, apurou os ouvidos. Mas a

floresta parecia viva, murmurando, assobiando e, até, rindo. Mais do que isso, o som do helicóptero soava cada vez mais alto, tornando virtualmente impossível ouvir o restolhar da vegetação, o deslizar contido de um assassino. Arriscando, contornou ainda mais o tronco, espreitando para a última posição de Winter.

Um arquejo sonoro ali perto. Helen puxou repentinamente a cabeça para trás, com a seta veloz a roçar-lhe no cabelo e a desaparecer na escuridão. Com o coração aos pulos, Helen encostou-se à árvore, agarrando-se à sua segurança. Não havia dúvidas de que ele a tinha completamente encurralada. Tudo o que lhe restava era aguardar, na esperança de que o helicóptero o assustasse, antes de ele dispor da oportunidade da efetuar o disparo fatal. Mas no preciso momento em que Helen olhou para o céu, viu o helicóptero a afastar-se.

— Não, não, não...

Fazia todo o sentido, claro. O helicóptero rumaria ao lago Cooper, à procura de Winter. Mas isso de nada servia a Helen na desesperada situação em que se encontrava. Olhou em frente quando a sua última esperança de salvação se afastou, acossada por uma sensação de medo. Que hipóteses tinha agora contra um assassino sem escrúpulos?

Uma coisa era certa — não valia a pena ficar ali à espera da morte. Se ia perecer naquela solitária extensão de floresta, seria de acordo com os seus próprios termos. Aos seus pés, via-se um pequeno ramo caído e pegou cuidadosamente nele. Depois, inspirando imenso oxigénio, atirou o pau para a sua direita, antes de correr na direção oposta.

Abandonou o seu abrigo, correndo pela vida. Por um segundo ou dois, tudo se manteve tranquilo. Depois, ouviu um sopro. Outra seta a passar por ela, perdendo-se na vegetação do outro lado. O falhanço encorajou Helen a correr em frente, agachando-se para se abrigar atrás de uma sebe, antes de voltar a correr. À frente, avistou um carreiro pouco visível, curvando até desaparecer de vista por detrás de uma fileira de arbustos. Se lá conseguisse chegar, ficaria longe da vista de Winter, e então...

O impacto derrubou-a. Durante a arrebatada corrida em frente, foi atacada de lado, antes de embater com toda a força numa saliência no

solo. Por momentos, ficou sem fôlego e a ver estrelas, e depois foi consumida pela dor. Esticando o pescoço para olhar em redor, viu-a — uma ferida horrível e ensanguentada no ombro, com a haste da flecha lá cravada.

Atrás de si, ouviu ruído de passos, pelo que se esforçou por se levantar. Tinha de escapar. Ainda conseguia correr, e se conseguisse abrigar-se...

A perna direita cedeu, com uma segunda seta a cravar-se agora na coxa. Desta vez desequilibrou-se, caindo e batendo com a cara na terra. Cuspindo e arquejando, Helen tentou levantar-se, mas levou com uma bota dura na cara, estatelando-se no chão.

E enquanto ali estava estendida, indefesa e a sangrar, o atacante agigantou-se sobre ela. Oliver Winter envergava uma proteção corporal de couro, um capuz a ocultar uma máscara metálica baça com dois enormes e sinistros orifícios para os olhos. Ele não falou, limitando-se a carregar a sua derradeira seta, para depois a apontar à garganta dela.

Ele correu pelo carreiro fora, com o feixe da sua lanterna a pulsar na escuridão. Viu formas, ramos, até um ou outro par de olhos amarelos pestanejantes no fundo da vegetação, mas nem sinais de Helen ou Winter.

— Helen? — Hudson derrapou ao travar. — Helen, consegues ouvir-me?

Mas não houve resposta, a não ser o rugido do vento. O tempo piorava, ficando agitado e violento... Encaixava bem com o estado de espírito dele. Hudson e McAndrew formaram um par, enviando Osbourne e Edwards numa direção, Bentham e Lucas noutra. Sob a orientação de Charlie, rumaram ao lago Cooper através de ângulos diferentes, na esperança de lá descobrirem Helen e a sua equipa, possivelmente já com Winter detido. Mas, quando os desorientados agentes armados acabaram por chegar, não havia sinais da sua líder. Tinham perdido Helen.

Hudson não hesitou, saindo a correr na direção de onde eles tinham vindo, com McAndrew a esforçar-se por acompanhar o ritmo. Mas Hudson não lhe deu tréguas, mantendo uma passada implacável, numa busca desesperada por quaisquer sinais da colega desaparecida. Helen encontrava-se nesse momento sozinha na floresta, com um homicida selvagem por perto, e Hudson estava determinado a encontrá-la. Ela salvara-lhe a vida e ele estava decidido a retribuir o favor.

— Helen? Helen, consegues ouvir-me?

Ele já não queria saber se falava alto. Se encontrasse Helen, fantástico. Se espantasse Winter, tanto melhor. A única coisa que de momento não lhe importava era a sua própria segurança. Enquanto

Helen corresse perigo, o resto era irrelevante.

Mas ela continuava sem responder. Abrandando, Hudson lançou um olhar desesperado a McAndrew, que se limitou a abanar a cabeça, nitidamente tão desesperada quanto ele.

— Helen? Por favor, se estás perto...

Ele interrompeu-se, de súbito sentindo-se completamente desanimado. Não fazia ideia da direção a tomar, nem do que poderia estar a acontecer-lhe. E se não a encontrassem a tempo? Tornar-se-ia ela a próxima vítima de Winter?

Era um pensamento demasiado horrível para sequer considerar, pelo que, fazendo sinal a McAndrew, retomou a caçada, mergulhando uma vez mais na escuridão.

— Por favor, Oliver, não precisa de fazer isto. — Mas a máscara fitou-a fixamente, silenciosa e inexpressiva. — Não sou eu o inimigo.

Winter baixou o rosto para a besta, olhando diretamente pela linha de visão na direção dela.

— Eu sei que sofreu, sei que a Julia sofreu. Mas agora acabou. As pessoas que lhe arruinaram a vida morreram. Não é preciso verter mais sangue.

O dedo dele pressionou o gatilho.

— Por favor, Oliver. Tire a máscara, para podermos conversar...

Foi quando Helen ouviu um risinho detrás da máscara despida.

— Ia gostar, não ia?

— Sim, sim, ia.

— Para ganhar algum tempo. Mas não faz qualquer diferença. Se eu não acabar consigo, vai esvair-se em sangue aí mesmo onde se encontra.

Helen fitou-o, tentando controlar a angústia. Sabia que sangrava intensamente de ambos os ferimentos — sentia o sangue a infiltrar-se pelo couro impregnado — e sentiu-se zozza devido à dor.

— Eu só quero falar, mais nada — reagiu ela, quase sem fôlego. — Compreendo o que o levou a achar que teria de fazer isto, porque é que o Morgan e os outros teriam de ser castigados...

— A sério? — ripostou Winter, num tom fulminante. — E como é que sabe?

— Porque sei o que aconteceu à Julia. Falei hoje com ela.

Então, Winter pareceu hesitar.

— Como assim, falou com ela? O hospital não autoriza...

— Eu obriguei-os.

— Tretas!

— A Dra. Ellis ajudou-me. Perguntei por si à Julia, perguntei pelos

homicídios. Ela nunca desejou nada disto, quer que pare. — Winter não disse nada, limitando-se a abanar violentamente a cabeça. — E tenho a certeza de que não quereria mais derramamento de sangue. E não tenho dúvida de que *ela* é a pessoa mais importante no meio de tudo isto.

— É claro que é. E sabe porquê? — Helen olhou para o seu atacante, agora inclinado sobre ela. — Porque foi ela quem sofreu. Sabe o que é sofrer?

Enquanto falava, assentou a ponta da bota na seta cravada na perna de Helen, exercendo pressão. Helen arquejou, açoitada pela dor, e com o vômito a subir-lhe à garganta. A dor era excruciante. Ainda tentou agarrar-lhe o pé para o afastar, mas ele aplicou mais força... até afrouxar de repente. Helen arquejou de alívio, colando a mão à ferida aberta. Mas Winter ainda não terminara.

— Não faz ideia do que ela passou. O que aquele animal lhe fez.

— Sei que a violou...

— Destruíu-a. — A amargura, a bÍlis, jorravam agora dele. — Ela deixou ficar o diário, sabia? — Helen tentou responder, mas a dor na perna furtou-lhe o fôlego. — Quando me escreveu a carta de despedida, deixou o diário. Tenho-o trazido junto ao coração desde... — Para surpresa de Helen, Winter ergueu a besta, levando a mão ao interior do casaco para retirar um pequeno diário do bolso do peito. — Leia.

Atirou-o na direção dela. Helen apanhou-o com a mão esquerda, olhando para Winter para confirmar se falava a sério. Ele respondeu erguendo a besta. Equilibrando o livro na barriga, Helen folheou as primeiras páginas, esforçando-se por ler à luz do luar. Eram entradas de outubro, novembro e dezembro de 2008, registando o entusiasmo e a ansiedade de Julia ao iniciar a sua vida universitária.

— Já sabe que data deve procurar — disse ele, baixinho.

Enquanto falava, olhou em redor, em busca de sinais do helicóptero, de potenciais salvadores, mas não havia ninguém. Estavam completamente sozinhos. Avançando até 30 de abril, Helen começou a ler. A sua visão começava a ficar turva, mas focou com intensidade as palavras dançantes, tentando perceber o seu significado.

— «Ida à Floresta. Festa da Lua Cheia.»

Ao contrário das entradas anteriores, prolixas e exuberantes, aquela era seca e fria. Helen imaginava bem porquê, com a jovem presumivelmente ainda em choque depois da provação horrível a que fora sujeita. Avançou.

— «O Caleb foi atencioso toda a noite. Logo depois da meia-noite, sugeriu um jogo de escondidas, só eu e ele. Concordei. Ele disse “procura-me” e correu para o bosque...» — Helen saltou mais umas linhas. Sentia-se zozza e sem vontade de mergulhar nos pormenores. — «Disse-lhe que não estava interessada. Afastei-o. Mas ele bateu-me na barriga. De seguida, atirou-me ao chão. Tenho a cara virada para baixo, terra na boca, sinto o sabor das folhas apodrecidas...»

Helen deixou cair o livro, incapaz de continuar a ler.

— Leia! — rugiu Winter.

— Não preciso de ler. Tenho a certeza de que o Morgan negou tudo e que os outros o encobriram...

— Ela contou à *amiga*... — proferiu a palavra com tal raiva que Helen se retraiu. — Contou à Lauren o que aconteceu. E adivinhe? Ela disse ao namorado.

— Que arranjou as drogas para a festa da lua cheia...

— Que arranjou as drogas para a festa — confirmou Winter, num tom amargo.

Não passou de uma suposição da parte de Helen, mas de repente pareceu fazer sentido. A preocupação de Campbell fora ver-se envolvido numa investigação a um caso de violação; assim como Scott, que jurara aos seus pais controladores que já não consumia drogas.

— No dia seguinte, a Lauren disse à Julia que não acreditava que tal tivesse acontecido. Que, se fosse a tribunal, diriam que ela quis, que foi consensual, que se atirara a ele.

Winter praticamente gritava. Para surpresa de Helen, de repente levou a mão à cara e arrancou a máscara, atirando-a ao chão. Helen assustou-se com o que viu — o rosto de Winter num esgar de raiva, anos de fúria contida prestes a explodirem.

— Traíram-na... — disse ferozmente por entre dentes.

Era verdade. Mas a que custo? Helen estava agora convencida de que o ódio que Lauren nutria por si mesma, a sua descida ao inferno das drogas pesadas, se devera à sua culpa face ao modo como tratara Julia. Mas Winter não queria ouvir isso agora.

— Traíram-na da pior maneira possível — prosseguiu ele.

— Sim, é verdade.

— Tal como você fez.

— Isso não é verdade, Oliver.

— E agora, como é que me vou despedir dela? Como é que lhe vou dizer que a amo?

O seu rosto, ainda mergulhado em raiva, começava a deixar transparecer tristeza. Parecia desnorteado, vazio até.

— Olhe, Oliver, se cooperar, tenho a certeza de que podemos tratar...

— Balelas. É o fim da linha.

Efetivamente, assim parecia.

A visão de Helen estava cada vez mais turva, com a escuridão a impor-se aos poucos. Sentiu as forças a esvaírem-se, como que prestes a perder os sentidos a qualquer momento. Mas Winter não se mostrou misericordioso, apertando uma vez mais o gatilho.

— Acabou o tempo. Para ambos.

Apontou para Helen, que tentava manter os olhos abertos, tentava concentrar-se, olhando em redor à procura de um meio de se salvar. E viu que a sua mão direita ainda se encontrava assente na coxa, a envolver a seta que a atormentava. Instintivamente, apertou com mais força.

— Adeus, Helen. Vemo-nos no outro mundo — concluiu Winter, dando um passo em frente.

A dor sempre fora amiga de Helen, algo capaz de canalizar. Por isso, cerrando os dentes, arrancou a flecha da perna. De imediato, libertou um jorro enorme de sangue, borrifando ambos. Por momentos, Winter paralisou, mas ela não, lançando-se para a frente para a cravar na coxa dele.

Winter rugiu — um rugido contínuo e horripilante. Vacilou um pouco, olhando para a seta que o lesionava, e depois, enfurecido,

ergueu uma vez mais a besta. Mas Helen foi mais rápida, arrancando a flecha do ombro. Cravou-a no joelho do seu atacante, enquanto o seu sangue o salpicava.

Desta vez, o grito agonizante de Winter quase a ensurdeceu. Ele tombou para trás, deixando cair a besta, enquanto levava as mãos ao joelho. Helen levantou-se apressadamente, avançando, vacilante, na direção do inimigo. Assustado com a aproximação dela, Winter tentou endireitar-se, mas a inspetora deitou a mão à besta abandonada, batendo-lhe com a parte de trás no queixo. Ouviu-se um clique horrível, quando lhe partiu o queixo, e Winter caiu imóvel na erva.

Helen vacilou sobre ele, dorida mais triunfante. Depois, virando-se, uniu as mãos para gritar por ajuda. Mas, quando o fez, o mundo pareceu rodopiar intensamente e desabou no chão.

— Ela vai ficar bem? O que é que lhe vai acontecer?

As perguntas infiltraram-se na consciência de Helen, mas distantes. A voz soou como se estivesse a quilómetros, ao fundo de um túnel longínquo.

— Ouça, sei que não pode garantir nada, mas só quero saber com o que devemos contar...

A voz suave soou-lhe familiar. Com um grande esforço, Helen tentou abrir os olhos. A luz era ofuscante, mas insistiu. Contava dar consigo estendida na floresta, mas constatou que viajava a grande velocidade por uma espécie de corredor, com Charlie ao seu lado.

— Charlie? — disse com esforço.

A sua amiga lançou-lhe um olhar desesperado, mas esperançoso.

— Helen, sou eu. Estás no hospital South Hants. Sofreste alguns ferimentos, mas vais ficar bem.

Não lhe soou muito convencida. Helen começou a recordar — Winter, a besta, aqueles ferimentos horríveis. Ela sabia que devia ter perdido imenso sangue. Faltava saber se lhe restaria força suficiente, se o seu corpo ainda teria o que era preciso para dar luta, para aguentar quaisquer operações que tivesse de enfrentar.

— Vai correr tudo bem. Daqui a nada já andas de um lado para o outro. — A voz de Charlie tremeu, com a tensão a minar a tentativa de mostrar uma expressão corajosa. Mas, a Helen, já não restavam forças para se preocupar. O que tivesse de ser seria.

— O Winter? — murmurou.

— Foi detido — sossegou-a Charlie. — Mas se calhar vai precisar de ir ao dentista. Acho que lhe rebentaste com meia dúzia de dentes...

Helen ia a reagir, mas ouviu-se outra voz. Helen viu uma jovem asiática, amável mas séria, a pairar sobre ela.

— Vamos levá-la à faca agora, Helen. Por isso, despeça-se da sua

amiga. Vai ter de poupar as suas forças...

Demasiado cansada para falar, Helen levantou uma mão. Enquanto faziam passar a sua maca pelas portas, olhou para trás uma última vez e viu Charlie a fitá-la com ansiedade, o que não era novidade — as duas já haviam passado por aquela situação inúmeras vezes, e Helen detetou afeto e preocupação no semblante da amiga que aprendera a estimar. A inspetora-chefe observou-lhe o rosto por um segundo, absorvendo a sensação. Depois, as portas fecharam-se e, uma vez mais, deixou de a ver.

Ele abriu a porta para trás, revelando o espaço escuro. Oliver

Winter hesitou, voltando-se para Hudson como se aguardasse por um convite formal para entrar, mas o inspetor não estava com disposição para joguinhos. Agarrando o prisioneiro pela gola, atirou-o para a traseira da carrinha da polícia, antes de ele próprio o seguir até ao interior. Pouco depois, as portas foram trancadas e arrancaram.

Ao percorrer os bosques, o coração de Hudson gelara ao ouvir um grito lancinante a ecoar na noite. Seguindo na direção do grito, foi dar à clareira e ficou horrorizado ao ver duas figuras estendidas no chão. Ignorando Winter, ajoelhou-se ao lado de Helen, verificando em desespero a pulsação dela. Felizmente, encontrara-a, e pouco tempo depois ela já seguia na ambulância aérea, a caminho do hospital South Hants. Os ferimentos de Winter eram menos graves. Depois de dispensado pelo médico da polícia, foi alvo de um tratamento urgente aos dentes, antes de ser finalmente dado como apto para ser transportado para a Esquadra Central de Southampton. Hudson oferecera-se para o acompanhar, empenhado em não permitir que lhe escapasse da vista o homicida múltiplo, até estar bem preso atrás das grades. Causara demasiado sofrimento, derramara demasiado sangue, para poderem correr riscos.

A inspetora McAndrew seguia na cabina com o motorista, deixando Hudson a sós com Winter. O sargento-inspetor contara com um assassino cabisbaixo, até arrependido, mas na realidade o corpulento sueco não parecia nada intimidado, recusando-se a proferir uma palavra a quem quer que fosse e olhando para eles — em especial para Hudson — com um misto de diversão e desdém. Era como se se mantivesse muito distante, como se o pai carinhoso tivesse sido

permanentemente substituído por algo mais sombrio e inquietante.

Hudson sentiu-o a olhar para si e ergueu os olhos. Winter estava refastelado no banco em frente, com o seu corpo a baloiçar ao sabor do avanço da carrinha, olhando pela divisória. Hudson cruzou o olhar com o dele, recusando-se a sentir-se intimidado. Winter estava com péssimo aspeto, o rosto pisado, manchas de sangue ainda coladas ao pelos da barba por fazer — um enquadramento estranho para os implantes dentários de um branco brilhante que agora lhe agradavam a boca.

— Como está a sua amiga? — A sua voz roufenha sobressaltou Hudson. Ele mal articulara uma palavra em duas horas. — Vai safar-se?

— Cale-se.

Não havia dúvidas, Winter estava a divertir-se com a situação, o que fez ferver o sangue de Hudson, mas conteve a fúria.

— Ela surpreendeu-me, sabe?

— Basta, Winter.

— Ela era mais forte do que os outros, mais expedita. — Winter observava Hudson atentamente, visivelmente a apreciar o desconforto dele. — Achei que ia morrer como os outros. De joelhos, a implorar por misericórdia.

— Se quer confessar, Winter, poupe-se para a esquadra.

Mas Winter acenou com a mão, para indicar que já iam muito à frente disso.

— Mas a Grace... quis dar luta. Uma estupidez, na verdade, dado que estava desarmada e sozinha.

— Não volto a avisar.

Mas Winter riu-se, exibindo os seus novos dentes a Hudson.

— Dei-lhe com duas setas. Daria com uma terceira. Eu queria dar-lhe com uma terceira. — Hudson lançou-lhe um olhar fulminante, mas silencioso. — De qualquer modo, talvez as duas tenham sido suficientes para tratar do assunto. Ela perdeu imenso sangue, estava bastante mal... Nunca se sabe, se tiver sorte, pode estar na calha uma promoção para si antes que chegue a noite.

Winter não teve tempo para reagir, com Hudson a encurtar o espaço

entre os dois num ápice, socando-o na barriga.

— Credo...

O medo cintilou nos olhos de Winter, mas já era tarde, com Hudson a arrastá-lo do banco e a lançá-lo ao chão. Trepando para a sua vítima estendida, Hudson socou-o de novo na barriga, uma, duas, três vezes.

— Que raio...?! — exclamou Winter, ofegante.

Mas não lhe foi permitido acabar, com Hudson a içá-lo e a empurrá-lo de novo para o banco, fazendo-o embater com as costas na lateral da carrinha. Então, Hudson aproximou-se, puxando para si um sobressaltado Winter.

— Se lhe acontecer alguma coisa, seja o que for, eu vou atrás de si... — Agora, estavam com os narizes colados. Hudson viu uma pinga de suor a escorrer pelo rosto de Winter. — E acabo o trabalho.

Hudson manteve-o agarrado por mais um momento, satisfeito com a inquietação de Winter, antes de o largar de repente e regressar ao seu lugar no banco em frente. O coração de Hudson batia desalmadamente, sentia a cabeça a zumbir — queria gritar e berrar —, mas não se prejudicaria, não ia dar a Winter o prazer desse pequeno triunfo. Assim sendo, limitou-se a olhá-lo diretamente.

Winter parecia perturbado e assustado, temendo talvez que Hudson se lançasse de novo a ele. Mas Winter já estava a desvanecer da mente de Hudson. Ele não ia ocupar os seus pensamentos com aquele assassino, aquele vermezinho patético, que se babava e arquejava no banco à sua frente.

Os seus pensamentos eram apenas para Helen.

Charlie empurrou a porta e encostou a cabeça à sua superfície fria.

Fora uma noite terrível e sentia-se extremamente cansada.

Estava determinada a permanecer com Helen, mas a superintendente Simmons aparecera e dispensara-a, assumindo o papel de vigilante noturna. Sabia que Helen e Charlie eram muito chegadas, mas também tinha um laço especial com a sua protegida, e, com relutância, Charlie deixara-se convencer. Aquela noite revelara-se uma experiência esgotante, lá no alto no helicóptero, a tentar conter as náuseas enquanto varriam a floresta à procura de Winter, e sentia-se profundamente desgastada — cansada, imunda e emocionalmente desfeita. Ainda assim, resistira tempo suficiente aos apelos de Simmons para, antes de regressar a casa, receber notícias encorajadoras da sala de operações — Helen estava estável e iria sobreviver.

Agora, ao olhar em volta para o ambiente familiar da sua casa, Charlie sentia um profundo alívio. Ela e Steve tiveram uma boa conversa depois da mensagem apologética que ela lhe enviara e pareciam seguir um caminho de recuperação. Também Jessie melhorara um pouco, dormindo toda a noite, e até era possível que Charlie viesse a descansar. Algo de que estava mesmo a precisar.

Mas, ao subir silenciosamente as escadas, foi surpreendida com o vulto pequenino da filha à sua espera.

— Ei, o que fazes a pé? — perguntou, preocupada, espreitando para o relógio. — É quase meia-noite.

Temeu saber a resposta e questionou-se por que razão Steve não estaria já ali, mas para sua surpresa Jessie respondeu:

— Não conseguia dormir.

— Porquê?

— Tenho calor...

— Bem, podemos tratar já disso — disse Charlie, encaminhando a filha de volta para o quarto.

Ajudando-a a subir para a cama, Charlie puxou-lhe os lençóis até ao peito e ligou a ventoinha de mesa, apontando-a na sua direção. A brisa fresca pareceu satisfazer a filha, que se enroscou nos seus peluches e voltou a fechar os olhos. Dando ouvidos ao conselho de Grace Simmons, Charlie sentou-se junto dela, afagando-lhe o cabelo enquanto começava a cantar.

— *Dorme, dorme, pequena Jessie, para de chorar. A mamã canta-te uma canção de embalar...*

Em menos de um minuto, Jessica dormia, a imagem perfeita da inocência e da serenidade. Charlie parou de cantar e, com os olhos cheios de lágrimas, contemplou a filha. Só que não eram lágrimas de tristeza, nem sequer de ansiedade, mas sim de felicidade.

Afinal, talvez não fosse preciso ter medo.

EPÍLOGO

156

— Então, como é que te sentes? Helen ponderou antes de responder. — Sinto-me... bem.

— Fico contente. Pregaste-nos cá um susto.

Grace Simmons disse-o com um sorriso, mas Helen sabia que a sua mentora ficara preocupada, visitando-a todos os dias, até ela finalmente ter alta. Helen perdera imenso sangue na floresta e fora sujeita a duas operações cirúrgicas complicadas para limitar os danos infligidos pelas flechas de Winter. Felizmente, ambas correram bem e, apesar de Helen ter sofrido alguns ferimentos e mazelas nos músculos, os médicos asseguraram-lhe que com o tempo recuperaria por completo. Daí já ter regressado ao trabalho, apesar de limitada a funções burocráticas.

Decorrera um mês desde aquela noite sinistra na New Forest. E, apesar de os seus sonhos ainda serem atormentados por imagens da sua luta com Winter, Helen sentia-se bem. Isso devia-se em parte à sua capacidade de recuperação natural, mas essencialmente aos cuidados solícitos da sua equipa. Simmons continuara a mimá-la, aparecendo diversas vezes no seu apartamento. Ellie McAndrew também a visitara, com prendas da equipa, tal como o sargento-inspetor Hudson, levando um ramo de flores. Mas, naturalmente, foi Charlie o seu maior apoio, aparecendo regularmente com refeições caseiras, revistas e até um postal de Jessica em que se lia «Fica boa depressa», que levava Helen às lágrimas.

Não foi difícil recuperar rodeada por aquele tipo de apoio. Na verdade, o principal problema fora impedir Helen de regressar ao trabalho — nunca fora boa a ficar parada. Mas, de alguma maneira, Charlie levava a melhor sobre ela, convencendo-a a dar por uma vez

que fosse um descanso ao corpo. Apesar de tudo isso, soube-lhe bem regressar à Esquadra Central de Southampton, em forma e pronta para trabalhar.

— Não quero que exageres. De momento, anda tudo muito calmo, por isso devias aproveitar a oportunidade para pôr alguma papelada em dia. — Helen ergueu uma sobrancelha. — Estou a falar a sério — prosseguiu Simmons, com determinação. — Se te vais pôr aí às voltas, atrás dos bandidos, acabas por provocar danos permanentes no teu ombro. E não estou com vontade de enviar a minha melhor agente para o estaleiro.

— Vou ver o que se arranja. Talvez haja algum caso arquivado para onde possa olhar, apesar de não fazer muito o meu estilo...

— Tenho a certeza de que hás de arranjar algo interessante. Não te quero a fazer demasiados esforços. — Tratava-se de um estribilho constante de Simmons, e Helen sabia que não devia interromper. — Sei que gostas de liderar dando o exemplo, mas um dia vais pôr-te na linha de fogo e esgotar a tua sorte. Sei que não te posso impedir de fazer aquilo que fazes melhor... mas, por favor, não faças deste lugar, das coisas que aqui fazes, o teu legado. A vida não é só trabalho.

Simmons espreitou para a fotografia do seu falecido marido e dos dois filhos bem-constituídos, que expunha orgulhosamente emoldurada na sua secretária. Helen também olhou para lá — era uma fotografia que a fazia sempre sorrir.

— Eu sei — reconheceu Helen. — E estou a trabalhar nisso...

— Fico contente por saber isso. — Simmons fez uma breve pausa, erguendo o olhar para Helen, para a apreciar. — Tu, mais do que ninguém, mereces um pouco de felicidade, Helen. Por isso, não fujas dela, acolhe-a.

Enquanto Helen se afastava do gabinete de Simmons, sentiu-se mais otimista, mais determinada do que se sentia há anos. Os receios e as dúvidas que a haviam tolhido ao longo de anos pareciam estar a desmoronar-se, provando não passarem, afinal, de fantasmas insignificantes. Iria dar ouvidos ao conselho de Simmons — iria aproveitar cada dia e tentar ser feliz.

Mas, antes, precisava de fazer uma coisa.

Os corredores estavam tranquilos nessa manhã. O hospital South

Hants por norma era caótico e barulhento, com enfermeiras e porteiros a conversarem e a brincarem enquanto empurravam o seu material em carrinhos. Hoje, no entanto, as enfermarias pareciam sossegadas e silenciosas, como se fosse mantido um silêncio respeitoso.

Helen avançou suavemente pelo sexto piso, imersa nos seus pensamentos. Enquanto recuperava, mantivera-se atenta ao estado de Julia, numa esperança vã de que se registasse alguma melhoria, que conseguisse combater a pneumonia que a derrubava. Mas, para sua profunda tristeza e frustração, o estado da jovem deteriorara-se. Os médicos já não conseguiam comunicar com ela, as suas funções cerebrais estavam inertes, e apenas os drenos e o ventilador a mantinham viva. Os médicos recomendaram a Alice Winter que ponderasse desligar o suporte de vida e, depois de muita meditação, ela concordara. Daí a presença de Helen ali. Não era um dever por que ansiasse, mas sentiu-se obrigada a honrá-lo.

Charlie já se encontrava na área de observação, olhando para mãe e filha através da janela. Virou-se brevemente quando Helen se juntou a ela, antes de devolver a atenção a Alice e Julia.

— Pobre rapariga. Como é que alguém pode acabar assim... — Helen anuiu, massajando afetuosamente o braço da amiga. — Parece tão cruel, tão arbitrário, que alguns sobrevivam e outros, que levaram uma vida inocente...

— Pois é — concordou Helen quando Charlie parou a meio da frase. — É um desperdício.

Continuaram a olhar para mãe e filha, vendo Alice a afastar o

cabelo do rosto da rapariga, antes de trocar umas palavras com o médico presente. Quando o fez, Alice avistou Helen e assentiu com a cabeça de forma breve, mas significativa. Helen ficou comovida ao ver as lágrimas nos olhos da desgostosa mãe.

— Não sei se aguento ver, Helen — murmurou Charlie, com uma voz tremente.

— Fazemo-lo juntas — confortou-a a amiga. — Depois, a Alice vai precisar do nosso apoio.

Charlie concordou com um aceno de cabeça. Era verdade — por muito difícil que fosse, Helen sentia-se grata por marcar presença. O marido e a filha de Alice tinham vindo da Suécia para a acompanhar e permitir que Lilly passasse algum tempo valioso com a meia-irmã, mas optaram por não marcar presença naquele dia por acharem demasiado perturbador para a jovem. Alice iria sofrer uma série de sentimentos contraditórios quando chegasse a hora — dor, vazio, culpa — e necessitaria de alguém junto dela.

Alice e o médico terminaram a conversa e Helen percebeu pelo olhar solene de ambos que chegara o momento. Alice dirigiu mais um breve olhar a Helen e a Charlie, antes de voltar para a beira da cama da filha.

Helen tentou conter as suas emoções ao ver Alice a pegar na mão da filha para a beijar uma vez mais. A mãe desolada agarrou-a com força, afagando-a com gentileza, enquanto lhe escorriam lágrimas pelas faces. Instintivamente, Helen pousou uma mão no ombro de Charlie, puxando-a mais para si. E ali permaneceram, assistindo à cena angustiante que se desenrolava diante delas, refletindo numa vida que fora encurtada pela tragédia e lamentando aquilo que nunca chegou a ser.

Caminharam em silêncio, profundamente comovidas com o que tinham acabado de testemunhar. Julia falecera pacificamente nos braços da mãe, imersa em amor e carinho. A jovem encontrara a paz, o que era algo, mas ainda assim sentiam-se ambas vazias.

Contendo a sua própria angústia, esforçaram-se ao máximo por consolar Alice, que se aguentara notavelmente bem, tendo em conta as circunstâncias. Estava obviamente devastada e triste, mas também valorizou o seu tempo passado com a filha e sentiu-se grata por a ter acompanhado nos derradeiros momentos. Num ato de espantosa generosidade, contactara previamente o ex-marido na prisão, perguntando-lhe se desejaria solicitar uma licença compassiva para estar com a filha, mas ele recusara, talvez demasiado envergonhado para a enfrentar.

Alice abandonava agora a enfermaria e falava ao telefone com o marido, conversando sobriamente, mas num tom positivo, sobre os preparativos que era necessário levar a cabo. Era uma cena comovedora — Alice ansiava visivelmente por compensar o abandono do passado assegurando que era dada a Julia a despedida que merecia —, mas a elas não lhes cabia demorarem-se, pelo que Helen e Charlie partiram discretamente.

Encaminhando-se na direção da moto de Helen, pouco disseram, cada uma consciente de como a outra se sentia. Ocasões como aquela eram sempre perturbadoras, mas ainda assim davam significado ao que faziam, sublinhando que as pessoas eram importantes, que as vidas individuais tinham algum significado e mereciam ser protegidas. Helen desejou apenas ter conhecido Julia mais cedo, para poder ter feito mesmo a diferença na vida dela, e suspeitou que Charlie sentiria

o mesmo.

— Vais regressar à base? — acabou por perguntar Charlie quando se abeiraram da *Kawasaki* de Helen.

— Tem de ser — respondeu Helen, penosamente. — Tenho de começar a procurar um novo fotógrafo forense, agora que o Graham Ross decidiu ir-se embora.

— Só se pode culpar a ele próprio — reagiu Charlie, abanando a cabeça com pesar. — Na cama que farás, nela te deitarás...

— É exatamente o que eu penso. Além disso, também tenho para aí um mês de papelada para pôr em ordem, por isso...

— Não exageres.

— Estou bem, a sério. Já voltei a comer como deve ser, a dormir bem, está tudo maçadoramente normal.

— Fico contente — reagiu Charlie, sorrindo. — Já te caía bem um pouquinho de vida normal.

— E tu, como andas? — perguntou Helen, mudando de assunto. — Como está a Jessica?

— Muito melhor, obrigada. Já lá vão três semanas de sono sossegado, por isso, é fazer figas...

— E o Steve? Está tudo bem entre vocês os dois?

Charlie fez uma pausa, sem saber ao certo como responder, o que preocupou Helen. Mas, para sua surpresa, Charlie ofereceu-lhe um sorriso aberto.

— Na verdade, as coisas andam bem. Melhor do que bem. Estou grávida.

— Certo... — disse Helen, momentaneamente perplexa. — Não sabia que vocês...

— Não foi isso. Não planeei, não estava preparada, mas às vezes há acidentes.

— Bem, então sinto-me muito feliz por vocês.

— Obrigada. Estamos os dois bastante felizes — frisou Charlie, rindo da loucura prodigiosa de tudo aquilo. — Acho que estava destinado a ser assim.

Helen abraçou-a, beijando a velha amiga na face, antes de a soltar. Observou Charlie a afastar-se, sentindo-se simultaneamente

entusiasmada e comovida. Charlie passara por tanto recentemente, tal como Steve e Jessica, e mereciam alguma felicidade. Animou imenso Helen pensar que em breve haveria um quarto elemento na família, levando diversão, felicidade e caos à vida daquele lar amoroso. Os últimos meses tinham sido tão sombrios, tão desafiantes, mas finalmente o sol começava a brilhar sobre eles, prometendo um futuro melhor.

Era um lembrete oportuno de que, entre toda a morte e sofrimento, há sempre vida.

Sobre este livro

**SEM TEREM POR ONDE FUGIR,
OU UM LUGAR ONDE SE ESCONDER,
NEM QUEM OS OUÇA GRITAR.**



Existe algo demoníaco na floresta. Primeiro, cavalos selvagens foram abatidos. Depois, mulheres e homens inocentes foram caçados e brutalmente assassinados por uma figura sem rosto. Perdidos na escuridão, tentaram fugir e esconder-se. Em desespero, pediram ajuda, mas não havia ninguém para ouvir os seus gritos.

Agora, a inspetora Helen Grace é chamada ao local dos crimes para enfrentar um novo pesadelo. Lá descobre corpos pendurados em árvores e perfurados por setas de besta. O que terá motivado estas execuções? Poderá ser um psicopata? Ou serão estes corpos alguma espécie de oferenda à natureza?

Para descobrir a verdade por detrás deste caso desafiador e macabro, Helen Grace terá de enfrentar a mais profunda escuridão, numa verdadeira corrida contra o tempo para evitar mais mortes. Incluindo a sua.

«M. J. ARLIDGE TECE ENREDOS
QUE ARREPIAM OS LEITORES ATÉ AOS OSSOS.»
DAILY MAIL

Sobre o autor

M. J. Arlidge trabalha em televisão há mais de 15 anos, tendo-se especializado em produções dramáticas de alta qualidade.

Nos últimos anos produziu um grande número de séries criminais passadas em horário nobre na ITV, rede de televisão do Reino Unido, e criou outras também para diferentes canais de televisão britânicos e americanos.

Os seus livros anteriores — *Um, Dó, Li, Tá, À Morte Ninguém Escapa*, *Casa de Bonecas*, *A Vingança Serve-se Quente*, *Na Boca do Lobo*, *O Anjo da Morte* e *Mal Me Quer* — foram também publicados pela Topseller, e foram todos êxitos de vendas internacionais.

Table of Contents

[A Floresta do Mal](#)
[Créditos](#)
[A Floresta do Mal](#)
[Epílogo](#)
[Sobre este livro](#)
[Sobre o autor](#)

Marcas

[Capa](#)
[Índice](#)
[Início](#)